



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO**  
**PROGRAMA REGIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM**  
**DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE/PRODEMA**



**EXPERIÊNCIAS DE INVERNO NO SERIDÓ**  
**POTIGUAR**

**NEUSIENE MEDEIROS DA SILVA**

2013  
Natal – RN  
Brasil

**Neusiene Medeiros da Silva**

## **EXPERIÊNCIAS DE INVERNO NO SERIDÓ POTIGUAR**

Dissertação apresentada ao Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PRODEMA/UFRN), como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

Orientador: **Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cimone Rozendo de Souza**

2013

Natal – RN

Brasil

Catálogo da Publicação na Fonte  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

Silva, Neusiene Medeiros da.

Experiências de inverno no Seridó Potiguar / Neusiene Medeiros da Silva. - Natal, 2013.

180f: il.

Orientadora: Profa. Dra. Cimone Rozendo de Souza.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Biociências. Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente/PRODEMA.

1. Meteorologia Popular - Dissertação. 2. Experiências de Inverno - Dissertação. 3. Conhecimento Tradicional - Dissertação. 4. Sertão - Dissertação. I. Souza, Cimone Rozendo. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/UF/BSE01

CDU 551.509.8

## NEUSIENE MEDEIROS DA SILVA

Dissertação submetida ao Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PRODEMA/UFRN), como requisito para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof(a). Dr(a). Cimone Rozendo de Souza  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PRODEMA/UFRN)

---

Prof(a). Dr(a). Icléia Albuquerque de Vargas  
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)

---

Prof(a). Dr(a). Ione Rodrigues Diniz Moraes  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PRODEMA/UFRN)

## AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte de inspiração e determinação, que sustenta os sertanejos nos momentos difíceis naqueles sertões do Seridó Potiguar.

À Cimone Rozendo, minha orientadora, mulher de grande serenidade e sabedoria, pelas importantes contribuições no desenvolvimento da pesquisa. À Anna Jéssica, excelente profissional e pessoa, com quem pude ter o prazer de trabalhar e conviver. Aos colegas de mestrado, pelos momentos compartilhados durante as disciplinas e seminários. Aos pesquisadores da sub-rede Mudanças Climática e Desenvolvimento Regional coordenada pelo Programa de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília (CDS/UnB).

Aos professores da Base Rural, Fernando Bastos, Wagner Molina e Joana Tereza, pelas sugestões ao trabalho. As bolsistas Elissângela, Luna e Nathalia, pela amizade e o tempo disponibilizado no desenvolvimento das pesquisas.

Às coordenadoras, Elisa Freire, Viviane Amaral e secretários David, Érica, pelo incansável e dedicado trabalho ao PRODEMA. À banca de qualificação: Ione Moraes, Daniel Durante e Francisca Miller, pelas grandes e sugestivas contribuições à pesquisa sobre as experiências de inverno.

Ao quadro de professores do PRODEMA, Eliane Marinho, Edmilson Lopes, Elineí Araújo, Fernando Moreira, Daniel, Gesinaldo, que sempre contribuem com as pesquisas dos seus alunos.

À minha família, que sempre apoiou e me deu forças na caminhada, especialmente à minha mãe “Adimar”, e meu pai, “Manoel”, às minhas irmãs Neusimere, Neusiane e Neusimar. Profundamente grata à minha prima Ariane, historiadora, que sempre me ajudou, pesquisando documentos, informações, sugerindo leituras e emprestando seus materiais.

A Renato Rocha e à equipe do Laboratório de Ecologia do Semiárido, onde pude ter muitos ensinamentos. Ao grupo “Caatinga Braba”: Ubirajara Dantas, Valfredo Pereira e Manoel Cirício pelas aventuras e explorações em meio aos sertões do Seridó, onde os dias eram proveitosos discutindo ideias sobre os futuros projetos de pesquisa ou planejando como nos livraríamos das enrascadas, nas quais nos mentíamos, mas, valeu apena.

À Jane Azevedo, uma irmã, que sempre que precisei esteve presente me ajudando. Desde a graduação, quando a conheci, pude dividir as angústias, as

preocupações e os momentos felizes. Meus agradecimentos à Antônia Vilaneide, pela convivência e os momentos que dividimos desde a graduação.

A Joaquim Gaspar, radialista da Rádio Rural de Caicó e representante da Associação dos Municípios do Seridó - AMS, por fornecer tão generosamente a indicação dos Profetas da Chuva do Seridó. Às meninas, Thuanny e Kayze, que me receberam prontamente em sua residência, durante o período de realização das entrevistas.

À Cooperativa dos Proprietários de Transporte de Estudantes e Passageiros do Seridó (COOPETESE) em Caicó, Gildete, secretária de Meio Ambiente de Parelhas, a Aldo de Cocão, Manoel Gamela e Nel em Acari, a Josuel de Lagoa Nova, Dodó e Lelé de São Fernando, Grupo Ferreira de Jucurutu, e aos demais que não recordo no momento, mas diretamente e indiretamente contribuíram para a execução da pesquisa. A todos agradeço a imensa ajuda na localização dos Profetas.

Aos Profetas da Chuva, Gilton Batista, Jefferson Batista, Sinval, Chico Elpídio, Carlos Maceno, Antônio Macedo, Milton de Félix, Abel Folha Seca, Max Medeiros, Zé Te, Basto Adônis, Raimundo, Clóvis, João Daniel e Manoel Uchoas, pela oportunidade de passar horas desfrutando de tantos saberes e histórias tão bonitas, meus profundos agradecimentos.

Ao DAAD - Deutscher Akademischer Austauschdienst pelo financiamento da pesquisa.

## RESUMO

### Experiências de inverno no Seridó Potiguar

No sertão do Nordeste brasileiro, desenvolveu-se ao longo dos séculos, entre os sertanejos, uma prática denominada de “experiências de inverno”, que consiste na observação sistemática da natureza para prever o tempo e preveni-lo contra os efeitos da seca. Essa forma de conhecimento é repassada entre gerações, de forma oral. As experiências estão pautadas na observação do comportamento da fauna, da flora, dos astros, do tempo meteorológico nos dias santos e outros ainda de aspectos bem específicos da vida do sertanejo. Quase todo sertanejo que vive na zona rural conhece pelo menos uma experiência, mas são os Profetas da Chuva os responsáveis por divulgar as profecias de inverno, formuladas a partir da observação das experiências. E o sertanejo, que por sua estreita relação com a natureza e reconhecida habilidade nas previsões, é identificado pela comunidade como o Profeta da Chuva. Embora suas profecias nem sempre se cumpram, ele desempenha uma função social importante, à medida que suas práticas contribuem para prevenir, tranquilizar e animar o sertanejo. O presente trabalho tem como objetivo geral analisar o papel das experiências de inverno para o sertanejo do Seridó Potiguar. Nesse sentido, buscou-se compreender até que ponto esta forma de conhecimento ainda orienta as práticas produtivas dos agricultores que habitam a região e identificar quais os fatores que instigam a observação das experiências de inverno nos dias atuais. Foram aplicados 241 questionários aos agricultores em comunidades rurais dos municípios de Acari, Caicó, Parelhas e Lagoa Nova e 15 entrevistas com os Profetas da Chuva identificados no Seridó. Na análise dos dados foi empregada a técnica Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (2010). Na área de estudo, as experiências mostraram exercer grande influência e importância para o sertanejo seridoense que as percebem como uma forma de amenizar suas angústias, diante da possibilidade de seca na região. Seu papel fundamental estaria em alimentar a esperança desse seridoense por dias melhores do que contribuir na organização das atividades produtivas dos mesmos. As previsões de chuva realizadas a partir da observação das experiências de inverno encontram maior credibilidade entre os entrevistados, do que as previsões meteorológicas científicas divulgadas pelos meios de comunicação de massa. Os Profetas da Chuva têm na paisagem seridoense um rico conjunto de elementos da natureza utilizados na elaboração de suas profecias. Diversos fatores como a transmissão cultural, a idade, a relação do profeta com a natureza, o nível de escolaridade, a fé, entre outros, mais principalmente as atividades produtivas (agropecuária) e a seca, estimulam a observação das experiências de inverno pelos profetas do Seridó nos dias atuais. O “inverno” é sinônimo de felicidade e abundância para o seridoense, que vive na zona rural e a experiência é uma das formas que o mesmo encontrou para minimizar a ansiedade e, de acordo com as suas possibilidades, se preparar para um ano de seca ou de inverno.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sertão. Seridó. Sertanejo Seridoense. Experiências de Inverno. Profetas da Chuva. Profecias.

## ABSTRACT

### Winter Experiences in the Seridó Potiguar

The knowledge known as "winter experiences" has been developed for centuries among country people in the Brazilian Northeast hinterlands. It consists in the systematic observation of the nature to forecast and protect people against the effects of droughts. This knowledge is transmitted orally through generations. These experiences are guided by the observation of the behavior of fauna, flora, stars, the weather in the holy days and other very specific aspects of the lives of country people. Almost all country people living in the rural area know at least one experience, but the Prophets of Rain are known as the communicators of winter prophecies formulated from the observation of the experiences. The country person is identified as a Prophet of Rain because of his close relationship with nature and his ability to forecast. No matter if the prophecies are always right, he possesses a vital social role, as his practices contribute to prevent, ease and encourage other people. The main aim of this work is to analyze the role of the winter experiences for the country people in the Seridó Potiguar. In this sense, we sought to understand to what extent this knowledge still orients the productive practices of farmers living in this region and identify which factors instigate the observation of winter experiences nowadays. 241 questionnaires were applied to farmers in the rural cities of Acari, Caicó, Parelhas and Lagoa Nova and interviews were conducted with 15 Prophets in the Seridó. The methodological framework of this work is the analysis of content proposed by Bardin (2010). In this study area, the experiences exert influence and relevance to the country people in the Seridó, because they consider them as a way to ease their anguishes face the possible drought in the region. The major role of the Prophet is to feed the hope of country people for better days, rather than contribute for the organization of the productive activities. Among the interviewed people, the forecast from the observation of winter experiences have greater credibility than the meteorological and disseminated by media. The Prophets of Rain base their prophecies on the set of natural elements present in the environment. Many factors stimulate the winter experiences by the Prophets nowadays, as cultural transmission, age, relationship with nature, level of education, faith, among others, but specially the productive activities (agriculture and cattle raising) and the droughts. The "winter" means abundance and happiness in this region and the experience is one of the ways that people find to minimize the anxiety and, according to their possibilities, to prepare for a year of droughts or for winter.

**KEY WORDS:** Hinterland. Seridó. Country People. Winter experiences. Prophets of Rain. Prophecies.

## LISTA DE FIGURAS

### INTRODUÇÃO GERAL

Figura 1 – Municípios de Caicó, Parelhas, Acari e Lagoa Nova /RN.....	20
Figura 2 – Localização dos Profetas da Chuva do Seridó Potiguar.....	22

### CAPÍTULO 1 – O SERTANEJO E AS EXPERIÊNCIAS DE INVERNO NO SERIDÓ POTIGUAR

Figura 1 – Municípios de Caicó, Parelhas, Acari e Lagoa Nova no Seridó Potiguar/RN.....	56
Figura 2 – Elementos categorizados a partir das experiências dos sertanejos sobre a paisagem dos Sertões do Seridó.....	71
Figura 3 – Flor do Mandacaru.....	72
Figura 4 – Resina da Catingueira.....	72
Figura 5 – Rolinha Cascavilinha no ninho.....	73
Figura 6 – Preá com filhotes.....	73

### CAPÍTULO 2 – PROFETAS DA CHUVA DO SERIDÓ POTIGUAR

Figura 1 – Localização dos Profetas da Chuva do Seridó Potiguar.....	92
Figura 2 – Elementos categorizados a partir das experiências dos sertanejos observados na paisagem sertaneja do Seridó Potiguar.....	95

### CAPÍTULO 3 – PROFETAS DA CHUVA E AS EXPERIÊNCIAS DE INVERNO DO SERIDÓ POTIGUAR

Figura 1 – Localização dos Profetas da Chuva do Seridó Potiguar.....	128
--	-----

## LISTA DE TABELAS

### INTRODUÇÃO GERAL

Tabela 1 – Quantidade de questionários aplicados por município.....	19
---	----

## LISTA DE QUADROS

### INTRODUÇÃO GERAL

Quadro 1 – Perfil dos municípios da aplicação das entrevistas.....	18
Quadro 2 – Nome e localização dos profetas identificados.....	21
Quadro 3 – Nome e localização dos profetas identificados.....	21
Quadro 4 - Cronologia das secas no Nordeste.....	30

### CAPÍTULO 1 - O SERTANEJO E AS EXPERIÊNCIAS DE INVERNO NO SERIDÓ POTIGUAR

Quadro 1 – Período de observação das experiências de inverno nos municípios de Caicó, Acari, Lagoa Nova e Parelhas, segundo os dados da pesquisa.....	70
Quadro 2 – Função das experiências de inverno para o sertanejo seridoense das comunidades rurais dos municípios de Acari, Caicó, Parelhas e Lagoa Nova.....	77
Quadro 3 – Previsão meteorológica para 2012 pelos sertanejos a partir das experiências de inverno em novembro de 2011.....	81
Quadro 4 – Percentual dos entrevistados que acreditam ou não nas previsões meteorológicas que são divulgadas pelo rádio e televisão.....	81

### CAPÍTULO 2 – PROFETAS DA CHUVA DO SERIDÓ POTIGUAR

Quadro 1 – Experiências de inverno do Profeta da Chuva Sinval.....	101
Quadro 2 – Experiências de inverno do Profeta da Chuva Expedito.....	102
Quadro 3 – Experiências de inverno do Profeta da Chuva Milton de Félix.....	104
Quadro 4 – Experiências de inverno do Profeta da Chuva Manoel Uchoas.....	106
Quadro 5 – Experiências de inverno do Profeta da Chuva Jeferson Batista.....	108
Quadro 6 – Experiências de inverno do Profeta da Chuva Gilton Batista.....	109
Quadro 7 – Experiências de inverno do Profeta da Chuva Chico Elpídio.....	110
Quadro 8 – Experiências de inverno do Profeta da Chuva Abel Folha Seca.....	112

### CAPÍTULO 3 - PROFETAS DA CHUVA E AS EXPERIÊNCIAS DE INVERNO DO SERIDÓ POTIGUAR

Quadro 1 – Elementos e sinais observados pelos profetas.....	130
Quadro 2 – Experiências de inverno do Profeta da Chuva Raimundo.....	133
Quadro 3 – Experiências de inverno do Profeta da Chuva Zé Te.....	135
Quadro 4 – Experiências de inverno do Profeta da Chuva Max Medeiros.....	136
Quadro 5 – Experiências de inverno do Profeta da Chuva Antônio Macedo.....	138
Quadro 6 – Experiências de inverno do Profeta da Chuva João Daniel.....	139
Quadro 7 – Experiências de inverno do Profeta da Chuva Carlos Maceno.....	140
Quadro 8 – Experiências de inverno do Profeta da Chuva Basto Adônis.....	141
Quadro 9 – Experiências de inverno do Profeta da Chuva Clóvis.....	142

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO GERAL.....	13
CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....	16
METODOLOGIA GERAL.....	19
REVISÃO DA LITERATURA.....	22
Antecedentes históricos da formação do Seridó e sua relação com as experiências de inverno.....	22
Sertão: palco de provação e espaço da formação da identidade sertaneja.....	25
Seca: vilã e salvadora do Sertão nordestino.....	29
O Seridó Potiguar.....	31
Antecedentes históricos da ocupação do Seridó Potiguar.....	33
A paisagem sertaneja enquanto laboratório para as experiências de inverno dos sertanejos.....	38
A origem dos Profetas da Chuva.....	44
As profecias.....	46
Bibliografia.....	47
CAPÍTULO 1 – O SERTANEJO E AS EXPERIÊNCIAS DE INVERNO NO SERIDÓ POTIGUAR.....	53
Resumo.....	53
Abstract.....	54
Introdução.....	54
1. O saber sertanejo: as experiências de inverno.....	57
1.1. Do palco aos atores: o sertão e o sertanejo.....	58
1.2. Conhecimentos tradicionais dos sertanejos.....	61
1.3. Conceito de paisagem e a produção da paisagem sertaneja.....	62
1.3.1. Clima: elemento fundamental da dinâmica da paisagem nos sertões.....	64
1.3.2. Caatinga.....	66
2. Dos aspectos produtivos e econômicos das comunidades estudadas.....	67
2.1. Quadro atual do conhecimento das experiências de inverno.....	68
2.2. Experiências de inverno: elementos, sinais indicativos e tipos de previsão.....	70
2.2.1. Flora.....	71
2.2.2. Fauna.....	73
2.2.3. Elementos Atmosféricos.....	75
2.2.4. Dias Santos.....	75
2.2.5. Datas específicas.....	75
2.2.6. Astros.....	76
2.2.7. Comportamento Corporal.....	76
2.2.8. Fontes d'água.....	76
2.3. O papel das experiências no modo de vida dos sertanejos.....	77
2.4. Sertanejo x Meteorologistas.....	80
Considerações finais.....	82
Agradecimentos.....	82
Referências.....	83

CAPÍTULO 2 – PROFETAS DA CHUVA DO SERIDÓ POTIGUAR.....	86
Resumo.....	86
Abstract.....	86
Introdução.....	87
1. A observação das experiências.....	88
2. Os profetas e as profecias.....	89
3. Percurso metodológico da pesquisa.....	91
4. Os Profetas da Chuva do Seridó Potiguar.....	93
4.1. A paisagem e o profeta.....	94
4.1.1. Experiências do Profeta da Chuva Sinval.....	100
4.1.2. Experiências do Profeta da Chuva Milton de Félix.....	103
4.1.3. Experiências do Profeta da Chuva Manoel Uchoas.....	105
4.1.4. Experiências do Profeta da Chuva Jeferson Batista.....	107
4.1.5. Experiências do Profeta da Chuva Gilton Batista.....	108
4.1.6. Experiências do Profeta da Chuva Chico Elpídio.....	109
4.1.7. Experiências do Profeta da Chuva Abel Folha Seca.....	111
5. Interesse dos sertanejos do Seridó sobre o “inverno”.....	112
6. Considerações finais.....	117
Agradecimentos.....	118
Referências.....	119

CAPÍTULO 3 – PROFETAS DA CHUVA E AS EXPERIÊNCIAS DE INVERNO DO SERIDÓ POTIGUAR.....	121
Resumo.....	121
Abstract.....	121
1. Introdução.....	122
2. Materiais e métodos.....	127
3. Profetas da Chuva do Seridó Potiguar.....	129
3.1. Os profetas e as experiências de inverno.....	130
3.1.1. Experiências de inverno do Profeta da Chuva Raimundo.....	132
3.1.2. Experiências de inverno do Profeta da Chuva Zé Te.....	134
3.1.3. Experiências de inverno do Profeta da Chuva Max Medeiros.....	135
3.1.4. Experiências de inverno do Profeta da Chuva Antônimo Macedo.....	136
3.1.5. Experiências de inverno do Profeta da Chuva João Daniel.....	138
3.1.6. Experiências de inverno do Profeta da Chuva Carlos Maceno.....	140
3.1.7. Experiências de inverno do Profeta da Chuva Basto Adônis.....	141
3.1.8. Experiências de inverno do Profeta da Chuva Clóvis.....	142
4. Observação do tempo.....	144
5. Considerações finais.....	148
Referências.....	149
Considerações finais.....	151

APÊNDICES.....	153
Apêndice A – Elementos da flora utilizados pelos Profetas da Chuva e sertanejos nas experiências de inverno, no Seridó Potiguar.....	154
Apêndice B – Elementos da fauna utilizados pelos Profetas da Chuva e sertanejos nas experiências de inverno, no Seridó Potiguar.....	160

Apêndice C – Elementos dos dias santos, atmosféricos, fontes/reservatórios e outros observados pelos Profetas da Chuva e sertanejos nas experiências de inverno, no Seridó Potiguar.....	163
Apêndice D – Fotos do campo.....	164
Apêndice E – Roteiro de entrevista aplicado aos Profetas do Seridó Potiguar em novembro de 2012.....	166
ANEXOS.....	169
Anexo 1 – Questionário aplicado aos 241 sertanejos em comunidades rurais dos municípios de Acari, Lagoa Nova, Parelhas e Caicó em parceria com a Rede Clima.....	170

## INTRODUÇÃO GERAL

Atualmente com a evidência dos problemas ambientais que assolam o planeta, tem-se atribuído maior importância ao manejo dos recursos naturais feito pelas populações tradicionais/locais. Estas práticas são consideradas, em sua maioria, como não destruidoras do meio ambiente. Nesse sentido, o contato do homem com a natureza permitiu que este, ao longo do tempo, apreendesse a usar conhecimentos acerca do funcionamento do meio ambiente em favor da própria sobrevivência.

As plantas e os animais, por exemplo, ao longo do tempo, desempenharam importante papel na vida dos seres humanos, proporcionando o seu desenvolvimento. Foram e são utilizados de diversas maneiras como fonte de alimentação e de remédio, para o trabalho, dentre muitos outros usos (SANTOS *et al.*, 2007).

Alguns grupos de vegetais, como as bromeliáceas, possuem grande importância cultural, sendo utilizadas para saciar a sede de determinadas etnias (aborígenes) (ALBUQUERQUE, 2005). Entre os diferentes povos, o uso de animais é antigo e disperso pelo mundo como medicamento zoterápico (COSTA-NETO, 1999 *apud* ALMEIDA, 2005). As interações entre o homem e outros seres vivos não ocorreram apenas em nível médico, ultrapassam essa dimensão, podendo ser até em nível mágico-religioso (ALBUQUERQUE, 2005).

Assim, os conhecimentos das populações tradicionais/locais sobre o meio ambiente são uma fonte riquíssima, que podem servir de subsídios às pesquisas científicas, como também fornecer dados relevantes para a conservação e o manejo dos ecossistemas (HANAZAKI, 2006). Pesquisadores têm apontado o conhecimento de populações locais como elemento fundamental na gerência dos recursos naturais, na criação de Unidades de Conservação e para o desenvolvimento sustentável (ALBUQUERQUE, 2008). Dessa forma, o estudo das relações homem e meio é imprescindível para se entender como essas sociedades se relacionam com o meio ambiente.

No Nordeste brasileiro, a experiência de inverno<sup>1</sup> é um termo do conhecimento tradicional pertencente aos sertanejos que habitam a zona rural do sertão nordestino. A experiência consiste na observação sistemática do comportamento dos elementos que compõe a natureza como a flora, a fauna, os astros, entre outros. Estes elementos

---

<sup>1</sup> Inverno na região do Seridó refere-se ao período chuvoso e não a estação do ano.

servem como embasamento para a formulação da experiência de inverno, passando a ser conhecida como “profecia” entre os sertanejos. A profecia é a palavra professada pelo Profeta da Chuva, que faz uso do conjunto de experiências para elaborar o prognóstico climático. Quando o prognóstico é transmitido, por um sertanejo reconhecido pela comunidade por deter grande conhecimento de previsão do tempo baseado na natureza, este passa a ser uma profecia.

Nesta perspectiva se inserem as experiências de inverno dos sertanejos nordestinos, que fornecem informações sobre o comportamento meteorológico do ambiente, podendo ser utilizadas para orientar em relação à seca, às chuvas ou outros eventos catastróficos ligados à variação do tempo atmosférico. As experiências de inverno contribuem para a identificação de bioindicadores ambientais, como também para o conhecimento da biodiversidade da Caatinga e para a reprodução da vida sertaneja.

Os estudos que abordam esse conhecimento ainda são poucos. Dentre estes pode-se citar Taddei (2006; 2009), Folhes e Donald (2007), Araújo; Lucena; Mourão (2005), Bruno e Martins (2008) e Magalhães (1963).

Taddei (2009) mostra como, na atualidade, a identidade dos sertanejos que participam da Reunião Anual dos Profetas da Chuva do Sertão, em Quixadá/CE, se transforma, passando por uma recontextualização perante uma sociedade urbanizada e ganhando o *status* de atividade folclórica. Já, Folhes & Donald (2007) interpretam as experiências de inverno levando em consideração a grande importância que exercem sobre a aceitação de outras formas de predição. Araújo; Lucena; Mourão (2005) estudam a correlação entre o canto das aves e a pluviosidade em um município do Estado da Paraíba. Bruno & Martins (2008) procuram mostrar o regime de visibilidade dos Profetas da Chuva de Quixadá e sua resistência diante do mundo midiático e científico. Magalhães (1963) descreve detalhadamente as experiências de inverno no sertão do Nordeste. Sendo assim, o estudo em questão, busca mostrar o papel das experiências de inverno para os sertanejos do Seridó potiguar, procurando entender que usos fazem desse conhecimento e identificar os fatores estimuladores da prática, na observação das experiências na atualidade.

Enquanto sertaneja seridoense, parte da minha infância e adolescência foi ouvir os meus pais, os mais velhos e os profetas do meu sertão, falarem a respeito das experiências de inverno. Quando o período chuvoso se aproximava gerava a expectativa e a mobilização dos sertanejos, os quais buscavam na natureza as respostas para os seus

anseios. Lembro quando meu pai chegava em casa, ao final da tarde, e comentava com mamãe: “o Carão está cantando... está esperando muita chuva”. Em outros momentos, eram os profetas que iam as emissoras de rádio em Caicó comunicar aos ouvintes as suas profecias.

Observava o meu pai, os vizinhos, escutava os profetas e ficava procurando entender como o canto do Carão, ou a floração da Aroeira, poderia prever o tempo. Aprendi a apreciar a natureza ora tão verde, flores e folhas com variadas cores e tons, por outra, as cores davam lugar aos tons cinza-esbranquiçado, mas que mantinha uma beleza peculiar. Nos ciclos, nas transformações e no tempo, estabelece-se uma simbiose entre os sertanejos e a natureza. Ao tratar dos saberes tradicionais dos sertanejos, tenho a satisfação de contribuir com o meu sertão e trazer ao conhecimento do meio científico a “ciência popular sertaneja” do Seridó potiguar.

Considerando o significativo desenvolvimento dos boletins climáticos, divulgados pelos veículos de comunicação de massa (rádio e televisão), as políticas de convivência com a seca e de benefícios sociais (aposentadoria, bolsa escola, entre outros) e as demais atividades atenuantes das condições de vida do sertanejo do campo, antes quase exclusivamente dependente das atividades agropecuárias, qual seria, atualmente, o papel das experiências de inverno para os sertanejos do Seridó?

Nesse sentido, a pesquisa tem como objetivo geral entender o papel que as experiências de inverno desempenham na vida do sertanejo do Seridó potiguar. Para isso, buscou-se compreender até que ponto esta forma de conhecimento ainda orienta as práticas produtivas dos agricultores que vivem na zona rural, e identificar os fatores que influenciam, na atualidade, a prática da observação das experiências, na visão dos Profetas da Chuva do Seridó Potiguar. O recorte espacial da pesquisa compreendeu alguns municípios da região do Seridó, historicamente construída. Deste modo, pressupõe-se que as experiências dos sertanejos do Seridó Potiguar exercem a função de fornecer subsídios para organizar seu trabalho no campo (agropecuária).

O desenvolvimento da pesquisa constituiu-se na análise de dois grupos. O grupo dos agricultores que residem em comunidades rurais dos municípios de Acari, Lagoa Nova, Parelhas e Caicó e o grupo correspondente aos Profetas da Chuva do Seridó Potiguar.

Ao longo da revisão da literatura foram abordadas categorias de análise que permitem compreender o processo de desenvolvimento das experiências de inverno. O sertão do Seridó (enquanto palco), o sertanejo (ator), a seca (evento) e a paisagem

sertaneja seridoense, se constituíram em elementos essenciais na compreensão deste conhecimento. A Caatinga, cuja configuração é condicionada principalmente por fatores climáticos, permitiu ao sertanejo, em sua maior parte, retirar desta os elementos para a elaboração dos prognósticos climáticos ou profecias sobre o inverno.

Serão abordados os seguintes tópicos: Sertão: palco de provação e espaço da formação da identidade sertaneja; Seca: vilã e salvadora do Sertão nordestino; A paisagem sertaneja enquanto laboratório de estudo dos sertanejos e os Profetas da Chuva.

O texto da dissertação está organizado conforme modelo proposto pelo PRODEMA. A primeira parte está constituída por uma introdução, caracterização da área e metodologia geral, seguida da revisão da literatura, trabalhando os tópicos citados acima. A segunda parte corresponde a três capítulos escritos em formato de artigo, obedecendo às normas de publicação das revistas selecionadas. O Primeiro artigo “O Sertanejo e as Experiências de Inverno no Seridó Potiguar” buscou compreender até que ponto as experiências de inverno contribuem para a organização das atividades produtivas dos sertanejos, que vivem em comunidades rurais dos municípios de Acari, Parelhas, Caicó e Lagoa Nova no Seridó Potiguar.

No segundo “Profetas da Chuva do Seridó Potiguar” e terceiro “Profetas da Chuva e as Experiências de Inverno do Seridó Potiguar” identificaram-se os fatores que influenciam a prática da observação das experiências de inverno, a partir de entrevistas aos Profetas da Chuva identificados no Seridó.

## CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

O Seridó Potiguar, historicamente construído, localiza-se na porção centro-meridional do Rio Grande do Norte e compreende 23 municípios (MORAIS, 2005); correspondendo a 9.123,6 km<sup>2</sup> de área no semiárido brasileiro. (IBGE, 2010).

O termo Seridó significa “mata seca” ou “mata aberta” em língua Tarairiu. A região apresenta “clima semiárido seco com temperaturas médias que variam de 25 a 35 °C, as máximas e mínimas chegando a 40°C e 17 a 20°C.” Insolação anual de 2.800 a 3.200 horas. A umidade relativa do ar, no período seco pode variar de 50%, podendo chegar a 23%, e no período chuvoso em mais de 80 a 90%. A fisionomia é arbóreo-arbustiva, com o estrato herbáceo predominante na estação chuvosa, constituído principalmente por gramíneas de variados tipos de acordo com solo. A fauna é formada

por animais de médio a pequeno porte, que são pouco conhecidos (VARELA-FREIRE, 2002).

Dentre os municípios de aplicação das entrevistas (QUADRO 1), Lagoa Nova, devido a sua altitude, apresenta clima e vegetação diferenciada. Localiza-se na Serra de Santana, sua vegetação do tipo subcaducifólia perde as folhas na estação seca. Essas condições naturais lhe diferencia em aspectos geográficos dos demais municípios em estudo. Em relação aos demais municípios de estudo é o único que apresenta a população rural superior à urbana.

QUADRO 1 - PERFIL DOS MUNICÍPIOS DA APLICAÇÃO DAS ENTREVISTAS.

Categorias		Caicó	São João do Sabugi	São Fernando	Acari	Parelhas	Lagoa Nova	Jucurutu							
IDH-M		0,756	0,725	0,664	0,698	0,704	0,620	0,637							
*Área (Km²)		1.228,57	277,01	404,4	608,57	513,05	176,30	933,72							
AR (m)		100 a 200	200 a 400	200 a 400	200 a 400	200 a 400	400 a 800	400 a 800							
Clima		muito quente e semiárido	muito quente e semiárido	muito quente e semiárido	muito quente e semiárido	muito quente e semiárido	muito quente e semiárido	muito quente e semiárido							
PPA (mm)		716,6	643,1	699,3	491,1	568,2	564,0	861,0							
PC		fevereiro a maio	fevereiro a abril	fevereiro a abril	março a abril	março a abril	fevereiro a maio	fevereiro a maio							
TMA	Máx.	33,0 °C	32,0 °C	32,0 °C	33,0 °C	33,0 °C	33,0 °C	36,0 °C							
	Méd.	27,5 °C	27,5 °C	25,5 °C	27,5 °C	27,5 °C	27,0 °C	28,1 °C							
	Mín.	18,0 °C	18,0 °C	18,0 °C	18,0 °C	18,0 °C	18,0 °C	21,0 °C							
URMA (%)		59	59	59	64	64	65	66							
HI		2.700	2.400	2.400	2.400	2.400	2.400	2.700							
FV		CSS	CH	CH	CH; CSS	CH; CSS	FS	CH; F C							
<b>Dados de população</b>															
População	Urbana	Rural	Urbana	Rural	Urbana	Rural	Urbana	Rural	Urbana	Rural	Urbana	Rural	Urbana	Rural	
	57.461	5.248	4.756	1.166	2.297	1.104	8.902	2.133	17.084	3.270	6.801	7.182	10.567	7.125	
Total Mun.		62.709		5.922		3.401		11.035		20.354		13.983		17.692	
Total Seridó <sup>2</sup>		279.492													
Total RN		3.168.027													

**IDH-M** – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal, **AR** – Altitude do Relevo, **PPA** - Precipitação Pluviométrica Anual, **PC** - Período Chuvoso, **TMA** - Temperaturas Médias Anuais, **URMA** - Umidade Relativa Média Anual, **HI** - Horas de Insolação e **FV** - Formação Vegetal (\*IDEMA, 2008; CPRM, 2005 a, b, c e d);

**CSS** - Caatinga Subdesértica do Seridó - vegetação mais seca do Estado, com arbustos e árvores baixas, ralas e de xerofitismo mais acentuado;

**CH** - Caatinga Hiperxerófila - vegetação de caráter mais seco, com abundância de cactáceas e plantas de porte mais baixo e espalhado;

**FS** - Floresta Subcaducifólia - vegetação que se caracteriza pela queda das folhas das árvores durante o período seco e

**FC** - Floresta Caducifólia - vegetação que apresenta espécies e folhas pequenas e caducas que caem no período seco (CPRM, 2005a, b, c e d).

Fonte: Censo Demográfico e Contagem da População, IBGE, 2010; IDEMA, 2008; CPRM, 2005.

<sup>2</sup> O total corresponde à população dos 23 municípios que constituem o Seridó historicamente construído (MORAIS, 2005, p. 26).

## METODOLOGIA GERAL

A pesquisa está dividida no estudo de dois grupos que conhecem as experiências de inverno: o grupo dos sertanejos da zona rural e o grupo formado pelos Profetas da Chuva, que vivem na zona rural do Nordeste ou, por vezes, na zona urbana. Em recorte, a área de estudo compreendeu a Região do Seridó Potiguar, historicamente construída que abrange 23 municípios (MORAIS, 2005).

Segundo a literatura, as experiências de inverno constituem-se em um saber tradicional do Nordeste brasileiro, onde quase todo sertanejo, que vive na zona rural, conhece pelo menos uma ou outra experiência. O Profeta da Chuva tem sua origem na zona rural, mas devido à migração, alguns deles podem ser encontrados na zona urbana. Elaboram e divulgam seus prognósticos do tempo para a comunidade, são pessoas públicas. Os prognósticos têm maior abrangência quando fazem uso dos meios de comunicação (TADDEI, 2006).

Para o grupo dos sertanejos foram aplicados 241 questionários distribuídos em comunidades rurais dos municípios de Caicó, Acari, Parelhas e Lagoa Nova (TAB.01). Esse estudo está inserido em uma pesquisa maior da Sub-rede Mudanças Climáticas e Desenvolvimento Regional, coordenada pelo Programa de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília (CDS/UnB). Na ocasião, realizavam o estudo sobre as estratégias adaptativas dos agricultores familiares face às mudanças climáticas no Seridó Potiguar.

TABELA 1- Quantidade de questionários aplicados por município

<i>Municípios</i>	<i>Nº Questionários</i>
Caicó	66
Acari	49
Parelhas	61
Lagoa Nova	65
TOTAL	241

Fonte: Elaborado pela autora, 2012. \*Formulado a partir de dados da pesquisa da Rede Clima, 2011.

Em virtude do caráter interdisciplinar da pesquisa, a escolha da área de estudo do primeiro grupo ocorreu por meio de indicadores sociais e naturais. As questões elaboradas para os sertanejos versavam sobre o conhecimento, a prática, a importância e o uso das experiências, constituindo-se de um questionário estruturado com questões

abertas e fechadas. A aplicação realizou-se de forma aleatória, sendo que a população de algumas das 14 comunidades selecionadas, não era suficiente para suprir a meta de 20 questionários, em média, por comunidade, então foram inseridas outras do entorno (FIG.1). O período de aplicação das entrevistas ocorreu no mês de novembro de 2011.

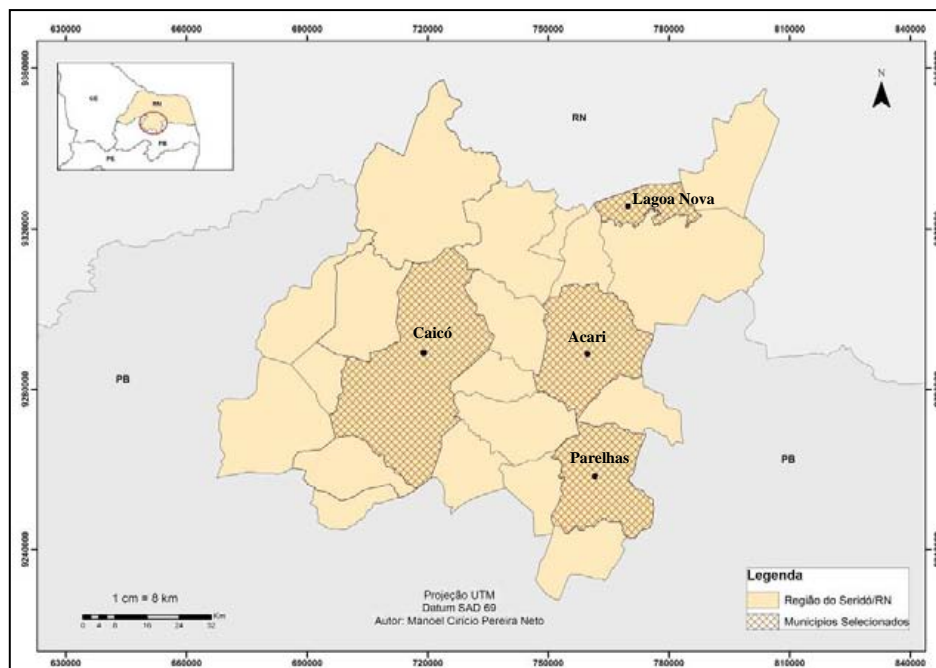


Figura 1 – Municípios de Caicó, Parelhas, Acari e Lagoa Nova /RN  
Elaborado por Manoel Cirício Pereira Neto, 2013.

Em Caicó foram entrevistadas populações das comunidades de Quixaba, Fazenda Várzea Comprida, Sítio Algodão, Domingas, Sítio Serraria, Carrapateira, Barro Branco, Inês Velha, Caridade, Sítio Inácio, Sítio Riachão, Assentamento Perímetro Irrigado Sabugi I e II e Barra da Espingarda; Acari: Vaca Brava/Olho-d'água, Fazenda Parelhas, Santa Isabel, Assentamento Bico da Arara, Gargalheiras, Bulhões e Moreira; Parelhas: Cachoeira, Sussuarana II, Salgadinho, Sítio Maracujá de Cima, Sítio Cidade, Almas e Domingas e no município de Lagoa Nova as comunidades de Baixa Verde, Assentamento José Milanês e Macambira.

Na seleção do segundo grupo, composto pelos Profetas da Chuva, a identificação foi realizada seguindo dois métodos. A primeira identificação dos profetas ocorreu tomando-se como procedimento de seleção uma adaptação da técnica bola de neve (*Snow Ball*), proposta por Bailey (1994). Essa técnica consiste em entrevistar

inicialmente um especialista do assunto, em seguida, solicitar que este indique outro especialista e, assim, sucessivamente, até que todos os especialistas sejam levantados.

Para tanto, adaptou-se a técnica bola de neve ao grupo dos agricultores, estes, por sua vez, foram escolhidos para indicar os profetas. Foi questionado aos 241 entrevistados se conheciam alguém que observasse as experiências e em qual lugar residiam. Das indicações feitas foram selecionados aqueles que tiveram maior número de indicações entre os entrevistados (Quadro 2).

Quadro 2 – Nome e localização dos profetas identificados (FIG. 2)

Profetas da Chuva	Comunidade	Município/UF
Raimundo Alves dos Santos	Sítio Parelhas	Acari/RN
Clóvis Medeiros dos Santos	Bico da Arara	Acari/RN
Antônio Antídio Pereira (Antônio Macedo)	Quixaba	Caicó/RN
Carlos Batista de Araújo (Carlos Maceno)	Caridade	Caicó/RN
José Neto de Medeiros (Zé Te)	-	São João do Sabugi/RN
Francisco Elpídio de Medeiros (Chico Elpídio)*	-	Distrito Palma - Caicó/RN
João Daniel Filho	Macambira 3	Lagoa Nova/RN
Sebastião Manuel de Assis (Basto Adônis)	Cachoeira	Parelhas/RN
Max Medeiros	-	São João do Sabugi/RN

\* Chico Elpídio foi citado nas duas formas de identificação dos profetas, contudo optou-se trabalhar a sua entrevista no capítulo 2.

Fonte: Dados levantados pela autora.

O outro caminho para identificar os Profetas da Chuva do Seridó Potiguar, consistiu na indicação do radialista da Rádio Rural AM 830 KHZ, Joaquim Gaspar, o qual organiza encontros e eventos entre os meteorologistas e os Profetas da Chuva na região. Desse modo, elencaram-se mais 7 profetas (Quadro 3).

Quadro 3 – Nome e localização dos profetas identificados (FIG. 2).

Profetas da Chuva	Comunidade	Município/UF
Sinval Soares Dantas	-	Caicó/RN
Milton Medeiros da Costa (Milton de Félix)	Quixaba	São Fernando/RN
Manoel Medeiros de Azevedo (Manoel Uchoas)	-	Belém do Brejo do Cruz-PB/Caicó/RN
Jeferson Batista Pereira (Jefim Batista)	-	Caicó/RN
Gilton Batista de Araújo (Gilton Batista)	-	Caicó/RN
Francisco Elpídio de Medeiros (Chico Elpídio)	-	Distrito Palma/Caicó/RN
Abel Pereira de Araújo (Folha Seca)	Pedra Branca	Jucuru/RN

Fonte: Informações concedidas por Joaquim Gaspar

No mês de novembro de 2012 realizaram-se entrevistas estruturadas com os profetas. Quando possível, para identificar e registrar por meio de fotografias alguns elementos utilizados nos prognósticos, foram realizadas caminhadas na Caatinga. Guiadas por alguns dos entrevistados. A identificação ocorreu principalmente com elementos da fauna e da flora por seus nomes vulgares (ALBUQUERQUE, LUCENA,

2004). A análise das entrevistas foi realizada a partir da Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (2010).

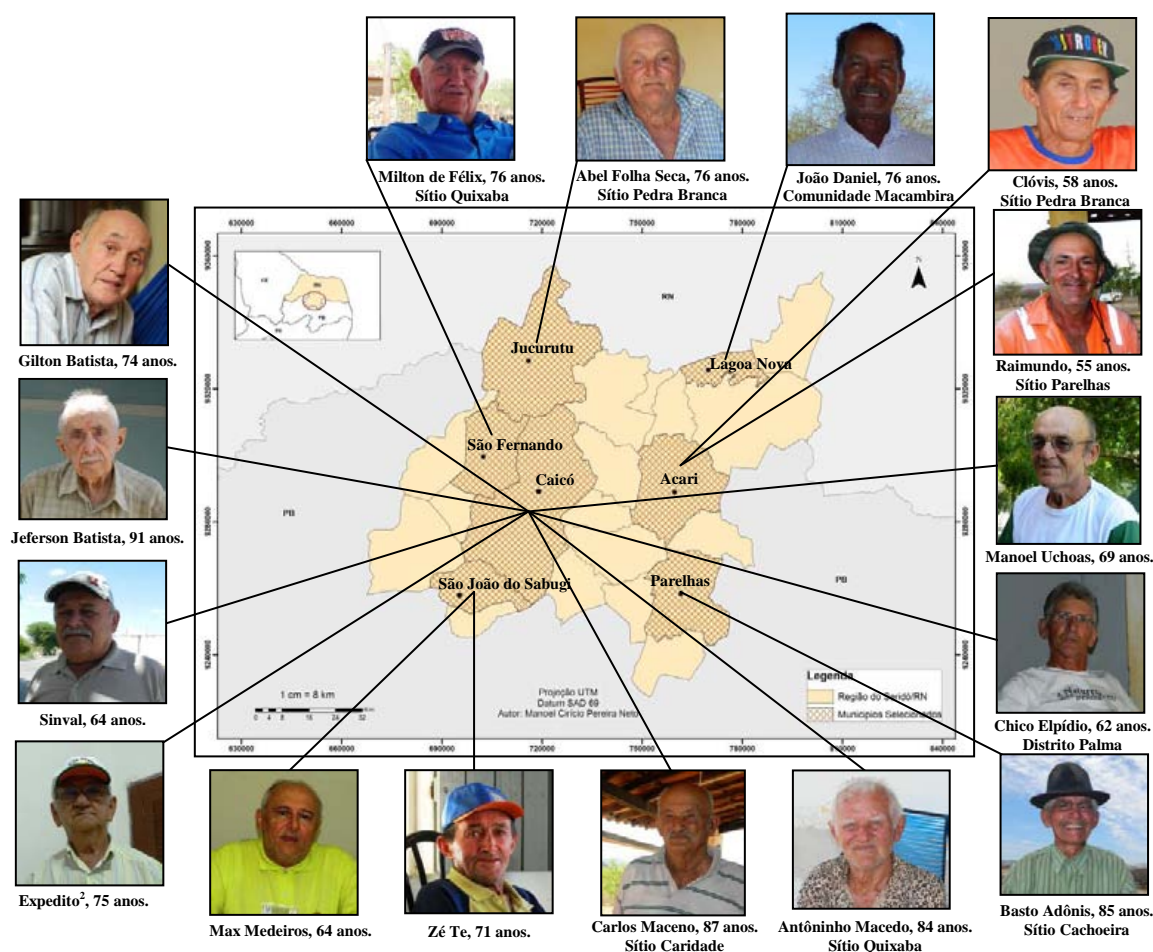


Figura 2- Localização dos Profetas da Chuva do Seridó Potiguar  
Elaborado por Manoel Círcio Pereira Neto, 2013.

## REVISÃO DA LITERATURA

### Antecedentes históricos da formação do Seridó e sua relação com as experiências de inverno

Durante séculos as secas provocaram grandes devastações, a população sofria com a fome, a falta de água, crises na economia, a doença, o desajuste social, a carestia de gêneros alimentícios, migrações, entre outros. (MORAIS, 2005). Estes problemas continuam a permear, de forma simbólica e física, o imaginário e o cotidiano do povo

<sup>3</sup> No momento da entrevista, Sinval indicou e pediu que o senhor Expedito Jorge de Medeiros, Assessor do Pólo Sindical do Seridó, participasse da descrição das experiências de inverno, junto com o mesmo.

do sertão nordestino, ocasionando, a cada ano, a expectativa de um bom “inverno” ou, então, de uma temida seca.

No Brasil, especialmente, as secas ocorrem mais frequentemente no sertão nordestino. É especificamente nesta região que as experiências de inverno surgem como estratégia para o enfrentamento do problema da seca. Esse conhecimento é passado de geração a geração de forma oral e “é exercitado na leitura da linguagem sígnica das nuvens – os “torreames” (cúmulos) – florações, disposições e fecundidades dos formigueiros, canto temporal das aves, interpretação da posição dos astros e dias santos – para citarmos algumas dessas incontáveis experiências” (MACÊDO, 1998, p. 71). É necessário salientar que, no Nordeste, o período chuvoso é tratado como inverno, mas sem nenhuma relação com as estações do ano (MORAIS, 2005).

No norte do Nordeste (NNE) - Ceará e partes do Rio Grande do Norte, Piauí, Maranhão e oeste da Paraíba e de Pernambuco - os quatros meses mais chuvosos estão entre fevereiro e maio. No sul NE (SNE) - Bahia, norte de Minas Gerais, noroeste do Espírito Santo e as partes sul do Maranhão e Piauí e extremo sudoeste de Pernambuco - seu período mais chuvoso compreende os meses de novembro a fevereiro e a faixa costeira do ENE (até 300 km do litoral) - Rio Grande do Norte ao sul da Bahia (Zona da Mata) - vai de abril a julho (MOLION, 1969, 1338 e 1339).

Como enfatiza Inojosa (1980, p. 13), “prever o tempo não é coisa difícil, nem privilégio de ninguém; está ao alcance de qualquer um, e para isso basta que se tenha um pouco de curiosidade e nada mais”. Mas, a legitimação desse conhecimento é atribuída à experiência acumulada das pessoas mais velhas, as quais são caracterizadas como um grupo preferencial da sociedade para profetizar as experiências. Estes preveem tanto as chuvas do presente como para o futuro.

Dentre os grupos dos sertanejos que residem na zona rural do sertão nordestino, surge a figura do Profeta da Chuva, assim chamado porque domina *performances* necessárias e são reconhecidos pela sociedade sertaneja como tais. Essas *performances* dizem respeito ao conhecimento aprofundado das experiências para realizar os prognósticos climáticos, e a forma de transmissão desta profecia; assim, “ele sabe ser pessoa pública”, relacionando-se não apenas com a sua comunidade, mas com a sociedade em geral (TADDEI, 2009).

Os sertanejos, antes de terminar o período conhecido como inverno, se preparam para realizar as previsões do próximo ano. As primeiras experiências são feitas em relação aos dias santos de São João e São Pedro (MAGALHÃES, 1963). Considerado

um seguimento da sociedade nacional, o sertanejo é uma categoria abrangente. Diegues & Arruda (2001, p. 50) apresentam uma proposta de classificação, segundo a qual, enquanto população tradicional, este se caracteriza pelas suas:

[...] atividades pastoris, nas condições climáticas dos sertões, cobertos de pastos pobres e com extensas áreas sujeitas às secas periódicas, conformaram não só a vida, mas também a própria figura do homem e do gado, que foram penetrando terra adentro, até ocupar ao fim de três séculos, quase todo o sertão [...]. A cultura sertaneja, especializada na criação de animais de pastoreio, é marcada por certa dispersão espacial e por traços característicos identificáveis no modo de vida, na organização familiar, na estruturação do poder, na vestimenta típica (perneiras, guarda-peito, gibão), nos folguedos estacionais, na visão de mundo, numa religiosidade propensa ao messianismo, na dieta e na culinária [...]

Conceitualmente, comunidade tradicional está relacionada a:

[...] grupos humanos diferenciados sob o ponto de vista cultural, que reproduzem historicamente seu modo de vida, de forma mais ou menos isolada, com base na cooperação social e relações próprias com a natureza. Essa noção refere-se tanto a povos indígenas quanto a segmentos da população nacional, que desenvolveram modos particulares de existência, adaptados a nichos ecológicos específicos.

Exemplos empíricos de populações tradicionais são as comunidades caiçaras, os sitiantes e roceiros, comunidades quilombolas, comunidades ribeirinhas, os pescadores artesanais, os grupos extrativistas e indígenas. Exemplos empíricos de populações não-tradicionais são os fazendeiros, veranistas, comerciantes, servidores públicos, empresários, empregados, donos de empresas de beneficiamento de palmito ou outros recursos e madeireiros (DIEGUES & ARRUDA, 2001, p.27).

As populações tradicionais não estariam ligadas ao modo capitalista de produção que visa à acumulação de capital, contudo já apresentam certa dependência do mercado. Por não visarem diretamente o lucro, estes criam formas de manejo dos recursos naturais que servem mais à produção social e cultural e às percepções e representações sobre a natureza e seus ciclos. Outra característica das comunidades é o manejo dos recursos naturais que segue a dinâmica dos ciclos de regeneração da natureza (DIEGUES & ARRUDA, 2001).

O decreto Nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, definindo povos/comunidades tradicionais como:

I – [...] grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007);

Considerando-se que atualmente, no espaço rural, existem muitos sertanejos que não estão ligados somente às atividades do campo, mas vivem no ambiente rural, define-se como sujeito alvo da investigação apenas os sertanejos classificados enquanto tradicionais, os quais residem na zona rural municípios do Seridó Potiguar: Caicó, Acari, Parelhas, Lagoa Nova, São Fernando, Jucurutu e São João do Sabugi.

### **Sertão: palco de provação e espaço da formação da identidade sertaneja**

Sertão, desde o período colonial, é um termo usualmente designado para descrever as terras localizadas no interior do Brasil. Deste modo, o país possui vários sertões. A origem do sertão está primeiramente atrelada às condições naturais e aos brasileiros que contribuíram para definir a identidade sertaneja. O sertão se caracterizava naturalmente, no período colonial, como uma área, por vezes, paradisíaca ou infernal, haja vista as condições inóspitas e de pouco povoamento. As pessoas que viviam nessas áreas eram, então, chamadas de sertanejos, considerados como pessoas destemidas, valentes, rudes, fortes, dentre outros adjetivos. Esta categoria influenciou na construção de uma identidade nacional presente nas obras de diversos intelectuais (GUILLEN, 2002).

Considerando o sertão enquanto uma construção simbólica, Guillen (2002) analisa a obra de Capistrano de Abreu, em que discute o sertão numa perspectiva histórica, para mostrar como essa categoria foi fundamental para a formação da identidade brasileira.

Com a chegada dos europeus no século XVI, essa identidade começou a se gerar por meio da penetração do branco no interior do país. E isso se “[...] constitui como um dos fundamentos com os quais viria construir os alicerces da história da nação, e suas contribuições para a construção simbólica da nacionalidade brasileira [...]” (GUILLEN, 2002, p. 106). Assim, o sertão e o sertanejo entram como protagonistas da “brasilidade”, por meio de características que lhes são peculiares e “autênticas”. No

esforço de se definir uma identidade nacional autores consideraram o espaço, a territorialidade e a natureza como fundamentais (GUILLEN, 2002).

Nesta perspectiva, a natureza aparece como elemento definidor do caráter do povo que habita esse espaço geográfico. As condições físicas desse ambiente exigiram desse uma postura de força e perseverança. São várias visões que se tinha da natureza sertaneja ora considerada como paradisíaca, ora infernal. O sertão, como parte da identidade brasileira, surge de forma negativa, assim, os sertanejos eram consideradas pessoas inferiores em termos “racial, cultural ou histórico” (GUILLEN, 2002).

Até o início das duas primeiras décadas do século XX, sertão era uma categoria que abrangia todo o interior do Brasil, por exemplo, “Mato Grosso, Amazônia e o oeste paulista”. Classificar um único espaço geográfico como sertão seria um anacronismo, uma vez que esse termo significava um símbolo brasileiro. Mas tarde, o movimento regionalista estabeleceu sua delimitação entre Nordeste e o Sudeste, posto que, até aquele momento, as discussões estavam centradas na regionalização sertão x litoral (GUILLEN, 2002). O sertão recebeu várias descrições, principalmente no que diz respeito ao aspecto físico, sendo exemplar a obra de Euclides da Cunha (1973).

O sertão, além de ser retratado em obras importantes como as de Euclides da Cunha, também é referência em literatura de cordel. Herança da cultura europeia, que por recriações brasileiras, expandiu-se com força a partir da segunda metade do século XIX, até os dias atuais. Isto se tornou possível devido aos movimentos de migração dos nordestinos, inicialmente para Amazônia, em seguida para o Sudeste, fazendo com que essa arte não ficasse restrita ao Nordeste. O gênero de cordel, em face do momento histórico, demonstra em seus versos de prosa a condição social, política, cultural e natural dos sertões do Nordeste. O cordel tornou-se fonte de comunicação das experiências de inverno aos agricultores. Algumas das experiências tiveram inspiração nos almanaques advindos do velho mundo.

Esta manifestação literária retrata, de forma poética, as inquietações dos sertanejos nordestinos, transformando os conhecimentos, desejos, revoltas e críticas em arte. Versos de folhetos de cordel que seguem abaixo, escritos no século XX, expressam a visão dos cordelistas sertanejos sobre o sertão nordestino nesse período.

Sobre o que é o sertão e sua gente, assim se manifesta Santos ([19--], p. 1, 2, 5):

Sertão terra de encanto  
de amor, paz e alegria

de ar brando e mais tocante  
brisa mansa, leve e fria  
onde a natureza em tudo  
inspira mais poesia

Sertão terra de homens fortes  
honestos e conceituados  
corajosos e sinceros  
onde têm sido criados  
os melhores cantadores  
e poetas inspirados

Fazem referência em especial, a natureza sertaneja:

Os saudosos juritis  
gemem e aptam as nanbús  
os graúnas e curiós  
cantam e grasnam os urubús  
e as emas escaramuçam  
nos montes passam os jacús

Descrevem o cotidiano da vida sertaneja:

No sertão quando amanhece o dia  
A mulher quebra a vara da faxina  
Fás o fogo e apaga a lamparina  
E num pote despeja água fria  
Vaia a roça e trás a melancia  
Um balaio de maxixe e um melão  
Um garoto com feixe de ração  
É difícil se ver um vagabundo  
De entre todos os lugares desse mundo  
O melhor que eu conheço  
É o sertão (PEREIRA, [19--] p. 3)

Quando a temida seca atinge o sertão:

Ver-se o gado morrendo  
de fome, sede e maltratos  
roídos por carrapatos  
os ossos aparecendo  
seu dono se maldezendo  
sem encontrar a solução  
é grande a lamentação  
para todo sertanejo  
não há qualhada e nem queijo  
quando há seca no sertão (SANTOS, 1981, p. 1)

Nos versos apresentados, é visível como a questão natural é mostrada como crucial para a vida sertaneja no século XX. Por vezes, bela e inspiradora, por outro lado,

fenômenos naturais como a temida seca, transformam esse ambiente num espaço de sofrimento, fome, sede, migração e morte.

Até o século XIX, o Nordeste atual era referenciado como parte da região Norte. O Brasil dividia-se apenas em Norte e Sul. Somente nas duas primeiras décadas do século XX, por meio do movimento regionalista, o Nordeste ganha identidade perante as demais regiões (ALBUQUERQUE JR., 1999).

É por meio da imprensa, na busca de conhecer o Brasil nas décadas de 20 e 40 do século XX, que a natureza e os aspectos culturais e sociais do Nordeste são mostrados para o Sul. Dessa forma, o nordestino começa a ter sua identidade construída perante aos sulistas.

Encantados com a superioridade dos imigrantes e tendo uma visão depreciativa do nacional, intelectuais como Oliveira Vianna e Dionísio Cerqueira vêem no nordestino o próprio exemplo de degeneração racial, seja do ponto de vista físico ou intelectual. Eles consideram a miséria uma consequência do encontro entre um hábitat desfavorável e uma raça, fruto do “cruzamento de indivíduos de raças extremas e da submestiçagem” (ALBUQUERQUE JR., 1999, p. 44 e 45).

É com a emergência de uma identidade nacional que o Nordeste começa seu processo “gestionário”, ainda na segunda metade do século XIX. Neste caso, o paradigma naturalista entra em crise, possibilitando a emergência de um discurso imagético na construção da visão do nordeste. O norte já não era mais identificado simplesmente como um espaço em seus aspectos naturais, mas, atrelado à questão política e econômica, gerou-se uma nova regionalização do mesmo. O combate à seca, o cangaço, o messianismo, a modernização de São Paulo, o rebaixamento dos políticos nortistas em relação aos sulistas, entre outros fatores, contribuíram para a fragmentação do norte, surgindo o Nordeste no início das duas primeiras décadas do século XX (ALBUQUERQUE JR., 1999).

A seca foi e ainda é um dos elementos que identifica o Nordeste e durante muito tempo serviu aos interesses da elite política. Causadora de grandes prejuízos, a seca força o sertanejo a buscar estratégias de sobrevivência, dentre as quais ressaltam-se as experiências de inverno.

### **Seca: vilã e salvadora do Sertão nordestino**

Com o discurso da seca, políticos da região Nordeste encontraram uma forma para justificar o atraso do país, na intenção de obter recursos para resolver o problema dos estados que esse fenômeno climático abrangia. Como diria Silva (2003, p. 369): os políticos “[...] conseguem colocar a seca a seu serviço e fazem dela o seu grande negócio, popularmente intitulado de ‘indústria da seca’”. Na realidade, esses recursos não eram exclusivamente para resolução do problema. Este é um fenômeno natural e não se constituiria um problema em si para a região.

Conceitualmente a seca é definida como “[...] uma situação climática anormal que provoca a falência das safras agrícolas, atingindo, na maioria dos casos, também a pecuária” (SUDENE, 1981, p. 9). Guerra (1981) define-a enquanto “um fenômeno que se caracteriza como a ausência ou má distribuição das chuvas”, “[...] que, tendo uma ocorrência cíclica ao longo da história” (MORAIS, 2005, p.119), apresenta-se como um fenômeno secular. Esse fenômeno não se caracteriza apenas pelo seu estado físico, mas também por uma questão social (físico-social).

Os primeiros relatos sobre a seca, nas terras que mais tarde constituiriam o Nordeste, se devem ao Jesuíta Fernão Cardim, que esteve em terras da Bahia e Pernambuco, ocupadas pelos portugueses no século XVI. Foi a seca de 1583, em que relata “[...] houve tão grande secca e esterilidade nesta província (cousa rara e desacostumada, porque é terra de contínua chuvas) que os engenhos d’agua não moeram muito tempo. As fazendas de cannaviais e mandioca muitas se secaram [...]” (J.LEITE & CIA *apud* ALVES, 1982, p. 18).

Os índios que já habitavam as terras brasileiras antes da chegada dos portugueses davam preferência às áreas litorâneas e aos espaços próximos aos corpos d’água. Aqueles que habitavam o sertão, em períodos de seca, migravam para o litoral. Por isso, os relatos sobre as secas são escassos, pois os portugueses só deram a devida atenção ao tema quando os colonos tiveram que adentrar as terras interioranas para desenvolver a criação. Os poucos relatos existentes faziam referências breves ao problema, não contendo muitos detalhes. As primeiras consequências das secas registradas em crônicas narram que foram as invasões indígenas e a formação de grupos malfeitores dentro dos sertões, que atacavam as fazendas em busca de proteína animal (ALVES, 1982).

No século XVIII, devido ao aumento do rebanho bovino e da ocupação portuguesa, as secas passaram a ser documentadas. Os reflexos e as consequências das mesmas, até a metade deste século, contribuíram para retardar o crescimento demográfico, assim como o desenvolvimento econômico dos sertões (ALVES, 1982) (Quadro 4).

Quadro 4 - Cronologia das secas no Nordeste<sup>4\*</sup>

DECADAS/SECULOS	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	XXI
00	-	1603 1608	1707	1900 1804 1808/1809	1903	2001 2003
10	-	1614	1710-1711	1814	1915 1919	2012
20	-	-	1721/1722 1723/1724 1725/1726 1727	1824/1825 1829	-	-
30	-	-	1730 1736/1737	1830,1833	1932	-
40	-	1645	1744/1745 1746/1747	1844/1845	1942	-
50	-	1652	1751/ 1754	-	1951/1952 1953 1958	-
60	-	-	1760 1766		1962 1966	-
70	-	-	1771/1772 1777/1778	1870 1877/1878 1879	1970 1976 1979	-
80	1583 1587	-	1783/1784	1888/1889	1980/1981 1982/1983 1987	-
90	-	1692	1791/1792 1793	1898	1992/1993 1998/1999	-

Fonte: Adaptado de Duarte (2002); Sudene, (1981, p. 24); Moreira Filho (2002) e Correia et al. (2011, p. 22); Pires (2012)

\* As datas e períodos que se seguem não são válidos para todos os Estados do Nordeste.

Os primeiros registros de secas datam do século XVI. Mas considera-se um marco a seca de 1877, que se estendeu até o ano de 1879. Dos mortos de 1877 a 1879, calcula-se que um total de 510.000 mortos, por causas relacionadas à inanição, febres e outras doenças; varíola e fome, alimentação venenosa e sede (SUDENE, 1981, p. 19). Antes desse período houve muitas outras secas, mas foi essa que chamou a atenção do

<sup>4</sup> As secas que assolaram quase todo o Nordeste foram as de 1710, 1721, 1736 e 1777/1778, no século XVIII, de 1825, 1845, 1887/1879, 1888/1889 no século XIX, e de 1900, 1915, 1932, 1951, 1958 e 1970 no século XX. As demais, levantadas pela SUDENE (1981, p.24), assumiram proporção parcial.

poder central pela sua intensidade e durabilidade (SILVA, 1978). Contudo, “[...] as secas não impressionavam os governantes coloniais pelos danos que causavam às populações, mas pelos prejuízos que traziam à corôa” (ALVES, 1982, p. 34).

Como já exposto, notícias referentes a esse fenômeno climático só foram possíveis com a chegada dos portugueses nos sertões. Em relação às notícias de seca, Irineu Ferreira Pinto, comunica a El-Rei sobre uma grande seca que ocorria na Capitania da Paraíba:

[...] informa Irineu Ferreira Pinto: - ‘Os oficiais da Câmara representaram a El-Rei declarando que desde o ano de 1723 até o presente (1729), tem sofrido esta Capitania de grande esterilidade de sêcas e ao mesmo tempo pedem a El-Rei que os mande acudir com escravos, pois os daqui têm morrido de fome e que os engenhos estavam em ruínas, não só pelo estado da terra, como por falta de braços para o trabalho’ (Imprensa Oficial *apud* Alves, 1982, p. 32).

Em resposta ao documento oficial, o governo português acusa o povo de ociosidade, por não querer trabalhar, esquecendo que a seca seria a responsável pela falta da produção. Como forma de escapar da seca, a população migrava para as serras ou brejos onde podiam desenvolver agricultura e criar os rebanhos de gado até que o período chuvoso se restabelecesse novamente.

## **O Seridó Potiguar**

A área de estudo da pesquisa compreende a Região do Seridó Potiguar historicamente construída. Desse modo, os parágrafos que seguem sobre o Seridó, têm o intuito de fazer um esboço simplificado da formação e desenvolvimento daquela Região, tomando como referência a obra de Ione Morais – “Seridó Norte-rio-grandense: uma geografia da resistência”. Morais (2005), a partir do conceito de região, analisa os aspectos econômicos, políticos, sociais, culturais, para entender o processo de construção, e (re) estruturação do Seridó, desde seus primeiros “rascunhos” até os dias atuais. Identificando o Seridó, historicamente construído, como o espaço da resistência.

Nesse sentido, o Seridó é uma região do semiárido nordestino que apresentou dinâmicas próprias para responder aos estímulos externos, como a globalização; conservando seus aspectos tradicionais, configurando-se como um espaço da resistência seridoense ao longo da história.

A resistência se exprime na identidade da sociedade seridoense, por meio de seus saberes e fazeres, na conservação do tradicional e na estruturação do espaço. Foram nos períodos de grandes dificuldades como as crises econômicas, as secas entre outras dificuldades, que a resistência (re) surgiu mostrando-se como traço definidor da região.

No século XX, com as crises decorrentes da queda da cotonicultura e da mineração – sustentáculos da economia – a região se (re) dinamiza, ancorada no desenvolvimento endógeno, surpreendendo e, ao mesmo tempo, consagrando a marca Seridó. Isto pode ser visto no valor agregado aos seus produtos tais como a carne-de-sol, queijo, artesanato (bordado), biscoitos caseiros e em sua cultura. O Seridoense tem na gloriosa Sant’Ana a proteção de que mais precisa para enfrentar as adversidades cotidianas, sendo a religiosidade importante traço identificador e fortalecedor desse espaço.

Morais (2005, p.23) elenca uma série de concepções que explicam o termo Seridó dentre as quais: Medeiros (1950, p. 241) – define-o enquanto vocábulo indígena “*ceri-toh*” significando pouca folhagem; Cascudo (2002, p. 122) – “De *ciri-toh*’, ou seja, ‘sem folhagem, pouca folhagem, pouca sombra ou pouca cobertura vegetal, segundo Coroliano de Medeiros”; Lima (2002, p. 48) adota a concepção defendida pelo Monsenhor Antenor Salvino de Araújo, Pároco da Catedral de Sant’Ana – onde Seridó é um termo hebraico *Sarid* que significa “Aqui Deus gostou de morar”; em Tortino (1997, p.1), baseado no historiador F. Dias Medeiros, Seridó é um termo hebraico definindo-se como “sobrevivente Dele (Deus)”.

Contudo, Olavo de Medeiros Filho, um dos principais autores da historiografia seridoense, afirma que o termo é intraduzível. As duas primeiras definições, relativas à origem indígena, sofreram modificações fonéticas e ortográficas, sendo encontrados o termo *Sirido* em documentos históricos e Seridó na atualidade. Vale salientar que mesmo tendo essas variações de significado, Seridó foi usado para designar um dos rios que corta esse espaço, envolvido por uma vegetação que perde total e/ou parcial sua folhagem na maior parte do ano.

[...] Nos primórdios, o nome Sertão prevalecia sobre os demais ao remeter-se à imensidão do interior nordestino, caracterizada pela semiaridez. Com a ocupação e apropriação das terras foram surgindo recortes no espaço sertanejo que passou a comportar vários *sertões*, dentre os quais o Sertão do Seridó (MORAIS, 2005, p. 24 e 25).

Os povoadores do Seridó partiram de Pernambuco e da Paraíba, principalmente de Olinda, Igarauçu, e Goiana (MEDEIROS, 1954, p. 10 *apud* MACEDO, 2012, p.41), entrando nos sertões por meio “de duas vias: de leste para Oeste, pelo Boqueirão de Parelhas e do Sul para o Norte pela Borborema, proveniente da Bahia, atingindo o sertão de Piancó, a ribeira do Piranhas e por fim o Seridó” (ROSA, 1974, p. 23 *apud* MACEDO, 2012, p. 41).

A ocupação dos Sertões do Seridó se dá inicialmente no atual Caicó, em sítios compreendidos entre Barra do Quipauá e Barra do Riacho Samanaú, na Ribeira do Seridó (MEDEIROS-FILHO *apud* MORAIS, 2005, p. 25). Com a povoação, a Ribeira foi elevada à condição de Vila, denominando-se de Vila Nova do Príncipe (1788). Em 1890, já dispendo do estatuto de cidade, Príncipe passa a se chamar Seridó. Mas o Decreto de n. 33 de 07 de julho de 1890 revoga a nomeação anterior restituindo o nome Caicó, distinguindo, assim, a sede urbana da região. Por sua vez, Seridó era a zona que compreendia Jardim e Acari (RIO GRANDE DO NORTE *apud* MORAIS, 2005, p. 26).

Em 1835, com a conformação dos limites territoriais do Seridó Potiguar, inicia-se o processo de fragmentação interna, a partir da emancipação política de Acari. No decorrer do tempo vão-se desmembrando outros municípios que diretamente ou indiretamente descenderam de Caicó.

Nesse contexto de formação histórica, cultural e identitária, a Região do Seridó está constituída por 23 municípios. Em termos geográficos, o Seridó está localizado na porção centro-meridional do Estado do Rio Grande do Norte, compreendendo os municípios de Caicó, Acari, Jardim do Seridó, Serra Negra do Norte, Currais Novos, Florânia, Parelhas, Jucurutu, Jardim de Piranhas, São João do Sabugi, Ouro Branco, Cruzeta, Carnaúba dos Dantas, Cerro Corá, São Vicente, São Fernando, Equador, Santana do Seridó, São José do Seridó, Timbaúba dos Batistas, Lagoa Nova, Ipueira e Tente Laurentino Cruz (MORAIS, 2005, p.26).

### **Antecedentes históricos da ocupação do Seridó Potiguar**

A ocupação desse espaço iniciou-se nos séculos XVII e XVIII, no período da colonização brasileira, através da inserção da pecuária para subsidiar a produção da cana-de-açúcar na Zona da Mata (litoral), com carne e animais para o trabalho. O atual Sertão do Seridó, antes da colonização, era povoado pelos índios do grupo dos Tapuias

ou bárbaros (MEDEIROS-FILHO *apud* MORAIS, 2005, p.59) onde as principais tribos que os constituíam eram os “jenipapo, canindé, sucuru e ariú ou pega - da nação Tarairiú ou Janduí – e os cariri – da nação Cariri”. Sobreviviam na Caatinga da caça, pesca e agricultura. (MORAIS, 2005, p.59).

A ocupação do Sertão do Seridó foi retardada devido à resistência indígena e às condições naturais desse espaço. Os confrontos resultaram na dizimação quase completa dos índios, sobrevivendo aqueles que foram domesticados e os que fugiram. Na medida da ocupação, os colonizadores iam construindo os currais para “*acostumar*” o gado em torno dos rios. Contudo, a efetivação do processo só ocorreu após a Guerra dos Bárbaros (1687-1697) no Sertão de Açu.

Vencida a resistência indígena, a ocupação se dava no entorno de corpos d’água, pois facilitava a criação dos animais que de início se constituíam geralmente de um touro e três vacas. Objetivo desse processo era de “povoar o Sertão com gente e gados, erigir casas e currais” (MORAIS, 2005, p.23). Mas somente no século XVIII é que o povoamento foi mais significativo, com a instalação das primeiras famílias no Seridó. Ao longo do tempo, com o uso da terra, o espaço ocupado passava a denominar-se de sítio a fazenda.

As primeiras formas de territorialização do espaço estão intimamente relacionadas à toponímia dos rios e riachos que cortam o atual Seridó. Dessa forma, a *ribeira* foi a primeira forma de territorialização, que consistia num distrito rural, onde reunia um número determinado de fazendas de gado. A ribeira tinha sua identificação, ou seja, um ferro particular para marcar assinar seus animais, juntamente com um ferro particular de cada fazendeiro.

Além da ribeira, no período colonial, o Estado juntamente com a Igreja instituíram a “Freguesia da Gloriosa Senhora Sant’Anna do Seridó, desmembrada da Freguesia da Nossa Senhora do Bom Sucesso do Piancó, primeira circunscrição eclesiástica sertaneja a envolver a Ribeira do Seridó e a outras adjacentes” (MORAIS, 2005, p. 68). Os motivos que levaram à criação da Freguesia da Gloriosa Sant’Anna, em 15 de abril de 1748, foram o aumento da população e dos serviços religiosos e da grande extensão de terras a serem percorridas.

A primeira freguesia foi criada em 1721, localizada na Capitania da Paraíba, hoje cidade do Pombal. Jurisdicionava áreas significativas do Sertão da Capitania da Paraíba e do Rio Grande, vindo mais tarde, por questões de poder do território paraibano sobre o Rio Grande, a sofrerem processo litigioso. O processo de separação

resultou na reordenação do território tendo como foco central o lugar chamado Caicó onde foi instalada a Freguesia da Gloriosa Sant'Anna em 26 de julho de 1748. Nesse contexto, surgem os primeiros contornos da cartografia do Seridó por intervenção do poder da Igreja Católica.

A primeira povoação iniciou-se na Casa-Forte do Cuó e do Arraial do Acauã (atual Caicó), em 1683, com a finalidade de instalar as tropas que lutaram com os índios Tapuias na Guerra dos Bárbaros. Mais tarde, o Arraial foi elevado à categoria de povoado em, 07 de julho de 1735, sendo nomeado de Povoação do Caicó. Em 1748, sede da Freguesia da Gloriosa Sant'Anna, é construída a atual Catedral de Sant'Anna de Caicó (MORAIS, 2005, MACEDO, 2012).

O segundo aglomerado desse espaço surgiu às margens do rio Acauã no lugar de mesmo nome (hoje, cidade do Acari). Conta que foi assim nomeada, porque nesse rio tinha um peixe chamado pelos indígenas de acari. Em 1835 é criada a Freguesia de Nossa Senhora da Guia do Acari. Com o passar dos anos, a Freguesia da Gloriosa Sant'Anna passou por subdivisões, tendo como intermediador de suas delimitações territoriais a Igreja Católica. E, no processo de fragmentação, ao relacionar os nomes dos lugares aos das freguesias, criava uma identidade dos homens com o espaço.

A questão da elaboração da identidade do ser Seridó pode ser bem entendida na contestação dos habitantes da Fazenda Espírito Santo (hoje cidade de Ouro Branco) quando a Freguesia da Senhora Sant'Anna do Seridó foi dividida para dar origem à Freguesia de Nossa Senhora da Guia dos Patos. Na separação a Fazenda pertenceria a Freguesia de Nossa Senhora da Guia dos Patos, mas seus habitantes não se identificavam sendo daquele espaço.

A reivindicação fez com que o Bispo de Olinda solicitasse informações sobre a situação, para que pudesse tomar as decisões cabíveis. Depois de verificado que a Fazenda estava mais próxima do Seridó do que de Patos, então esta ficou pertencendo à Freguesia da Villa Nova do Príncipe, em 28 de setembro de 1790. Esse fato foi o primeiro marco de litígio territorial entre a capitania do Rio Grande do Norte e da Paraíba. “Este acontecimento revelou que o Seridó, modelado na sobreposição das cartografias eclesiásticas e político-administrativas, não era simplesmente um recorte geográfico, mas também um espaço identitário” (MORAIS, 2005, p. 87).

A Freguesia da Senhora Sant'Anna passou por alguns desmembramentos através das reordenações realizadas pela Igreja Católica. Isso conferiu à região e aos sertanejos

que habitam esse espaço, contornos de uma “Cartografia da fé” (MACEDO, p.90, *apud* MORAIS, 2005, p. 90).

O litígio entre a capitania do Rio Grande do Norte e da Paraíba se deflagra quando a primeira recebe ordens do El Rei para instalar sua própria comarca em Natal, em 18 de março de 1818, sendo o marco de separação o Seridó. Continuando as discussões dos limites territoriais entre as duas capitanias, o Deputado Geral Pe. Guerra, que representava os interesses dos Seridoenses, em 26 de julho de 1831, mostrou a Assembleia um projeto de demarcação do território da Vila do Príncipe. A demarcação é aceita em 25 de outubro de 1831, no Decreto emitido pela Assembleia Geral Legislativa.

Contudo, os paraibanos achando-se injustiçados procuraram revogar o Decreto do Pe. Guerra, mas a manifestação da população da Vila do Príncipe e da Vila do Acari do Seridó, por meio do voto, mostrou o sentimento de pertencimento ao Seridó. O que levou a permanecer os limites territoriais propostos no Decreto de 25 de outubro de 1831. A partir da situação, considera-se que o Seridó é resultado de um processo histórico, do qual fizeram parte a representatividade política, a condição econômica e o sentimento de pertença dos habitantes desse espaço.

“O processo de fragmentação territorial interno havia sido deflagrado em 1835, com a criação da Freguesia de Nossa Senhora Daguia e do município Vila do Acari desmembrado do território da Vila Nova do Príncipe” (MORAIS, 2005, p. 106). No decorrer de 1835, ao final do século XX, o território do Seridó passou por vários desmembramentos e conseqüentemente a criação de novos municípios, que direta ou indiretamente descenderam do município-tronco Caicó. Esses eventos estiveram atrelados aos processos de ordem natural, política, econômica e cultural<sup>5</sup>. Nesse contexto, a produção do espaço, atrelado aos processos citados anteriormente, resultaram no Seridó constituído histórica e culturalmente por 23 municípios. O último a ser constituído município foi Tenente Laurentino, desmembrado de Florânia em 1993. O modo de produção vigente de 1940 até 1970 teve forte contribuição para fragmentação desse espaço.

Até metade do século XIX, a pecuária dominava a economia do Rio Grande do Norte e do Seridó. A seca de 1945 foi devastadora e com ela a mudança na base produtiva apresenta os primeiros traços. A pecuária foi bastante prejudicada, contudo

---

<sup>5</sup> Para mais detalhes consultar a obra da autora: MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. Seridó norte-riograndense: uma geografia da resistência. Caicó: [ed. do autor], 2005.

continuou fazendo parte do sistema produtivo, embora com menor participação. Em virtude disto, a agricultura desponta, principalmente com a cotonicultura, que no século XX, atingiu o auge de sua produção.

Com a Revolução Industrial na Inglaterra, a cotonicultura passou a ser mercantilizada, tornando o Brasil grande exportador dessa matéria-prima. É no final do século XIX e início do XX, que o sistema agropecuarista sustenta a economia do Seridó. Até a década de 1970, a economia do Seridó estava ancorada no tripé pecuária- algodão-mineração, sendo considerado período de grande expansão. Foi a partir de 1920 que descobriram a existência de minério de scheelita no Rio Grande do Norte e em 1943, em Currais Novos, o que colocou o Seridó e o Estado na condição de maior produtor brasileiro.

Durante os anos de 1940 a 1970 ocorreu uma grande fragmentação territorial no Seridó, com a criação de 14 municípios. Isto seria “reflexo da articulação e do rearranjo entre as forças políticas de expressão regional e os poderes locais que se firmava em um contexto de vitalidade econômica” (MORAIS, 2005, p. 236-237).

Na década de 1970, o Seridó começou a passar por crises econômicas. Primeiro com a queda da cotonicultura e, em 1980, com a crise da mineração. Uma das causas do declínio está relacionada às oscilações de oferta e demanda dos mercados nacionais e internacionais desses produtos. Para o algodão, a crise decorreu do “baixo nível técnico de produção, baixa produtividade, alto custo de produção, difícil acesso a linhas oficiais de crédito, juros elevados aplicados aos financiamentos da produção e preços pouco compensadores no mercado” (MORAIS, 2005, p. 253), entre outras. Em relação à mineração, em 1980, a competição com o produto da China foi considerado o fator inicial a desencadear a crise.

Do tripé da economia, somente a pecuária permaneceu produzindo; porém, passou por algumas adaptações técnicas, como exemplo, o melhoramento genético e aplicação de novas técnicas de manejo para atender às necessidades de mercado. Contudo, o Seridó se reestrutura novamente numa estratégia particular, unindo nesse espaço, o tradicional e o moderno.

O seridoense é reconhecido por seu saber-fazer, pelos atributos da sua cultura, pela religiosidade, na diversificação da economia, no caráter e na receptividade desta sociedade. Portanto, o ser Seridó constitui-se em mais que habitar num recorte geográfico, é reconhecer e se identificar como sendo parte daquele lugar. “A originalidade dos atuais cenários exprime-se pelo conteúdo e pela forma com que a

sociedade vivifica a resistência, fazendo da identidade um caractere fundamental a perpassar todas as instâncias da estrutura regional” (MORAIS, 2005, p. 340).

Na atualidade, um dos aspectos preocupantes em relação a região, é que ela constitui um dos quatro núcleos de desertificação do Brasil, cujas causas estão associadas ao “desmatamento da Caatinga para extração de lenha e argila, ao uso intensivo dos recursos naturais e sobrepastejo (superpopulação de animais numa área muito restrita)” (SÁ, 2010, p. 05). As áreas mais afetadas compreendem os municípios de Currais Novos, Cruzeta, Equador, Carnaúba dos Dantas, Acari, Parelhas, Caicó, Jardim do Seridó, Ouro Branco, Santana do Seridó e São José do Sabugi. Mesmo com esse quadro de degradação ambiental, a região é considerada como importante área de diversidade biológica (MMA, 2002).

A experiência de inverno na região do Seridó é “uma forma, sem dúvida, de convivência com a imperiosa certeza das estiagens que se plasmou em artes divinatórias servindo mais à esperança que à atitude de prevenção [...]. Tais estratégias só surgem mesmo quando a seca baixou sua sombra insuspeita sobre os sertões” (MACÊDO, 1998, p. 71). O sertão potiguar, assim como o Sertão Central do Ceará e os sertões de Pernambuco, são espaços de reprodução dos Profetas do Sertão, que realizam os prognósticos para a sua comunidade. Recentemente surge a identidade de Profeta-Celebridade, que o diferencia pelo seu grau de exposição mais acentuado nos meios midiáticos disponíveis da atualidade (TADDEI, 2009).

Nesse cenário, o Sertão do Seridó apresenta-se como um espaço preferencial para a realização de estudos sobre os conhecimentos da tradição, face às condições ambientais, sociais, culturais, econômicas e políticas, mas também, por ser o espaço onde são encontrados os mais célebres Profetas da Chuva.

### **A paisagem sertaneja enquanto laboratório para as experiências de inverno dos sertanejos**

A maior parte da região Nordeste está coberta pelo Bioma Caatinga, exclusivamente brasileiro, cujo termo na língua indígena tupi-guarani significa mata-branca. A vegetação de caatinga é um dos elementos da paisagem sertaneja que chama mais atenção, pelo seu aspecto rústico na estiagem e delicado e esplendoroso no inverno. Em virtude do clima semiárido e da variabilidade de solos, apresenta inúmeras características adaptativas. Dentre estas pode-se citar folhas pequenas, às vezes

aveludadas, reduzindo a perda de água e energia das plantas; tanto os animais como os vegetais têm o porte baixo em relação às espécies de outros biomas, o que reduz o consumo de água e alimento e conseqüentemente a entrada e saída de energia; raízes com tubérculos que armazenam água que ajudam no desenvolvimento da planta ao passar por um período de estiagem prolongado como por exemplo o Cumaru (*Amburana cearensis* (Allem.) A. C. Smith e o imbuzeiro (*Spondias tuberosa* Arruda) (MAIA, 2004).

A interação entre os elementos constitutivos desse bioma é bastante interessante do ponto de vista biológico, devido às influências climáticas do ambiente. Para suprir a alimentação e a propagação das espécies que habitam a região, a fenologia reprodutiva dos vegetais ocorre durante todo o ano, até mesmo no período da estiagem que compreende os meses de junho a dezembro. Nesse período, várias espécies floram e frutificam, em seguida dispersam seus frutos no ambiente. Uma parte dos frutos e sementes serve de alimento aos animais selvagens, a outra mantem-se sobre o solo coberto pelas folhas secas em estado de dormência, esperando o início da estação chuvosa para germinar e iniciar o novo ciclo de vida (BARBOSA, 2003).

As plantas tropicais são perenifólias ou caducifólias. As perenifólias mantêm a sua folhagem verde durante todo o ano. Porém, são poucas as espécies com essa condição, uma vez que o déficit hídrico não as favorece, já que necessitam de uma grande quantidade de energia para manterem-se sempre verdes. As caducifólias ou decíduas, ao contrário das perenifólias, perdem suas folhas logo após o cessar da estação chuvosa. Esse mecanismo contribui para que a planta reduza significadamente a perda de água, permanecendo num estado de dormência (BARBOSA, 2003). Dessa forma, as plantas conseguem resistir a vários anos de seca sem grandes prejuízos. Mas, ao cair das primeiras chuvas, na caatinga começam a brotar as folhas verdes, transformando-a de um aspecto rústico, seco e aparentemente “morto” em uma floresta de variados tons de verde e flores e frutos de diversos tipos (MAIA, 2004).

No período de estiagem não é fácil distinguir as espécies vegetais, pois, em sua maioria, permanecem despidas de folhagem, mostrando seus galhos retorcidos e caule de cor branco acinzentado, refletindo a luz do sol. Ao perder as folhas, algumas plantas da caatinga, como a Embiratanha (*Pachira marginata* A. St.-Hil.) possuem o mecanismo de realizar a fotossíntese por meio do seu caule verde, o que ajuda na redução de perda de água.

Outras espécies vegetais quando expostas a prolongadas horas de sol intenso fecham seus estômatos. Essas são algumas das adaptações que o Bioma Caatinga desenvolveu para conviver num ambiente que sofre grande variabilidade espaço-temporal da pluviosidade, possuindo altas temperaturas e estando sujeita as secas periódicas. Um dos traços da exuberante vegetação do Bioma Caatinga são os diversos tipos de flores e cores que aparecem até mesmo na estação seca (MAIA, 2004).

É em meio a essa paisagem sertaneja que as ditas “experiências de inverno” são vivenciadas. A paisagem é “tudo aquilo que nós vemos o que nossa visão alcança, [...]”. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos odores, sons, entre outros.” (SANTOS, 1997, p. 61). Sua dimensão é a percepção captada pelos sentidos do corpo (aparelho cognitivo). Cada indivíduo percebe o ambiente de forma seletiva e diferenciada, mesmo debruçando-se sobre um mesmo cenário. Esta pode ser natural ou artificial, mas sempre heterogênea.

Na concepção de Sauer (1998) a paisagem divide-se em natural e cultural ou geográfica. A natural é composta por elementos físicos sem, no entanto, ter sofrido ação do homem sobre a mesma. Mas, atualmente, a grande disseminação do homem e o seu poder de ação tem levado a sua inexistência. Por sua vez, a cultural é resultado da ação do homem sobre a natural, transformando-a em formas. Fatores climáticos e geognósticos e o tempo geram formas, resultando na paisagem natural. O fator cultura (agente), mais o tempo sobre uma paisagem natural (meio), resultam na paisagem cultural ou geográfica.

A paisagem geográfica não é apenas o visível real apreendido pelo observador em um recorte, mas uma “generalização” dos recortes individuais. Cada paisagem e suas formas tem uma individualidade em relação a outras e se relacionam. Sempre está se desenvolvendo e se substituindo ao longo do tempo e do espaço (SAUER, 1998).

Berque (1998) classifica a paisagem em “marca” e “matriz” e sua existência está atrelada ao sentido que a sociedade que a produz, reproduz e a transforma, lhe atribui. Enquanto marca, a paisagem reflete os traços da sociedade sobre a natureza e matriz quando esta interfere, até certo ponto, na forma como a sociedade a percebe, produz, reproduz e transforma.

Descrever a paisagem-marca é preciso, mas não é suficiente ficar ao nível da percepção e descrição. Entender e compreender suas funções, na visão de Berque, é necessário, sendo preciso ultrapassar o campo do perceptível por meio da abstração e a

mudança de escala no espaço ou no tempo. E “só se considera a paisagem com marca, ou seja, fazendo abstração do sujeito com o qual essa paisagem se relaciona” (BERQUE, 1998, p. 85).

A paisagem é “vista por um olhar, apreendida por uma consciência, valorizada por uma experiência, julgada (e eventualmente reproduzida) por uma estética e uma moral, gerada por uma política, entre outros” (BERQUE, 1998, p.87). Ao mesmo tempo, a paisagem denominada de matriz, até certo ponto, determina o modo de o sujeito olhá-la, a consciência, a experiência, a política que a gera e assim por diante (BERQUE, 1998).

Nos estudos sobre paisagem, Cosgrove (1998) leva em consideração a cultura e o simbolismo. Esta resultaria na forma de como a veem, no modo de “compor e harmonizar” o mundo exterior em uma “unidade visual”. “Todas as paisagens são simbólicas” (RAPOPORT, 1982 *apud* COSGROVE, 1998, p. 106) e possuem significados simbólicos, porque resultam da transformação do meio ambiente pelo homem. O simbolismo em questão é mais evidente nas paisagens mais transformadas como uma cidade, parques, pinturas, entre outras. O simbolismo também pode ser lido nas paisagens rurais e as naturais. Sendo que as paisagens naturais são símbolos por si e cada uma tem sua forma de uso.

A paisagem é uma forma da terra modelada por processos físicos e culturais. Apresenta estrutura e função compreendidas pelo conjunto das suas formas, que se integram e são dependentes. Para sua compreensão, é necessário ver o conjunto de elementos que a compõem, levando-se em consideração suas “inter-relações”. O conjunto de elementos e suas inter-relações criam uma realidade na paisagem que só pode ser apreendida quando vista como uma unidade (SAUER, 1998).

Seu conteúdo é algum que não está somente no visível, e é apreendido de acordo com o interesse do observador. É constituída pelos aspectos físicos (fatos físicos) de interesse do homem e as formas de uso (fatos culturais). O conteúdo está dividido em duas metades. A primeira corresponde ao “sítio”, remetendo-se aos aspectos físicos de uma área composto pelos recursos naturais, que o homem tem a sua disposição. E a segunda refere-se à ação do homem sobre uma área por meio da cultura (expressão cultural) (SAUER, 1998).

Ao produzir objetos na paisagem, a cultura ganha importância simbólica. Os elementos naturais, também passam a serem considerados “produtos culturais”, quando lhes atribuem um significado. As intervenções na natureza a transformam em cultura.

Nesse contexto, entender e revelar o significado da paisagem é indispensável entrar na “consciência cultural” das outras pessoas (COSGROVE, 1998).

Tuan (1983, p. 9) conceitua a experiência como “um termo que abrange diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Estas maneiras variam desde sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização”. Assim, a experiência nada mais é que apreender a realidade por meio da vivência no qual está inserido, utilizando um ou mais sentidos na apreensão. As pessoas, em sua maioria, fazem uso dos cinco sentidos na apreensão da realidade. No sertão, visto como um espaço “ora paradisíaco ora infernal”, o homem via-se submetido às intempéries da natureza. Em virtude do contato mediado pelo trabalho, aprendeu a utilizar os seus sentidos na apreensão dos sinais que a natureza transmitia e transmite.

Nesse contexto, as experiências de inverno consistem na observação da natureza pelos sertanejos. Estas experiências se realizam por meio da observação do comportamento da fauna e flora da caatinga (floração e frutificação das espécies vegetais, reprodução de alguns animais); dos movimentos e posição dos astros (estrela Dalva), das condições do tempo nos dias santos (São José); comportamento fisiológico do ser humano; dos experimentos (pedras de sal), dentre muitas outras estratégias.

É a partir do contato do homem com a natureza, através de seu trabalho cotidiano (agricultura, pecuária), submetido a um clima quente e seco com ocorrências de secas periódicas, que essas observações da natureza começam a ser apreendidas e repassadas ao longo do espaço e tempo, estendendo-se até os dias atuais. São os elementos das paisagens que, apreendidos pela experiência, fornecem ao sertanejo o prognóstico de uma temida seca ou de um “bom inverno”.

Nessa perspectiva, os elementos da paisagem que mais se utilizam nas experiências de inverno são os naturais, pelo fato de o espaço no qual o sertanejo está inserido ser mais natural (rural) e não artificial (urbano). As áreas rurais são espaços, menos antropizados do que o espaço urbano, permitindo um melhor funcionamento dos ciclos da natureza. Para Santos (1997), a paisagem é em “parte trabalho morto,” porque fazem parte tanto as formas naturais, como artificiais; estas últimas são resultado do “trabalho humano vivo (contexto social) sobre o trabalho morto (paisagem)”.

O autor conceitua trabalho como sendo a aplicação da energia humana sobre a natureza, de modo direto ou por meio de instrumentos que seriam a “extensão do seu corpo”. Em determinados períodos do ano, a paisagem da Caatinga modifica-se

completamente. No primeiro semestre, com as primeiras chuvas, apresenta-se com variadas tonalidades de verde e, no segundo semestre, a maioria das espécies perde sua folhagem e outras floram em meio ao período seco. Esta dinâmica é importante para que as experiências possam ser observadas.

No calendário anual, estas experiências são realizadas a partir do mês de junho, com a fogueira de São João, até 19 de março (São José), o último dia que o sertanejo tem como experiência. Neste dia, o agricultor sabe se as condições meteorológicas serão favoráveis ou não para o desenvolvimento de suas atividades agrícolas.

A capacidade dos agricultores de preverem o tempo no Nordeste Setentrional é bastante comum, porque a região apresenta grande variabilidade espaço-temporal da precipitação pluviométrica. O período chuvoso distribui-se nos meses iniciais do primeiro semestre de cada ano. Na região do Seridó, o período das chuvas compreende os meses de fevereiro a maio, podendo variar de janeiro a junho, devido à variabilidade climática do Nordeste brasileiro.

Ao cair das primeiras chuvas, plantam-se roças de sequeiro, correndo o risco de perder as sementes. Portanto, conhecer tais experiências torna-se imprescindível para o diagnóstico dos possíveis fenômenos e instabilidades que poderiam ocorrer nesse período, especialmente a seca, que, ao longo dos séculos, tem prejudicado a produção agropecuária e conseqüentemente o trabalho do sertanejo. As experiências de inverno não preveem somente as secas, mas tempestades, intensidade das chuvas, início e durabilidade do “inverno,” entre outros.

As experiências encontram-se disseminadas pela Região Nordeste e quase todo sertanejo que vive na zona rural já ouviu, conhece e/ou domina algum método de observação do clima. Mas, são as pessoas mais velhas as que recebem maior confiança na realização dos prognósticos (TADDEI, 2009).

Dentre o grupo que detêm este saber surgem os chamados profetas, que geralmente são pessoas mais velhas, os quais são denominados de Profetas da Chuva, Profetas do Inverno, Profetas da Natureza e/ou Profetas do Sertão. São assim chamados porque detêm grandes conhecimentos das experiências e profetizam tanto para as pessoas que fazem parte do seu cotidiano, como para aqueles que residem em outras localidades.

Com o expressivo desenvolvimento técnico-científico-informacional, o conhecimento advindo das populações tradicionais da zona rural nem sempre é valorizado pela sociedade. Contudo, se levados em consideração, esses conhecimentos

podem fornecer informações etnobiológicas sobre comportamentos dos elementos bióticos e abióticos da Caatinga, bem como a busca de novas formas de manejar os ecossistemas e, contribuir com os Institutos de Meteorologia do Estado do Rio Grande do Norte, na elaboração dos seus boletins sobre o período chuvoso (inverno) de cada ano.

### **A origem dos Profetas da Chuva**

Para Montenegro (2008), o profeta surgiu provavelmente de um agricultor que viu na natureza a possibilidade de prever o tempo. Suas observações sobre a natureza e a comunicação da previsão do tempo para os demais, fez com que ele passasse a ser ouvido. Com o passar do tempo, as previsões se tornaram profecias e o agricultor, o Profeta da Chuva. Os profetas são pessoas que gozam de grande prestígio social nos Sertões, estudiosos das secas, veem na natureza uma forma de conhecer o tempo futuro. Vivem no sertão, geralmente na zona rural, mas quando vão para a cidade não esquecem suas raízes e continuam a exercer seu papel de profeta.

Desenvolveram uma apurada e sistemática observação da natureza. Observam o comportamento das Formigas e cupins, a carregação das plantas, o movimento dos astros, a carregação<sup>6</sup> dos dias santos, entre muitas outras. “Para o leitor que não conheça os detalhes da prospecção dos profetas, temos aí na observação, metódica, repetida, acumulada e objetivamente descrita, alguns dos requisitos de qualquer procedimento que pretenda ser levado a sério no campo do conhecimento objetivo” (BEZERRA JR., 2006, p. 127).

O saber do profeta vem da tradição e da experiência que aproxima a cultura da natureza. O diálogo entre o homem e a natureza é diferente do contato daquele que coleta amostras de planta ou animais para a análise em laboratório. A relação do Profeta é de conhecimento e respeito com a subjetividade da natureza. O homem é considerado civilizado quanto mais distante dela estiver. Para o profeta, a aproximação é essencial para que a natureza o mostre as suas chaves do conhecimento. A relação que se estabelece do homem dito “civilizado” não é mais do corpo, dos sentidos, é de instrumentos (barômetros, binóculos, lunetas, entre outros). Contudo, apenas com seus

---

<sup>6</sup> Carregação é um termo utilizado pelos profetas, que apresenta dois significados nas experiências de inverno. Existe a carregação das plantas, que é a floração e frutificação das mesmas e a carregação do tempo, que consiste na preparação das nuvens para chuva, relâmpagos, trovões, observada nos dias santos e em algumas datas específicas do ano.

sentidos e a capacidade imensa de interpretação, o profeta sabe prever o tempo como ninguém (RIOS, 2006).

Os prognósticos são divulgados tradicionalmente de forma oral, mas também através de almanaques e folhetos (cordéis). Com o aparecimento do rádio os prognósticos ganharam maior disseminação, dando ao profeta maior visibilidade e reconhecimento perante a sociedade que o identifica e reconhece como tal (TADDEI, 2006).

“O objetivo social dos Profetas da Chuva é o de adquirir mais capital cultural através da valorização de suas tradições e fé religiosa” (PENNESI, 2006, p. 148). O profeta, ao proferir, ganha *status* pela experiência acumulada, idade e pelos acertos dos prognósticos, onde as pessoas mais velhas são consideradas um segmento da sociedade apta a sua realização. E o objetivo prático é a função de levar uma palavra de esperança ao agricultor, animando-os para o plantio (PENNESI, 2006, p. 150).

Sua preocupação é diminuir o sentimento de incerteza do futuro em relação às chuvas e suas previsões não tem nada haver de místico ou sobrenatural. “De fato, eles se situam fora do campo do misticismo, dos milagres, ou da invocação de forças sobrenaturais [...] os profetas se apresentam, na verdade, como ‘*porta-vozes da natureza*’” (BEZERRA JR, 2006, p. 126).

O que diferencia o profeta dos demais sertanejos é a sua incrível atenção de captar os sinais do ambiente. Sabe juntar os recortes da observação e tecer uma rede de interligações entre os fatos e objetos observados, para assim, construir sua profecia ancorada numa série de argumentos palpáveis, que será compartilhada com os demais interessados do assunto. Para o profeta, a observação da experiência é uma forma de integração com a natureza, pois o homem se sente fazendo parte. O próprio não deseja dominar o mundo, mas seu interesse é conhecê-lo (BEZERRA JR., 2006, p. 128-129).

Ser profeta não é fácil. Um único erro pode levá-lo a perder a credibilidade diante dos demais sertanejos. Por vezes, prefere não se expor muito, visto a grande responsabilidade de profetizar o tempo (RIOS, 2006).

Diferente de outros profetas, o Profeta da Chuva não fala por meio de parábolas. São objetivos em seus dizeres, não fazem rituais e cerimônia para profetizar o tempo. Suas previsões são úteis para orientar os sertanejos em suas atividades práticas diárias como plantar, armazenar, ficar ou partir (MARTINS, O., 2006, p. 178).

## As profecias

As profecias dos Profetas da Chuva se diferenciam daquela infundida do messianismo tradicional (MARTINS, K., 2006). As profecias são baseadas na experiência do homem com o meio através dos sentidos do corpo.

Estas são originárias do período medieval (ACSELRAD, 2006, p. 121; CARVALHO, 2006, p. 133), quando os donos de feudos tinham em suas propriedades pessoas com a finalidade de estudar astrologia, para que pudessem profetizar sobre os acontecimentos do tempo (INOJOSA, 1980).

A profecia almeja estabelecer o vínculo do que antes eram separados a “natureza e a cultura, o mundo da criação e o mundo da criatura” (BEZERRA JR., 2006). O Profeta utiliza a natureza para elaborar sua profecia. Dessa forma, aquilo que determina o homem faz com que ele aja sobre o que o determina, passando de um ser passivo para um ser que tem a condição de decidir sobre o destino (ACSELRAD, 2006, p. 121).

As profecias não têm nada de místico, divinatório ou a verdade alcançada por uma revelação. É antes é a leitura do concreto interpretado pelos sentidos do homem sertanejo. Surgem da necessidade de enfrentar as dificuldades sertanejas frente às calamitosas secas da região. Buscam entender o mundo e a vida, de forma que tenham condições de agir sobre a mesma. A leitura dos profetas sobre o conjunto de elementos que compõe a natureza é, ao mesmo tempo, simples e complexa, uma vez que a natureza é dinâmica, sendo necessário um olhar e experiência apurada para apreender o todo, isso o profeta sabe fazer muito bem (BEZERRA JR., 2006). A figura do Profeta da Chuva surge no Sertão, espaço da resistência, que legou ao Brasil parte de sua identidade.

A “morfologia” da profecia é composta por quatro elementos: causa, conteúdo, objetivo e agente. A causa se remete ao medo da possibilidade de uma possível seca. O conteúdo se constitui no conjunto de experiências que o profeta dispõe para a elaboração da profecia. O objetivo da profecia é fornecer ao sertanejo a previsão do tempo. E o agente da profecia é o Profeta da Chuva, que tem a função de comunicar a sociedade sertaneja sobre a condição futura do tempo (MONTENEGRO, 2008).

## BIBLIOGRAFIA

ACSELRAD, M. Questões sobre o universo simbólico da profecia: juntando a fome com a vontade de viver. In: MARTINS, K. P. H. (org.). **Profetas da Chuva**. Fortaleza: Tempo D'Imagem, 2006.

ALBUQUERQUE JR., D. M. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: FJN. Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

\_\_\_\_\_, U. P. de. Etnobotânica Aplicada para Conservação da Biodiversidade. In: ALBUQUERQUE, U. P. de. *et al.* (Orgs.). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. 2 ed. revisada, atualizada e ampliada. – Recife: COMUNIGRAF, 2008.

\_\_\_\_\_, U. P. de. **Introdução à etnobotânica**. 2 ed. – Rio de Janeiro: Interciência, 2005.

\_\_\_\_\_, U. P.; LUCENA, R.F.P. **Métodos e técnicas de pesquisa etnobotânica**. 1. ed. Recife: LivroRápido/NUPEEA, 2004.

ALVES, J. **Histórias das secas (Séculos XVII A XIX)**. 2 ed. Homenagem ao primeiro Centenário da Abolição Mossoroense (30.9.1883 a 30.9.1983). Coleção Mossoroense, v. CCXXV, 1982.

ARAÚJO, H. F. P. de; LUCENA, R. F. P. de.; MOURÃO, J. Prenúncio de chuvas pelas aves na percepção de moradores de comunidades rurais no município de Soledade - PB, Brasil. **Interciência** dec. 2005, vol. 30, Nº 12. Association Interciência. Caracas, Venezuela. pp. 764 a 769. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/339/33911108.pdf>>. Acesso em: 03 mai. 2011.

BAILEY, K. **Methods of social research**. New York. The Free Press, 1994.

BARBOSA, D. C. de A.; BARBOSA, M. C. de A.; LIMA L. C. M. de. Fenologia de espécies lenhosas da Caatinga. In: LEAL, M. T., SILVA, J. M. C. da; prefácio de Marcos Luiz Barroso Barros. **Ecologia e conservação da caatinga**. Inara R. (ed.) – Recife : Ed. Universitária da UFPE, 2003.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BERQUE, A. Paisagem-marca, paisagem-matriz. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

BEZERRA JR., B. Os porta-vozes da natureza e a prosa do mundo. In: MARTINS, K. P. (org.). **Profetas da Chuva**. Fortaleza: Tempo d'Imagem, 2006.

BRASIL. Decreto Nº **6.040, de 7 de fevereiro de 2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília, 7 de fevereiro de 2007; 186º da Independência e 119º da República. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm)>. Acesso em: 22 mai. 2012.

BRUNO, F.; MARTINS, K. P. H. Profetas da natureza: ver e dizer no sertão. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 18, p. 1-12, janeiro/junho, 2008. Disponível em: <seer.ufrgs.br/intexto/article/download/6734/4036>. Acesso em: 20 dez. 2011.

CARVALHO, G. de. Poesia e profecia dos folhetos de feira. In: MARTINS, K. P. H. (org.). **Profetas da Chuva**. Fortaleza: Tempo d'Imagem, 2006.

CORREIA, R. C., *et al.* A região semiárida brasileira. In: VOLTOLINI, T. V. (Ed.). **Produção de caprinos e ovinos no Semiárido**. Petrolina: Embrapa Semiárido, 2011. cap. 1, p. 21-48. Disponível em: <http://www.alice.cnptia.embrapa.br/handle/doc/916891>. Acesso em: 02 mai. 2012.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

COSTA-NETO, E. M. 1999. Healing With animals in Feira de Santana city, Bahia, Brazil. *Journal of Ethnopharmacology*, (65): 225-230 *apud* ALMEIDA, A. V. de. Prescrições zoterápicas indígenas brasileiras nas obras de Guilherme Piso (1611-1678). In: ALVES, A. G. C. *et al.* **Atualidades em etnobiologia e Etnoecologia** (Orgs.). Recife: Nupeea/Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, v. 2, 2005.

CPRM - Serviço Geológico do Brasil. **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea**: diagnóstico do município de Caicó, estado do Rio Grande do Norte. João de Castro Mascarenhas et al. (Orgs.). Recife: CPRM/PRODEEM, 2005a.

\_\_\_\_\_. **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea**: diagnóstico do município de Parelhas, estado do Rio Grande do Norte. João de Castro Mascarenhas et al. (Orgs.). Recife: CPRM/PRODEEM, 2005b.

\_\_\_\_\_. **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea**: diagnóstico do município de Acari, estado do Rio Grande do Norte. João de Castro Mascarenhas et al. (Orgs.). Recife: CPRM/PRODEEM, 2005c.

\_\_\_\_\_. **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea**: diagnóstico do município de Lagoa Nova, estado do Rio Grande do Norte. João de Castro Mascarenhas et al. (Orgs.). Recife: CPRM/PRODEEM, 2005d.

CUNHA, E. da. **Os Sertões (I)**. São Paulo: Editora Três, 1973.

DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S.V. (Orgs.). **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil** - Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001. xxx p. (Biodiversidade, 4).

DUARTE, R.S. **Do desastre natural à calamidade pública**: a seca de 1998-1999. Fortaleza: Banco do Nordeste; Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2002. 144p. (Série Estudos sobre as secas no Nordeste, v. 4).

FOLHES, M. T., DONALD, N. Previsões tradicionais de tempo e clima no Ceará: O conhecimento popular à serviço da ciência. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, 19 (2): 19-31, dez. 2007. Disponível em: <<http://www.sumarios.org/resumo/previs%C3%B5es-tradicionais-de-tempo-e-clima-no-cear%C3%A1-o-conhecimento-popular-%C3%A0-servi%C3%A7o-da-ci%C3%A2ncia->>. Acesso em: 27 mai. 2011.

GUERRA, P.B. **A civilização da seca**. Fortaleza: DNOCS, 1981.

GUILLEN, I. C. M. Sertão e a identidade nacional em Capistrano de Abreu. In: BURITY, J. A. (Org.). **Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HANAZAKI, N. Conhecimento Caiçara para o Manejo de Recursos Naturais. In: ALBUQUERQUE, U. P. **Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia**. 12 ed. – Recife: Nupeea/Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2006.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico e Contagem da População, 2010**. Banco de dados Sidra. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=cd&o=5&i=P&c=1301>>. Acesso em: 22 set. 2011.

IDEMA – Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente do Rio Grande do Norte. **Perfil do seu município**. Natal, RN. 2008.v.10. Pesquisado em: <[http://www.idema.rn.gov.br/contentproducao/aplicacao/idema/socio\\_economicos/enviados/perfil\\_municipio.asp](http://www.idema.rn.gov.br/contentproducao/aplicacao/idema/socio_economicos/enviados/perfil_municipio.asp)>. Acesso em: 22 mai. 2012.

IMPrensa OFICIAL: Paraíba do Norte. Datas e Notas para a História da Paraíba. vol. I, 1908. 129p. *apud* ALVES, J. **Histórias das Secas (Séculos XVII A XIX)**. 2 ed. Homenagem ao primeiro Centenário da Abolição Mossoroense (30.9.1883 a 30.9.1983). Coleção Mossoroense, v. CCXXV, 1982.

INOJOSA, A. **Quando flora o Mandacaru**: Meteorologia Popular. Recife: Editores Inojosa. 1980.

J. LEITE & CIA. (Eds.). Tratado da Terra e da Gente do Brasil. Rio de Janeiro. [s.n.], 1925 *apud* ALVES, J. **Histórias das secas (Séculos XVII A XIX)**. 2 ed. Homenagem ao primeiro Centenário da Abolição Mossoroense (30.9.1883 a 30.9.1983). Coleção Mossoroense, v. CCXXV, 1982.

LIMA, D. da C. Solidão, solidões: uma biografia de Dinarte Mariz. Brasília: Senado Federal, 2002, p. 48 *apud* MORAIS, I. R. D. **Seridó Norte-Rio-Grandense**: uma geografia da resistência. Caicó: [ed. do autor], 2005.

MACEDO, H. A. de. Vivências índias, mundos mestiços: relações interétnicas na Freguesia da Gloriosa Santa Ana do Seridó entre o final do século XVIII e início do século XIX, p. 90 *apud* MORAIS, I. R. D. **Seridó norte-rio-grandense**: uma geografia da resistência. Caicó, RN: [ed. do autor], 2005.

MACÊDO, M. K. de. **A Penúltima versão do Seridó**: espaço e história do regionalismo seridoense. 1988. 200 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1998.

\_\_\_\_\_, M. K. de. **A Penúltima versão do Seridó**: espaço e história do regionalismo seridoense. Natal; Campina Grande: EDUFRN, EDUEPB, 2012.

MAGALHÃES, J. Previsões Folclóricas das secas e dos invernos do Nordeste. Brasileiro – . Imprensa Universitária do Ceará,. Fortaleza – CE. 1963, pp. 98 a 137. In: **12º Livro das Secas**. Vinght – Rosado (seleção e organização). Edição especial para o acervo virtual Oswaldo Lamartine de Faria. Disponível em: [http://www.colecaomossoroense.org.br/acervo/12\\_livro\\_das\\_secas.pdf](http://www.colecaomossoroense.org.br/acervo/12_livro_das_secas.pdf). Acesso em: 4 mai. 2011.

MAIA, G. N. **Caatinga**: árvores e arbustos e suas utilidades. São Paulo: D & Z Computação Gráfica e Editora, 2004.

MARTINS, K.P. H. (org.). **Profetas da Chuva**. Fortaleza: Tempo D’Imagem, 2006.

\_\_\_\_\_, O. C. Tecendo respostas ao tempo. In: MARTINS, K. P. H. (org.). **Profetas da Chuva**. Fortaleza: Tempo d’Imagem, 2006.

MEDEIROS, C. de. Dicionário corográfico do Estado da Paraíba. 2 ed. Rio de Janeiro: Rep. Imprensa Nacional, 1950, p. 241 *apud* MORAIS, I. R. D. **Seridó Norte-Rio-Grandense**: uma geografia da resistência. Caicó: [ed. do autor], 2005.

MEDEIROS, J. A. B. de. Seridó, Rio de Janeiro: Borsoi, 1954, p.10 *apud* MACEDO, M. K. de. **A penúltima versão do Seridó**: espaço e história do regionalismo seridoense. Natal; Campina Grande: EDUFRN; EDUEPB, 2012.

MEDEIROS-FILHO, O. de. Índios do Açu e do Seridó *apud* MORAIS, I. R. D. **Seridó norte-rio-grandense**: uma geografia da resistência . Caicó: [ed. do autor], 2005.

MMA – Ministério do Meio Ambiente. **Avaliação e ações prioritárias para a conservação da biodiversidade da Caatinga**. Universidade Federal de Pernambuco, Conservation International do Brasil e Fundação Biodiversistas, Brasília, 2002.

MOLION, L. C.B.; BERNARDO, S. O. **Dinâmica das chuvas no nordeste brasileiro**. 1969. Disponível em: <<http://www.cbmet.com/cbm-files/12-7ea5f627d14a9f9a88cc694cf707236f.pdf>>. Acesso em: mai. 2011.

MONTENEGRO, A. F. **Ceará e o profeta de chuva**. Fortaleza: Edições UFC, Fortaleza: Banco do Nordeste [distribuidor], 2008.

MORAIS, I. R. D. **Seridó Norte-Rio-Grandense**: uma geografia da resistência. Caicó: [ed. do autor], 2005.

MOREIRA FILHO, J. de C.; GARLINDO FILHO, O. T.; DUARTE, R. S. **A seca de 1993**: crônica de um flagelo anunciado. Fortaleza: Banco do Nordeste; Recife:

Fundação Joaquim Nabuco, 2002. 138p. (Série Estudos sobre as secas no Nordeste, v. 5).

PENNESI, K. Aspectos linguísticos nas previsões de chuva: Funceme e os Profetas da Chuva. In: MARTINS, K. P. H. (org.). **Profetas da Chuva**. Fortaleza: Tempo D'Imagem, 2006.

PEREIRA, P. **O que se vê no Sertão**. [Natal]: UFRN, [19--]. 4p. Literatura de Cordel.

PIRES, R. **Seca**: situação mais grave é da Paraíba e Rio Grande do Norte. Blog do Robson Pires, Caicó, 12 de mai. 2012. Disponível em: <<http://www.robsonpiresxerife.com/blog/notas/seca-situacao-mais-grave-e-da-paraiba-e-rio-grande-do-norte/>>. Acesso em: 12 mai. 2012.

RAPOPORT, A. The meaning of the built environment, Londres, Sage, 1982 *apud* COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

RIO GRANDE DO NORTE. Decreto n. 33 de 07 de julho de 1890. A República, ano II, n. 62. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte *apud* MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Seridó norte-rio-grandense**: uma geografia da resistência. Caicó: [ed. do autor], 2005.

RIOS, K. S. A natureza entre ciências e profecias. In: MARTINS, Karla Patrícia Holanda (org.). **Profetas da Chuva**. Fortaleza: Tempo D'Imagem, 2006.

ROSA, J. N. S. Acari – fundação, história e desenvolvimento. Rio de Janeiro: Pongetti, 1974, p. 23 *apud* MACÊDO, M. K. de. **A Penúltima Versão do Seridó**: espaço e história do regionalismo seridoense. Natal; Campina Grande: EDUFRN; EDUEPB, 2012.

SÁ, I. B. *et al.* **Desertificação no Semiárido brasileiro**. ICID+18/ 2ª Conferência Internacional: Clima, Sustentabilidade e Desenvolvimento em Regiões Semiáridas, 16 – 20 de Agosto de 2010, Fortaleza - Ceará, Brasil.

SANTOS, A. A. dos. **Quando há seca no sertão**. [S.l.: s.n.], 1981. 8.p. Literatura de Cordel.

\_\_\_\_\_, A. L. S.; PEREIRA, E. C. G.; ANDRADE, L. H. C. A construção da paisagem através do manejo dos recursos naturais e a valorização do etnoconhecimento. In: ALBUQUERQUE, U. P. de; ALVES, A. G. C.; ARAÚJO, T. A. S. (Orgs.). **Povos e Paisagens: etnobiologia, etnoecologia e biodiversidade no Brasil**. Recife: NUPEEA/UFRPE, 2007.

\_\_\_\_\_, M. C. dos. **As Grandezas do Sertão**. Campina Grande, PB: A Estrela da Poesia, [19--]. 15p. Literatura de Cordel.

\_\_\_\_\_, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. 5 ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.

SAUER, C. O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SILVA, R. M. A. da. Entre dois paradigmas: combate à seca e convivência com o semi-árido. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 18, n. 1/2, p. 361-385, jan./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v18n1-2/v18n1a16.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2012.

\_\_\_\_\_, J. T. da. **Raízes da ideologia do planejamento**: Nordeste (1889-1930). São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

SUDENE. **As secas do Nordeste**: uma abordagem histórica de causas e efeitos. Recife: SUDENE-DRN, 1981.

TADDEI, R. Os Profetas da Chuva do sertão como produção midiática. Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Trabalho preparado para a reunião anual de 2009 da Latin American Studies Association, no Rio de Janeiro, em 11 a 14 de junho de 2009. **Papers**. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://lasa.international.pitt.edu/members/congress-papers/lasa2009/files/TaddeuRenzo.pdf>>. Acesso em: 23 mai. 2011.

\_\_\_\_\_, R. Oráculos da chuva em tempos modernos: mídia, desenvolvimento econômico e as transformações na identidade social dos Profetas do Sertão In: MARTINS, K. P. H. (org.). **Profetas da Chuva**. Fortaleza: Tempo D'Imagem, 2006.

TORTINO, I. A saga nordestina dos folhos perdidos de Moisés. Tribuna do Norte, domingo, 17 de agosto de 1977 *apud* MORAIS, I. R. D. **Seridó Norte-Rio-Grandense**: uma geografia da resistência. Caicó: [ed. do autor], 2005.

TUAN, Y. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

VARELA-FREIRE, A. A. **A Caatinga Hiperxerófila Seridó**: a sua caracterização e estratégia para a sua conservação. São Paulo: ACIESP n° 110, 2002.

## CAPÍTULO 1

**O sertanejo e as experiências de inverno no Seridó Potiguar<sup>1</sup>****The Country People and Winter Experiences in the Seridó Potiguar**

Neusiene Medeiros da SILVA\*  
Anna Jéssica Pinto de ANDRADE\*\*  
Cimone Rozendo de SOUZA\*\*\*

**RESUMO**

No Nordeste brasileiro, é recorrente entre os sertanejos a prática de “experiências de inverno”. Estas consistem na observação de elementos da paisagem, como: a fauna, a flora, o movimento dos astros, entre outros aspectos, com a finalidade de prever chuvas ou secas. As “experiências de inverno” compõem um repertório de estratégias historicamente construídas que medeiam a relação entre os sertanejos nordestinos de regiões semiáridas e a seca. Neste artigo, analisou-se até que ponto estas experiências de inverno orientam as práticas produtivas dos agricultores familiares que habitam as regiões do sertão no Seridó Potiguar. A área de estudo compreendeu comunidades rurais dos municípios de Caicó, Acari, Parelhas e Lagoa Nova. Foram entrevistados 241 agricultores em 29 comunidades destes municípios. O estudo identificou que, apesar do alto grau de difusão de previsões meteorológicas científicas, estas não chegam a suplantam o conhecimento tradicional das experiências de inverno. Observou-se que tais experiências encontram-se bastante disseminadas entre os agricultores, exercendo funções diversas em seus modos de vida que extrapolam, e muito, a organização do sistema produtivo. Além da prevenção das intempéries ambientais e das previsões de seca ou chuvas, estas experiências desempenham um papel simbólico como intermediadoras da fé em Deus e como alimentadoras da esperança sertaneja. Portanto, as experiências de inverno praticadas por agricultores no sertão do Seridó figuram como estratégias de reprodução social de um modo de vida específico, reatualizando a esperança destes de um ano “bom de inverno”, mais do que organizando suas atividades produtivas.

---

\*Geógrafa (UFRN). Mestranda em Desenvolvimento e Meio Ambiente (UFRN). E-mail: neu.silva.2007@hotmail.com

\*\* Graduada em Comunicação Social (UFRN). Mestranda em Desenvolvimento e Meio Ambiente (UFRN). E-mail: jessyandrade@hotmail.com

\*\*\* Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento (UFPR). Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio ambiente (PRODEMA). E-mail: cimone.rozendo@gmail.com

<sup>1</sup> Este artigo é parte da dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento em Meio Ambiente, Universidade Federal do Rio Grande do Norte – PRODEMA/UFRN.

*Palavras-chave:* sertanejo; seca; experiências de inverno; meteorologia popular.

### ABSTRACT

The practice of the so-called "Winter Experiences" by the country people is usual in the Northeast region of Brazil. It consists on the observation of landscape elements, such as fauna, flora, the stars, among others, aiming to forecast rain or droughts. The "Winter Experiences" set up a repertoire of historically constructed strategies, which mediate the relationship between country people in the semi-arid regions and droughts. In this paper, we analyze to which extent these experiences guide the productive practices of farmers living in the region of the Seridó Potiguar. The study area covers rural communities in the cities of Caicó, Acari, Parelhas and Lagoa Nova. 241 farmers in 29 communities were interviewed. This study revealed that despite the high diffusion scientific forecasts fail to overcome the traditional knowledge of Winter Experiences. It was observed that these experiences are widely spread among farmers, perform different roles in their lifestyles and extrapolate the organization of the productive system. Beyond the prevention of environmental bad elements and forecast of rain and droughts, these Experiences play a symbolic role as mediators of Faith in God and as feeders of the country people hope. Therefore, the Winter Experiences practice by farmers in Seridó figure as strategies of social reproduction of a specific lifestyle, keeping the hope of a "good winter year" rather than organizing their productive activities.

*Keywords:* Country People; Drought; Winter Experiences, Popular Meteorology.

### *Introdução*

*"Mandacaru quando 'fulora' na seca é o sinal que a chuva chega no sertão..."*  
(Luiz Gonzaga, *Xote das meninas*)

O verso cantado por Luiz Gonzaga traduz uma das práticas de um vasto repertório cultural desenvolvido pelos sertanejos, no enfrentamento das situações de seca em regiões do Nordeste brasileiro. A leitura de sinais da natureza como forma de realizar previsões climáticas ou simplesmente a realização de "experiências de inverno", como são reconhecidas, constitui um traço importante do modo de vida do sertanejo; particularmente para aqueles cuja produção depende fundamentalmente das atividades agropecuárias e, conseqüentemente, de condições climáticas que lhes favoreçam.

Em um cenário de grande hostilidade social e ambiental, em que a capacidade de resistência dos sertanejos é colocada à prova cotidianamente, saber ler os sinais de chuva ou seca afigura-se como uma forma simbólica de deter algum controle e precaução, em um universo marcado pela imprevisibilidade. Neste contexto, estas

experiências representam a possibilidade de expansão de existência dos agricultores sertanejos. São estratégias reproduzidas e ressignificadas em cada momento histórico.

Não por acaso, estas práticas se eternizaram nos versos de Luiz Gonzaga. Ler “o sinal que a chuva chega no sertão” é experiência vivenciada e compartilhada pela grande maioria dos sertanejos. Entre estes, há também os que se notabilizaram por esta habilidade e foram, por isto, socialmente identificados como “Profetas da Chuva”. Durante muito tempo, seus prognósticos ou “profecias” eram as únicas informações que norteavam as práticas produtivas dos agricultores de regiões semiáridas. Mas, qual seria o papel destas experiências de inverno, considerando o quadro atual de crescente racionalização destes aspectos, sobretudo com a disseminação das previsões meteorológicas científicas? Neste artigo, buscou-se compreender até que ponto esta forma de conhecimento ainda orienta as práticas produtivas dos agricultores que habitam a região do Seridó Potiguar.

A região do Seridó Potiguar (Figura 1) foi historicamente constituída por 23 municípios<sup>2</sup> e está localizada na porção centro-meridional do Estado do Rio Grande do Norte (MORAIS, 2005). A escolha desta área se deu em razão do forte caráter identitário de sua população, aspecto sublinhado em toda literatura sobre sua formação e ocupação. Além disso, segundo Taddei (2009), nela se encontram os mais “célebres Profetas da Chuva”.

---

<sup>2</sup> São eles: Acari, Caicó, Carnaúba dos Dantas, Cerro Corá, Cruzeta, Currais Novos, Equador, Florânia, Ipueira, Jardim de Piranhas, Jardim do Seridó, Jucurutu, Lagoa Nova, Ouro Branco, Parelhas, Santana do Seridó, São Fernando, São João do Sabugi, São José do Seridó, São Vicente, Serra Negra do Norte, Tenente Laurentino Cruz e Timbaúba dos Batistas. Essa delimitação do Seridó é resultado do contexto histórico, cultural e identitário de produção do espaço e em sua estruturação e reestruturação (MORAIS, 2005).

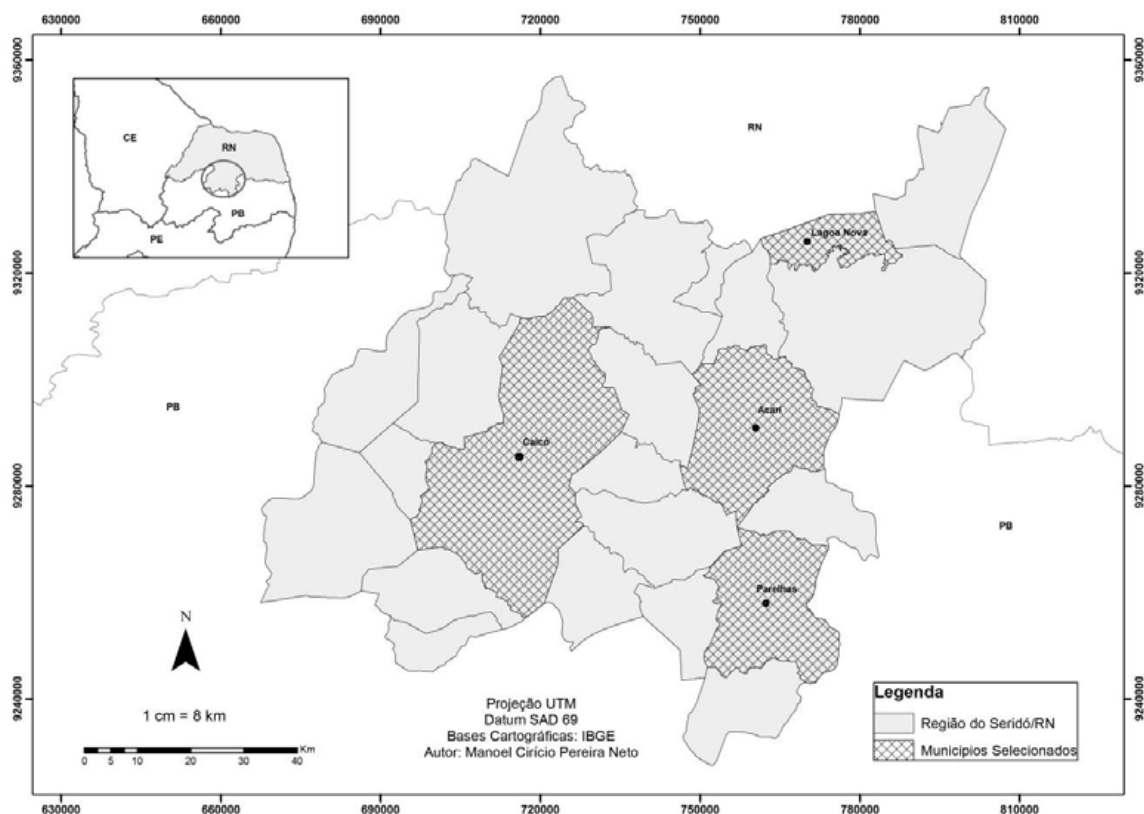


FIGURA 1 – Municípios de Caicó, Parelhas, Acari e Lagoa Nova no Seridó Potiguar/RN  
Elaborado por Manoel Cirício Pereira Neto, 2013.

A pesquisa envolveu entrevistas com 241 agricultores em 29 comunidades rurais<sup>3</sup> nos municípios de Caicó, Acari, Parelhas e Lagoa Nova. Os questionários buscaram caracterizar socioeconomicamente a população, bem como identificar a diversidade de experiências de inverno. A pesquisa teve um caráter qualitativo e utilizou-se como método a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2010), por meio da categorização. Foram entrevistados os sertanejos do Seridó Potiguar, constituídos em sua maioria por agricultores e pescadores. Neste estudo, as denominações sertanejo, agricultor e seridoense estão sendo utilizadas de forma complementar, ou seja, uma não exclui a outra.

O artigo está organizado da seguinte maneira: na primeira parte, o texto traz uma discussão conceitual sobre as experiências de inverno e o cenário em que elas se desenvolvem, concebendo o sertão e o sertanejo a partir da perspectiva de Diegues e

<sup>3</sup> Os critérios de seleção dos municípios e das comunidades estão detalhados com profundidade no texto da dissertação intitulado *Experiências de inverno no Seridó Potiguar*, referenciado no final do artigo.

Arruda (2001) e Guillen (2002), enquanto comunidade tradicional, e sua participação na construção da identidade brasileira. As experiências de inverno foram abordadas utilizando autores como Araújo *et al.* (2005), Bruno e Martins (2008), Folhes e Donald (2007), Macedo (1998), entre outros. Para compreender o processo de desenvolvimento das experiências de inverno, discorreu-se sobre os conceitos de paisagem de Santos (1997), Berque (1998), Sauer (1998), Cosgrove (1998) e a experiência de Tuan (1983).

A segunda parte trata do estudo empírico da pesquisa, apresentando a caracterização dos aspectos produtivos e econômicos das comunidades estudadas, os elementos que configuram o seu modo de vida e o quadro atual do conhecimento sobre as experiências de inverno, a saber: seus elementos, sinais indicativos, formas de previsão e suas funções no modo de vida dos sertanejos.

### ***1. O saber sertanejo: as experiências de inverno***

Recentemente, autores como Taddei (2006, 2009), Folhes e Donald (2007), Araújo *et al.* (2005), Bruno e Martins (2008), Magalhães (1963) e Lucena *et al.* (2005) elaboraram estudos a respeito dos sertanejos e suas experiências de inverno. Segundo estes autores, quase todo sertanejo detém algum conhecimento de tais experiências. Mas são os conhecidos como Profetas da Chuva, Profetas do Inverno, Profetas da Natureza e/ou Profetas do Sertão que detêm o maior conhecimento.

Na conjuntura das experiências de inverno, o clima é o elemento fundamental para o seu desenvolvimento. Especificamente, a condição climática azonal do Nordeste em relação a outras regiões do Brasil caracteriza-se por um sistema meteorológico complexo, reduzindo as possibilidades de acerto das previsões meteorológicas. Em conformidade com Folhes e Donald (2007, p. 20), o sertanejo busca conviver com as adversidades naturais usando seus conhecimentos empíricos como estratégia de sobrevivência. A seca estaria no “centro de sua estratégia econômica e de vida, para, assim, minimizar o risco de perdas e de fracasso na produção dos meios de sobrevivência”.

Nesse contexto, o conhecimento dos sertanejos que vivem na zona rural do sertão nordestino, em relação às experiências de inverno, apresenta-se como uma das estratégias para minimizar os riscos e prejuízos que as secas poderiam causar. O Sertão do Seridó ou os Sertões do Seridó, como diria Faria (1980), apresenta-se como um

espaço de referência para estudos relacionados às experiências de inverno, uma vez que lá residem muitos Profetas-celebridades<sup>4</sup> (TADDEI, 2009).

Foi na convivência com os elementos paisagísticos dos sertões que o sertanejo da zona rural desenvolveu as “experiências de inverno”, as quais consistem na observação sistemática da natureza para prever o tempo. Conforme se observou anteriormente, a realização destas experiências está ligada principalmente à ocorrência de secas periódicas na região. Os sertanejos fazem uso de diversos elementos paisagísticos para realizar suas previsões, como: o comportamento da fauna, da flora da caatinga, o movimento dos astros, entre outros. Como qualquer conhecimento tradicional, as experiências de inverno são repassadas de geração a geração, no processo de hierarquização dos mais velhos para os mais jovens.

Na literatura sobre as experiências de inverno são identificados os protagonistas destas experiências, a saber: primeiramente, a figura do sertanejo agricultor, que, ao longo do tempo e espaço, apreendeu esse saber, e os chamados “profetas”, pessoas da comunidade reconhecidas publicamente pela habilidade na realização das experiências. Estes foram nomeados por Taddei (2009) como Profetas da Chuva, Profetas do Sertão ou “Profetas-celebridades”, termo adotado pelo autor para distinguir entre os profetas aqueles cujo conhecimento é veiculado em meios midiáticos de massa (rádio e televisão).

No sertão de clima desfavorável à reprodução do sertanejo que habitava o espaço rural, este aprendeu a viver e a conviver com a natureza. É por meio da observação sistemática desta que as experiências de inverno surgem enquanto alternativa de convivência. As observações são instigadas pela incerteza da condição climática e mais precisamente pela ocorrência de uma possível seca nos sertões.

### *1.1. Do palco aos atores: o sertão e o sertanejo*

O Sertão é um termo recorrente usado para classificar as terras interioranas do Brasil desde o período colonial, mas que penetra o imaginário dos brasileiros até os dias atuais. Esta categoria influenciou na construção de uma identidade nacional presente nas obras de diversos intelectuais (GUILLEN, 2002). Considerando o sertão enquanto uma

---

<sup>4</sup> Profetas-celebridades são aqueles cuja notoriedade, no conhecimento destas experiências de inverno, provém do seu acesso e divulgação deste saber nos meios midiáticos.

construção simbólica, Guillen analisa a obra de Capistrano de Abreu para mostrar como essa categoria foi fundamental para a formação da identidade brasileira.

Com a chegada dos europeus no século XVI, essa identidade começou a se firmar por meio da sua penetração no interior do país. E isso se “[...] constitui como um dos fundamentos com os quais viria construir os alicerces da história da nação, e suas contribuições para a construção simbólica da nacionalidade brasileira [...]” (GUILLEN, 2002, p. 106). Assim, o sertão e o sertanejo entram como protagonistas da “brasilidade” através das suas características bastante peculiares e “autênticas”. No esforço de definir uma identidade nacional, os intelectuais abordados por Guillen consideraram o espaço, a territorialidade e a natureza como fundamentais para esta definição (GUILLEN, 2002).

Também Moraes (2005, p. 25) evidencia que “[...] Nos primórdios, o nome Sertão prevalecia sobre os demais ao remeter-se à imensidão do interior nordestino, caracterizada pela semiaridez. Com a ocupação e apropriação das terras, foram surgindo recortes no espaço sertanejo que passou a comportar vários sertões, dentre dos quais o Sertão do Seridó”. A utilização do termo sertão vinculava-se a condições naturais específicas, mas aos poucos passa a designar também o caráter dos habitantes que vivem nesse espaço.

Nesse contexto, a natureza era vista de forma polarizada: “infernais ou paradisíaca”. Do mesmo modo, ao sertão foram atribuídos adjetivos “negativos e positivos”. Essa região, no período da colonização, era vista como uma área inóspita de difícil ocupação, haja vista o pequeno número de colonizadores e a lentidão deste processo. Contudo, este foi cenário de vários estudos de literatura e historiografia, a exemplo da obra *Os sertões*, de Euclides da Cunha, que retratou a Guerra de Canudos na Bahia (GUILLEN, 2002).

Até o final do século XIX, o sertão ainda era uma categoria que designava todo o interior do país, portanto, não havia apenas um sertão, mas vários sertões. Somente com o movimento regionalista do início do século XX é que o sertão nordestino passou a ganhar maior visibilidade perante as outras regiões (ALBUQUERQUE JR., 1999), principalmente o Sudeste.

A colonização do sertão nordestino deu-se por meio da pecuária, que deu origem às vilas, mais tarde alçadas à categoria de cidades. A população que habitava esse meio foi, então, chamada de sertaneja, sendo considerada pessoa de caráter forte, destemida, desbravadora, que vivia sua própria vida distante da civilização (litoral). Uma sociedade

do couro, onde essas pessoas possuíam costumes, comidas, hábitos, modos de produção, religiosidade, vestimentas bastante peculiares à região (DIEGUES; ARRUDA, 2001).

São os versos do cordelista sertanejo que nos dizem sobre o que é o sertão, sua gente e seus temores:

Sertão terra de encanto  
de amor, paz e alegria  
de ar brando e mais tocante  
brisa mansa, leve e fria  
onde a natureza em tudo  
inspira mais poesia (SANTOS, 19-- , p.1)

Sertão terra de homens fortes  
honestos e conceituados  
corajosos e sinceros  
onde têm sido criados  
os melhores cantadores  
e poetas inspirados (SANTOS, 19-- , p. 2)

Quando a temida seca atinge o sertão:

Ver-se o gado morrendo  
de fome, sede e maus tratos  
roídos por carrapatos  
os ossos aparecendo  
seu dono se maldizendo  
sem encontrar a solução  
é grande a lamentação  
para todo sertanejo  
não há coalhada e nem queijo  
quando há seca no sertão (SANTOS, 1981, p. 1)

Nesses versos, é visível como a questão natural mostra-se crucial para a vida sertaneja no século XX. Por vezes, bela e inspiradora, por outra, fenômenos naturais, como a temida seca, transformam esse ambiente num espaço de sofrimento, fome, sede, migração e morte. Em outros tantos versos, há também referências recorrentes à capacidade de resistência do sertanejo, muitas vezes comparada à da própria caatinga.

Segundo Diegues e Arruda (2001, p. 50), os sertanejos “[...] ocupam a orla descontínua do Agreste e avançam nas áreas semiáridas das caatingas. Penetrando no Brasil central, atingiram campos cerrados que se estendem por milhares de quilômetros quadrados”. No período de ocupação do interior do Brasil, desenvolveram a criação de gado para fornecer carne, couro e bois para a produção açucareira. Com a atividade de pastoreio, o sertanejo ocupou em três séculos quase todo o sertão brasileiro. Foi o seu modo de viver que o constituiu enquanto população tradicional.

## 1.2. Conhecimentos tradicionais dos sertanejos

Conceitualmente população tradicional remete a “[...] grupos humanos diferenciados sob o ponto de vista cultural, que reproduzem historicamente seu modo de vida, de forma mais ou menos isolada, com base na cooperação social e relações próprias com a natureza” (DIEGUES; ARRUDA, 2001, p. 27). Dessa forma, o modo de vida que o sertanejo desenvolveu nos sertões lhe caracteriza como uma população tradicional, com seu saber-fazer próprio em relação à natureza sertaneja. O sertanejo do Nordeste é um grupo que possui grande conhecimento sobre a natureza e seu funcionamento. Os saberes sobre o meio em que está inserido contribuem, por vezes, para a proteção e conservação da natureza.

No Brasil, especificamente nos Estados da Bahia e de Alagoas, a Esperança, da ordem Orthoptera e família Tettigoniidae, é um inseto que, segundo relatos de um alagoano, traz bons presságios ou não, dependendo de sua coloração: verde traz boa sorte, a boca preta representa azar. Na Bahia, sua aparição está atrelada somente à boa sorte, mas de modo geral esta é relacionada à esperança. O relato conta que a Esperança é abençoada porque rezava para Maria no momento do nascimento do Menino Jesus. Pedia que Maria tivesse um parto em paz. Então ninguém pode matá-la e, caso alguém o fizesse, perderia a esperança (MARQUES, 2005). Nesse contexto, essa crença atua como um mecanismo de preservação desse inseto, ou seja, provavelmente este não entrará em extinção.

A flora é outro elemento que tem sido utilizado pelos sertanejos para as mais diversas finalidades ao longo da história. Roque (2009) registra sete categorias de uso da flora da caatinga em comunidade rural no município de Caicó, dentre estas: medicinal, alimentícia, madeireira, mística, combustível, forrageira e uso doméstico.

A experiência de inverno é um dos conhecimentos tradicionais que o sertanejo do Nordeste angariou em sua relação com o meio ambiente, o qual faz uso, principalmente, da fauna e da flora na elaboração dos prognósticos. O “conhecimento tradicional é definido como o conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural e sobrenatural, transmitido oralmente, de geração em geração” (DIEGUES; ARRUDA, 2001, p. 31). Na literatura sobre o tema, são constantes as referências sobre a importância deste *savoir faire* para a conservação da natureza, para o uso sustentável da diversidade biológica e para o conhecimento científico.

Na observação e na aplicação deste conhecimento, a paisagem dos sertões comporta os elementos necessários a esses processos. É por meio desses elementos (flora, fauna, astros entre outros), que o sertanejo elabora suas previsões de “inverno” para os sertões.

### *1.3. Conceito de paisagem e a produção da paisagem sertaneja*

Na literatura sobre paisagem, Sauer (1998) define dois tipos: a natural e a cultural ou geográfica. A paisagem natural é aquela constituída por elementos físicos que não sofreram ação do homem sobre os mesmos. Esse tipo de paisagem em sua totalidade não existe mais em grande parte do mundo. A paisagem cultural refere-se às formas produzidas pela ação do homem sobre a paisagem natural.

A paisagem é formada por um conjunto de elementos que, quando juntos, apresentam “inter-relações”. Se considerados no conjunto, formam uma realidade que não seria possível se vista em suas partes separadamente, ou seja, é necessário para sua compreensão vê-la como uma unidade (SAUER, 1998).

Existe, primeiramente, a partir do sentido dado à mesma pela sociedade que a “produz, reproduz e transforma”. Nesse sentido, Berque (1998) classifica-a como “marca”, por expressar os traços de uma sociedade sobre a natureza, e “matriz”, porque interfere, até certo ponto, no modo como é percebida e nos processos de produção, reprodução e transformação.

Por sua vez, na análise das paisagens, Cosgrove (1998) insere em sua leitura a cultura e o simbolismo, inserção que o diferencia dos demais autores em suas abordagens sobre o tema. “A paisagem, de fato, é uma ‘maneira de ver’, uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma ‘cena’, em unidade visual” (COSGROVE, 1998, p. 98). A cultura imprime objetos na paisagem adquirindo importância simbólica para a mesma.

Até os elementos naturais das paisagens passam a ser “produtos culturais” quando lhes é atribuído um significado; contudo, não perdem suas propriedades naturais, passando, desse modo, a ser uma paisagem cultural. E qualquer intervenção humana na natureza a transforma em cultura. A partir desse pensamento, afirma-se ser necessário entrarmos na “consciência cultural” dos outros para que se possa revelar o significado dessa paisagem cultural (COSGROVE, 1998).

Na concepção de Santos, a paisagem é “tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos odores, sons etc.” (SANTOS, 1997, p. 61).

Resulta de movimentos superficiais de fundo da sociedade, uma realidade de funcionamento unitário, um mosaico de relações, de formas, funções e sentidos (SANTOS, 1997, p. 21). Dependendo de onde se observa a paisagem, ela toma escalas diferentes. Quanto mais o sujeito sobe em altura, mais a visão se amplia, reduzindo o número de obstáculos que se apresentam. Sua dimensão é a da percepção, ou seja, o que os sentidos podem captar da mesma.

A percepção por si não se pode chegar ao conhecimento, sendo necessária a sua interpretação. Toda percepção é seletiva e depende do aparelho cognitivo para a apreensão. Portanto, cada sujeito pode apresentar versões distintas sobre o mesmo fato. Por exemplo, o que o sertanejo percebe observando a paisagem no dia santo de São José (19 de março), comparando-o com o morador da cidade que esteja no mesmo espaço, provavelmente será diferente. Contudo, a realidade é apenas uma, mas cada pessoa a percebe e interpreta de forma diferenciada.

A paisagem é apreendida pelos sentidos do corpo (aparelho cognitivo) e divide-se em dois tipos: natural e artificial. A paisagem natural seria aquela pela qual o homem não a modificou, sendo praticamente quase impossível sua existência. Já a paisagem artificial é aquela que sofreu transformações pela ação do homem (SANTOS, 1997).

Mesmo em lugares aos quais os homens ainda não tiveram acesso, contudo, podem existir interesses econômicos e políticos sobre os mesmos. O que se vê é a mistura de elementos naturais e artificiais formando uma paisagem heterogênea. Devido à presença do homem encontrar-se suficientemente disseminada em boa parte dos lugares do planeta, é quase impossível existir uma paisagem essencialmente natural.

A paisagem não é estática, pois está em permanente mudança. Seu movimento pode ser rápido ou não, dependendo da capacidade de modificação do homem. Sua apreensão se dá pela percepção, mas seu entendimento passa pela interpretação, tornando-se aguçada por meio da experiência acumulada. Diante destas considerações, neste artigo adotou-se a perspectiva de paisagem proposta por Berque (1998), entendendo nesta abordagem que o sertanejo é ele próprio o elemento desta paisagem.

É na leitura dos elementos das paisagens dos sertões que as experiências de inverno são desenvolvidas. Para se entender o significado do termo experiência,<sup>5</sup> convencionou-se adotar o conceito de Tuan (1983, p. 9), segundo o qual esta “[...] abrange diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Estas maneiras variam desde sentidos mais diretos e passivos, como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização”.

Nesse sentido, a experiência consiste em apreender a realidade através da vivência cotidiana no meio em que se está inserido, utilizando um ou mais sentidos na apreensão. Tuan (1983) ressalta ainda que as pessoas, em sua maioria, fazem uso dos cinco sentidos na apreensão da realidade. No contexto do sertão, visto como um espaço paradisíaco ora infernal, onde o homem via-se submetido às intempéries da natureza em virtude do contato mediado pelo trabalho, este, por sua vez, aprendeu a utilizar os seus sentidos na apreensão dos sinais que a natureza transmitia e transmite.

O entendimento das relações homem e meio é fundamental para se compreender os caminhos do desenvolvimento das sociedades nas diversas faces, ao longo do tempo e do espaço. O uso dos elementos que compõem o meio natural ou artificial oferece, em parte, matéria para a compreensão deste desenvolvimento. Em exemplo, a fauna foi utilizada ao longo da história pelos povos da antiguidade para diversos fins zoterápicos na cura de enfermidades (ALMEIDA, 2005). Às vezes essa categoria está associada às crenças religiosas dentro das sociedades em formas de tabus. Nessa condição, o uso de tais espécies está condicionado por uma questão sociocultural, que auxilia no processo de etnoconservação das mesmas e, conseqüentemente, no equilíbrio ambiental.

### *1.3.1. Clima: elemento fundamental da dinâmica da paisagem nos sertões*

A pluviosidade do Nordeste está intimamente relacionada aos sistemas de grande escala: Zona de Convergência Intertropical (ZCIT) e os sistemas frontais, responsáveis por cerca de 30 a 80% da pluviosidade, variando em relação ao local observado. Os demais 20% dividem-se entre os sistemas de mesoescala (perturbações ondulatórias no campo dos ventos alísios, complexos convectivos e brisas marítima e terrestre) e microescala (circulações orográficas e pequenas células convectivas). A ZCIT é resultado da convergência dos ventos alísios de NE e SE provenientes,

---

<sup>5</sup> A “experiência de inverno” é uma expressão própria do sertanejo para nomear o seu conhecimento a respeito dos elementos que compõem a paisagem. Nesse sentido, o conceito de experiência de Tuan (1983) mostra-se oportuno para entender a realidade presente.

respectivamente, dos sistemas de alta pressão dos hemisférios norte e sul, a qual se concentra numa faixa de 2° a 4° de latitude Sul, durante os meses de março a abril (MOLION; BERNARDO, 2002).

Esse sistema é o principal responsável especificamente pelas chuvas dos Estados do Norte-Nordeste (Nor-Nordeste – NNE) – Ceará e partes do Rio Grande do Norte, Piauí, Maranhão e oeste da Paraíba e de Pernambuco. Sua influência sobre as chuvas no NNE vai variar de acordo com a sua posição mais ao hemisfério Norte (seca) ou mais para o hemisfério Sul (chuva) (MOLION; BERNARDO, 2002). A condição semiárida do Nordeste é agravada pelas ocorrências das secas periódicas, que, segundo esses autores, se devem às variações no sistema de grande escala e possivelmente mecanismos externos ao sistema terra-atmosfera-oceano. Dessa forma, as causas da seca estão relacionadas ao fenômeno El Niño no Pacífico sul, às manchas solares e às erupções vulcânicas.

Guerra (1981) define a seca enquanto “um fenômeno que se caracteriza como a ausência ou má distribuição das chuvas”, “[...] tendo uma ocorrência cíclica ao longo da história” (MORAIS, 2005, p. 119). Ainda segundo Guerra (1981, p. 34) “[...] as secas nestes sertões são necessárias, muito principalmente dadas por uma sabedoria infinita que não pode errar que tudo dispõe para bem de seus filhos”. O fenômeno faz com que os sertanejos desenvolvam saberes, que lhes permitirão viver no espaço de ocorrência do fenômeno. “Seja como for, pode-se dizer que não há sertanejo que se furte à influência das experiências, o meio em que ele vive o tem predisposto” (GUERRA, 1981, p. 15).

De clima semiárido, ocorreram naturalmente as secas periódicas, que provocaram grandes prejuízos, tanto materiais como humanos. A seca de 1877-1879 foi considerada um marco na formulação de ações voltadas no combate ao fenômeno (SILVA, 2003). Porém, décadas depois, as ações por parte dos governantes não chegavam a todos os afetados e a ausência de aparato tecnológico de previsão meteorológica, para antecipar quando tais eventos poderiam ocorrer, contribuiu para um quadro de calamidades.

Diante dessa conjuntura, o sertanejo tinha uma única opção: buscar no meio em que estava inserido as respostas para as suas ansiedades. E isto se constituía em ler o que estava escrito na paisagem e não somente na leitura do que estava visível, mas também o invisível aos olhos. Dessa forma, os sertanejos seridoenses têm grande interesse em entender como funcionam e interagem os elementos da paisagem.

De um modo geral, as condições de solo e clima nos sertões fizeram do Bioma Caatinga um laboratório de estudo, apresentando inúmeras características adaptativas às condições climáticas. Essas experiências são resultados das secas ocorridas na região, imprimindo no sertanejo seridoense a necessidade de prever o tempo para se proteger de suas consequências.

### 1.3.2. Caatinga

No cenário paisagístico dos sertões do Nordeste, devido às condições climáticas e de solo, a caatinga é o bioma que ocupa a maior parte da região, sendo exclusivamente brasileiro. São 935 mil km<sup>2</sup> de vegetação de caatinga (SAMPAIO; RODAL, 2000) distribuídos pelos Estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Minas Gerais (SAMPAIO *et al.*, 2002, *apud* MAIA, 2004).

A vegetação de caatinga, face às condições climáticas do semiárido, apresenta várias adaptações que facilitam na redução da perda de água por evapotranspiração. O termo caatinga significa na língua tupi *mata branca*, pois, no período da estiagem, que compreende os meses de julho a dezembro, esta se mantém em sua maior parte despida de folhagem, permanecendo em estado de dormência à espera do cair das primeiras chuvas. As espécies que apresentam tal adaptação são chamadas de caducifólias. Durante todo o ano têm-se espécies florando e frutificando para alimentar a fauna que habita essa região. Na estiagem, de vegetação aparentemente morta, veem-se pontos verdes contrastando com o seco. Estes pontos verdes são as espécies perenifólias, caracterizadas por permanecerem com as folhas verdes durante todo ano, servindo de refúgio para algumas espécies da fauna das altas temperaturas do ambiente (MAIA, 2004).

Certas espécies apresentam caules verdes, que fazem a fotossíntese, como a Embiratanha (*Pachira marginata* A. St.-Hill.); outras armazenam água por meio de tubérculos em suas raízes como o Cumaru (*Amburana cearensis* (Allem.) A. C. Smith e o imbuzeiro (*Spondias tuberosa* Arruda). Caules são geralmente de tons branco-acinzentados, que refletem a luz do sol. As folhas são, em sua maioria, pequenas e, quando em horários de alta insolação, fecham os estômatos, evitando a perda da água por evapotranspiração; outras já são aveludadas. Em geral, a caatinga apresenta mecanismos adaptativos, os quais lhe permitem sobreviver numa região semiárida

sujeita a períodos de estiagem de seis meses até longos e severos anos de seca (MAIA, 2004).

Foi nesse ambiente que o sertanejo, por meio das “atividades pastoris, nas condições climáticas dos sertões, cobertos de pastos pobres e com extensas áreas sujeitas a secas periódicas, conformaram não só a vida, mas também a própria figura do homem e do gado” (DIEGUES, ARRUDA, 2001, p. 50). Na mesma linha de pensamento, Ab’Sáber (2003, p. 91) afirma que “para o cotidiano do sertanejo e sobrevivência de sua família, o fator interferente mais grave reside nas irregularidades climáticas periódicas que assolam o espaço social dos sertões secos”. Mesmo com a criação de políticas de combate e depois de convivência com as intempéries do clima, o sertanejo, em sua maioria, permanece desamparado.

## ***2. Dos aspectos produtivos e econômicos das comunidades estudadas***

Os sertanejos do Seridó desenvolvem diversas atividades, como agricultura, pecuária, pesca, prestação de serviços, além de muitos contarem com os benefícios do governo (aposentadorias e bolsa-escola). Essa diversidade produtiva que o seridoense de um modo geral apresenta é resultado das crises dos ciclos econômicos do algodão e da mineração, ao longo de sua história de formação, estruturação e reestruturação, sendo “substituída por uma economia diversificada” (MORAIS, 2005, p. 280).

Em relação à produção agropecuária, o uso do solo está relacionado à criação de bovinos (corte e leiteiro), caprinos, ovinos e suínos. Os sujeitos entrevistados nesta pesquisa geralmente desenvolvem mais de um tipo de criação. As aves (galinhas, frangos, pintos, entre outros) e os bovinos foram os rebanhos com o maior número de criadores, enquanto o caprino praticamente ninguém criava. As aves e os bovinos são as criações mais representativas.

A criação dos rebanhos dá-se de três formas: extensiva – solto na caatinga, intensiva – confinados em chiqueiros/currais, e semi-intensiva – parte do dia os animais ficam confinados e na outra são soltos no cercado para pastagem. Contudo, a criação no regime extensivo é mais expressiva em relação às outras formas.

A dieta dos animais no período da estiagem (julho a dezembro) é constituída de pasto de sequeiro (caatinga), que surge ao cair das primeiras chuvas, se estendendo até os primeiros meses de estiagem, dependendo do regime pluviométrico; ração de armazém (pasta de algodão, farelo de trigo, babaçu, casquinha, soja); pasto

irrigado/vazante e pasto molhado do riacho (capim: elefante, braquiara, ceará, tangana, taboca, taquari), rama (batata, feijão, cebola, mandioca); cactáceas (mandacaru, xiquexique, palma), sobras de comida (soro de queijo e palha de milho seco, alimento humano). A comercialização dos rebanhos é realizada principalmente por meio de atravessadores, diretamente ao açougue local e ao consumidor.

A produção agrícola é desenvolvida em três formas: sequeiro (praticada nos meses chuvosos da região), vazante (realizada no entorno dos corpos d'água na medida em que estes vão secando) e irrigada (corresponde em aguardar a produção por meio de canais, que levam água de algum reservatório, principalmente no período da estiagem). Por vezes, os sertanejos praticam uma ou mais formas de produção. Identificou-se que a produção de sequeiro é a mais exercida entre os entrevistados, seguida da vazante e irrigação. Tal premência os torna mais vulneráveis às instabilidades ambientais. Segundo dados da pesquisa, o clima já causou prejuízo a 68,5% dos entrevistados. Os eventos citados como principais causadores dos prejuízos foram a seca e as inundações. Dentre os tipos de prejuízos estão a perda da lavoura, seguidos da perda de animais e da diminuição da produtividade.

De um modo geral, a produção é predominantemente para autoconsumo e, excetuando o município de Lagoa Nova, os demais possuem baixa diversidade de produtos. O pouco de excedente é comercializado por intermédio de feiras locais, dos mercados institucionais do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e do Programa Nacional da Alimentação Escolar (PNAE) do governo federal e de atravessadores.

Segundo os agricultores, a região é propícia ao desenvolvimento de uma grande diversidade de culturas; contudo, estes, na maioria, afirmam não receber assistência técnica.

### *2.1. Quadro atual do conhecimento das experiências de inverno*

Entre a população rural do sertão nordestino, em geral, grande parte das pessoas conhece uma técnica ou outra de previsão de tempo (TADDEI, 2006, p. 4). Nas comunidades estudadas dos municípios de Caicó, Acari, Parelhas e Lagoa Nova, localizadas no sertão do Seridó Potiguar, várias pessoas demonstraram ter conhecimento ou já ouviram falar a respeito das “experiências de inverno”. Dos 241 entrevistados,

77,2% afirmaram ter conhecimento ou ouviram falar das experiências, 20,3% não conheciam ou não ouviram falar e 2,5% não sabiam ou não responderam.

Embora um alto número tenha declarado conhecer as experiências, nem todos fazem uso destas. Entre aqueles que afirmaram praticar as experiências estão 63,1% dos entrevistados. Já os que não observam somavam 17%. Os demais não responderam. Estes dados evidenciam o quanto esta prática encontra-se disseminada entre a população estudada.

Identificou-se que as experiências de inverno continuam sendo passadas de geração a geração e a transmissão se dá por intermédio das pessoas mais velhas (pais, avós, entre outros familiares), amigos e pessoas da região, rádio e televisão e através do livro *Lunário perpétuo*, que é um tipo de almanaque que, segundo MELO (2011/12, p. 109):

[...] trata-se de uma publicação anual, sob o formato de calendário, contendo datas comemorativas, festas móveis e feriados. Apresenta também indicações astrológicas, previsões meteorológicas destinadas aos agricultores, orientações sobre saúde e comportamento, além de curiosidades, provérbios e receitas. Em última instância, os almanaques são livros sobre o tempo, sua medição, sua passagem e trazem, também, a possibilidade de sua (pre)visão.

A prática da observação das experiências de inverno está intimamente relacionada à idade. Na área de estudo, o conhecimento e a prática estavam disseminados em todas as faixas etárias dos entrevistados (18 a 84 anos de idade), sendo que o maior número, tanto de conhecedores como de quem praticava, estava acima dos 40 anos de idade.

As experiências de inverno identificadas na área de estudo são observadas e outras praticadas, nas quais o sertanejo seridoense faz uso dos sentidos da visão, audição e tato para ler os sinais que a paisagem emite. Os sinais são apreendidos pelos sentidos e em seguida interpretados e testados ao longo do tempo, seguindo um processo de transferência de geração a geração, sendo as pessoas velhas as mais indicadas.

Durante o ano, o sertanejo vê “o primeiro semestre como aquele que iria pôr à prova as predições feitas no ano anterior. O semestre seguinte prestava-se aos sentidos em estado de prontidão perscrutando céu e terra em busca de evidências empíricas, que alimentavam as esperanças nas chuvas vindouras [...]” (MACEDO, 2012, p. 92). No decorrer das entrevistas, constatou-se que os entrevistados observam as experiências

durante praticamente o ano todo, incluindo quase todos os meses do 1º semestre do ano, em que são verificadas as experiências observadas no 2º semestre.

O último dia considerado como experiência, em relação ao período adequado à sementeira, é 19 de março, dia de São José. Se nesse dia chover, pode plantar que colhe; agora, se não chover, significa que mesmo que chova dias à frente, não será suficiente para a maturação das culturas semeadas. Abril e maio foram citados como meses de observação, contudo, se constituíram em casos esporádicos dentro do universo. As experiências de inverno estão concentradas, em ordem de maior citação, nos meses de novembro, dezembro, outubro, janeiro e setembro (Quadro 1).

QUADRO 1 – PERÍODO DE OBSERVAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS DE INVERNO NOS MUNICÍPIOS DE CAICÓ, ACARI, LAGOA NOVA E PARELHAS, SEGUNDO OS DADOS DA PESQUISA

Meses	Nov.	Dez.	Out.	Jan.	Set.	Mar.	Ago.	Jun.	Fev.	Jul.	Mai	Abr.
%	58,0	50,0	31,0	30,0	13,0	10,0	5,0	5,0	4,0	4,0	4,0	1,0

% – Percentual

FONTE: Elaborado pelas autoras, 2012.

O período das chuvas no Seridó é esperado com grande expectativa pelos sertanejos, que aguardam uma quadra chuvosa (período chuvoso que compreende os primeiros meses do ano (fevereiro a maio)) que proporcione o bem-estar da vida no sertão do semiárido potiguar. Nesse sentido, as experiências de inverno são uma forma de amenizar a expectativa das chuvas. Ao serem questionados sobre o uso das experiências e sua importância para a vida deles, 50,2% responderam que estas servem para organizar as atividades no campo, 20,7% responderam não e 30% não sabem, não se aplica ou não responderam (NS/NS/NR). Do total de entrevistados, 53,5% consideram esse conhecimento muito importante, enquanto 14,9% dizem não ter importância para suas vidas e 31,6% não opinaram.

## 2.2. Experiências de inverno: elementos, sinais indicativos e tipos de previsão

Os sertanejos elencaram vários elementos que compõem a paisagem dos Sertões do Seridó, os quais são utilizados na previsão do tempo. Conforme citado anteriormente, entre os entrevistados que conhecem ou já ouviram falar das experiências de inverno, 63,1% têm o hábito de observá-las. A partir da técnica de categorização

proposta por Bardin (2010), as experiências puderam ser agrupadas e categorizadas de acordo com a sua natureza.

Dessa forma, as experiências estão categorizadas em oito elementos gerais e os elementos específicos a que correspondem (Figura 2).

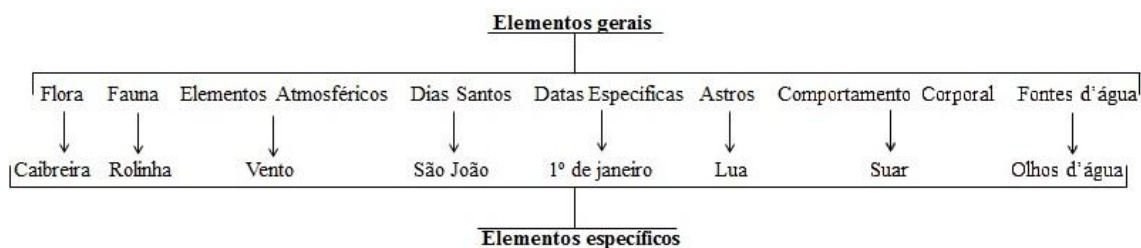


FIGURA 2 – Elementos categorizados a partir das experiências dos sertanejos sobre a paisagem dos Sertões do Seridó

FONTE: Elaborado pelas autoras, 2012.

Vale salientar que a categorização dos elementos gerais é uma classificação das autoras tomando como referência os elementos específicos citados pelos sertanejos seridoenses. A seguir, segue uma breve apresentação das experiências de inverno observadas pelos entrevistados. Os sinais indicativos, que estão entre aspas, são os termos proferidos pelos sertanejos para prognosticar o “inverno”<sup>6</sup> e o tempo. Algumas experiências são caracterizadas com termos bem peculiares da região, como, por exemplo, carga/carregar, que se refere aos processos de floração e frutificação das espécies vegetais. A flora e a fauna foram as categorias com maior número de elementos elencados pelos sertanejos.

### 2.2.1. Flora

Sinais de “bom inverno”<sup>7</sup>: **Caibreira** – quando carrega muito; se florar redondo<sup>8</sup> e segurar a flor; florar todas [as espécimes] de uma vez; segurar a carga<sup>9</sup>. **Juazeiro** – segurar a carga; trocar a folhagem. **Cajueiro** – segurar os frutos; florar redondo; no mês de fevereiro soltar a folha. **Aroeira** – carregar bem; segurar a carga. **Mangueira** –

<sup>6</sup> O termo “inverno” na região do Seridó refere-se ao período chuvoso que compreende os meses de fevereiro a maio, mas não tem relação com as estações do ano.

<sup>7</sup> É um inverno que chove de 3 a 4 meses. A precipitação pode chegar de 600 a 900 mm, nasce pastagem abundante para os animais, os açudes enchem, favorece o desenvolvimento da agricultura, havendo muita fartura.

<sup>8</sup> Florar redondo significa que a planta florou igual em todos os seus lados.

<sup>9</sup> Significa que a planta observada segurou a floração e a frutificação, não deixando cair no solo as flores e os frutos antes do período normal de maturação e dispersão da espécie.

carregar muito; carregar redondo; segurar a carga. **Quixabeira** – carregar; se a folha verde amarelar em novembro/dezembro. **Umbuzeiro** – quando floresce bem; florar em todos os lados. **Barriguda** – carregar muito; segurar a carga. **Jatobá** – segurar a vagem. **Seriguela** – se nascer os frutos só na madeira; carregar bem (fruto). **Mandacaru** (Fig. 3) – segurar a carga, carregar bem. **Catingueira** (Fig. 4) – produzir muita resina amarela em novembro e dezembro. **Embiratanha** – segurar a carga. **Pau-pedra** – carregar muito; segurar a carga. **Carnaúba** – segurar a carga. **Oiticica** – produzir frutos; carregar muito.



FIGURA 3 – Flor do Mandacaru  
FONTE: Neusiene Silva, 2013.



FIGURA 4 – Resina da Catingueira  
FONTE: Neusiene Silva, 2012.

**Mato** – o mato<sup>10</sup> trocar a folhagem para o natal. **Feijão-bravo, Pereiro e Xiquexique** – florar. **Pau-d’arco** – carregar; segurar a carga. **Cumarú** – carregar; segurar a carga; carregar muito. **Jurema** – segurar a carga; carregar muito; ao ser cortada nos meses de novembro/dezembro, sair uma água [seiva]; Enxerco de Jurema<sup>11</sup> concentrado em um único canto. **Angico** – segurar a carga; produzir resina. **Flamboyant** – florar em todos os lados. **Marizeiro** – florar bastante. Sinais do “início do inverno”: **Juazeiro** – o juá (fruto) só cai maduro, no solo, quando está chovendo. **Feijão-bravo** – só debulha a vagem quando o inverno chega. Sinais de “inverno atrapalhado”.<sup>12</sup> **Mangueira** – carregar só de um lado. **Cajueiro** – quando a maioria das castanhas nasce do lado do poente. Sinais de “inverno ruim”.<sup>13</sup> **Mandacaru** – florar na primeira chuva. **Umbuzeiro** – florar de uns lados e outros não. **Pereiro** – no final do ano, se quebrar um galho e ele estalar. Sinais de “inverno tarde”: **Cajueiro** – demorar a produzir caju. Sinais de seca: **Mangueira** – carregar pouco. Sinais de “pouca chuva”: **Juazeiro** – o juá (fruto) cair no

<sup>10</sup> Refere-se à vegetação.

<sup>11</sup> Planta parasitária que, pelos relatos dos entrevistados, é encontrada sobre espécimes de jurema-preta.

<sup>12</sup> É um “inverno” cheio de veranicos chovendo um mês e outro não, por exemplo. Chove fora do tempo, ou seja, quando não é no período correto para a sementeira.

<sup>13</sup> É o “inverno” que não acontece, dá algumas chuvas e não chove mais. Está bem próximo de uma seca, mas não chega a ser literalmente.

chão antes de chover. Sinais de “inverno cedo”: **Juazeiro** – se carregar cedo. Sinais que indicam a direção que virá o inverno: **Cajueiro** – observar o lado que o cajueiro florar (Norte, Sul, Leste, Oeste), se florar do lado Norte o inverno virá do Norte e entre outros Sinais de chuva próxima: **Mandacaru** – quando flora na seca.

### 2.2.2. Fauna

Sinais de “bom inverno”: **Rolinha**<sup>14</sup> (Fig. 5) – fazer ninhos; pôr muito; fazer seu ninho sobre as plantas. **Fura-barreira**<sup>14</sup> – fazer a entrada dos ninhos na direção norte. **Mocó**<sup>15</sup> – crescer o rabo; se estiver magro; reproduzindo em novembro/dezembro. **João-de-barro**<sup>14</sup> – quando faz muitos ninhos; fizer o ninho com a entrada para o poente (Oeste). **Formiga**<sup>16</sup> – quando faz os ninhos nos altos; Formiga-de-roça preta criar asas; Formiga Alemanha sair do porão dos açudes em direção aos altos. **Tatu**<sup>15</sup> – reproduzindo. **Caboré**<sup>14</sup> – cantar durante a noite. **Gato doméstico**<sup>15</sup> – reproduzindo em dezembro. **Tetéu**<sup>14</sup> – sair do meio do rio; pôr no tabuleiro longe da água. **Abelhas**<sup>16</sup> – se o Enxu verdadeiro tiver com muitos “filhotes” e sem mel; quando tem muita abelha. **Lagarta de pedra**<sup>15</sup> – no começo de inverno encontrar muitas lagartas sob as pedras. **Cururu (sapo)**<sup>17</sup> – “cantar” no período seco (emissão de som). **Carão**<sup>14</sup> – cantar. **Gado**<sup>15</sup> – quando nasce bezerro macho. **Preá**<sup>15</sup> (Fig. 6) – crescer o rabo; reproduzir em novembro/dezembro. **Guiné**<sup>14</sup> – começar a pôr em novembro.



FIGURA 5 – Rolinha Cascavilinha no ninho.  
FONTE: Neusiene Silva, 2012.



FIGURA 6 – Preá com filhotes.  
FONTE: Neusiene Silva, 2012.

<sup>14</sup> Ave.

<sup>15</sup> Mamífero.

<sup>16</sup> Inseto.

<sup>17</sup> Anfíbio.

**Papa-sebo**<sup>14</sup> – reproduzindo no final do ano. **Peixe** – Curimatã estiver ovada no final do ano; peixes ovados. **Sabiá**<sup>14</sup> – cantar no final do ano. **Coruja**<sup>14</sup> – pôr muito. **Mãe-da-lua**<sup>14</sup> – cantar de madrugada. **Gavião vermelho**<sup>14</sup> – sair da serra e sentar no chão. Sinais de chuva próxima:<sup>18</sup> **Fura-barreira** – se cantar chove depois de três dias. **Caboré** – quando começa a cantar. **Formiga**<sup>16</sup> – quando as Formigas pretas criam asas e ficam assanhadas (quando desenvolvem as asas ficam inquietas e saem voando). **Abelhas** – quando procuram as casas abandonadas. **Cururu (sapo)** e **rã**<sup>17</sup> – quando eles “cantam” (emissão de som). **Muriçoca**<sup>16</sup>, **mosca**<sup>16</sup> e **maribondo**<sup>16</sup> – se aproximar das casas (entre janeiro e março). Sinais de inverno próximo: **Cupim**<sup>16</sup> – cupinzeiro estiver com muitos “filhotes”; reformar o cupinzeiro com mais barro; criar asa. **Carão**<sup>14</sup> – cantando no açude. Sinais de “inverno ruim”: **Mocó**<sup>15</sup>: se estiver gordo. **Preá** – se estiver com o saco vazio<sup>19</sup> (testículos). **Guiné** – pôr no chão sem ninho. **Peixe** – o peixe desovar na primeira chuva. **Tejo**<sup>20</sup> – não sair de dentro da toca. Sinais de “inverno cedo”: **Rouxinol**<sup>14</sup> – fazer ninho no telhado das casas em novembro. **Cururu (sapo)** – começar a cantar cedo. **Camaleão**<sup>20</sup> – quando ele se enterra. Sinais de “inverno fraco”:<sup>21</sup> **Abelhas** – o Enxu verdadeiro tiver muito mel e poucos “filhotes”. **Rolinha** – pôr no chão. Sinais de “inverno tarde”: **Fura-barreira** – fazer a entrada do ninho para o nascente (Leste). Sinais do nível de água nos corpos d’água: **Fura-barreira** – o local do ninho na barreira do rio/riacho indica o nível que a água poderá chegar. Sinais de “inverno prolongado”: **Cigarra**<sup>16</sup> – quando chovendo, ela cantar muito. Sinais de seca prolongada: **Cigarra** – se tiver na seca e ela cantar muito. Sinais de seca: **Maribondo** – não aparecer nas casas das pessoas. **Tatu**<sup>15</sup> – não reproduzir. Sinais de veranicos: **Formiga** – se a Tanajura cair e passar três dias sem chover significa que vai demorar a chover novamente. Sinais de chuva para o mesmo dia: **Formiga** – quando as Formigas se escondem. Sinais de tempestade: **Gado** – colocar o focinho no chão, cheirar a terra e olhar para o pasto. Sinais do início das chuvas: **Cajaquinha**<sup>14</sup> – se fizer o ninho dentro da manga do gado (corredor cercado, com arame, o qual leva a um corpo d’água, onde os bovinos vão saciar a sede), demora a chover.

<sup>18</sup> Estes sinais revelam que já está bem próximo de chover, podendo ser uma questão de poucos dias.

<sup>19</sup> Testículos secos.

<sup>20</sup> Réptil.

<sup>21</sup> É um inverno bem abaixo da média.

### 2.2.3. Elementos Atmosféricos

Sinais de “bom inverno”: **Redemoinhos** – ocorrências de muitos redemoinhos no final do ano. **Frio**: nas madrugadas do final do ano fazer frio. **Relâmpagos** – relampejando para o poente; relampejando no Ceará no final do ano. **Chuva** – ocorrência de chuvas no final do ano. **Vento** – soprando do Norte, do Nordeste para o Sul, do poente (Oeste) para o nascente (Leste); soprando forte; ventando forte no final do ano. Sinais de chuva próxima: **Temperatura**: quando a temperatura do dia aumenta e fica abafada. **Relâmpagos** – ocorrência de relâmpagos. Sinais de “inverno ruim”: **Vento**: no final do ano e início do outro ventar do Sul para o Norte. Sinais de chuva imediata: **Vento** – vento forte do poente, mais ocorrências de redemoinhos e de repente parar de ventar. Sinais de ocorrência de chuvas: **Nuvem Mariana** – se a nuvem Mariana passar com dois meses chove. Sinais de seca: **Relâmpagos** – relampejando para o nascente.

### 2.2.4. Dias Santos

Sinais de “bom inverno”: **São João** (24 de junho) – se a cinza da fogueira estiver durinha sem estar espalhada; se enterrar uma garrafa com água sob a fogueira e ela sangrar<sup>22</sup>. **Corpus Christi** – se tiver preparação do tempo para chuva. **Nossa Senhora Aparecida** (12 de outubro) – se tiver preparação para chuva. **Nossa Senhora da Luz** (2 de fevereiro) – ocorrência de relâmpagos. **Nossa Senhora da Conceição** (8 de dezembro) – se chover; se relampejar. **Santa Luzia** (13 de dezembro) – tiver carregaço do tempo<sup>23</sup> na véspera e no dia. **São Sebastião** (20 de janeiro) – serenar ou ficar nublado. **São José** (19 de março) – ocorrência de chuvas. Sinais de “inverno fraco”: **São Pedro** (29 de junho) e **São João** – chover no dia desses santos. Sinais de seca: **São João** – se enterrar uma garrafa com água sob a fogueira e ela diminuir a água. Sinais de “inverno ruim”: **São João** – se a cinza da fogueira estiver espalhada.

### 2.2.5. Datas específicas

Sinais de “bom inverno”: **1º de janeiro** – se todos os pássaros cantarem de manhã bem cedo; se o sol nascer por trás de uma nuvem (barra de dia de ano); chover; o sol nascer

<sup>22</sup> Transbordar.

<sup>23</sup> Refere-se à preparação do tempo para chuva, como a formação de nuvens, ocorrência de relâmpagos e trovões etc.

amarelo. **Finados** (2 de novembro) – se tiver preparação para chuva. **4 de outubro** – o sol se pôr vermelho e bem grande com uma névoa na frente. **Lua cheia e nova de outubro** – têm que estar com as pontas viradas para o norte. **18 de outubro** – o sol nascer por trás de uma nuvem; se relampejar. **7, 17 e 27 de janeiro** – se chover. **1ª lua de janeiro** – se nascer por trás de uma barra (nuvem); for cheia ou nova. Sinais de “inverno atrapalhado”: **1ª lua de janeiro** – se a 1ª lua nascer limpa, sem nenhuma nuvem em frente. Sinais de “inverno ruim”: **1ª lua cheia de janeiro** – nascer vermelha e limpa (sem nuvens). **1º de janeiro** – o sol nascer vermelho. **2 de janeiro** – quando o sol nascer estiver ventando muito.

#### 2.2.6. *Astros*

Sinais de “bom inverno”: **Cruzeiro do sul**<sup>24</sup> – quando o cruzeiro está manchado. **Sol** – se se pôr vermelho no final do ano. **Barquinha de Noé**<sup>24</sup> – se nascer às 6 ou 7 horas no Norte. **Estrela-d’alva** – se viajar para o norte. Sinais de seca: **Estrela-d’alva** – se viajar para o sul. Sinais de inverno próximo: **Lua** – quando a lua está mais para o norte. Sinais de ocorrência de vento: **Lua** – se tiver a bulandeira<sup>25</sup> de cor cinza em volta da lua. Sinais de dia quente: **Lua** – se tiver a bulandeira de cor vermelha.

#### 2.2.7. *Comportamento Corporal*

Sinais de “bom inverno”: **Suar** – se estiver tirando leite no curral de madrugada e suar a camisa. Sinais de chuva próxima: **Suar** – se sentir muito calor e suar até pingar chove com três dias.

#### 2.2.8. *Fontes d’água*

Sinais de “bom inverno”: **Olho d’água** – se no final do ano encher ou aumentar o nível da água.

Os sertanejos sempre observavam os mesmos elementos. Por vezes, os sinais indicativos e o tipo de previsão (seca, inverno “bom”/“ruim” entre outros) em relação a

<sup>24</sup> Constelação.

<sup>25</sup> É um círculo de cores em torno do sol e da lua, de cor cinza, e às vezes aparece com cores semelhantes às do arco-íris (halo solar e halo lunar).

um mesmo elemento (sol, lua, Abelhas entre outros) variavam de entrevistado para entrevistado.

Nesse sentido, a percepção dos elementos de uma paisagem pode ser realizada de forma distinta por cada ser humano. Isso acontece devido à apreensão ser seletiva. Desse modo, cada pessoa pode apresentar uma interpretação sobre um mesmo fato (SANTOS, 1997; TUAN, 1983).

Como se enfatizou anteriormente, a percepção da paisagem, por si só, ainda não se constitui no conhecimento. Para isso, é necessária a interpretação do sujeito sobre o que se está observando (SANTOS, 1997; TUAN, 1983). Sendo a interpretação um processo individual, o modo como se vê e interpreta a realidade é diferenciado em cada sujeito. Mesmo havendo, por vezes, divergências na forma de observar os mesmos elementos da paisagem seridoense, os sertanejos apresentam muitas convergências.

### 2.3. O papel das experiências no modo de vida dos sertanejos

Dos 241 entrevistados, 129 afirmaram que as experiências são importantes, sendo possível identificar as possíveis funções que as experiências de inverno exercem na vida dos sertanejos seridoenses. Abaixo, segue o Quadro 2, com as funções categorizadas a partir da fala dos sertanejos.

QUADRO 2 – FUNÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS DE INVERNO PARA O SERTANEJO SERIDOENSE DAS COMUNIDADES RURAIS DOS MUNICÍPIOS DE ACARI, CAICÓ, PARELHAS E LAGOA NOVA

<b>1 – Aprendizagem/sentimento de pureza da natureza</b>	<b>2 – Fé em Deus</b>	<b>3 – Contemplação da natureza</b>
“Eu faço essas experiências mais de uma vez e acontece. Então é como ser professor” / “Porque eu estudo a natureza e vejo que ela não tem maldade”.	Porque tem fé em Deus / “Porque deixa na lembrança de outras pessoas. Quando eu faço me lembro de Deus”!	“É importante... é importante porque é coisa da natureza” / Porque ela é uma pessoa de idade ligada à natureza.
<b>4 – Sentimento de alegria e esperança</b>	<b>5 – Organização do trabalho</b>	<b>6 – Prevenção<sup>26</sup></b>
“Porque quando o inverno está pra chegar tudo fica alegre” / “Achando que vai ser bom o ano o agricultor fica contente” / “Logo em janeiro quando as Formigas aparecem já anima” / “Anima mais para plantar” /	“A gente precisa se reger pela natureza” / No início do ano começa a preparar a terra, ver o tamanho da terra, organizar a produção / Para saber se deve aumentar a produção ou não / “Porque já [...] e preparo e	“Para se prevenir mais ou menos” / Porque elas indicam o período chuvoso, dá esperança e assim não vende o gado/ “Porque o cabra <sup>27</sup> já tem uma segurança, às vezes o cabra tem que vender o animal” / “Porque

<sup>26</sup> As categorias previsão e prevenção, nesse contexto, têm sentidos diferentes. Previsão refere-se aos entrevistados que observam as experiências para saber a condição meteorológica, mas não necessariamente usam para se prevenir de possíveis efeitos de uma seca. Prevenção são os que observam com o objetivo de se prevenir e não apenas de prever e saber a condição do tempo.

<sup>27</sup> Cabra, nesse trecho, refere-se ao próprio entrevistado e aos homens de modo geral.

“Porque dá esperança” / “Porque dá muita animação” / Porque tem esperança de um inverno bom com boa produção.	compro garrote. Preparar a terra/arar” / “São muito importantes para se basear na plantação” / “Se tiver sinais, eu planto mesmo”.	você já se previne” / “Porque a gente se previne de muita coisa”. / “Porque a gente se previne diminuindo o rebanho”.
<b>7 – Previsão<sup>6</sup></b>	<b>8 – Fartura</b>	<b>9 – Verdade/revelação</b>
“São, porque se a gente não vê esses sinais já sabe que o inverno vai ser tarde” / “Para saber se o inverno vai ser bom” / “Porque é importante saber o que vai acontecer” / “Porque já tenho uma ideia do inverno e da produção”.	“Para a pesca (açude cheio)” / Porque aumenta a produção do peixe/ Porque é sinal que vai ter fartura para ele e os brutos/ “Porque eu planto e eu tenho o que comer e para os animais”.	“Porque elas têm dado mais positivo do que negativo” / “Sempre dá certo” / “Sempre que se observa, dá certo” / “Porque para mim nunca mentiu”.

FONTE: Elaborado pelas autoras, 2012.

Mas, se por um lado as experiências são reproduzidas sistematicamente por essa população, há também aqueles que observam mudanças nesse processo. Foram vários os relatos em que tal condição pôde ser observada: “Antes de o homem estudar era isso que valia para agricultura”. / “Antes era mais importante, que se plantava mais”. / “Já foi importante, mas agora o sistema está mudando, antes não tinha as previsões da TV”.

De um modo geral, identificou-se que as experiências têm função mais subjetiva do que essencialmente prática. Estas têm a função de criar laços de conhecimento e aprendizagem entre a natureza e o homem; por vezes, o sertanejo é o professor e a natureza a mestra, por outras, ele é apenas aluno; de intermediar a fé em Deus; fornecer alegria e esperança no desejo de um ano vindouro próspero de muitas chuvas; de organizar as atividades do campo através do manejo do roçado, na decisão do tamanho da área a ser cultivada e na compra de animais. As experiências atuam, também, como preventivas dos possíveis efeitos das secas, fazendo com que os agricultores antecipem a venda de animais. Quando os sinais das experiências são positivos, ou seja, indicam chuva, significa que haverá fartura para a população e para os animais.

A função primordial das experiências de inverno é a previsão, contudo, nem todos os sertanejos observam a paisagem com a finalidade única de prever o tempo. O sertanejo observa as experiências de inverno também para manter uma relação de proximidade com a natureza (aprendizagem/sentimento de pureza) e para admirá-la (contemplação da natureza). Por sua vez, as experiências geralmente exercem mais de uma função para o sertanejo.

Dos entrevistados que conhecem/ouvem ou observam as experiências, 50% alegam usar os prognósticos para organizar suas atividades. Mas, verificou-se que as experiências de inverno têm a função principal de dar mais ânimo, esperança e reduzir a

ansiedade dos seridoenses, do que propriamente preveni-los ou ajudá-los a planejar suas ações, visando aumentar sua produção e/ou evitar possíveis prejuízos advindos das secas.

A afirmação de Macedo (2012, p. 92) vem ratificar essa função, ao indicar ser a experiência “uma forma, sem dúvida, de convivência com a imperiosa certeza das estiagens que se plasmou em artes divinatórias servindo mais à esperança que a atitude de prevenção”. Os prognósticos são sempre realizados na expectativa de um bom inverno e quando estas se configuram em predições negativas, os sertanejos preferem acreditar em Deus, pois somente este poderia mudar o quadro previsto.

Constatou-se entre os entrevistados que está ocorrendo uma redução das atividades agrícolas em relação a outros períodos. A situação que se instala se deve a fatores relacionados principalmente à falta de recursos e/ou acesso ao crédito para investir no desenvolvimento de suas atividades. O clima e as condições meteorológicas da região são outras dificuldades bastante relatadas. As altas temperaturas e as irregularidades pluviométricas (excesso ou a ausência de chuvas) dificultam a produção, levando muitas vezes a prejuízos e desestimulando o homem do campo.

Dificuldades na comercialização, terras fracas ou degradadas, diminuição da produtividade, condições físicas das estradas, pragas, falta de mão de obra e equipamentos, difícil acesso à terra, falta de incentivo do governo, pouco acesso à energia elétrica, custo de energia elevado, entre outras, completam o quadro dos obstáculos elencados pelos sertanejos.

Esses fatores sumariamente contribuem para desestimular a atividade agrícola no universo pesquisado. Já a pecuária, por ser uma atividade de colonização do Seridó, constituiu-se como um dos tripés de sua economia na história e permanece disseminada entre os criadores. Dos 241 entrevistados, 144 afirmam desenvolver a pecuária. A atividade atua como “poupança viva”, ou seja, em casos de necessidades, esses animais são vendidos para comprar ou investir em algum empreendimento.

A história da região permitiu que a pecuária se configurasse, entre os entrevistados, como uma atividade tradicional. Nesse sentido, é importante para o sertanejo, porém, mais que uma condição meramente econômica, é a satisfação de ter em sua propriedade, pelo menos, algumas cabeças de gado. A terra impõe para os mesmos a necessidade de ocupação, e esta, no momento que não é ocupada com algum tipo de criação ou outra atividade, perde seu sentido e seu valor.

Por outro lado, as ações e políticas de convivência com o semiárido (emergências, frentes de trabalho, política de açudagem, desenvolvimento de tecnologias de armazenamento de água, bolsa seca, entre muitas outras), os benefícios sociais do governo (bolsa-família, aposentadorias) e o desenvolvimento de outras atividades no campo (pluriatividade) têm contribuído para a redução da vulnerabilidade dos entrevistados face às adversidades ambientais.

Na área de estudo, observou-se que a população é constituída principalmente por pessoas mais velhas porque seus parentes (filhos) comumente migraram para as cidades do Rio Grande do Norte ou para outros Estados, geralmente por três motivos: em busca de trabalho, casar ou estudar. Dessa forma, há falta mão de obra para trabalhar na agricultura. Os entrevistados, em grande parte, têm aposentadoria, recebem benefícios do governo (bolsa-escola) e desenvolvem mais de um tipo de atividade. Para a maioria dos entrevistados, a renda externa (aposentadoria, bolsa-escola, entre outros) é maior que a gerada dentro do estabelecimento (fazenda, sítio, propriedade).

Diante desse quadro, os prognósticos meteorológicos vão perdendo a função prática de prever chuva ou seca visando ajudar o sertanejo seridoense a se prevenir contra os efeitos da estiagem e/ou organizar o sistema produtivo, aumentando a área de plantio, cultivando o roçado, comprando bovinos, ovinos, caprinos, entre outros. Conhecer a condição meteorológica futura, de certo modo, já não é tão necessário porque o sertanejo seridoense não depende exclusivamente do seu trabalho na terra para sobreviver.

#### *2.4. Sertanejo x Meteorologistas*

Os entrevistados afirmaram que, nos últimos anos, está ocorrendo redução na frequência dos anos secos. Quando questionados, no mês de novembro de 2011, sobre a condição pluviométrica de 2012, a maioria respondeu que até aquele momento as previsões estavam indicando um ano de “bom inverno”, enquanto a minoria afirmava que os sinais da natureza estavam indicando um ano de seca e/ou atrapalhado/tardio (Quadro 3).

Todas as previsões mostravam um ano regular de inverno, tanto pelos sertanejos como pela Empresa de Pesquisa Agropecuária do Rio Grande do Norte (EMPARN). Em notícias divulgadas pelo jornal *Tribuna do Norte*, em janeiro de 2012, a EMPARN previa um ano regular de chuvas, com estimativas pluviométricas de 600 a 700 mm para

o semiárido potiguar (ATUAÇÃO, *Tribuna do Norte*, 2012). Mas, o parecer final só seria divulgado após reunião a ser realizada em Natal, no mês de fevereiro de 2012.

Após a reunião de meteorologistas de todo o país, em Natal/RN, na 4ª Reunião de Análise Climática para a Região Nordeste, foi concluído que, entre os meses de março a maio, o volume de chuvas ficaria entre 500 e 650 mm, constituindo-se num inverno regular (INVERNO, *Tribuna do Norte*, 2012). Mas, o que aconteceu foi um quadro assolador de seca em todo o sertão potiguar e em outros Estados do Nordeste.

Não significa que as previsões da EMPARN e dos agricultores não tenham credibilidade em cada contexto em que se aplicam. Isso mostra que a situação meteorológica do Nordeste não é fácil de prever, até mesmo para os meteorologistas que dispõem de grande aparato tecnológico. Ou seja, tanto uma previsão como a outra são passíveis de erros. Parte dos entrevistados mostrou-se bastante confiante nas previsões dos meteorologistas, o que mostra a influência dos meios de comunicação em massa (rádio e televisão). Há certa resistência por parte de alguns agricultores em acreditar nas previsões dos meteorologistas, mas estão ocorrendo mudanças de pensamento (Quadro 4).

QUADRO 3 – PREVISÃO METEOROLÓGICA PARA 2012 PELOS SERTANEJOS A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DE INVERNO EM NOVEMBRO DE 2011

Categorias	%
Inverno <sup>28</sup>	59,5
Inverno fraco	4,5
Seca	4,5
Inverno tardio	1,5
NS/NR	30,0

QUADRO 4 – PERCENTUAL DOS ENTREVISTADOS QUE ACREDITAM OU NÃO NAS PREVISÕES METEOROLÓGICAS QUE SÃO DIVULGADAS PELO RÁDIO E TELEVISÃO

Categorias	%
Sim	57,3
Não	22,8
Outra	10,8
NS/NR	9,1

NS/NR – Não sabe ou não respondeu.

A maioria dos entrevistados acredita nas previsões dos meteorologistas, argumentando que os acertos das previsões meteorológicas vêm se acumulando ao longo dos anos. Outros justificam que as previsões, por serem fundamentadas em

<sup>28</sup> Vale ressaltar novamente que inverno refere-se ao período chuvoso da região (fevereiro a maio) e não à estação do ano.

estudos científicos, são mais confiáveis. Todavia, observou-se o predomínio da fé em Deus, independente de estas se concretizarem ou não. Conforme o relato de alguns entrevistados: “Deus é quem sabe” / “só acredita em Deus” / “é Ele quem sabe de tudo” / “Não tem quem sabe, é Deus quem manda” / “Mas é porque estudaram pra isto. Mas é só Deus quem sabe”.

Os usos destas experiências estão mais direcionados a preencher a vida sertaneja de esperança, que propriamente a fornecer um prognóstico que auxilie na organização do seu trabalho no campo.

### ***Considerações finais***

Na atualidade, as experiências de inverno têm a função para os sertanejos seridoenses, habitantes da zona rural dos municípios de Acari, Caicó, Parelhas e Lagoa Nova, de ser uma das “[...] poucas esperanças que o sertanejo guarda para nutrir sua existência [...]” (MACEDO, 2012, p. 91). Estes são conhecimentos que, mesmo diante dos processos de modernização tecnológica das previsões meteorológicas, ainda encontram-se bastante disseminados.

Salienta-se que, entre os entrevistados, a prática agrícola é quase sempre realizada com os mesmos tipos de culturas, em especial milho e feijão, e para aqueles que relataram fazer uso das experiências na organização do trabalho, estariam relacionadas principalmente à produção agrícola no que diz respeito ao preparo do solo (limpeza, cortar/arar a terra dos roçados) e estimar a produção para semeadura das sementes. Mais do que permitir ao homem do campo uma organização do trabalho em relação à previsão do tempo, as experiências são elos do homem com a natureza, do seu ser com Deus, do desejo de desvendar os segredos da natureza e do futuro próximo, que são intensificados nos meses finais e confirmados no início de cada ano. É esse elo que mantém vivo o conhecimento tradicional das experiências de inverno até mesmo para aqueles sertanejos que migraram para as cidades interioranas e litorâneas, longe da caatinga e do campo, mas que guardam tais experiências vivas na memória.

### **Agradecimentos**

Ao DAAD (Deutscher Akademischer Austausch Dienst – German Academic Exchange Service) pelo financiamento da pesquisa.

Aos professores e alunos do Laboratório de Estudos Rurais da UFRN, pelo apoio incondicional ao desenvolvimento do trabalho.

À Rede Clima e a Sub-rede Mudanças Climáticas e Desenvolvimento Regional de responsabilidade do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS/UnB), pela parceria na execução das atividades de campo.

### **Referências**

- AB’SÁBER, A. N. *Os domínios de natureza do Brasil: potencialidades paisagísticas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- ALBUQUERQUE JR., D. M. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN. Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.
- ALMEIDA, A. V. Prescrições zoterápicas indígenas nas obras de Guilherme Piso (1611-1678). In: ALVES, Ângelo Giuseppe Chaves *et al.* (Org.). *Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia*, v. 2. Recife: NUPEEA/Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2005.
- ARAÚJO, Helder Farias Pereira de; LUCENA, Reinaldo Farias Paiva de; MOURÃO, José da Silva. Prenúncio de chuvas pelas aves na percepção de moradores de comunidades rurais no município de Soledade – PB, Brasil. *Interciência*, Caracas, Venezuela: Asociación Interciência, v. 30, n. 12, p. 764-769, dec. 2005. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/339/33911108.pdf>>. Acesso em: maio 2011.
- ATUAÇÃO de La Niña favorece inverno no sertão nordestino. *Tribuna do Norte Online*. Natal, 12 de jan. 2012. Disponível em: <<http://tribunadonorte.com.br/noticia/atuacao-de-la-nina-favorece-inverno-no-sertao-nordestino/208781>>. Acesso em: jul. 2012.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2010.
- BERQUE, A. Paisagem-marca, paisagem-matriz. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- BRUNO, F.; MARTINS, K. P. H. Profetas da natureza: ver e dizer no sertão. *Intexto*, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 18, p. 1-12, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/intexto/article/download/6734/4036>>. Acesso em: dez. 2011.
- COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S. V. (Orgs.). *Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001. (Biodiversidade, 4).
- FARIA, O. L. de. *Sertões do Seridó*. Brasília: [s.n.], 1980.
- FOLHES, M. T., DONALD, N. Previsões tradicionais de tempo e clima no Ceará: o conhecimento popular a serviço da ciência. *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, v. 19, n. 2, p. 19-31, dez. 2007. Disponível em:

<<http://www.sumarios.org/resumo/previs%C3%B5es-tradicionais-de-tempo-e-clima-no-cear%C3%A1-o-conhecimento-popular-%C3%A0-servi%C3%A7o-da-ci%C3%A0ncia->>. Acesso em: maio 2011.

GUERRA, P. B. *A civilização da seca*. Fortaleza: DNOCS, 1981.

GUILLEN, I. C. M. Sertão e a identidade nacional em Capistrano de Abreu. In: BURITY, Joanildo A. (Org.). *Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 105-123.

INVERNO terá chuvas regulares. *Tribuna do Norte on-line*. Natal, 18 de fev. 2012. Disponível em: <<http://tribunadonorte.com.br/noticia/inverno-tera-chuvas-regulares/212404>>. Acesso em: jul. 2012.

LUCENA, R. F. P. de *et al.* A flor chegou, chuva avisou: meteorologia popular no semiárido paraibano. In: ALVES, Giuseppe Chaves; LUCENA, Reinaldo Farias Paiva de; ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de (Orgs.). *Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia*. v. 2. Recife: NUPPEEA/Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2005. p. 171-182.

MACEDO, M. K. de. *A penúltima versão do Seridó: espaço e história do regionalismo seridoense*. 1988. 200 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1998.

\_\_\_\_\_. *A penúltima versão do Seridó: espaço e história do regionalismo seridoense*. Natal: EDUFRN; Campina Grande: EDUEPB, 2012.

MAGALHÃES, J. Previsões folclóricas das secas e dos invernos do Nordeste. Brasileiro. Imprensa Universitária do Ceará. Fortaleza – CE. 1963, p. 98-137. In: ROSADO, Vinght-un; ROSADO, América (Sel. e Org.). *12º Livro das secas*. Edição especial para o acervo virtual Oswaldo Lamartine de Faria. Disponível em: <[http://www.colecaomossoroense.org.br/acervo/12\\_livro\\_das\\_secas.pdf](http://www.colecaomossoroense.org.br/acervo/12_livro_das_secas.pdf)>. Acesso em: mai. 2011.

MAIA, G. N.. *Caatinga: árvores e arbustos e suas utilidades*. São Paulo: D&Z Computação Gráfica e Editora, 2004.

MARQUES, J. G. W. “É pecado matar a esperança, mas todo mundo quer matar o sariguê”. Etnoconservação e catolicismo no Brasil. In: ALVES, Ângelo Giuseppe Chaves *et al.* (Org.). *Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia*. v. 2. Recife: NUPEEA/Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2005. p. 25-43.

MELO, Rosilene Alves de. Almanques de cordel: do fascínio da leitura para a feitura da escritura, outro campo de pesquisas. *Revista IEB*, n. 2, p. 107-122, set. 2011/mar. 2012.

MOLION, L. C. B.; BERNARDO, S. O. Uma revisão da dinâmica das chuvas no nordeste brasileiro. *Revista Brasileira de Meteorologia*, v. 17, n. 1, p. 1-10, 2002. Disponível em: <[http://www.rbmet.org.br/port/revista/revista\\_artigo.php?id\\_artigo=548](http://www.rbmet.org.br/port/revista/revista_artigo.php?id_artigo=548)>. Acesso em: maio 2011.

MORAIS, I. R. D. *Seridó Norte-rio-grandense: uma geografia da resistência*. Caicó: Ed. do autor, 2005.

ROQUE, A. *Potencial de uso dos recursos vegetais em uma comunidade rural do semiárido do Rio Grande do Norte*. 2009. 79 f. Dissertação (Mestrado em

Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal (RN), 2009.

SAMPAIO, E.; RODAL, M. D. J. Fitofisionomia da caatinga. (Documento para discussão no GT Botânica). In: \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. *Avaliação e identificação de ações prioritárias para a conservação, utilização sustentável e repartição dos benefícios da biodiversidade do bioma caatinga*. Petrolina, 2000. Disponível em: <<http://www.biodiversitas.org.br/caatinga/relatorios/fitofisionomias.pdf>>. Acesso em: maio 2012.

\_\_\_\_\_. *et al.* (Eds.). *Vegetação e flora da caatinga. Contribuição ao Workshop Avaliação e Identificação de Ações Prioritárias para a Conservação, Utilização Sustentável e Repartição dos Benefícios da Biodiversidade do Bioma Caatinga*, em Petrolina, 5/2000. Recife: Associação Plantas do Nordeste – APNE; Centro Nordestino de informações sobre plantas – CNIP, 2002 *apud* MAIA, Gerda Nickel. *Caatinga: árvores e arbustos e suas utilidades*. São Paulo: D&Z Computação Gráfica e Editora, 2004.

SANTOS, A. A. dos. *Quando há seca no sertão*. [S.l.: s.n.], 1981. 8. p. Literatura de Cordel.

\_\_\_\_\_, M. *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia*. 5 ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_, M. C. dos. *As grandezas do sertão*. Campina Grande, PB: A Estrela da Poesia, [19--]. 15 p. Literatura de Cordel.

SAUER, C. O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SILVA, N. M. *Experiências de inverno no Seridó Potiguar*. Dissertação (Mestrado no Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013. (não publicada).

SILVA, R. M. A. da. *Entre dois paradigmas: combate à seca e convivência com o semi-árido*. Sociedade e Estado, Brasília, v. 18, n. 1/2, p. 361-385, jan./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v18n1-2/v18n1a16.pdf>>. Acesso em: abr. 2012.

TADDEI, R. Oráculos da chuva em tempos modernos: mídia, desenvolvimento econômico e as transformações na identidade social dos profetas do sertão In: MARTINS, Karla Patrícia Holanda (Org.). *Profetas da Chuva*. Fortaleza: Tempo Dimagem, 2006.

\_\_\_\_\_. Os Profetas da Chuva do sertão como produção midiática. Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. In: REUNIÃO ANUAL DA LATIN AMERICAN STUDIES ASSOCIATION, 2009, Rio de Janeiro, 11 a 14 de junho. [Trabalho apresentado]. Disponível em: <<http://lasa.international.pitt.edu/members/congress-papers/lasa2009/files/TaddeiRenzo.pdf>>. Acesso em: maio de 2011.

TUAN, Y. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983. cap. 2.

## CAPÍTULO 2

**Profetas da Chuva do Seridó Potiguar<sup>1</sup>**  
**Prophets of Rain in the Seridó Potiguar**

Neusiene Medeiros da Silva<sup>I</sup>, Anna Jéssica Pinto de Andrade<sup>II</sup>, Cimone Rozendo de Souza<sup>III</sup>

<sup>I</sup>Mestranda em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA/UFRN. E-mail: neusienegeo@yahoo.com.br

<sup>II</sup>Mestranda em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA/UFRN. E-mail: jessyandrade@hotmail.com

<sup>III</sup>Socióloga, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. adjunta do Dep. Ciências Sociais da UFRN ( Universidade Federal do Rio Grande do Norte). Email: cimone.rozendo@gmail.com

**Resumo:** O Seridó Potiguar é uma região que abriga os mais célebres Profetas da Chuva do Nordeste brasileiro. O Profeta da Chuva forma um grupo preferencial da sociedade sertaneja, que tem a função social de elaborar os prognósticos de inverno ou seca, para saciar a ansiedade dos sertanejos sobre a possibilidade do ano ser chuvoso ou seco. O presente trabalho teve como objetivo identificar os fatores que estimulam a observação das experiências de inverno, a partir do discurso dos profetas do Seridó. As atividades produtivas (agropecuária) e a seca foram os principais fatores que influenciaram as observações das experiências de inverno. A idade, o processo de transmissão cultural do conhecimento, a origem do sertanejo, o afeto à terra, o desejo de ajudar ao próximo, a rivalidade e/ou não aceitação das previsões dos meteorologistas, se constituíram os demais fatores influenciadores da observação das experiências.

**Palavras-Chave:** Profetas da Chuva. Seridó Potiguar. Experiências de inverno. Meteorologia popular.

**Abstract:** The Seridó Potiguar is a region that shelters the most renowned Prophets of Rain of the Brazilian Northeast. These prophets compose a special group in the countryside society, which has as a social function the forecasting of the winter or drought, aiming to lower the anxiety of country people about weather, predicting if the year is going to be a dry or a raining one. The aim of this work is to identify the factors that stimulate the observation of winter experiences based on the speech of the Prophets of Rain in Seridó. The productive activities (agriculture and cattle raising) and the droughts are the main factors influencing the observation of winter experiences. The other

---

<sup>1</sup> Este artigo constitui parte da dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento em Meio Ambiente, Universidade Federal do Rio Grande do Norte – PRODEMA/UFRN.

factors are: age, the process of cultural transmission of knowledge, the origin of the countryside people, the affection to the land, the desire to help others, and the competition and/or rejection of meteorological forecasts.

**Key Words:** Prophets of Rain. Seridó Potiguar. Winter Experiences. Popular Meteorology.

## INTRODUÇÃO

No Nordeste brasileiro é comum a prática da observação das “experiências de inverno” pelos Profetas da Chuva. A experiência de inverno é um conhecimento tradicional dos sertanejos do Nordeste para prever o tempo, que consiste na observação sistemática do comportamento da fauna, flora, dos astros, dos dias santos, datas específicas do ano, olho-d’água, sol, nuvens, entre outros elementos (MACEDO, 2012; BEZERRA JR., 2006; MAGALHÃES, 1963).

É um saber da tradição adquirido ao longo do tempo, repassado de geração a geração (FOLHES & DONALD, 2007). As experiências são observadas todos os anos a partir do segundo semestre, verificando-as no primeiro semestre (MACÊDO, 2012). As experiências iniciam-se com a fogueira de São João (23 de junho) e vão até o dia de São José (19 de março).

O desenvolvimento das experiências de inverno evidenciou-se através do processo de ocupação do interior do Brasil, mais especificamente nas terras que viria um dia a se denominarem de “Nordeste” (GUILLEN, 2002). A paisagem rústica e delicada, ao mesmo tempo, revelava as duas faces de uma mesma moeda. Há o período em que a mesma se encontra cheia de vida, flores de diversas formas, cores e cheiros, vegetação com folhagens em variados tons de verde; em outro, a imagem da desolação: a vegetação aparentemente morta de aspecto branco acinzentado (MAIA, 2004). A escassez de água e de alimentos, animais mortos pelos caminhos, revelava a paisagem amarga do fenômeno natural e cíclico das secas (GUERRA, 1981), causando temores aos povoadores desse espaço.

A ocupação baseada na pecuária consorciada com agricultura de subsistência no ambiente das Caatingas, a ausência de aparelhagens de previsão meteorológicas e a

incerteza do “inverno<sup>2</sup>” atemorizava a sobrevivência dos habitantes dos sertões que, ao longo de gerações, desenvolveram as experiências de inverno, no intuito de se protegerem dos efeitos das secas. Esses sertanejos, ao dominarem esse saber, foram chamados de Profetas da Chuva.

O conhecimento e a prática da observação das experiências de inverno atravessaram gerações. Hoje, mesmo com o desenvolvimento dos instrumentos e métodos de previsão da ciência meteorológica, os sertanejos continuam observando as experiências. Desse modo, o objetivo da pesquisa consiste em identificar os fatores que influenciam, na atualidade, a prática da observação das experiências de inverno no discurso dos Profetas da Chuva do Seridó potiguar.

## **1. A OBSERVAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS**

O homem, quando não tinha os métodos e tecnologias disponíveis de previsão do tempo, orientava-se principalmente pelos sentidos do corpo. Isso fez com que seu aparelho cognitivo fosse condicionado a perceber o ambiente e suas alterações com maior sensibilidade. Contudo, não são todos que apresentam essa capacidade desenvolvida (INOJOSA, 1980).

Existem sertanejos que possuem a sensibilidade corporal aguçada na previsão do tempo, manifestando-se de diversas formas. Alguns “sentem reumatismo e nevralgias, outros dores de cabeça e de dente, umas moleza de corpo e indisposição, outras pessimismo e calos doloridos” (INOJOSA, 1980, p. 11-12). Assim, como suar durante as madrugadas nos últimos meses do ano, é um forte indício que haverá “inverno” no próximo ano.

A audição, o paladar, o tato, o olfato e a visão, principalmente, são os sentidos que o homem faz uso para se comunicar e interpretar os sinais do ambiente. A audição e o paladar são os demais sentidos que intermediam a relação homem e meio ambiente. Cada sentido tem seu papel importante na compreensão do mundo (TUAN, 1980). As plantas, os animais; os astros, a condição meteorológica de algumas datas específicas e dias santos, olhos-d’água, entre outros são elementos da paisagem sertaneja que compõem o laboratório natural de observação do sertanejo (SILVA, ANDRADE, SOUZA, 2012).

---

<sup>2</sup> Inverno refere-se ao período chuvoso da região Nordeste, que se distribui entre os seis primeiros meses iniciais do ano dependendo da área (MORAIS, 2005).

O ser humano possui várias formas de perceber o seu entorno. Este pode compartilhar de percepções comuns sobre o ambiente por possuir órgãos similares. Dentre os sentidos, “o homem depende mais conscientemente da visão do que dos demais sentidos para progredir no mundo” (TUAN, 1980, p.7). É o sentido fundamental para a interpretação da paisagem, que é “tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons entre outros” (SANTOS, 1988, p.21).

Como enfatiza Tuan (1980, p.12):

Um ser humano percebe o mundo simultaneamente através de todos os seus sentidos. A informação potencialmente disponível é imensa. No entanto, no dia a dia do homem, é utilizado somente uma pequena porção do seu poder inato para experienciar.

A paisagem é simultaneamente marca e matriz. O homem imprime sua marca no espaço, ao mesmo tempo em que a paisagem determina, até certo ponto, as percepções, concepções e ações, desse indivíduo, tornando-se matriz (BERQUE, 1998).

Dependendo do indivíduo e da sua cultura, alguns sentidos podem ser mais aguçados que os demais. A percepção é uma atividade, um estender-se para o mundo. Os órgãos dos sentidos são poucos eficazes quando não são ativamente usados (TUAN, 1980, p.4).

Fatores influenciam como cada indivíduo percebe e entende o ambiente. Mesmo compartilhando de percepções comuns, cada indivíduo possui diferenças sejam fisiológicas, comportamentais (temperamento, talentos, atitudes), gênero e idade. Cada diferença vai marcar como os indivíduos interagem e percebem o seu meio (TUAN, 1980).

## **2. OS PROFETAS E AS PROFECIAS**

A necessidade de prever o tempo faz parte da vida (RIOS, 2006). Remonta a tempos antigos até às passagens bíblicas, como a construção da Arca de Noé e os sonhos de José sobre os 7 anos de fartura e 7 anos de seca, pelos quais passariam os egípcios (INOJOSA, 1980). Os sertanejos que vivem na zona rural do Seridó potiguar são mestres na arte da observação e leitura da paisagem.

O sertanejo que habita a zona rural do Nordeste, em sua maioria, conhece ou já ouviu falar nas experiências de inverno, mas é o Profeta da Chuva quem domina as “performances” deste conhecimento (TADDEI, 2006). As “performances” se constituem no conhecimento, nos gestos e na forma de comunicar as profecias para os demais sertanejos. Os profetas são notavelmente reconhecidos pela comunidade constituindo-se, desse modo, como os “porta-vozes da natureza” (BEZERRA JR., 2006).

“As profecias são uma herança do período medieval” (ACSELRAD, 2006, p. 122). A figura do Profeta da Chuva vem da Idade Média, quando os senhores donos dos feudos tinham pessoas para estudar os astros (astrólogos), com a finalidade de orientá-los quanto às mudanças no tempo (INOJOSA, 1980).

A obra de Aristóteles, “*Meteorologia*”, em 350 A.C. serviu, na Idade Média, de fonte para os “escrevinhadores de almanaques”. Cinquenta anos mais tarde surge *Theophrastus*, um estudioso que soube adequar os conhecimentos de Aristóteles com os da tradição do povo, transformando-o em uma linguagem acessível a todos. Para isso, *Theophrastus* conviveu por muitos anos com lavradores e pescadores do seu país catalogando suas experiências. Em 1955, na América do Norte, foi divulgado “*The Prognostion*” de Leonardo Digges, livro escrito a partir de observações do homem do campo (INOJOSA, 1980). Por sua vez, Montenegro (2008, p.7) afirma que a figura do Profeta surgiu:

Provavelmente de um agricultor que buscou na natureza os indícios do tempo futuro. Por suas constantes observações e experiências, tornou-se ele informante dos demais agricultores e dos criadores, passando, por isso a ser constantemente ouvido. Com o passar do tempo a informação transformou-se em profecia e o informante em profeta. Surgiu desse modo, o profeta de chuva e não o profeta de seca, pois a chuva significa a salvação e a seca constitui a maior calamidade [...].

“A profecia visa restabelecer uma ponte entre dois mundos separados desde há muito tempo: o mundo da natureza e o mundo da cultura, o mundo da criação e o mundo da criatura” (ACSELRAD, 2006, p. 121). No estreitamento dessas relações o homem tem a condição de reagir sobre o que ele recebe, passando de um ser passivo a um “agente do destino”, sendo sua preocupação maior a ocorrência de inverno ou não, e o que isso poderia vir a causar (ACSELRAD, 2006).

Contudo, a profecia não tem nada de místico ou divinatório, nem é um processo psicológico validado socialmente que se restringe a uma forma de “enfrentamento do

desamparo subjetivo do sertanejo, diante de uma natureza adversa, ou de uma existência sofrida, um mecanismo de defesa contra a dor psíquica do sentimento de impotência” (BEZERRA, JR. 2006, p. 127).

### 3. PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Os Profetas da Chuva constituem um grupo da sociedade sertaneja que exerce a função de prognosticar o tempo e divulgá-lo para a comunidade, que espera ansiosa por um “bom ano de inverno”. A disseminação das profecias sempre foi realizada de forma verbal e restrita a limites geográficos. O espaço de disseminação se dá nas comunidades, nas festas, nas missas, nas feiras livres e qualquer oportunidade que o sertanejo possa se comunicar, porque o inverno é um dos principais assuntos e a seca é um fenômeno muito temido pelos sertanejos (TADDEI, 2006).

Além dos espaços tradicionais de divulgação das profecias, o rádio também tem se constituído em um veículo de comunicação importante para isso. O rádio constitui-se uma mídia que proporciona maior visibilidade e reconhecimento ao profeta.

Na região do Seridó e especificamente na cidade de Caicó, a Rádio Rural AM é um canal de divulgação dos prognósticos dos profetas do Seridó. Na referida rádio, Joaquim Gaspar (radialista), organiza os encontros dos profetas com os meteorologistas, para divulgar previsões meteorológicas científicas e tradicionais.

Desse modo, Joaquim Gaspar conhece e mantém relação contínua com os Profetas do Seridó. Em 2003 e 2004, a Rádio Rural AM passou uma urna volante nas comunidades rurais do Seridó, durante eventos religiosos, reuniões sindicais e associações, entre outros eventos, para que os agricultores escolhessem os profetas mais reconhecidos da região.

Dos profetas selecionados por meio da urna volante apenas dois estão vivos: Jeferson Batista e Gilton Batista, residentes na cidade de Caicó/RN. Outros já faleceram: Inácio Joca (Santana em Jardim de Piranhas/RN), Nicácio Batista (Sítio Cipó) e Neco Ludugero (Malhada Vermelha em Jucururtu/RN). Além destes “outros profetas do tempo quase sempre apresentam seus prognósticos” (informação verbal)<sup>3</sup>.

Diante disso, a identificação dos profetas evidenciou-se a partir da indicação de Joaquim Gaspar. Assim, foram identificados profetas nos municípios de: Caicó - Sinval

---

<sup>3</sup> Informação fornecida por Joaquim Gaspar, em entrevista informal, à autora na Associação dos Municípios do Seridó Potiguar, em novembro de 2012.

Soares Dantas (64 anos), Jeferson Batista Pereira (Jefim Batista, 91 anos), Gilton Batista de Araújo (Gilton Batista, 74 anos) e Francisco Elpídio de Medeiros (Chico Elpídio, 62 anos) do distrito Palma; São Fernando - Milton Medeiros da Costa (Milton de Félix, 76 anos) do Sítio Quixaba; Belém do Brejo do Cruz - Manoel Medeiros de Azevedo (Manoel Uchoas\*, 69 anos) do Sítio Santa Casa, e Jucurutu - Abel Pereira de Araújo (Folha Seca, 76 anos) do Sítio Pedra Branca (Figura 1).

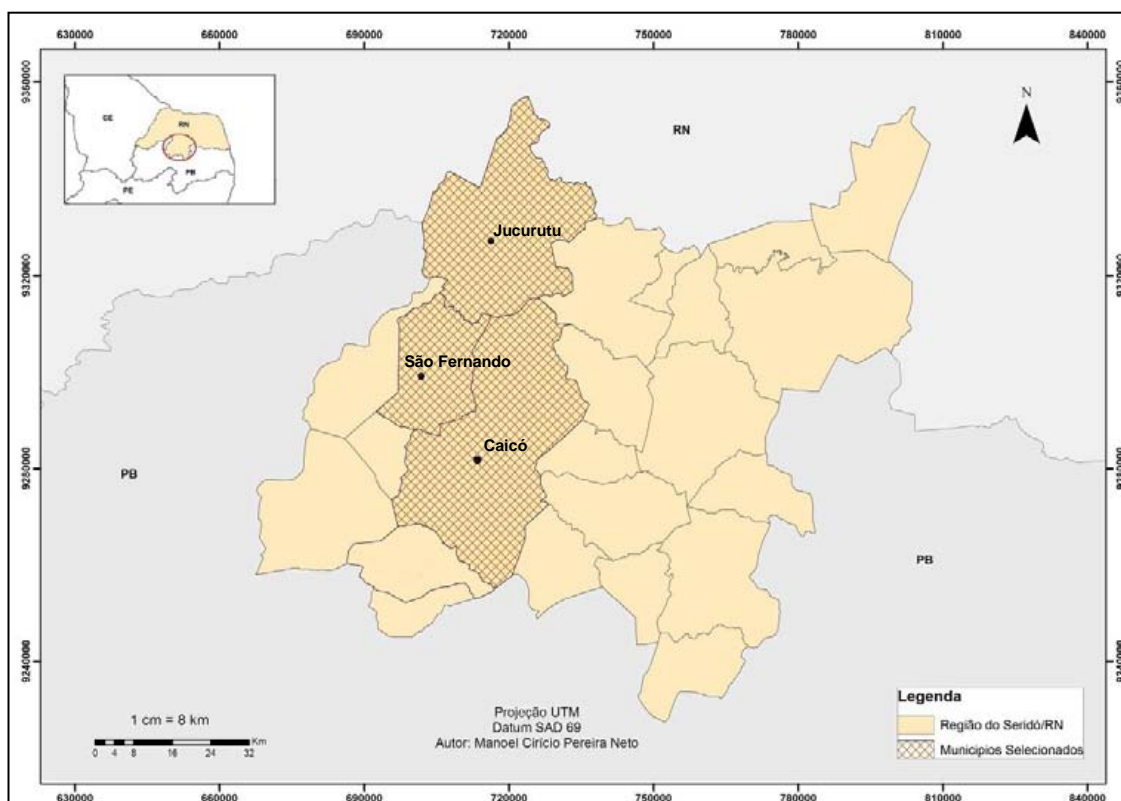


Figura 1- Localização dos Profetas da Chuva do Seridó Potiguar  
Elaborado por Manoel Cirício Pereira Neto, 2013.

\*O profeta Manoel Uchoas possui residência tanto na cidade de Caicó como em Belém do Brejo do Cruz na Paraíba, mas sua entrevista foi realizada em Caicó.

Foram realizadas entrevistas estruturadas com auxílio de um formulário composto de questões abertas, sobre o conhecimento das experiências de inverno dos Profetas da Chuva. Para a segurança e fidelidade dos dados coletados todas as entrevistas foram gravadas (ALBUQUERQUE; LUCENA; CUNHA, 2008).

Quando possível, fazendo uso de registro fotográfico, identificou-se os elementos utilizados nas experiências de inverno, principalmente da fauna e flora, por meio do método “Turnê-guiada”. Esse método é utilizado em pesquisa de etnobotânica

que dentre outras finalidades “[...] consiste em fundamentar e validar os nomes das plantas citadas nas entrevistas [...]” (ALBUQUERQUE; LUCENA; CUNHA, 2008, p. 50) com apoio de um “mateiro ou informantes escolhidos” nas áreas em estudo. Nesse contexto, os profetas mostraram e identificaram por seu nome vulgar, em campo, os elementos observados nas experiências de inverno.

A análise das entrevistas foi realizada a partir da Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (2010).

#### **4. OS PROFETAS DA CHUVA DO SERIDÓ POTIGUAR**

Os sertões do Seridó são um espaço reconhecido por abrigar as mais célebres figuras das profecias sertanejas, os Profetas da Chuva, mais recentemente denominados de Profetas-celebridades (TADDEI, 2009). Seus prognósticos ultrapassam os limites geográficos da região por meio da mídia impressa e eletrônica.

Os profetas Gilton Batista, Sinval, Jeferson Batista e Chico Elpídio costumam apresentar seus prognósticos nas mídias impressas e eletrônicas. Já os profetas Milton de Félix, Manoel Uchoas e Folha Seca são mais reservados, dispensando suas participações nos meios midiáticos.

O profeta Gilton, além de suas participações na mídia, foi um dos entrevistados da tese de doutorado do pesquisador antropólogo Renzo Taddei, pela Columbia University, Estados Unidos em 2005. Chico Elpídio, por sua vez, profetiza as experiências e ao mesmo tempo é um ambientalista, defensor da natureza, fazendo da mídia um canal de divulgação dos seus princípios ambientalistas.

Todos os profetas têm sua origem na zona rural, mas somente Milton de Félix e Abel Folha Seca ainda residem no sítio e Manoel Uchoas passa um tempo na cidade e outro no campo. São agricultores aposentados que trabalham na zona rural, menos os que residem na cidade, salvo Sinval, este quando tem oportunidade planta. Atualmente, Sinval exerce a atividade de Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Caicó. Segundo o mesmo, gosta do sítio para trabalhar e não para o lazer e expõe a importância da zona rural:

A vida da gente não é esquecer... aquilo que foi o passado... eu vejo muita gente dizendo: - eu quero lá mais saber mais de sítio... num sei o que e tal. Mais eu acho que... quem não valoriza o sítio eu não sei o que ele pensa acho, porque tudo o que se come... você vai lá para a mesa da presidente da República Dilma Russel, porque o que ela tá comendo, ela tá tomando café

da manhã, almoço e janta é produzido no campo [...] se deixar de produzir a alimentação acaba na mesa do ser humano [...] (informação verbal)<sup>4</sup>.

Outra característica marcante dos profetas é a forte religiosidade. São católicos e como disse Abel Folha Seca: “A lei de Jesus é uma só”. O mais jovem dos profetas entrevistados, Chico Elpídio, tem 62 anos e o mais velho, Jeferson Batista 91 anos, condição que confirma a afirmação de Taddei (2009, p.6, grifo dos autores):

Um elemento fundamental na legitimação destes conhecimentos é a experiência acumulada de quem faz as observações e comunica os resultados o que faz da **população mais velha** um segmento preferencial para elaboração dos prognósticos.

Um aspecto interessante consiste no fato de todos os profetas serem do sexo masculino, realidade que não impede uma mulher de ser profetisa. Mas são os homens os mais propensos a seguirem essa condição (MONTENEGRO, 2008, p.19).

O Profeta da Chuva [...] é um sertanejo [...] cuja atividade principal é a agricultura [...] a mulher sertaneja cuida da roça, dedica-se aos afazeres domésticos, pode manejar os bilros de uma almofada ou manter uma indústria caseira, mas se torna raramente uma profetiza de chuva [...].

Dessa forma, um argumento que justificaria essa condição seria, talvez, a atividade que cada gênero exerce. O homem, cuja maior preocupação estaria direcionada às atividades produtivas para o sustento da família, e a mulher se preocuparia em cuidar dos afazeres domésticos e da roça. Cabendo ao pai instruir seus filhos homens, na arte de prever o tempo, para quando o mesmo vier a falecer, esse saber o oriente como orientou o mesmo.

#### **4.1. A PAISAGEM E O PROFETA**

Os Profetas da Chuva do Seridó Potiguar apresentaram um vasto conjunto de experiências de inverno, onde são observados elementos da paisagem como a flora, a fauna, os astros, elementos atmosféricos, corpos d'água/reservatórios, dias santos e algumas datas específicas do ano, que podem ser categorizados como elementos gerais. Dentro dos elementos gerais são observados inúmeros outros elementos como Aroeira,

<sup>4</sup> DANTAS, Sinval Soares. **Profeta Sinval Soares**: entrevista [nov./2012]. Entrevistador: Neusiene Medeiros da Silva. Caicó, 2012. 1 arquivo .mp3 (160 min.).

Abelha Inxuí, cacimba e, assim por diante, que as autoras do artigo convencionaram denominar de elementos específicos (Figura 2).



Figura 2 – Elementos categorizados a partir das experiências dos sertanejos observados na paisagem sertaneja do Seridó Potiguar  
Fonte: Elaborado pelas autoras, 2012.

A idade do profeta, assim como as atividades desenvolvidas no campo, a experiência transmitida de geração a geração, a ligação de afeto estabelecida entre profeta e a natureza, contribuíram para que o mesmo acumulasse grande conhecimento de elementos utilizados na elaboração dos prognósticos de inverno. Nesse contexto, os Sertões do Seridó se tornam o laboratório natural de observação dos Profetas da Chuva.

Na categoria *Astros*<sup>5</sup>, identificaram-se entre os entrevistados elementos específicos observados nas experiências de inverno dentre os quais: a Barca de Noé – observa-se a sua localização no céu e direção das pontas das estrelas; o Carreiro de Santiago (Via Láctea) – a localização no céu, alteração no brilho, visibilidade e aglomeração das estrelas; Sol – posição no céu e a cor (amarelo ou vermelho) no momento do nascimento; Sete-estrela e o Cruzeiro do Sul – a visibilidade das estrelas; Estrela Dalva – velocidade de deslocamento; Lua cheia – a forma de nascer e a lua nova – a posição das extremidades da lua.

Nos *Corpos d'água/Fontes/Reservatórios*<sup>6</sup>, os elementos citados foram o Rio Piranhas – em anos atrás, ao ter água correndo em seu leito no período seco, proveniente de chuvas ocorridas na Paraíba, significava que o inverno seria “bom”. Essa experiência era observada pelos os mais velhos, quando não havia no leito do Rio reservatórios construídos. Em tanques, cacimbas e poços verifica-se a velocidade com

<sup>5</sup> Ver o significado das experiências com os elementos dos Astros, no quadro das experiências de inverno de Folha Seca, Sinval, Manoel Uchoas, Chico Elpídio, Milton de Félix e Expedito.

<sup>6</sup>Ver o significado das experiências com os elementos dos Corpos d'água/Fontes/Reservatórios, no quadro das experiências de inverno de Sinval, Chico Elpídio, Milton de Félix, Manoel Uchoas e Folha Seca.

que secam, assim como a mudança na cor da água nos tanques para “esverdeada”. Nos poços amazonas<sup>7</sup> e olhos-d’água observa-se o nível da água.

Nas datas específicas<sup>8</sup>, é observado em 1º de janeiro: o comportamento meteorológico (se chove ou faz sol), o dia da semana em que inicia o ano e a presença de umidade sob as pedras de manhã cedo. Em 2 de fevereiro: a direção que vem o vento, se é do Norte, Sul, Leste e Oeste. Domingo de entrudo, quarta-feira de cinza até 21 de março: se há ocorrência de chuvas. Em 18 de outubro, se o inverno do Peru iniciar nessa data e em 8, 18 e 28 de outubro: se há preparação do tempo para chuva (“carregação do tempo”).

Os Dias Santos<sup>9</sup> são importantes no conjunto de experiências que o sertanejo dispõe para prever o tempo. As observações estão pautadas principalmente no comportamento dos fenômenos meteorológicos. No dia de São Canuto (19 de janeiro) e São Sebastião (20 de janeiro): observa-se a preparação do tempo<sup>10</sup> para chuva; Nossa Senhora das Candeias (2 de fevereiro): a ocorrência de chuva; São José (19 de março): o comportamento do vento antes de chegar o dia de São José e a ocorrência de chuva; São João (24 de junho): ocorrência de chuva na véspera de São João, a chuva molhar a cinza da fogueira, no dia de São João ver como ficou a estrutura da cinza, o nível da água colocada na garrafa sob a fogueira e a ocorrência de preparação de chuva; São Lucas (18 de outubro): no dia de São Lucas o capim amanhecer orvalhado, o sol nascer por trás de nuvens denominadas de barra; Dia de Todos os Santos (1 de novembro): preparação do tempo para chover e o dia de Nossa Senhora da Conceição (08 de dezembro) e Santa Luzia (13 de dezembro): observa-se se há preparação de chuva (“carregação do tempo”) nos dias que se seguem a Nossa Senhora da Conceição de 08 a 12 de dezembro e Santa Luzia de 13 a 17 de dezembro.

No elemento geral Fauna identificou-se um grande número de espécies que foram organizadas em subcategorias de acordo com suas classes dentre as quais: aves, insetos, mamíferos, peixes, répteis, anfíbios e Aracnídeos. As aves<sup>11</sup> utilizadas nas

<sup>7</sup> É um reservatório de água, que capta água subterrânea em áreas de baixios. Construído com diversos materiais, mas atualmente usam-se anéis de cimento.

<sup>8</sup> Ver o significado das experiências com os elementos das Datas específicas, no quadro de experiência de Chico Elpídio, Manoel Uchoas, Sinval, Jeferson Batista, Expedito, Milton de Félix e Folha Seca.

<sup>9</sup> Ver significados das experiências com elementos dos Dias Santos, no quadro de experiências de inverno de Sinval, Folha Seca, Chico Elpídio, Gilton Batista e Expedito.

<sup>10</sup> A preparação do tempo refere-se a formação de nuvens carregadas, ocorrências de trovões e relâmpagos.

<sup>11</sup> Ver o significado e mais detalhes das experiências com aves, consultar quadro das experiências de inverno de Sinval, Manoel Uchoas, Folha Seca, Chico Elpídio, Milton de Félix, Expedito e Jeferson Batista.

experiências são o Bem-te-Vi, Beija-Flor, Cajaca-de-Couro ou Casaca-de-Couro, Concriz, Carão, Corujinha, Galinha, Galo-de-Campina, Gavião vermelho, Lavandeira-de-Nossa-Senhora, pássaros, Ribaçã, Rolinha, Rouxinol, Sabiá, Tetéu, Papa-Sebo e Xexéu-de-Bananeira. Em algumas espécies é observada a quantidade de ninhos que são construídos e sua localização (nas residências, dentro do açude, entre outros), a direção da entrada do ninho (Norte, Sul, Leste e Oeste), a frequência do canto e em determinados horários do dia ou meses do ano, acasalamento, reprodução (postura), a forma de voar, horário e o modo de abrir as asas e a localização geográfica da espécie.

Nos insetos<sup>12</sup> observam nas Formigas – a mudança de hábitat (sair de dentro de açude para lugares altos, por exemplo), desenvolvimento de asas, limpeza do formigueiro, reprodução; Formiga Alemanha – a mudança de habitat; Formiga Onça-de-Areia – o aparecimento em determinado período do ano; Saraça – o desenvolvimento de asas; Cupim – a reprodução, a condição da estrutura do cupinzeiro; Marimbondocaboclo – a mudança de hábitat; Inxuí de Rama (Abelha) – a mudança de hábitat, quantidade de Inxuí encontrado na caatinga; Enxu (Abelha) – a reprodução; Moscas – aparecimento em determinado período do ano; Enxu de Abelha Italiana – encontrar Enxu de Italiana na caatinga em determinado período do ano e desaparecimento.

Na subcategoria mamíferos<sup>13</sup> observa-se nos Bovinos – a forma como dar um coice, o ato de escaramuçar e o sexo dos filhotes; nos Cavalos – suar em demasiado no final do ano; no Preá – a reprodução, tamanho dos testículos, desaparecimento em anos de seca; no Peba verdadeiro – a reprodução, a quantidade de fel<sup>14</sup>; no Mocó – a quantidade de gordura; nas Ovelhas – o sexo dos filhotes e nas Gatas (doméstico) – comportamento na reprodução em janeiro como, por exemplo, parir e não comer os filhotes.

Entre os peixes<sup>15</sup> a Curimatã é observado a ovulação e o período da desova. Nos répteis<sup>16</sup> os profetas observam a reprodução do Camaleão e da Cascavel, assim como o ato de sair das tocas do Tejo-Açu e do Cágado em determinados períodos do ano. Nos

---

<sup>12</sup> Ver o significado das experiências com insetos, no quadro das experiências de inverno de Expedito, Milton de Félix, Sinval, Folha seca, Gilton Batista e Manoel Uchoas.

<sup>13</sup> Ver o significado das experiências com mamíferos, no quadro das experiências de inverno de Jeferson Batista, Milton de Félix, Folha Seca, Chico Elpídio e Manoel Uchoas.

<sup>14</sup> Vesícula biliar.

<sup>15</sup> Ver o significado das experiências com peixes, no quadro das experiências de inverno de Milton de Félix, Manoel de Uchoas e Gilton Batista.

<sup>16</sup> Ver o significado das experiências com répteis, consultar no quadro das experiências de inverno de Folha Seca, Gilton Batista e Milton de Félix.

anfíbios<sup>17</sup> - citaram o Sapo (Cururu), Sapo Bezerra, Gia e o Sapinho Mocó. Em alguns anfíbios veem a reprodução, emissão de sons e o aparecimento de certas espécies em determinado período do ano, assim como, a condição da água (“água velha ou nova”), onde são depositados os ovos do Sapo (Cururu). Nos Aracnídeos<sup>18</sup> – Aranha Caranguejeira – observa-se o aparecimento em cercas de pedras e dentro das residências das pessoas.

Nos Elementos Atmosféricos<sup>19</sup> são observados o Vento – a direção e intensidade que está soprando; Vento Aracati – intensidade; Véu – aparecimento de um nevoeiro no céu como uma cinza; Seca – ocorrência de seca localizada; Nuvens – velocidade de deslocamento durante a chuva, o céu apresentar-se com nuvens escamadas; Céu – mudanças na cor (azulado, acinzentado); Chuva – o início do período chuvoso em alguns Estados do Nordeste e no brejo, ocorrência de precipitação em determinados meses do ano, intensidade das primeiras chuvas; Redemoinho – direção de deslocamento; Trovão – a intensidade, frequência; Relâmpago – direção, frequência durante as chuvas; Arco-íris – aparecimento durante as chuvas, tempestades; Carregação, Carregação de inverno ou carregação do tempo – preparação do tempo para chuva (ocorrência de relâmpagos, trovões, nuvens carregadas), a direção da carregação.

Na Flora<sup>20</sup> foram citadas as seguintes espécies – Angico, Aroeira, Caibreira, Caraúba, Cardeiro, Carnaúba, Catingueira, Cumaru, Embiratanha, Enxerco de Jurema<sup>21</sup>, Feijão-Brabo, Juazeiro, Jucá, Jurema, Mangueira, Marizeiro (Mari), Mofumbo, Pau-d’Arco-Roxo, Pereiro, Pinhão, vegetação<sup>22</sup> e Xique-Xique. Nas espécies citadas, os principais sinais estão relacionados a floração e frutificação das mesmas. A condição de “carregar e segurar a carga<sup>23</sup>” das espécies vegetais está, entre os entrevistados, como as expressões e sinais mais citados no elemento geral Flora. Em algumas espécies, a

<sup>17</sup> Ver o significado das experiências com anfíbios, no quadro das experiências de inverno de Gilton Batista, Milton de Félix e Chico Elpídio.

<sup>18</sup> Ver o significado das experiências com Aracnídeos, no quadro das experiências de inverno de Milton de Félix.

<sup>19</sup> Ver o significado das experiências com os elementos atmosféricos, no quadro das experiências de inverno de Folha Seca, Milton de Félix, Manoel Uchoas, Chico Elpídio, Sinval, Jeferson Batista e Expedito.

<sup>20</sup> Ver o significado das experiências com os elementos da Flora, no quadro das experiências de inverno de todos os Profetas da Chuva.

<sup>21</sup> Planta parasitária que é encontrada sobre espécimes de jurema preta no Seridó.

<sup>22</sup> Inclui todas as espécies vegetais observadas.

<sup>23</sup> O termo “carregar”, nessa situação, significa que a(s) espécie(s) vegetal(s) em observação florou e frutificou e “segurar a carga” quer dizer as flores e frutos não dispersaram antes do tempo natural de maturação.

produção de resina e cera, o desenvolvimento do pasto, a troca de folhagem/enramar<sup>24</sup>, a sincronia na floração e frutificação dos espécimes de Juazeiro, a quantidade de carregações (florações), presença de enxerco nas Juremas, a quantidade de seiva em certas plantas ao cortá-la no final do ano, a distribuição da floração e frutificação na planta e o crescimento e direção dos espinhos (folhas), se constituíram os demais sinais identificados entre os entrevistados.

Determinados profetas costumam elaborar suas profecias pautadas na observação de uma série de elementos, enquanto outros utilizam somente alguns. O tipo de elemento observado pode ser comum entre os profetas, mas pode apresentar algumas particularidades no sinal observado e na indicação da previsão.

Assim como os meteorologistas têm suas previsões, os profetas, ao discorrerem sobre suas experiências de inverno, apresentam os sinais e as previsões para o período chuvoso. Estas, em sua maior parte, têm caráter qualitativo. Os sinais observados levam à elaboração de vários tipos de prognósticos.

A interpretação dos sinais mostra como será o comportamento do período chuvoso<sup>25</sup>: se de inverno atrapalhado<sup>26</sup>, de um ano bom<sup>27</sup> ou ruim<sup>28</sup> de inverno, inverno fraco<sup>29</sup>, inverno tarde<sup>30</sup>, inverno geral<sup>31</sup>, inverno normal<sup>32</sup> e seca. Outras experiências apresentam sinais considerados “bons” ou “ruins” para o inverno, quando analisados em conjunto, permitem ao observador elaborar a previsão do tempo.

Os sinais permitem prever a condição do tempo a longo e em curto prazo. O período de ocorrência de fenômenos meteorológicos, como a chuva e tempestades, pode

<sup>24</sup> A troca de folhagem/enramar é para as espécies perenifólias e caducifólias que trocam ou se revestem de folhas novas no período da estiagem e ao cair das primeiras chuvas.

<sup>25</sup> As descrições dos tipos de inverno, a seguir, foram baseadas em explicações dos Profetas da Chuva.

<sup>26</sup> Inverno atrapalhado – significa que chove pouco, têm muitos verões, as chuvas são mal distribuídas no espaço, ou seja, pode chover em uma área e outra não, alguns chamam de inverno de manga. Às vezes produz algum pasto para os animais, mas não enche os reservatórios de água.

<sup>27</sup> O ano bom para inverno – é um ano que chove bem para produzir pasto abundante para os animais. Enche os reservatórios. É suficiente para o desenvolvimento das culturas agrícolas, proporcionando fartura de alimento. Não chove “demais e nem de menos”. É um inverno considerado normal, com chuvas regulares, bem distribuídas no tempo e no espaço.

<sup>28</sup> Ano ruim para inverno – é um ano que chove pouco ou quase nada. É um ano de seca. Ele quase nunca chega a 200 mm.

<sup>29</sup> Inverno fraco – para o Profeta Expedito, é sinônimo de atrapalhado; chove pouco por pouco tempo. Dá uma chuva maior só uma ou duas, ou então dá várias chuvinhas, mas chuvinhas pequenas que não “fazem água” e quase não molham a terra. Para o Profeta Chico Elpidio é um inverno na média, abaixo da média um pouquinho, mas que dar pra ter alguma coisa.

<sup>30</sup> Inverno tarde – é aquele que não inicia no período normal das chuvas no Seridó.

<sup>31</sup> Inverno geral – é aquele inverno que atinge toda uma região. As chuvas são bem distribuídas no espaço sem haver secas localizadas.

<sup>32</sup> Inverno normal – é o mesmo que um ano bom de inverno. Há pasto, água e produção agrícola. Não existem perdas com chuvas torrenciais e nem pela falta de chuva. O inverno normal se dá entre 500 a 700 mm.

ser estipulado por alguns sinais, estes indicam a ocorrência de chuva para o mesmo dia, ou para dias ou meses à frente; o início e o fim de tempestades, assim como o início do período chuvoso (inverno) e assim por diante.

A quantidade de chuva também pode ser mensurada. Nesse caso, a experiência com a Lavandeira-de-Nossa-Senhora, observada por Sinval, dá pistas de quanto choveria em uma área, dependendo do local que a ave construísse seu ninho dentro do açude.

Outros sinais indicam a direção que virá o inverno, o qual pode ser previsto por meio da experiência com o Xique-Xique, observada por Sinval. A direção que o espinho novo do Xique-Xique apontar, indica a direção que virá o inverno.

#### 4.1.1. EXPERIÊNCIAS DO PROFETA DA CHUVA SINVAL

Na ocasião da entrevista com o Profeta Sinval, de 64 anos, no Sindicato dos Trabalhadores Rurais, ele pediu que o senhor Expedito Jorge de Medeiros, de 75 anos de idade, assessor do Pólo Sindical do Seridó, participasse da descrição das experiências de inverno, pois o mesmo, também, detinha grande conhecimento sobre o assunto. Assim como Sinval, Expedito teve suas origens no campo (Quadro 1 e 2).

Segundo Sinval, as experiências de inverno começaram a fazer parte da sua vida quando o mesmo passou da fase juvenil para a maturidade, motivado principalmente pela sua preocupação com as secas:

Há uns 30 anos atrás... sabe eu comecei... porque... foi quando eu... a gente passa da juventude, né?... aí começa a despertar essas coisas. Enquanto a gente é jovem não liga para isso, é só... a maioria é divertimento e trabalho e pronto né? Mas quando a gente vai amadurecendo um pouco, aí começa a ver e escutar o que as pessoas estão dizendo. Aí começou aparecer os anos de seca prolongados. Aí vem a preocupação da gente [...] (informação verbal)<sup>33</sup>.

Sinval, após os 20 anos despertou para fazer e observar as experiências. Começou a enterrar uma garrafa sob a fogueira de São João, experiência que aprendeu com sua avó paterna. Na manhã do dia 24, bem cedo, dia de São João, ele desenterra a garrafa e verifica o nível da água. Se a água aumentar “1 cm mais ou menos ou se ela ficar na mesma medida que a gente deixou isso significa uma seca verde, mas se ela

---

<sup>33</sup> DANTAS, 2012.

umentar qualquer coisa chove mais, chove alguma coisa. Se aumentar muito a água é sinal que chove muito” (informação verbal)<sup>34</sup>.

<b>Quadro 1 - Experiências de inverno do Profeta da Chuva Sinval</b>
<b><i>Sinais bons para inverno</i></b>
- a primeira lua cheia de janeiro nascer por trás de uma barra e a maré subir é sinal bom de inverno. Essas experiências são observadas pelas pessoas que moram nas margens do litoral; - nos poços amazonas a água estiver fervendo de baixo para cima no final do ano (isso é sinal que o lençol freático tá subindo); - “o olho-d’água está subindo água” no período seco; - Pereiros segurarem as galinhas secas no período seco; - se a Aroeira (setembro-novembro), Pereiro, Caibreira (setembro/novembro) segurarem a carga (floração e frutificação) - de outubro para novembro cortar a Jurema e estiver cheia d’água; - se próximo à pegada do inverno o pássaro Bem-te-Vi e a Casaca-de-Couro fizer o ninho com a boca virada para o poente ele está esperando chuva; - quando o Marimbondo-Caboclo está procurando a casa das pessoas, se afugentando do mato, é sinal que ele está esperando chuva; - se chover no dia de São José (19 março), domingo de entrudo e cinza, até o dia 21 de março; - aparecer carregação (nuvens, relâmpagos, preparação de inverno) na véspera Nossa de Senhora da Conceição, São Canuto, Santa Luzia, Dia de Todos os Santos, São Sebastião (20 de janeiro); - se o Carreiro Santiago estiver em janeiro na direção sul a norte bem manchado.
<b><i>Sinais indicadores que o ano vai ser bom de inverno</i></b>
- experiência que aprendeu com o pai: "quando eu era menino (12 anos), em 60, eu tinha 12 anos, um dia de sábado... e meu pai veio para a feira e nessa época não tinham as barragem de Coremas e Mãe-D’água no Rio Piranhas. E meu pai chegou em casa e conversando .... com a minha mãe e ele disse assim: - 'olhe esse ano vai ser muito bom de inverno[...] vai ser muito bom de inverno'- E ela disse: - 'por que?' - e ele disse: - 'porque muita gente estava falando na feira que o Rio Piranhas desceu com água'. Você veja só que ninguém sabia que estava chovendo para lá e o sinal era chover no Piauí, Pernambuco, Paraíba acolá pra cima. Eles chamavam pra cima ... aí a água descia no Piranhas, porque não tinha as barragens ... o rio era livre [...]";- “se o Pereiro enramar no final do ano é sinal que o lençol freático está subindo”; - Barca de Noé (3 estrelas) tiver certinha no céu (no norte) a boca da noite é sinal de bom inverno.
<b><i>Sinais indicadores de seca verde</i></b> <sup>35</sup>
- experiência repassada para Sinval por Inácio Teixeira, já falecido: ele disse que observasse a primeira lua nova de setembro. Se ela aparecer com as pontas para cima o ano será de uma seca verde.
<b><i>Sinais indicadores de seca</i></b>
- se até o dia 21 de março não chover; - Experiência repassada para Sinval por Inácio Teixeira, já falecido. Ele disse que observasse a primeira lua nova de setembro estivesse com as pontas viradas para o norte o ano é seco de tudo não chove; - relampear para o lado de Campina Grande e de Natal, e pior ainda se relampear para o lado do Norte ("Areia Branca, Macau, nesse mundo"); - se o Carreiro Santiago estiver em janeiro de nascente a poente (direção).
<b><i>Sinais indicadores de inverno normal</i></b>
- experiência repassada para Sinval por Inácio Teixeira já falecido. Ele disse que observasse a primeira lua nova de setembro tivesse com as pontas viradas para o sul é inverno normal; - o inverno do Seridó é normal quando começa a chover no Ceará, Maranhão e Piauí.
<b><i>Sinais indicadores da direção que virá o inverno</i></b>
- é uma experiência nova que aprendeu há pouco tempo. No município de Angicos, ele aprendeu com o tio que o "Sodoro" ou Xique-Xique se estiver com espinho novo crescido no final do ano para o lado que o espinho aponta, indica a direção que o inverno vem, mas ele nunca observou aqui no Seridó.
<b><i>Experiências praticadas</i></b>
Experiência da garrafa d’água na fogueira de São João, que aprendeu com sua avó paterna. “Ano passado fiz uma fogueira e enterrei uma garrafa [sob a fogueira] e as 5 horas da manhã fui desenterrá-la. Ela tinha subido 1 cm mais ou menos, se ela ficar na mesma medida que a gente deixou, isso significa uma seca

<sup>34</sup> DANTAS, 2012.

<sup>35</sup> Seca verde é também chamada de seca agrícola, onde chove muito, mas sua distribuição é de forma irregular no espaço e no tempo. Faltando chuvas regulares, justamente no período de floração e frutificação das culturas agrícolas. A terra fica seca pela alta evapotranspiração, a folhagem da vegetação permanece verde, mas sem condições de se desenvolver e produzir.

verde, mas se ela aumentar qualquer coisa chove mais, chove alguma coisa”. Se aumentar muito a água é sinal que chove muito.
<i>Sinais indicadores do início das chuvas</i>
- se a Lavandeira-de-Nossa-Senhora fizer o ninho dentro do açude só chove quando os filhotes nascem e se chover, enquanto ela tiver no ninho a água só chega próximo, mas não cobre.
<i>Sinais indicadores do nível da água nos corpos d’água</i>
- se a Lavandeira-de-Nossa-Senhora fizer o ninho dentro do açude, só chove quando os filhotes nascem e se chover, enquanto ela tiver no ninho a água só chega próximo, mas não cobre.

Segundo seu relato, as experiências nas quais ele mais confia são a do olho-d’água, que se aumentar o nível da água é sinal bom para inverno, e a da garrafa com água na fogueira de São João.

Sinval citou experiências com elementos no grupo dos Astros – Barca de Noé, Lua cheia, Lua nova, Carreiro de Santiago; Datas específicas – domingo de entrudo, cinza e 21 de março; Fontes/Reservatórios/Corpos d’água – poço amazonas, olho d’água, Rio Piranhas; Dias santos – São João, São José, Nossa de Senhora da Conceição, São Canuto, Santa Luzia, Dia de Todos os Santos, São Sebastião, garrafa d’água na fogueira de São João; Flora – Pereiro, Aroeira, Caibreira, Jurema, Xique-Xique; Fauna – aves (Bem-te-Vi, Casaca-de-Couro e Lavandeira-de-Nossa-Senhora), Inseto (Marimbondo-Caboclo) e Elementos Atmosféricos – relâmpago e chuva. O maior número de elementos elencados pelo profeta pertence ao grupo dos Dias Santos e à Flora. Os sinais e os significados das experiências com os elementos citados estão descritos no quadro 1.

Senhor Expedito, por sua vez, citou experiências principalmente com elementos da Flora – Caibreira, Cumaru, Aroeira, Embiratanha, Pereiro, Pau-d’Arco-Roxo e Catingueira. Observa a Fauna – pássaros de um modo geral e a Rouxinol (ave), Inxuí de rama (insetos); Fenômenos Atmosféricos – como a chuva; Datas Específicas do ano – 18 de outubro, 2 de fevereiro; Rochas – pedras; Astros – Carreiro Santiago e os Dias Santos – São Lucas e São João (Quadro 2) .

<b>Quadro 2 - Experiências de inverno do Profeta da Chuva Expedito</b>
<i>Sinais bons para inverno</i>
- começar primeiro a chover no sul do Piauí (em novembro) antes de o inverno do Seridó iniciar; - Caibreira, Cumaru, Aroeira, Embiratã, Pereiro, Pau-d’Arco-Roxo segurar a carga (flor e fruto); - "Pau-d’Arco-Roxo granar a semente (não ficar chocha)”; - Pereiro enramar no final do ano sem ter chovido; - “[...] a Rouxinol quando ela chega ... no começo do ano e começa a chegar e procurar as casas para fazer ninho na biqueira [...]”; - [...] os pássaros os passarinhos... começando a pôr [...]”; - encontrar muitos Inxuí de rama na caatinga; - as Catingueiras produzirem muita resina amarela no final do ano (setembro); - na manhã do dia de São Lucas (18 de outubro) o capim verde estiver orvalhado é bom sinal. E também o sol nascer e se pôr atrás de uma barra é bom sinal de inverno; - o inverno do Peru começar em 18 de outubro; - e no dia de São João a cinza da fogueira estiver entorroadada; - experiências

de outras pessoas: a lua cheia de junho sair por trás de uma barra.
<b><i>Sinais indicadores de seca</i></b>
- se não houver inverno no Piauí no mês de novembro ou começar chover primeiro para os lados de Currais Novos/RN; - se o Carreiro Santiago estiver em janeiro de nascente a poente.
<b><i>Sinal ruim para inverno / Mau sinal para inverno</i></b>
- Inxuí se mudando para outros lugares é sinal ruim; - se no dia de São João, “de manhã, a cinza da fogueira estiver toda esfarrapada, porque o vento espalhou ela, é mau sinal”.
<b><i>Sinais indicadores de inverno fraco</i></b>
- experiência do cunhado: “todo ano ele bem cedinho no dia de ano... ele ia e arrancava uma pedra, né? Para ver se tinha umidade debaixo da pedra, se tivesse ressequida o inverno ia ser fraco”.
<b><i>Experiências praticadas</i></b>
- 2 de fevereiro: “experiência colhida de agricultores em 02 de fevereiro em relação ao vento. Quando menino os agricultores colocavam uma bandeira em frente da casa se durante o dia ventar os 4 ventos (nascente, poente, norte e sul) é muito bom, se ventar só de 3 partes é bom, se ventar só de 2 parte é fraco, se ventar só um vento é seco. Ano passado [2011] o vento só teve um vento de um lado e foi a seca mais intensa e extensa que já tive conhecimento.”

#### 4.1.2. EXPERIÊNCIAS DO PROFETA DA CHUVA MILTON DE FÉLIX

As experiências passaram interessar ao referido profeta quando assumiu a responsabilidade de trabalhar e também pela ocorrência dos eventos de seca:

[...] quando eu era moço eu não tinha ideia, escutava os mais velhos falar experiência tal, experiência tal, eu escutava, mas eu comecei mesmo a observar e a prestar a atenção às coisas da natureza em respeito a inverno, agora, vamos dizer de 93 pra cá. Foi quando eu comecei a sofrer com seca, então eu comecei a observar desse tempo pra cá, né? 58 eu tinha papai, né? Foi uma seca muito fera como se diz, mas quando você é moço tem papai, mamãe, tem tudo nas mãos, muitas coisas você num observa não. Quando você passa a assumir responsabilidade... a ser um dono de casa aí você vai saindo de um bocado de coisa e vai passando para outras de seu interesse, que se chama observar a natureza [...] (informação verbal)<sup>36</sup>.

O Profeta Milton de Félix, de 76 anos, só não observa os dias santos. Dentre as suas observações, afirma que as experiências relacionadas ao olho-d’água, a “carga” do Feijão-Bravo, Carnaúba de tabuleiro e Inxuí de ramo, sempre dão certo (Quadro 3). Segundo seu relato, as observações das experiências são importantes porque ele se sente feliz em ajudar ao próximo, prognosticando o inverno:

É muito... eu gosto... é muito importante eu digo, porque, quando as experiências estão ótimas pra mim, isso é uma coisa que eu fico muito feliz,

<sup>36</sup> COSTA, Milton Medeiros da. **Profeta Milton de Félix parte I, II**: entrevista [nov./2012]. Entrevistador: Neusiene Medeiros da Silva. Sítio Quixaba - São Fernando, 2012. 2 arquivos .mp3 (57; 149 min.).

porque eu vou repassar isso para um amigo, pra outro, pra outro e indicar a todos que estão assim um pouco desesperados, né? Aí eu vou... falo aquilo para ele, aí ele já esfria, né? Já fica feliz [...] (informação verbal)<sup>37</sup>.

Esta afirmação vem demonstrar a função social que o profeta desempenha. Elaborar a profecia, transmitir o prognóstico para os sertanejos, procurando tranquilizar aqueles que se encontram angustiados. Em sua trajetória de vida aprendeu com avós, pais, tios e conhecidos a observar e a descobrir os segredos da natureza sertaneja.

<b>Quadro 3 - Experiências de inverno do Profeta da Chuva Milton de Félix</b>
<b><i>Sinais bons para inverno</i></b>
- O Enxu (redondo) em dezembro estando magro, com muitos filhos e lêndeas novas; - Encontrar muitos Inxuí de rama com mel e ter muitas lêndeas; - quando vem preparação de chuva a Formiga Alemanha, que é uma vermelhinha, se ela se retirar lá pra fora do açude; - Feijão-Brabo quando é de novembro para dezembro ele bota um cacho de 10 a 12 vagens e se ele carregar e segurar completamente a carga; - redemoinho vindo do poente para o nascente; - vegetais quando carregam bem de resina: a Catingueira e o Angico [experiência do pai Félix Nogueira]; - quando as fontes aumentam a água [durante a estiagem]; - Sapo Bezerra estiver com muitos filhotes (bastante parecido com a rã); - o vento vindo do norte e do poente [final do ano]. Quando é de 10 h está ventando forte do poente e pela tarde o vento funcionado é bom pra inverno; - no final do ano o céu quando está muito azulado, os nevoeiros muitos escamados, o cinzeiro [no céu] de setembro (experiência do pai); - o Cupim quando espera muita chuva ele reforma o cupinzeiro; - os Galos-de-Campina com filhotes novos em janeiro; - Xexéu-de-Bananeira cantando; - o Peba verdadeiro produzindo muito no início do ano; - se o Mocó no final do ano tiver magro; - o vento do norte vir rasteiramente as 04:30 da tarde em dezembro é bom sinal de inverno; - durante as chuvas se as trovoadas e nevoeiros estiverem com velocidade lenta; - Caçote que emita um Mocó (sapinho Mocó) pode está no maior verão se tiver martelando <sup>38</sup> nos córregos dos pés de serra é bom sinal de inverno; - Onça-de-Areia quando aparece muito em janeiro [Formiga grande de cor preta e branca e anda rápido (experiência do velho Aureliano)]; - experiência do velho Lamartine Saldanha [...] casado com dona Eurides [...] ele dizia - se você for matar um Peba e for tratar dele e se o fel tiver cheinho assim é ótimo pra inverno [...].
<b><i>Sinais indicadores que o ano vai ser bom de inverno</i></b>
- Cardeiro (em dezembro), Carnaúba, Pau-d'Arco-Roxo (de setembro para outubro), Aroeira, Caibreira, florar e segurar a carga; - a Embiratanha (dezembro) [que Milton conhece] segurar 23 frutos o inverno é muito bom; - chover no Piauí; - Olhos-d'água encherem na seca [durante o período de estiagem da região] ("acima de tudo, excelente para a confirmação do inverno"); - se os Pereiros segurarem as galinhas [depois da dispersão das sementes] durante a seca para só cair quando o inverno começar (chovendo bastante); - a sabiá [...] quando em janeiro às 10 horas da manhã ela está cantando na floresta, "desbanguelada"; - quando chega em janeiro os pássaros estiverem alegres [cantando]; - lua cheia de janeiro: quando ela sai dentro de uma barra bem bonita e larga, quando chega na altura das 8 horas no céu e a barra segurar o inverno é bom; - Preás se reproduzindo no final do ano, se no [...] mês de dezembro tiver com os testículos cheios; - quando o Sapo Bezerra berrar nas primeiras chuvas é sinal de inverno firmeza, ele fica "hehehehehe"; - Corujinha-Boca-Mole de tardezinha, a boca da noite, ela segurando "curicuriplaplapla" é sinal de bom inverno;
<b><i>Sinais indicadores de que está próximo de chover</i></b>
- Teju-Açú andando na terra seca (final do ano) logo com 10 a 12 dias se vê chuva e quando sai em janeiro das tocas; - no mês de janeiro os cavalos estiverem muito suados sem fazerem esforço; - quando o Carreiro [de Santiago] está manchando [no final do ano] há possibilidade de chover antes dos meses normais de inverno "que se chama janeiro, fevereiro, março, abril, maio e junho"; - a Caranguejeira quando começa a aparecer nas cercas de pedra e dentro de casa.

<sup>37</sup> COSTA, 2012.

<sup>38</sup> Segundo o profeta, martelar é um som emitido por um Sapo chamado de Mocó. É assim chamado, porque imita esse mamífero. O Sapo Mocó pode ser encontrado nos córregos, que se formam no sopé das serras.

<b><i>Sinais indicadores de inverno geral</i></b>
- vegetais estando todos carregados redondos indica pelos mais velhos inverno geral.
<b><i>Mau sinal para inverno / Sinal ruim para inverno</i></b>
- quando chega em janeiro os pássaros estão tudo triste [sem cantar]; - se as primeiras chuvadas do inverno formar com muitos trovões e relâmpagos passar por muitos lugares e terminar apenas em sereno é um mau sinal para inverno; - o Mocó no final do ano quando está gordo é mau sinal de inverno; - durante as chuvas tiver trovoadas e nevoeiros com muita velocidade é mau sinal de inverno. - Cardeiro florar e o fruto ficar pequeno e preto é sinal muito ruim de inverno; - vento vindo do sul; - o Cururu chocando e morrendo em água velha é muito ruim para inverno;
<b><i>Sinais indicadores que geram dúvidas sobre o inverno</i></b>
- quando ela [Formiga Alemanha] sai... pra fora [do açude] e com quinze dias ou 22 que ela volta para o espaço molhado; - Feijão-Brabo quando é de novembro para dezembro ele bota um cacho de 10 a 12 vagem e se ele carregar e segurar completamente a carga,[mas se] tiver variação das sementes na vagem "como um caroço bom, outro banguelo, sem ter, já tem dúvida [...]".
<b><i>Sinais indicadores de seca</i></b>
- carreiro é aquela... é aquela listra de estrela forte com manchas claras e escuras. Ele fica bem de sul a norte, mas se ele estiver um pouco enviesado é seca; - Preás se no [...] mês de dezembro tiver com os testículos seco; - se num açude tiver muita Curimatã [...] e ela desovar na primeira chuva.
<b><i>Sinais indicadores de inverno atrapalhado</i></b>
- o Carreiro [Santiago] solta a água dele no mesmo ano que ele está [aparecendo]; - se no amanhecer do dia de ano [1º de janeiro] tiver uma garoa (sereno fino).
<b><i>Sinais indicadores de fim de tempestades</i></b>
- quando o arco-íris aparecia, dizia uma tia dele, que era nossa senhora que colocava o braço para conter a tempestade que vinha.

A Fauna foi o elemento geral com o maior número de elementos específicos observados pelo profeta Milton de Félix. Estes pertencem à classe dos insetos (Abelha de Enxu, Formiga Alemanha, Formiga Onça-de-Areia e Cupim), peixe (Curimatã), anfíbios (Sapo Bezerra, Sapinho Mocó, Sapo Cururu), mamíferos (Preá, Mocó, Peba e Cavalos), réptil (Tejo-Açu), aracnídeo (Caranguejeira) e as aves (Sabiá, Galo-de-Campina, Corujinha-Boca-Mole e os pássaros de um modo geral). Da Flora – Cardeiro, Carnaúba, Pau-d'Arco, Aroeira, Caibreira, Embiratanha, Pereiro, Feijão-Brabo, Catingueira, Angico e vegetais de um modo geral. Dos Elementos Atmosféricos – chuva, redemoinhos, vento, céu, nuvens, cinza de setembro, trovão, relâmpago e arco-íris. Das Fontes/Reservatórios – olho-d'água, fontes de água. Dos Astros – Carreiro de Santiago e a Lua cheia e das Datas específicas – 1º de janeiro (Quadro 3).

#### 4.1.3. EXPERIÊNCIAS DO PROFETA DA CHUVA MANOEL UCHOAS

O profeta Manoel, de 69 anos, começou a observar as experiências em 1956 (com 13 anos), motivado pelo interesse de criar gado, pela sabedoria dos que entendiam do assunto, mas principalmente quando conviveu com a seca de 1958.

Assim mesmo a gente que... nasci na zona rural e me criei na zona rural e estudei pouco [...] aí a gente tem interesse né aqui e começar a criar... aquele gadozinho. Criava aqueles animais aqueles negócio e tinha interesse de ver um relâmpago uma coisa... escutando muito aqueles que eram, diziam muitas as coisas certas [...] (informação verbal)<sup>39</sup>.

Para o profeta, as experiências são importantes porque representam uma forma de se prevenir das intempéries ambientais, permitindo que o mesmo desenvolva estratégias para vencer as dificuldades relacionadas ao sistema produtivo:

[...] pra mim é, porque eu vejo mais ou menos as coisas como vai seguir... e me defendo já de muitas coisas, por exemplo, eu vendi... eu vi que o ano ia ser desmantelado... esse ano, num ia ter [...] eu tinha duzentas e tantas cabeças de ovelha eu fiquei com quarenta [...] eu já sabia que ia ser desmantelado e muito, aí vendi uma parte do gado, vendi as ovelhas [...] e me prevenindo para outras coisas não tão boas, né? Eu já sabia que ia acontecer isso fui logo me prevenindo. Água, por exemplo, fazer tanque para os animais... e canto que não tinha água não adiantava penetrar, porque eu não tinha condições de furar um poço, então assim eu fui me defendendo e estou quase vencendo só está faltando quase um mês e pouco para terminar o ano né? E pode até cair umas chuvadas no mês de dezembro lá [...] (informação verbal)<sup>40</sup>.

Suas observações estão pautadas em quase todos os elementos usualmente citados pelos demais profetas, com exceção dos dias santos. As experiências citadas aprendeu com o pai e sozinho, observando a natureza (Quadro 4).

<b>Quadro 4 - Experiências de inverno do Profeta da Chuva Manoel Uchoas</b>
<b><i>Sinais bons para inverno</i></b>
- quando o Aracati [vento do norte] açoita bem [a partir de setembro]; - quando as Moscas começam a aparecer no final do ano é um bom sinal de inverno; - o Marimbondo-Caboclo [fazendo] suas casas de barro dentro das casas das pessoas [...]; - encontrar Enxu de Abelha Italiana no final do ano; - Formiga, ela quando [...] o mês que entra em diante [dezembro] começa a desocupar a casa [...] jogar o que ela levou para se alimentar durante o período invernososo... aí ela joga aquele basculho pra fora e quando pegar o inverno ela vai pegar outro para jogar dentro da casa também e se elas estão tirando a família; - O Cupim [...] já muito verde e já muito grande o Cupim novo e como uma lama; - você cortar uma Jurema e/ou um Pinhão no final do ano e sair água [seiva]; - o Papa-Sebo [novembro], Rolinha, Galo-de-Campina começar a pôr muito; - os pássaros andam em rebanho, mas quando é para pôr eles se unem em casal; - Aroeira, Ubiratã e Pau-d'Arco segurar a carga; - a Ribaçã permanecer na região da Paraíba; - Rolinha Cascavilinha, Tetéu, pôr (final do ano); - a Lua cheia e nova de janeiro nascer pendendo pro lado do norte.
<b><i>Sinais indicadores que o ano vai ser bom de inverno</i></b>
- se os olhos-d'água encherem no final do ano próximo das chuvas começarem a cair o ano é bom de inverno; - se todos os Juazeiros carregarem e segurarem a carga num mesmo período; - se nos dias 08, 18 e 28 de outubro aparecerem carregação forte (nevoeiro, chuvinha, chuvão, relâmpago entre outros); - Caibreiras carregarem bem; - Se chover primeiro no Brejo do que em Caicó no período do inverno; - o sol rodar de 40 a 50 cm toda semana; - se ao nascer a cor do sol estiver bem clara [...] e o inverno do

<sup>39</sup> AZEVEDO, Manoel Medeiros de. **Profeta Manoel Uchoas**: entrevista [nov./2012]. Entrevistador: Neusiene Medeiros da Silva. Caicó, 2012. 1 arquivo .mp3 (110 min.).

<sup>40</sup> AZEVEDO, 2012.

próximo ano é bom de inverno; - o Sete-estrela... o Cruzeiro do Sul ficar escuro tipo como um nevoeiro; - se a Rouxinol procurar as casas para fazer seus ninhos; - Beija-Flor fazendo ninhos; - se no mês de setembro o dia tiver acinzentado; - se a partir de agosto as vacas parirem no curral bezerras machos; - Se as ovelhas parirem borregas; - se as gatas derem cria em janeiro e não comerem os filhotes.
<b><i>Sinais ruins para inverno</i></b>
- os ventos, quando eles começam a soprar... aquela briga de ventos num sabe? Aquele redemoinho, aquela ventarada toda com muita força... o do sul empurrando o do norte [final do ano] já é uma coisa que não é tão boa para inverno; - a Mangueira carregar várias vezes; - a estrela Dalva caminhar devagar para o poente.
<b><i>Sinais indicadores que o ano vai ser ruim de inverno</i></b>
- todos os Juazeiros tem que carregar e segurar a carga num mesmo período se não o ano vai ser ruim de inverno; - Se chover primeiro em Caicó do que no Brejo o inverno é ruim; - se ao nascer do sol a cor estiver vermelha o ano é ruim de inverno.
<b><i>Sinais indicadores de seca</i></b>
- as Abelhas Italianas desaparecerem [...] e não voltarem até o final do ano, mas se elas voltarem chove [...]; - O Cupim [...] quando ele fica seco danado; - se o Preá desaparecer em ano de seca; - a Curimatã secar a ova; - se a partir de agosto as vacas parirem no curral bezerras fêmeas; - se as ovelhas parirem borregos; - se as gatas derem cria em janeiro e comerem os filhotes; - se o Carão não cantar no final do ano.
<b><i>Sinais indicadores de chuva para o mesmo dia</i></b>
- se ao nascer o Sol estiver com cor bem clara pode ser que chova naquele dia; - o tempo tem que tá quente (final do ano), mas se o tempo tiver frio não chove.

Manoel Uchoas observa vários elementos da Fauna da classe dos insetos (Moscas, Marimbondo-Caboclo, Abelha Italiana, Formiga, e Cupim), das aves (Papa-sebo, Rolinha, Galo-de-Campina, Ribaça, Rolinha Cascavilinha, Tetéu, Rouxinol, Beija-Flor e Carão); dos mamíferos (bovinos – vacas e bezerras, ovinos – ovelhas e borregos, Preá e as gatas) e dos peixes (Curimatã). A Flora é o segundo elemento geral com maior número de elementos específicos indicados dentre os quais a Jurema, o Pinhão, o Juazeiro, a Caibreira, a Aroeira, o Ubiratã, o Pau-d'arco e a Mangueira. O profeta citou observação com Fenômenos Atmosféricos – Vento Aracati, chuva, cinza de setembro, redemoinhos e a temperatura do final do ano; com os Astros – Sol, Lua cheia, Sete-estrela, Cruzeiro do Sul, Estrela Dalva; Fontes/Reservatórios – olho-d'água e Datas específicas – 08, 18 e 28 de outubro (Quadro 4).

#### 4.1.4. EXPERIÊNCIAS DO PROFETA DA CHUVA JEFERSON BATISTA

O Profeta Jeferson Batista, de 91 anos, começou a observar as experiências de inverno a partir dos 20 anos, porque os antigos observavam. Considera as experiências importantes, pois as mesmas permitem prever a condição pluviométrica e, com isso, tem a certeza de como será o inverno (Quadro 5).

<b>Quadro 5 - Experiências de inverno do Profeta da Chuva Jeferson Batista</b>
<i>Sinais bons para inverno</i>
- [se tiver] Preá novo no fim do ano é sinal bom; - rolinhas fazendo ninho e pondo; - ter carregaçãõ de inverno no final do ano.
<i>Sinais indicadores que o ano vai ser bom de inverno</i>
- Preá macho encher o ovo [testículos]; - vegetaçãõ enramar em outubro (outubro: Pereiro, Aroeira, Angico), florar, tomar carga [frutificar] e segurar; - se no dia de ano: chegar a serenar e a tarde chover ou de manhã tiver carregaçãõ e chover e a tarde neblinar o ano é bom; - se chover no dia da fogueira de São João; - quando tem carregaçãõ e relâmpagos para sul o ano é bom de inverno.
<i>Sinais indicadores de seca</i>
- se no dia de ano chover de manhã e a tarde fizer verão; - se no dia da fogueira de São João, neblinar e a tarde limpar e não tiver carregaçãõ.
<i>Sinais indicadores que o ano vai ser ruim de inverno</i>
- Preá macho secar o ovo;
<i>Sinais ruins para inverno</i>
- se no dia de ano serenar.
<i>Sinais indicadores de inverno fraco</i>
- quando o inverno carrega pro norte.

Jeferson Batista observa a Fauna – Preá (mamífero) e Rolinha (ave); os Fenômenos atmosféricos – carregaçãõ de inverno e relâmpagos; a Flora - Pereiro, Aroeira, Angico e a vegetaçãõ de um modo geral; os Dias Santos - São João e as Datas específicas – 1º de janeiro (Quadro 5).

#### 4.1.5. EXPERIÊNCIAS DO PROFETA DA CHUVA GILTON BATISTA

O Profeta Gilton Batista, de 74 anos, passou a se interessar pelas experiências desde menino, quando ouvia os avós, os pais, falarem destas práticas tomando como referência a flora da caatinga. Então foi “tomando gosto” pelo tema. As experiências são muito importantes, segundo ele, porque permitem reafirmar sua origem no campo e ao mesmo tempo prevenir das possíveis secas, pois mesmo morando na cidade, mantém uma propriedade na zona rural:

Porque também eu fui e vim da zona rural e ainda tenho propriedade... que influencia na... [...] eu crio gado... eu crio... quer dizer... aí então a gente se prevenir de uma seca dessa. Eu procuro vender o gado, armazenar mais água [...] e avisar os amigos (informaçãõ verbal)<sup>41</sup>.

Como desempenha atividades no campo, as experiências (quadro 6) exercem a função de auxiliá-lo na tomada de decisões. Para se prevenir dos efeitos da seca tomava

<sup>41</sup> ARAÚJO, Gilton Batista de. **Profeta Gilton Batista**: entrevista [nov./2012]. Entrevistador: Neusiene Medeiros da Silva. Caicó, 2012. 1 arquivo .mp3 (90 min.).

algumas medidas como vender os animais, armazenar água e alertava os amigos sobre o problema. Dessa forma, exercia seu papel social de profeta do tempo.

<b>Quadro 6 - Experiências de inverno do Profeta da Chuva Gilton Batista</b>
<i>Sinais bons para inverno</i>
- Mari, Pereiro, Juazeiro, segurar a carga (flora em novembro) é bom de inverno; Pereiro segurar as galinhas no período seco; - Juazeiro trocar a folhagem (novembro) e segurar a carga; - 1ª Lua cheia do ano nascer por trás de nuvens; - se no dia de São João chover e molhar a cinza da fogueira.
<i>Sinais indicadores de que está próximo de chover</i>
- a Formiga quando está no açude ela faz sua casa na parte úmida, próximo da água, quando está próximo do açude encher ela sai da parte baixa para os altos, distante da área que irá inundar; - as Abelhas de Inxuí e os Marimbondos-Caboclos procuram as casas quando se aproximam as chuvas; - Sapo, o Teju-Açú e o Cágado hibernam na seca, quando é para chover eles saem da toca.
<i>Sinais indicadores de seca</i>
- o Sapo só desova quando há chuva. Se ele desovar na água velha é sinal de seca.
<i>Sinais indicadores do início do inverno</i>
- a Curimatã (geralmente em dezembro) quando desova cedo o inverno começa cedo.

Gilton Batista citou experiências com elementos da Flora - Mari, Pereiro, Juazeiro; com os Astros – lua cheia; os Dias Santos – a cinza da fogueira e o dia de São João; a Fauna - a Formiga, Abelhas de Inxuí e o Marimbondo-Caboclo (insetos), Sapo (anfíbio), Teju-Açu e o Cágado (réptil) e Curimatã (Peixe) (Quadro 6).

#### 4.1.6. EXPERIÊNCIAS DO PROFETA DA CHUVA CHICO ELPÍDIO

O Profeta Chico Elpídio, de 62 anos, tem interesse pelo desvendamento da natureza desde a adolescência (17, 18 anos), escutando os mais velhos e observando. O processo de aprendizagem exigiu a curiosidade, interesse, o exemplo, a atenção e o tempo para que esse saber viesse a ser aperfeiçoado.

Desde pequeno que eu fui muito curioso... eu gostei de escutar as pessoas mais velhas. Vendo as mais velhas eu comecei a olhar a natureza, né? Aí, isso aí que eu comecei a aprender [...] verificar se realmente aquilo é certo, aí eu comecei a observar. Aí eu criei outras... outras maneiras novas que eles também não tinham [...] aí eu fui aperfeiçoando essas coisas e graças a Deus hoje eu tenho algum conhecimento, é pouco, mas eu tenho algum conhecimento (informação verbal)<sup>42</sup>.

<sup>42</sup>MEDEIROS, Francisco Elpídio de. **Profeta Chico Elpídio parte I, II**: entrevista [nov./2012]. Entrevistador: Neusiene Medeiros da Silva. Distrito Palma - Caicó, 2012. 2 arquivos .mp3 (109; 104 min.).

Pela sua vivência no campo, desde criança, Chico Elpídio além de conquistar o reconhecimento de Profeta da Chuva é um ambientalista preocupado com o bem da natureza, do planeta e das pessoas que nele habitam. Em um dos trechos de entrevista é enfático ao dizer:

O homem está matando a própria mãe... O homem matando a própria vida [...] Quando tem um doente como eu... eu não corto toda planta e quando vou cortar as vezes sinto dor e não corto [...] é, preserva, mas a grande parte num quer nem saber disso [...] Porque a maioria das pessoas não sabe que a planta é viva, que a planta sente dor, entendeu? (informação verbal)<sup>43</sup>.

Chico Elpídio apresenta grande versatilidade nas atividades que desenvolveu e desenvolve. É agricultor, vaqueiro, já foi esportista (futebol), presidente de clube e de cooperativas, presidente do conselho comunitário, líder comunitário, presta “serviços comunitários de veterinário”, contribui com seu conhecimento em trabalhos acadêmicos (dissertações, teses), entre outros.

O Profeta Chico Elpídio tem como principal observação a “carregação” da vegetação e a experiências do Xique-Xique (Quadro 7).

<b>Quadro 7 - Experiências de inverno do Profeta da Chuva Chico Elpídio</b>
<b><i>Sinais bons para inverno</i></b>
- Xique-Xique com espinho novo (final do ano); - 1ª Lua cheia do ano nascer por trás de uma barra; - se o Carreiro Santiago tiver de norte a sul, mas se tiver com as estrelas vivas e aglomeradas é melhor e outra é quando as estrelas começam a piscar; - carregação do Cumaru, Aroeira, Caibreira, Embiratanha, pau d'arco; - a Jurema carregar várias vezes no ano; - Juazeiro trocando a roupa; - se os tanques, cacimbas, poços, secarem de repente; - se no final do ano tiver um véu (nevoeiro ralo, amarelo, pela manhã, como uma cinza no céu); - céu escamado; - [...] Jucá tá trocando a folhagem; - Gia cantando em dezembro; - chover em dezembro.
<b><i>Sinais indicadores que o ano vai ser bom de inverno</i></b>
- se anoitecer e tiver relampeando para o poente o ano é bom de inverno.
<b><i>Sinais indicadores de que o inverno está próximo de começar</i></b>
- pássaros ficam em bando, mas quando tá pra chegar o inverno eles ficam em dupla; - o Gavião vermelho faz o ninho e se acasala para reproduzir; - a Corujinha no tronco do Xique-Xique em dezembro estiver reproduzindo; - se raspar a casca do Mofumbo e ele estiver cheio de água; - se tiver água em um tanque e de repente ela ficar verde;
<b><i>Sinais indicadores de ocorrência de chuva para o mesmo dia</i></b>
- o gado escaramuçando é sinal que vai chover.
<b><i>Sinais indicadores de inverno “fraco ou tarde”</i></b>
- chover no mês de novembro.
<b><i>Sinais indicadores do início do inverno</i></b>
- experiência que ele aprendeu (em 1992) em Pernambuco: existe uma chuva chamada de trovoadas, em dezembro, uns quinze dias de pré-inverno. E com 45 dias o inverno chega no Seridó e chega lá também. No Piauí do mesmo jeito, se tiver chovendo por lá agora (novembro) com 60 dias o inverno chega aqui.
<b><i>Sinais indicadores de ocorrência de chuvas</i></b>
- observa-se o dia e os dias que se seguem a Nossa Senhora da Conceição, de 08 a 12 de dezembro e Santa Luzia de 13 a 17 de dezembro. Cada dia representa um mês dos 5 meses iniciais do ano. Observa-

<sup>43</sup> MEDEIROS, 2012.

se a carregação nesses dias, se tiver pelo menos relâmpago é sinal que no mês tem chuva, se não é seco.
<b><i>Sinais indicadores de que está próximo de chover</i></b>
- Se ventar do poente 3 dias seguido pode esperar que chove, depois desses dias ou mesmo durante os 3 dias; - os cavalos começarem a suar demais (no final do ano); a Jurema tem um botão adormecido e quando vai ter uma carregação ou dá um sereno, ele acende e ocorre a floração.
<b><i>Sinais indicadores de que o inverno será muito ruim</i></b>
- se no dia de ano tiver choroso o inverno é muito ruim, é melhor que ele não tenha nem nevoeiro, seja quente e seco;
<b><i>Sinais ruins para inverno / Mau sinal para inverno</i></b>
- se anoitecer e estiver relampeando no Riacho dos Porcos ("recanto entre o norte e o poente"); - o Carreiro Santiago tiver pendendo para o poente; - dia de São José, São Sebastião tiver muito vento folgado, antes de chegar o dia de São José; - falta de pastagem; - seca localizada. São sinais ruins para inverno; - se tiver Enxerco <sup>44</sup> em Jurema e cera no Pereiro e Catingueira, é mau sinal de inverno.

O profeta Chico Elpídio citou observações principalmente com elementos da Flora – Xique-Xique, Cumaru, Aroeira, Caibreira, Embiratanha, Pau-d'arco, Jurema, Juazeiro, Mofumbo, Pereiro, Catingueira, Jucá e o Pasto (estrato herbáceo). Observa alguns Fenômenos Atmosféricos – relâmpago, véu (nevoeiro), chuva, seca e a chuva de trovoadas em Pernambuco; os Astros – Carreiro Santiago e a 1ª lua cheia do ano; as Fontes/Reservatórios – tanques, cacimbas e poços; a Fauna – os pássaros de um modo geral, o Gavião vermelho (aves), os bovinos e os cavalos (mamíferos), Gia (anfíbio); os Dias Santos – Nossa Senhora da Conceição, Santa Luzia, São José e São Sebastião e as Datas específicas – 1º de janeiro (Quadro 7).

#### 4.1.7. EXPERIÊNCIAS DO PROFETA DA CHUVA ABEL FOLHA SECA

O Profeta Folha Seca, de 76 anos, começou a observar o tempo muito jovem, com 12 anos. Saber se vai chover ou não é de interesse do sertanejo seridoense, principalmente o que vive na zona rural e inicia esse processo de conhecimento na infância e desenvolve ao longo de sua vida, ouvindo as pessoas da família e da comunidade, assim como aprimorando sua capacidade de observação dos fenômenos da natureza.

Realizar as experiências (Quadro 8) para Folha Seca significa confirmar as expectativas positivas em relação ao inverno. O sertanejo espera por um ano chuvoso com muita fartura e as experiências, quando positivas, exercem a função de revelar a

<sup>44</sup> Enxerco é uma planta parasitária encontrada sobre espécimes de Jurema-Preta.

“boa nova”: "é, porque a gente fica esperando por coisa boa e esperar por coisa boa não é bom? (informação verbal)<sup>45</sup>.

Espera-se que o inverno seja muito chuvoso, mas se não for, o sertanejo deposita a sua fé em Deus, a quem tem o poder de reverter o prognóstico negativo.

<b>Quadro 8 - Experiências de Inverno do Profeta da Chuva Abel Folha Seca</b>
<b><i>Sinais bons para inverno</i></b>
- o ano começar no domingo é bom de inverno; - Caraúba, Aroeira, Caibreira, Embiratã, Pau-d'Arco segurar a carga (flor e fruto); - se em 02 de fevereiro (dia de Nossa Senhora das Candeias) pintar chuva; - o Camaleão, Concriz, pôr é sinal bom de inverno; - se a Formiga estiver dentro do açude e saírem para fora; - a Embiratã segurar muitas cabacinhas[fruto]; - olho-d'água encher no final do ano (no período seco); - Galinha abrindo as asas na terra ao meio dia; - Cupim criar asa e a família engordar é sinal bom de inverno; - a Formiga e a Saraça criando asa; - achar muitos ninhos de Cajaca-de-Couro; - o Tetéu gralhando é bom sinal também; - os pássaros cantando de manhã cedo; - o vento vindo do norte é bom pra inverno.
<b><i>Sinais indicadores que o ano vai ser bom de inverno</i></b>
- a Cascavel tomar cria em riba de ano bom; - "a Barca de Noé (são quatro estrelas em forma de caixão e um rabo para trás) ela tem que sair no sul, aqui no norte a boca da noite e de madrugada tiver assim é bom demais o inverno [...] ela tem que tá com as pontas viradas pro norte (experiência da tia).
<b><i>Sinais indicadores de seca</i></b>
- se Juazeiro não enramar em novembro sem chover o ano é seco, tem que enramar no seco.
<b><i>Sinais indicadores de que está próximo de chover</i></b>
- se a vaca tiver no curral e der um coice e ficar com a perna tremendo chove com três dias.
<b><i>Sinais indicadores de ocorrência de chuva para o mesmo dia</i></b>
- o Galo-de-Campina cantando e dando voltinha.

O profeta Folha Seca observa principalmente a Fauna – Cascavel e Camaleão (répteis), bovino (mamífero), Formiga, Cupim, e Saraça (insetos), e Cajaca-de-couro, Concriz, Tetéu, Galo-de-Campina, Galinha e pássaros de modo geral (aves) e a Flora – Caraúba, Aroeira, Caibreira, Embiratã, Pau-d'arco, Juazeiro. Outros elementos citados foram as Datas específicas – o 1º dia da semana que inicia o ano; os Dias Santos – Nossa Senhora das Candeias; as Fontes – olho-d'água; os Astros - Barca de Noé e Elementos atmosféricos – Vento.

## **5. INTERESSE DOS SERTANEJOS DO SERIDÓ SOBRE O “INVERNO”**

A prática da observação das experiências de inverno data de séculos, quando não havia métodos de previsão meteorológica como nos dias atuais (INOJOSA, 1980). Os avanços na meteorologia, dos métodos de previsão, dos instrumentos e a facilidade de

<sup>45</sup> ARAÚJO, Abel Pereira de. **Profeta Folha Seca**: entrevista [nov./2012]. Entrevistador: Neusiene Medeiros da Silva. Sítio Pedra Branca - Jucurutu, 2012. 1 arquivo .mp3 (67 min.).

acesso às informações dos boletins através da mídia impressa e eletrônica contribuíram com a população de um modo geral, fornecendo a informação em tempo real da condição meteorológica de qualquer região.

Os profetas, em sua maioria (70%), afirmaram acreditar nas previsões dos meteorologistas. Contudo, essas previsões são motivos de desconfiança. E os que não acreditam justificam-se pelas constantes falhas.

O meteorologista desdenha do profeta de chuva, considerando-o inferior a ele por não ter cunho científico o seu conhecimento. Por sua vez, o profeta de chuva zomba do meteorologista, ridicularizando-o por suas errôneas previsões. E o homem comum chasqueia dos dois, alegando que estão se metendo numa área que a Deus pertence (MONTENEGRO, 2008, p. 16).

Prever o tempo na área de abrangência do clima semiárido não é uma tarefa fácil tanto para o meteorologista, assim como para os profetas, que estão completamente susceptíveis a erros.

As condições climáticas da Região do Seridó se constituem como um dos fatores que submetem a população rural dessas áreas a um estado de vulnerabilidade, onde a seca torna a atividade agrícola essencialmente arriscada. Desse modo, as experiências de inverno apresentam-se como uma das estratégias adaptativas adotadas frente à vulnerabilidade climática (ANDRADE, SILVA, SOUZA, 2012).

O regime pluviométrico da região (inverno) continua exercendo forte influência no comportamento do sertanejo seridoense. “A água é que dá vida à propriedade rural do semi-árido, condição mínima de sua explorabilidade” (MONTENEGRO, 2008, p. 14). Segundo Sinval, “quase todo sertanejo hoje cria pelo menos uma, duas ou três vaquinhas” e a ausência de água e alimento seriam cruciais para suas atividades produtivas.

[...] os sertanejos, hoje, aqui na nossa região, mesmo que a gente plante pouco... está se plantando quase só pra, pra o consumo. Como se diz estão plantando só para comer verde: o feijão verde, o milho verde, sabe? Achando melhor comprar o produto que vem de fora do que ir trabalhar, porque pra você produzir hoje tem que ter o combate com veneno, né? E muitas pragas que atacam a lavoura. O grande interesse do homem nordestino seridoense é porque a maioria, hoje, e quase todo mundo cria, cria... tem a criação, sabe? Quem tem terra, quem não tem, quase todos estão criando uma vaca, duas ou três, porque no passado só quem tinha direito de fazer empréstimo no banco era o rico, o proprietário. Mas de uns certos tempos pra cá, você sabe que a mesma pessoa que não tem terra quer fazer um empréstimo de 2.500,00 e 3.000,00 reais, faz. Comprar uma vaca acompanhada ou uns garrotes e tudo mais... E tem outros tipos de empréstimos, mas aquelas bolsas, bolsas que existem no governo aquilo não dá pra ninguém viver não, tem alguém que

parece que está vivendo com aquilo, mas eu não sei qual é a forma, sabe? Porque não dá... ela... aquela bolsa família, tem outros que recebe cento e poucos reais... mas tem uns que só é sessenta e poucos. Isso é só o bolsa família, mesmo, não tem bolsa escola, quando tem bolsa escola é mais dinheiro... tem filho né? E o sertanejo, repito, ele procura e deseja um ano que haja inverno. E uma maioria de quem ainda acredita e tem a força e a coragem de trabalhar na terra devido a criação, que tem, e ainda planta alguma coisa e é isso não tem outra saída [...] Quando a gente cultivava o algodão era ele quem dava a camisa a pessoa, né? [...] (informação verbal)<sup>46</sup>.

O profeta Milton de Félix afirma que o inverno é fundamental para as atividades produtivas relacionadas à criação e semeadura das culturas agrícolas da região. Sem ele, os benefícios do governo não seriam suficientes para sustentar o sertanejo e seu rebanho.

Porque a gente que seja aposentado e que não seja, sem inverno não tem nada. O inverno é o que traz todas as melhorias para todos os tipos de animais, para todos os tipos de vegetal. Sem inverno não há nada, a água é vida, né? Só o nome tá dizendo: a seca, né? (informação verbal)<sup>47</sup>.

Para Manoel Uchoas, o interesse do sertanejo em saber sobre o inverno está relacionado ao amor que o mesmo tem a sua terra, embora as adversidades ambientais da região penitenciem a períodos até longos de dificuldades produtivas. Outra questão é a importância social que o inverno tem entre os sertanejos. Durante todo ano o assunto inverno é para o sertanejo motivo de longas conversas nas feiras, nos encontros religiosos, nas reuniões de associação, nos supermercados ou onde alguém questione simplesmente sobre a temperatura daquele dia.

Assim como Sinval, as opiniões dos Profetas Jeferson Batista, Gilton Batista, Chico Elpídio e Abel Folha Seca, convergem quanto às motivações do sertanejo em relação às previsões de inverno. Para eles, o inverno é de interesse do sertanejo seridoense em razão das práticas produtivas (de criação e semeadura), as quais são limitadas pelas condições ambientais da região.

Neste contexto, a seca é a principal ameaça para o sertanejo, desde o período de ocupação dessa região. Os esforços do governo, com a adoção das políticas de convivência com o semiárido, não tem sido ainda suficientes para extinguir ou amenizar os problemas que afetam a sobrevivência dos sertanejos, bem como de seu rebanho e de

---

<sup>46</sup> DANTAS, 2012.

<sup>47</sup> COSTA, 2012.

suas culturas agrícolas. As motivações para a realização das experiências são enfatizadas em vários relatos dos profetas:

Olha a preocupação dos sertanejos é com a criação dos animais, porque [...] o fenômeno da seca pra nossa região é uma calamidade. Você vê o que tá acontecendo ai... eu tenho pessoas conhecidas que já perderam mais de 100 cabeças de gado outros mandaram para o Maranhão para escaparem lá, porque aqui não tem condição. Quer dizer você trabalha vários anos como houve esses anos de inverno normal, quando chega... um ano como esse acaba, liquida tudo. É um negócio que faz medo mesmo, um ano de seca. Tem região aqui que não tem uma gota d'água nem para os animais nem para os humanos [...] (informação verbal)<sup>48</sup>.

[...] pra poder... plantar... quando chegar o tempo de plantar [...] (informação verbal)<sup>49</sup>.

Porque num é bom o inverno? [...] o inverno é bom para trabalhar... fazer fartura pro gado... (informação verbal)<sup>50</sup>.

O sertanejo, esse negócio de você ser do sítio... isso tá no sangue minha gente. Não tem como você ter a origem do sítio... Você gosta de ver gado, você gosta de ver planta, você gosta de plantar. Isso foi a cultura, aqui quando começou só era agricultura. É a nossa cultura, não tem jeito, tá no sangue [...] (informação verbal)<sup>51</sup>.

Nesse sentido, as previsões realizadas, a partir da observação das experiências de inverno, atuam como orientadoras para as atividades dos sertanejos do Seridó, embora algumas ações, como o preparo do solo, sejam realizadas mesmo que o prognóstico indique seca. Segundo Sinval, não tem quem saiba, até mesmo o profeta, quando vai chover, sendo Deus o único que pode mudar essa realidade.

A gente tem que tá preparado [...] a gente se prepara [...], porque é o seguinte a gente tem que tá... chegou, por exemplo, o mês de dezembro, é um mês que a gente tem que preparar o solo .. para plantio, né? E chega o inverno, agora que... teve achando que vai vir inverno e que não venha... o caso do sertanejo é esse e você tem que... a pessoa que vive da agricultura que planta ele tem que fazer o preparo do solo antes que vá chover ou que não [...] é porque a gente não sabe, uma hora para outra pode vim chuva não tem quem manda. Quem manda no tempo é Deus, né? Aí a gente não pode... Ah! Esse ano não vai chover nada! Vou lá ajeitar roçado e num sei o quê! De qualquer forma tem que preparar. É um, é uma coisa que ninguém pode... deixar de fazer não... é como o comer na panela a gente tem que colocar pra comer todo dia, né? (informação verbal)<sup>52</sup>.

---

<sup>48</sup> ARAÚJO, G., 2012.

<sup>49</sup> PEREIRA, 2012.

<sup>50</sup> ARAÚJO, A., 2012.

<sup>51</sup> MEDEIROS, 2012.

<sup>52</sup> DANTAS, 2012.

A experiência fornece aos profetas, principalmente aqueles que ainda desenvolvem atividades agropecuárias, oportunidade de prepararem-se para possíveis intempéries ambientais, principalmente a seca. Sempre quando possível e de acordo com as suas condições:

Porque eu vejo mais ou menos as coisas como vai seguir e me defendo já de muitas coisas, por exemplo, eu vendi... eu vi que o ano ia ser desmantelado... esse ano, num ia ter [...] eu tinha duzentas e tantas cabeças de ovelha eu fiquei com quarenta [...] eu já sabia que ia ser desmantelado e muito, ai vendi uma parte do gado, vendi as ovelhas [...] e me prevenindo para outras coisas não tão boas, né? Eu já sabia que ia acontecer isso, fui logo me prevenindo. Água, por exemplo, fazer tanque para os animais... e canto que não tinha água não adiantava penetrar, porque eu não tinha condições de furar um poço e tão assim eu fui me defendendo e estou quase vencendo, só está faltando quase um mês e pouco para terminar o ano né? E pode até cair umas chuvadas no mês de dezembro lá [...] (informação verbal)<sup>53</sup>.

Eu procuro vender o gado, armazenar mais água [...] e avisar os amigos (informação verbal)<sup>54</sup>.

É, a gente sempre fica observando e vendo o que vai fazer, né? Você pensa em fazer alguma coisa [...] a gente pensa em arrumar as coisas cedo [...] (informação verbal)<sup>55</sup>.

Eu só planto se eu vi experiência para inverno. Se eu não vi eu não planto não! (informação verbal)<sup>56</sup>.

Contudo, a maioria dos sertanejos, em vista de um prognóstico de seca previsto por meio das experiências de inverno ou pelos meteorologistas, não dispõe de capital, infraestrutura e/ou outras estratégias para superar o momento de dificuldades e evitar ou reduzir as possíveis perdas produtivas, o desgaste corporal e psicológico. O que pode levá-los a deixarem sua terra em busca de sonhos em outros horizontes.

Sendo as atividades produtivas estimuladoras da observação das experiências de inverno nos sertões do Seridó, pelos sertanejos, outros fatores vinculados ao sistema produtivo foram identificados, a partir do discurso dos Profetas da Chuva.

A transmissão do conhecimento de geração a geração, a ligação de afeto do profeta a terra e à natureza, o desejo de ajudar ao próximo, as suas origens geográficas, a cultura, a rivalidade e/ou não aceitação das previsões dos meteorologistas e a seca, contribuem para que as experiências estejam sendo observadas até os dias atuais.

A passagem da fase juvenil para a maturidade (idade) e as novas responsabilidades (trabalho, sustentar a família, entre outros) que surgem, passam a

---

<sup>53</sup> AZEVEDO, 2012.

<sup>54</sup> ARAÚJO, G., 2012.

<sup>55</sup> MEDEIROS, 2012.

<sup>56</sup> ARAÚJO, A., 2012.

exigir mais atenção do sertanejo seridoense para a observação dos sinais da natureza. Geralmente, mais de um fator influencia e/ou influenciou a observação das experiências.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Profetas da Chuva do Seridó Potiguar passaram a observar a natureza a partir do processo de transmissão do conhecimento por meio dos pais, avós, tios, os mais velhos e conhecidos do seu convívio, e por observações pessoais. O processo de aprendizagem acontece ainda quando criança, já que escutam os mais velhos, principalmente os pais e avós, conversarem sobre as experiências. Por outro lado, a prática da observação inicia-se na transição da juventude para a fase adulta.

São vários os fatores identificados, que estimulam a observação das experiências de inverno pelos sertanejos, tendo como preocupação maior o desenvolvimento das atividades produtivas (agropecuária) e a ocorrência de secas. As atividades produtivas se constituem o fator influenciador principal da observação e a seca é o fator causa da preocupação. Estão vinculados aos demais fatores identificados como: a idade, o processo de transmissão cultural do conhecimento, a origem do sertanejo, o afeto a terra, o desejo de ajudar o próximo e a rivalidade e/ou não aceitação das previsões dos meteorologistas.

Os Profetas da Chuva demonstraram grande conhecimento dos elementos e das experiências. Alguns afirmam que muitos dos sertanejos da zona rural não acreditam mais nas experiências. Segundo um dos entrevistados, isso se dá em função dos avanços na meteorologia.

Os profetas mostraram-se estudiosos da natureza. Possuem aguçada percepção das mudanças que ocorrem nesta e no meio em que estão inseridos e uma excelente memória para guardá-las.

A maioria dos entrevistados reside na zona urbana, mas esta condição não impediu que os mesmos continuassem a observar as experiências e a cumprir o papel social de Profeta da Chuva. Contudo, o espaço urbano reduz a possibilidade de previsão, sendo necessário estar em ambientes mais naturais como o espaço rural.

A religiosidade é um traço forte dos profetas que acreditam em Deus. A sabedoria e a fé caminham juntas para o bem-estar dos sertanejos. Existe um elo entre o profeta, a natureza e Deus, uma relação intermediada pela vivência, o trabalho e a fé. Os

profetas demonstram sentimentos de amor e uma relação de intimidade com a natureza que, por vezes, pode ultrapassar a compreensão de outrem. A fé exerce importante papel na vida dos profetas e sertanejos, alimentando a esperança por tempos melhores.

A visão, a audição, o tato são direcionados a perceberem os sinais e a sensibilidade para compreender e interpretar os sinais que se apresentam e são visíveis àqueles que buscam conhecê-los. A observação das experiências é um trabalho investigativo que reúne uma série de sinais para se chegar a um consenso sobre o comportamento do período chuvoso.

A capacidade que os profetas têm não é algum em que se deve considerar como “mágico” ou “sobrenatural”, mas o resultado de anos de observação, seleção dos elementos, transmissão dos saberes acumulados e a memória.

A fauna e flora foram os grupos que apresentaram o maior número de elementos observados pelos profetas. Dentre as experiências observadas, quase sempre, depositam maior confiança em determinados elementos.

As experiências de inverno são saberes importantes para os profetas seridoenses e grande parte dos sertanejos que vivem no espaço rural. Estas, além de permitirem ao profeta elaborar um prognóstico das chuvas para orientar os sertanejos em suas atividades produtivas, atuam como um dos alimentadores da esperança e da fé sertaneja, traços fortes da resistência da sociedade seridoense. Salienta-se a importância da conservação deste saber, pois permite estreitar as relações de dois mundos: o do homem e o da natureza.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao DAAD (Deutscher Akademischer Austausch Dienst – German Academic Exchange Service), pelo financiamento da pesquisa.

A Joaquim Gaspar, da rádio Rural de Caicó, pela imensa ajuda na identificação dos profetas.

A Cimone Rozendo, pelas contribuições ao trabalho.

A todos que contribuíram diretamente e indiretamente no desenvolvimento da pesquisa, sintam-se agradecidos.

## REFERÊNCIAS

ACSELRAD, M. Questões sobre o universo simbólico da profecia: juntando a fome com a vontade de viver. In: MARTINS, K. P. H. (org.). **Profetas da Chuva**. Fortaleza: Tempo d'Imagem, 2006.

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R.F.P.; CUNHA, L. V. F. C. da. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa etnobotânica**. 2. ed. Revisada, atualizada e ampliada. Recife: COMUNIGRAF, 2008.

ANDRADE, A. J. P. de; SILVA, N. M. da; SOUZA, C. R. A vulnerabilidade e a resiliência da agricultura familiar em regiões semiáridas: o caso do Seridó Potiguar. In: \_\_\_\_\_, A. J. P. de. **A agricultura familiar do Seridó Potiguar: vulnerabilidade, percepção e adaptação às mudanças climáticas**. 2013. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013 (não publicada).

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BEZERRA JR., B. Os porta-vozes da natureza e a prosa do mundo. In: MARTINS, K. P. H. (org.). **Profetas da Chuva**. Fortaleza: Tempo d'Imagem, 2006.

FOLHES, M. T., DONALD, N. Previsões tradicionais de tempo e clima no Ceará: o conhecimento popular à serviço da ciência. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, 19 (2): 19-31, dez. 2007. Disponível em: <  
<http://www.sumarios.org/resumo/previs%C3%B5es-tradicionais-de-tempo-e-clima-no-cear%C3%A1-o-conhecimento-popular-%C3%A0-servi%C3%A7o-da-ci%C3%A2ncia->>. Acesso em: mai. 2011.

GUERRA, P.B. **A civilização da seca**. Fortaleza: DNOCS, 1981.

GUILLEN, I. C. M. Sertão e a identidade nacional em Capistrano de Abreu. In: BURITY, J. A. (Org.). **Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. 105-123 p.

INOJOSA, A. **Quando flora o Mandacaru**: Meteorologia Popular. Recife: Editores Inojosa. 1980.

MACÊDO, M. K. de. **A penúltima versão do Seridó**: espaço e história do regionalismo seridoense. Natal; Campina Grande: EDUFRN; EDUEPB, 2012.

MAGALHÃES, J. Previsões folclóricas das secas e dos invernos do Nordeste Brasileiro. Imprensa Universitária do Ceará. Fortaleza – CE. 1963, pp. 98 a 137. In: **12º Livro das Secas**. Vinght – Rosado (seleção e organização). Edição especial para o acervo virtual Oswaldo Lamartine de Faria. Disponível em: [http://www.colecaomossoroense.org.br/acervo/12\\_livro\\_das\\_secas.pdf](http://www.colecaomossoroense.org.br/acervo/12_livro_das_secas.pdf). Acesso em: mai. 2011.

MAIA, G. N. **Caatinga**: árvores e arbustos e suas utilidades. São Paulo: D & Z Computação Gráfica e Editora, 2004.

MONTENEGRO, A. F. **Ceará e profeta de chuva**. Fortaleza: Edições UFC, Fortaleza: Banco do Nordeste [distribuidor], 2008.

MORAIS, I. R. D. **Seridó Norte-Rio-Grandense**: uma geografia da resistência. Caicó: [ed. do autor], 2005.

RIOS, K. S. A natureza entre ciências e profecias. In: MARTINS, K. P. H. (org.). **Profetas da Chuva**. Fortaleza: Tempo d'Imagem, 2006.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. 5 ed. São Paulo: HUCITEC, 1988.

SILVA, N. M. da; ANDRADE, A. J. P. de; SOUZA, C. R. O Sertanejo e as Experiências de Inverno no Seridó Potiguar. In: SILVA, N. M. de. **Experiências de Inverno no Seridó Potiguar**. 2013. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013 (não publicada).

TADDEI, R. Oráculos da chuva em tempos modernos: mídia, desenvolvimento econômico e as transformações na identidade social dos Profetas do Sertão In: MARTINS, Karla Patrícia Holanda (org.). **Profetas da Chuva**. Fortaleza: Tempo D'Imagem, 2006.

\_\_\_\_\_. Os Profetas da Chuva do sertão como produção midiática. Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Trabalho preparado para a reunião anual de 2009 da Latin American Studies Association, no Rio de Janeiro, em 11 a 14 de junho de 2009. **Papers**. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://lasa.international.pitt.edu/members/congress-papers/lasa2009/files/TaddeiRenzo.pdf>>. Acesso em: mai. 2011.

TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980. cap. 2.

## CAPÍTULO 3

**Profetas da Chuva e as experiências de inverno do Seridó Potiguar<sup>1</sup>*****Prophets of rain and winter experiences in the Seridó Potiguar***

Neusiene Medeiros da Silva<sup>2</sup>  
Anna Jéssica Pinto de Andrade<sup>3</sup>  
Cimone Rozendo de Souza<sup>4</sup>

**Resumo**

Nos sertões, onde a seca é recorrente na vida dos sertanejos, surge a figura do Profeta da Chuva, cuja função social é elaborar as profecias de inverno e transmiti-las. O presente trabalho buscou identificar os fatores que influenciam na prática da observação das experiências de inverno, tomando como referência o discurso dos Profetas da Chuva do Seridó Potiguar, nos dias atuais. Foram identificados e entrevistados oito Profetas. A partir da fala dos profetas identificou-se que o sistema produtivo (agropecuária) é o motivo principal que instiga a observação das experiências. A seca, fenômeno natural, se constitui o fator (causa) que estimula as observações. Outros estímulos identificados estão ligados diretamente ao fator principal como: o processo de transmissão do conhecimento, o desejo de prever antecipadamente o tempo, missão por ser um dom divino; outros são instigados pelo desejo de ajudar ao próximo, com suas previsões, na busca por uma vida melhor e como uma forma de participar dos espaços sociais, compartilhando suas experiências.

**Palavras-chave:** Sertão. Seridó Potiguar. Profetas da Chuva. Seca. Experiências de Inverno.

**Abstract**

The figure of the Prophet of Rain, whose social function is to produce and transmit winter prophecies, arises in the backwoods, where drought is a routine. The aim of this paper is to identify the factors that have an effect on the practice of the observation of the winter experiences, taking as reference the current

---

<sup>1</sup> Este artigo é a extensão do capítulo 2 da dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento em Meio Ambiente, Universidade Federal do Rio Grande do Norte – PRODEMA/UFRN.

<sup>2</sup>Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA/UFRN. Email: neusienegeo@yahoo.com.br

<sup>3</sup>Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA/UFRN. E-mail: jessyandrade@hotmail.com

<sup>4</sup>Socióloga, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. adjunta do Dep. Ciências Sociais da UFRN ( Universidade Federal do Rio Grande do Norte). Email: cimone.rozendo@gmail.com

speech of the Prophets of Rain in the Seridó Potiguar. Eight prophets were identified and interviewed. We identified, from the speech of these Prophets, that the productive system (agriculture and cattle raising) is the main reason that instigates the observation of the experiences. The drought, as a natural phenomenon, is the main factor arousing observation. Other stimulus directly connected to the main factor are: the process of transmission of knowledge and the desire to forecast; to regard this ability as divine gift, the desire to help others through the forecast, the search for a better life and as a way to participate in social spaces sharing their experiences.

**Key Words:** Hinterland; Seridó Potiguar; Prophets of Rain; Drought; Winter Experiences.

## 1. Introdução

Nos sertões do Seridó Potiguar, é comum entre seus habitantes da zona rural e até alguns que residem na área urbana, mas que tiveram no passado uma relação com o campo, a prática da observação da natureza realizada pelos Profetas da Chuva. A “experiência de inverno” tem o objetivo de fornecer um prognóstico meteorológico do “inverno<sup>5</sup>” a cada ano, para que o sertanejo possa se orientar quanto às atividades cotidianas. Contudo, o avanço da ciência e a divulgação em massa dos boletins meteorológicos, que chegam às residências dos seridoenses pelo rádio, pela televisão, tais práticas se alteram substancialmente, mas não deixam de cumprir uma função social importante na vida dos sertanejos, como se viu no capítulo anterior. Neste contexto, o trabalho buscou identificar os fatores que influenciam atualmente a observação das experiências de inverno, a partir do discurso dos Profetas da Chuva do Seridó potiguar.

O artigo está dividido em duas partes. A primeira apresenta uma discussão que trata das experiências de inverno, da elaboração das profecias, da importância do Profeta da Chuva para o sertão, aborda o conceito de experiência de Tuan (1983) e o conhecimento tradicional de Diegues & Arruda (2001) e Diegues (2000). A segunda parte constitui-se dos resultados do estudo apresentando o processo de transformação dos sertanejos em profetas,

---

<sup>5</sup> Inverno para o seridoense refere-se ao período chuvoso que se distribui entre os seis primeiros meses do ano. Geralmente as chuvas estão concentradas nos meses de fevereiro a maio, podendo variar pela irregularidade do período chuvoso na região.

os fatores que influenciam a prática da observação da natureza e a descrição das “experiências de inverno” dos entrevistados.

Localizado no semiárido nordestino, o Seridó é região de abrangência do polígono das secas e teve seu processo de ocupação marcado pela pecuária. É uma região de traços e cultura próprias. Sua cartografia foi historicamente construída a partir da resistência. Desde o seu processo de ocupação, iniciado nos séculos XVII e XVIII, foi necessário se estruturar e se reestruturar para configurar-se numa região histórica constituída por 23 municípios<sup>6</sup>. A forte identidade que o seridoense tem é uma característica da sua resistência, a qual se revela por traços como a religiosidade com dedicada devoção a gloriosa Nossa Senhora Sant’Ana (MORAIS, 2005).

A resistência é vista diante das crises produtivas que esse espaço sofreu, por meio de seus elementos endógenos da tradição, mesclando-se com elementos da modernidade e a capacidade de superar as recorrentes secas que assolavam esses sertões. A economia do Seridó foi sustentada primeiramente pela pecuária até a metade do século XIX; com a crise intensificada com a seca de 1945, a agricultura ganha força com a cotonicultura. Em 1920, descobre-se minério de Scheelita em Currais Novos e em 1943 o Seridó torna-se o maior produtor desse minério no Brasil. De 1940 a 1970, a economia do Seridó estava ancorada no tripé pecuária-algodão-minério.

Depois de 1970, o Seridó inicia o período da crise na economia com o fim do algodão e em 1980, com a mineração. Com o fim do tripé pecuária-algodão-mineração o Seridó se reestrutura com uma economia bastante diversificada, incluindo desde produtos alimentícios (queijos, biscoitos, doces e demais produtos regionais), artesanato (bordados), surgimento de novas formas de produção industrial (bonelarias), prestação de serviços, a inserção de novos produtos (iogurte, leite pasteurizado, ricota) entre outros (MORAIS, 2005).

---

<sup>6</sup>Caicó, Acari, Jardim do Seridó, Serra Negra do Norte, Currais Novos, Florânia, Parelhas, Jucurutu, Jardim de Piranhas, São João do Sabugi, Ouro Branco, Cruzeta, Carnaúba dos Dantas, Cerro Corá, São Vicente, São Fernando, Equador, Santana do Seridó, São José do Seridó, Timbaúba dos Batistas, Lagoa Nova, Ipueira e Tente Laurentino Cruz (MORAIS, 2005, p.26).

A seca é um fenômeno natural de ocorrência cíclica (GUERRA, 1981) que desde a ocupação dos Sertões do Seridó, é motivo de temores principalmente para o sertanejo seridoense que tem suas atividades ligadas à pecuária e à agricultura, recorrendo o mesmo a sua religiosidade e às experiências de inverno, que se desenvolveram não somente no Seridó, mas em todo o sertão nordestino. Macêdo (2012, p. 91-92), afirma que para o sertanejo a “[...] expectativa da época de chuvas engendrou uma observação sistemática dos sinais da natureza, que prenunciam ou negam a fartura do ano vindouro. A sintaxe dos fenômenos naturais foi apreendida por gerações de homens [...]”.

As experiências de inverno consistem na observação no comportamento das plantas, dos animais, do sol, dos dias santos, das nuvens entre muitos outros elementos (FOLHES & DONALD, 2007; MACÊDO, 2012; BEZERRA JR., 2006; MAGALHÃES, 1963). A experiência, segundo Tuan (1983), consiste nas diversas formas de como o homem conhece a realidade através dos sentidos do seu corpo; fazendo uso de um ou mais sentidos na sua apreensão e construção.

Embora os elementos de observação das experiências de inverno sejam bem numerosos, a maior parte deles corresponde à fauna e à flora. As observações da flora ocorrem principalmente no período da estiagem, quando certas espécies de plantas da Caatinga florescem. Neste caso, são observadas em sua maioria a intensidade da floração e a capacidade em segurar a carga, ao que o sertanejo denomina de “carregação<sup>7</sup>”. Em relato de um sertanejo sobre as experiências da flora a Magalhães (1963, p. 126), ele diz que “no ano em que a carnaubeira, o Juazeiro e a umarizeira floram e vingam bem, a primeira, de outubro para novembro, a segunda, de agosto para setembro, e a terceira, em janeiro, não pode deixar de haver inverno”.

Da fauna são observados aspectos como o canto e a reprodução dos animais, bem como suas formas de comportamento. “Os tatus, os gatos do mato, os Preás e os Mocós estão todos amojados<sup>8</sup>. Quando no fim do ano os

---

<sup>7</sup> Carregação é um termo usual que na linguagem sertaneja, sobre as experiências de inverno, significa a planta florar e/ou frutificar, sem que as flores e/ou os frutos venham a cair antes do tempo natural de maturação/dispersão.

<sup>8</sup> Amojada significa que o animal está prenhe.

animais não estão nessas condições, o inverno do ano seguinte é ruim” (MAGALHÃES, 1963, p. 121).

Os grupos que constituem as populações tradicionais têm sua forma original de se relacionarem, representarem, interpretarem e manejarem a natureza. É na relação material destas populações com a natureza que desenvolvem três funções do conhecimento: a de representar, organizar e legitimar. Nesse sentido, o estudo destas representações sobre o meio ambiente é importante, uma vez que baseiam-se nesse sistema para atuar sobre o seu meio (DIEGUES, 2000, p. 63).

As formas de exploração das áreas dependem da natureza e dos obstáculos “geográficos-ambientais” (DIEGUES, 2000). De certo modo, as condições naturais dos sertões do Seridó imprimiram formas de ocupação pré-estabelecidas, no caso a criação de gado, exigindo do sertanejo seridoense a leitura e a simbolização da paisagem sertaneja. Representando, organizando e legitimando o seu conhecimento a respeito das experiências de inverno.

As populações tradicionais possuem grande conhecimento do mundo natural, apropriando-se de forma comunal da natureza e os elementos em que a compõem. Desenvolveram formas de manejo desses espaços que permitem sua reprodução e até os dias atuais. O sertanejo, enquanto um segmento nacional, é um dos grupos que compõem as populações tradicionais do Brasil. Contribuindo para fazer do país um território de vasta diversidade cultural. O conhecimento tradicional é definido como os “saberes e o saber-fazer” sobre o natural e o sobrenatural repassado entre gerações de forma oral (DIEGUES, ARRUDA, 2001).

Dentro da sociedade sertaneja, a preocupação com o inverno abriu caminho para o profeta denominado, por vezes, de Profeta da Chuva, Profeta de Inverno, Profeta da Natureza, Profeta do Sertão e mais recentemente de Profeta-Celebridade. (TADDEI, 2006, 2009; FOLHES & DONALD, 2007; BRUNO, MARTINS, 2008). São, dessa forma, reconhecidos pela comunidade, onde suas profecias alcançam notoriedade.

Os profetas e profecias são heranças do período medieval (ACSELRAD, 2006), quando os donos de feudos tinham a sua disposição astrólogos para preverem as mudanças no tempo (INOJOSA, 1980). O Profeta de Chuva é “um sertanejo que vive quase sempre no sertão, ou quando se transfere para a

cidade, não corta as suas amarras com o sertão. É um sertanejo por excelência que conviveu sempre com a natureza, observando tudo o que nela se integra” (MONTENEGRO, 2008, p. 10). Suas profecias são transmitidas de forma oral ou disseminadas de forma impressa através dos almanaques de cordel.

O almanaque de cordel é uma publicação anual em forma de calendário, que contem informações acerca da astrologia, ciências ocultas, medicina popular, previsões do tempo para os agricultores, datas comemorativas, feriados, entre outros conteúdos. Tem origem na Europa no período medieval. Os almanaques fizeram grande sucesso na Europa, inspirando a publicação de outros livros, que capacitavam quem desejasse elaborar prognósticos e escrever almanaques. Esse foi o caso do “*Lunário Perpétuo*” de origem espanhola, o mais conhecido no Brasil (MELO, 2011).

O livro apresenta informações sobre o tempo, os astros, santos do dia, procedimentos para a cura de doenças, resolução de pequenos problemas cotidianos e instruções para a elaboração dos horóscopos e calendários. No Brasil, os almanaques começam a serem publicados no século XIX (MELO, 2011, p.120). Segundo a autora, os almanaques:

[...] podem ser analisados a partir de um contexto mais amplo: a invenção de uma tradição profética no Brasil do século XIX, período marcado pela emergência das secas como problema social, além das inundações e epidemias como acontecimentos traumáticos para as comunidades da zona rural.

A profecia busca estabelecer uma ligação perdida há muito tempo entre o “mundo da natureza e o mundo da cultura, o mundo da criação e o mundo da criatura” (ACSELRAD, 2006, p. 121). Sua relação com a natureza é de respeito e conhecimento, não necessita de instrumentos para conhecê-la, mas somente de seus sentidos e sua grande capacidade de interpretação (RIOS, 2006). Os Profetas da Chuva tem a função de prever o tempo e profetizar suas observações para a comunidade, levando a esperança de um tempo melhor e animar o sertanejo para o plantio (PENNESI, 2006).

Faz parte da “morfologia” da profecia quatro elementos: causa, conteúdo, objetivo e agente. A causa vem do medo da possibilidade do ano haver “inverno” ou seca, estimulando a realização da profecia. O conteúdo consiste no conjunto de experiências utilizadas pelo profeta para realizar a

profecia. O objetivo da profecia é fornecer um prognóstico sobre o inverno para a comunidade, que o espera ansiosa. E o agente é o Profeta da Chuva responsável por observar os sinais, elaborar os prognósticos e divulgá-los à comunidade (PENNESI, 2006).

## 2. Materiais e métodos

A área de estudo compreendeu municípios de Acari, Caicó, Lagoa Nova e Parelhas, na Região do Seridó Potiguar, historicamente construída (MORAIS, 2005). O levantamento dos Profetas da Chuva deu-se a partir da adaptação da metodologia de Bailey (1994), através da técnica bola de neve (*Snow ball*). A técnica consiste na entrevista de um especialista do assunto que indicará outro especialista e assim sucessivamente até que se identifiquem todos da comunidade.

As autoras ao adaptarem a técnica, solicitou-se a cada agricultor entrevistado, em comunidades rurais dos municípios citados acima, a indicação de uma pessoa que conhecesse as experiências de inverno e ao final selecionaram-se aqueles mais citados entre os agricultores.

Os Profetas da Chuva são sertanejos que moram geralmente na zona rural, quando não migram para cidade. São chamados assim, porque dominam as “*performances*” necessárias para serem reconhecidos pelos demais sertanejos, que conhecem uma ou outra experiência de inverno (TADDEI, 2006). Em vista disso, entrevistaram-se 241 pequenos produtores de comunidades rurais, distribuídos nesses municípios em novembro de 2011. O estudo faz parte da pesquisa sobre as estratégias adaptativas dos agricultores familiares, face às mudanças climáticas no Seridó Potiguar da Sub-rede Mudanças Climáticas e Desenvolvimento Regional, coordenada pelo Programa de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília (CDS/UnB).

A partir das indicações, selecionaram-se os mais citados, visto que seriam estes, os reconhecidos pela comunidade. Foram então identificados 8 Profetas da Chuva a saber (FIGURA 1): Caicó: Antônio Antídio Pereira (Antônio Macedo – 84 anos), Carlos Batista de Araújo (Carlos Maceno – 87 anos); São João do Sabugi: José Neto de Medeiros (Zé Te – 71 anos) e Max Medeiros – 64 anos; Acari: Raimundo Alves dos Santos (Seu Raimundo – 55

anos) e Clóvis Medeiros dos Santos (Seu Clóvis – 58 anos); Lagoa Nova: João Daniel Filho (João Daniel – 76 anos) e Parelhas: Sebastião Manoel de Assis (Basto Adônis – 85 anos).

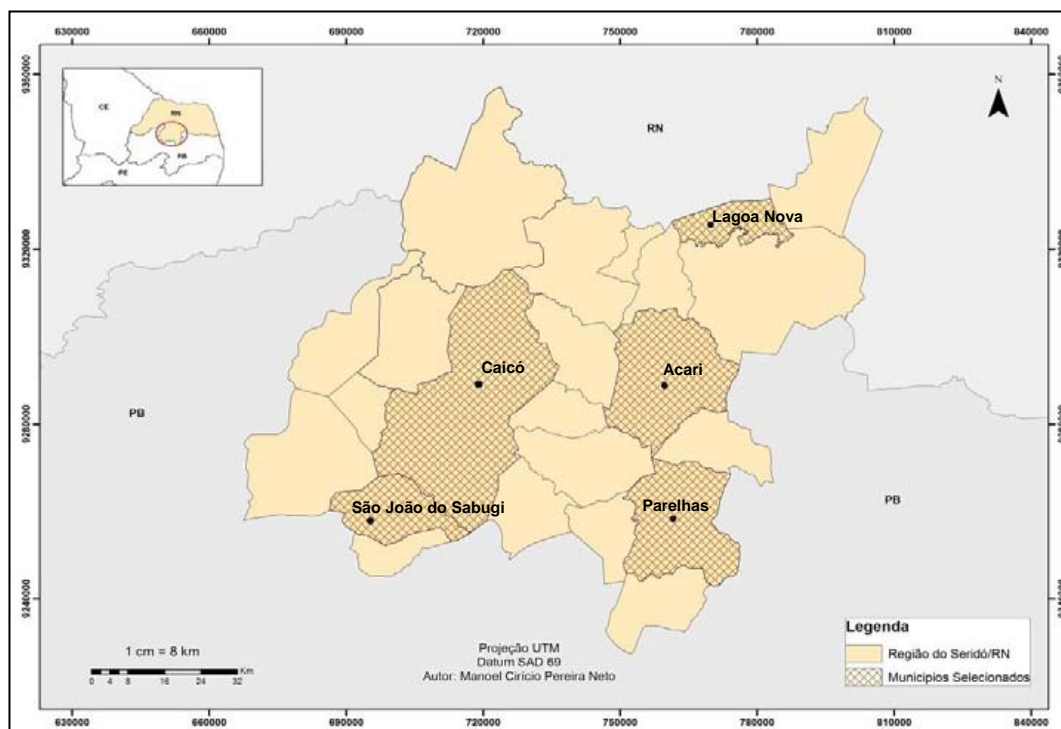


FIGURA 1- Localização dos Profetas da Chuva do Seridó Potiguar  
Elaborado por Manoel Cirício Pereira Neto, 2013.

As entrevistas estruturadas foram realizadas em novembro de 2012, fazendo uso de um formulário com questões abertas, tratando sobre as experiências de inverno. As entrevistas foram gravadas e arquivadas em CD. Quando possível registrou-se, por meio fotográfico, e identificou-se pelo nome vulgar, alguns elementos utilizados nas experiências de inverno, aplicando-se o método “Turnê-Guiada”. Esse método consiste, entre outras finalidades, em identificar as espécies da flora pelo nome vulgar com o auxílio de um mateiro ou informante na área de estudo. Nesse sentido, alguns profetas identificaram os elementos das experiências de inverno, principalmente os da flora e fauna (ALBUQUERQUE; LUCENA; CUNHA, 2008).

A análise das entrevistas foi realizada a partir da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2010). Vale salientar que, devido a questões de saúde de alguns profetas, suas entrevistas foram realizadas de forma menos detalhada, o que refletiu na apresentação de algumas informações.

### 3. Profetas da Chuva do Seridó Potiguar

Nos sertões do Seridó Potiguar foram identificados oito Profetas da Chuva, a partir da indicação dos sertanejos da região; sendo estes: Zé Te, Raimundo dos Santos, Antônio Macedo, João Daniel, Carlos Maceno, Basto Adônis e Clóvis dos Santos.

Os profetas entrevistados apresentaram idade acima dos 55 anos (Raimundo) a 87 anos (Carlos Maceno). Caracterizando-os como um grupo preferencial para realizar as profecias, resultado do acúmulo de conhecimentos sobre as experiências de inverno ao longo do tempo. O que garante a legitimidade deste saber pela experiência acumulada das pessoas mais velhas da comunidade (TADDEI, 2009).

Ao contrário de Max Medeiros, que reside na cidade e teve contato com o rural por meio de familiares residentes nesse espaço, os demais profetas têm sua origem e moram no campo. Segundo o mesmo, suas férias escolares eram passadas na fazenda do avô em Ouro Branco/RN e sempre que podia estava lá.

Com exceção deste os demais profetas são agricultores. Este exerceu atividade de caminhoneiro no passado e atualmente é Diretor do Departamento de Imprensa do Município de São João. Dos oito entrevistados, apenas Raimundo, Clóvis e Max Medeiros, não são aposentados. O profeta Zé Te atualmente reside na cidade de São João/RN e desenvolve algumas atividades de apicultura num sítio próximo a este município assim como, Carlos Maceno, que não trabalha mais na agricultura.

Do grupo dos Profetas, Max Medeiros e Raimundo costumam divulgar suas profecias no rádio. Os demais preferem não se exporem, embora muitos tenham recebidos convites para divulgar suas profecias nos meios midiáticos. Nesse contexto, o rádio tem a função de dar maior visibilidade e reconhecimento a esse segmento da sociedade. Ampliando a extensão e o alcance dos prognósticos. “[...] O que as transmissões de rádio fizeram foi dar um grau inédito de visibilidade aos indivíduos extrovertidos o suficiente para aí veicularem seus prognósticos [...]” (TADDEI, 2009, p.8).

Como já se sublinhou anteriormente, a cultura do sertanejo seridoense é profundamente marcada pela religiosidade. Ela é um dos aspectos

identificadores e fortalecedores desse espaço (MORAIS, 2005). Por essa razão, as previsões de clima ou as profecias se realizam numa estreita relação com elementos religiosos. O próprio uso da expressão “profetas” indica essa proximidade. Com exceção de Max, que é espírita, os demais profetas são católicos.

### 3.1. Os profetas e as experiências de inverno

Os Profetas do Seridó potiguar fazem uso de diversos elementos da paisagem para prever o tempo, como espécies da flora (Aroeira, Juazeiro, entre outros) e da fauna (Preá, Rolinha), elementos atmosféricos (vento, nuvens, relâmpagos), astros (sol, lua), dias santos (Nossa Senhora Aparecida, São João) ente outros. Os elementos foram categorizados em gerais, com categorias proposta pelas autoras, e específicos com as denominações dos elementos pelos profetas (Quadro 1).

QUADRO 1 - ELEMENTOS E SINAIS OBSERVADOS PELOS PROFETAS
<b>FAUNA</b>
<b><u>Anfíbios</u></b>
<b>Cururu</b> – a aproximação das residências na lua crescente, o local da postura (se em água “velha ou nova”), o deslocamento para as áreas altas durante as chuvas e a reprodução (Ver o significado dos sinais nos profetas Max e Raimundo).
<b><u>Répteis</u></b>
<b>Teju-Açú</b> – o aparecimento; <b>Lagartixa</b> – se ela cai ou desce dos telhados (Ver o significado dos sinais nos profetas: Clóvis e Max Medeiros).
<b><u>Aves</u></b>
<b>Cajaca-de-Couro</b> – a direção da entrada do ninho; <b>Rolinha-branca</b> – o período de construção dos ninhos; <b>Rolinha</b> – reprodução (postura); <b>Tetéu</b> – o canto das aves pela manhã (alvorada); <b>Galinha</b> – a forma de abrir as asas e se deitar no solo; <b>Papa-Sebo</b> – o período da postura; <b>João-de-barro</b> – reprodução; <b>Bem-te-Vi</b> – a construção de ninhos; <b>Periquito</b> - a construção de ninhos; <b>Galo-de-Campina</b> – reprodução (postura) (Ver o significado dos sinais nos profetas: Clóvis, Raimundo, Zé Te, Max Medeiros e Basto Adônis).
<b><u>Mamíferos</u></b>
<b>Preá</b> – a reprodução, o tamanho dos testículos; <b>Mocó</b> – a reprodução; <b>Tamanduá</b> – o aparecimento no final do ano; <b>Peba</b> – o aparecimento no final do ano; <b>Bovinos</b> – o comportamento, direção da cabeça dos bovinos ao acordarem no dia de ano; <b>Gato doméstico</b> – reprodução (Ver o significado dos sinais nos profetas Clóvis, Basto Adônis, João Daniel, Antoninho Macedo e Raimundo).
<b><u>Insetos</u></b>
<b>Cupim</b> – a reprodução, o desenvolvimento de asas, a construção de caminhos cobertos para andar; <b>Abelha de Inxuí</b> – a reprodução; <b>Abelha Arapuá</b> – a direção que é construída a entrada da colmeia; <b>Tanajura</b> – a condição do tempo quando a Tanajura voar; <b>Formigão</b> – o ato de fechar a entrada do formigueiro; <b>Formiga</b> - o deslocamento de uma área para outra levando os filhotes, o desenvolvimento de asas, a localização do formigueiro; <b>Abelhas</b> – o aparecimento e desaparecimento das Abelhas em uma região; <b>Enxu verdadeiro</b> – o aparecimento (Ver o significado dos sinais nos profetas Clóvis, Basto Adônis, João Daniel, Zé Te, Max Medeiros e Raimundo).

<b><u>Aracnídeo</u></b>
<b>Aranha</b> – aparecimento nas casas das pessoas (Ver o significado do sinal no profeta Antoninho Macedo).
<b><u>Molusco gastrópode</u></b>
<b>Aruá</b> – a condição do tempo, em janeiro, quando os aruás forem encontrados em estado de hibernação em suas conchas (Ver o significado dos sinais no profeta Raimundo).
<b><u>FLORA</u></b>
<b>Angico, Embiratã, Flamboyant, Juazeiro</b> – o comportamento da floração das espécies; <b>Araçá, Aroeira, Barriguda, Caibreira, Carnaúba, Cumaru, Feijão-Bravo, Pau-d'Arco (Ipê), Pau-Pedra, Pereiro, Quixaba</b> – o desenvolvimento da floração e frutificação; <b>Babugem<sup>9</sup></b> – o desenvolvimento no início das chuvas; <b>Catingueira</b> – a produção de resina, a quantidade de resina e a localização geográfica das árvores que estão produzindo; <b>Cumaru</b> – a quantidade da produção dos frutos; <b>Feijão-Bravo, Jurema</b> – o desenvolvimento dos frutos; <b>Juazeiro</b> – a dispersão dos frutos; <b>Mangueira</b> – a distribuição da floração na copa da árvore; <b>Pereiro</b> – o comportamento dos frutos pós-dispersão das sementes (ver o significado dos sinais nos profetas Antoninho Macedo, Basto Adônis, Carlos Maceno, Clóvis, João Daniel, Max Medeiros, Raimundo e Zé Te).
<b><u>DIAS SANTOS</u></b>
<b>São Canuto (19 de janeiro), São Sebastião (20 de janeiro), Nossa Senhora dos Navegantes (02 de fevereiro), Nossa Senhora da Luz (02 de fevereiro), São José (19 de março), Nossa Senhora da Conceição (08 de dezembro), Santa Luzia (13 de dezembro)</b> - observa-se as condições do tempo na véspera e/ou no dia do santo ou em alguns dias à frente, como é o caso de Santa Luzia e Nossa Senhora da Conceição; <b>Natal (25 de dezembro)</b> – se o no dia amanhece com uma barra (nuvem) (ver o significado dos sinais nos profetas Clóvis, Basto Adônis, Antoninho Macedo e Raimundo).
<b><u>DATAS ESPECÍFICAS</u></b>
<b>1º de janeiro</b> – observa as condições tempo (ver o significado dos sinais no profeta Clóvis); <b>Depois do dia 8 de janeiro</b> – observa se as experiências continuam (ver o significado dos sinais no profeta Max Medeiros); <b>7, 17 e 27 de fevereiro</b> – se há ocorrência de precipitação pluviométrica (ver o significado dos sinais no profeta Basto Adônis); <b>7, 17 e 27 de janeiro</b> - se há ocorrência de precipitação pluviométrica (ver o significado dos sinais no profeta Antoninho Macedo); <b>Até o dia 21 de março</b> – se há ocorrência de precipitação pluviométrica (ver o significado dos sinais no profeta Basto Adônis) e <b>19 de março, depois de 22 de março, 23 de setembro</b> – se há ocorrência de precipitação pluviométrica (ver o significado dos sinais no profeta Max Medeiros).
<b><u>ASTROS</u></b>
<b>Barca de Noé</b> – o posicionamento das estrelas; <b>Carreiro de Santiago</b> – a visibilidade das estrelas; <b>Lua cheia</b> – o modo de aparecer no nascente, a cor, a condição do tempo no momento em que a lua aparece no céu; <b>Lua nova</b> – o modo de aparecer no nascente, a direção que o vento sopra nos dias de lua nova; <b>Lua</b> – o aparecimento da bulandeira; <b>Meteoro</b> – a frequência de deslocamento; <b>Sol</b> – a ocorrência de explosões solares, a cor, o aparecimento da bulandeira; <b>Três Marias</b> – o alinhamento das estrelas e <b>Estrela Dalva</b> – a localização no céu (ver o significado dos sinais nos profetas Clóvis, Antoninho Macedo, Raimundo, Basto Adônis, Max Medeiros e João Daniel).
<b><u>ELEMENTOS ATMOSFÉRICOS</u></b>
<b>Vento</b> – a direção que está soprando, a intensidade e o período do ano em que está soprando; <b>Redemoinhos</b> – a ocorrência, a quantidade de ocorrências; <b>Relâmpago</b> – a ocorrência e a direção; <b>Céu</b> – o formato das nuvens ao amanhecer; <b>Trovão</b> – observa em qual signo estava o ciclo do zodíaco quando ocorreu o primeiro trovão; <b>Arco-íris</b> – o aparecimento e a quantidade; <b>Chuva</b> – a localização geográfica da ocorrência de chuva, a frequência, a continuidade, a ocorrência de precipitação; <b>Orvalho</b> – presença de orvalho nos vegetais; <b>Temperatura</b> – o aumento na temperatura durante a madrugada; <b>Nuvens</b> – o formato, a emissão de sons (nuvem Mariana) e <b>Carregação do tempo<sup>10</sup></b> – se há preparação do tempo para chover (ver o significado dos sinais nos profetas Clóvis, Basto Adônis, Carlos Maceno, Max Medeiros, Zé Te, Antoninho Macedo e Raimundo).
<b><u>FONTES D'ÁGUA</u></b>

<sup>9</sup> Refere-se às plântulas do estrato herbáceo que brotam no período chuvoso (inverno).

<sup>10</sup> Carregação do tempo consiste nas mudanças do tempo para chover. As nuvens ficam carregadas, podendo ocorrer relâmpagos, trovões.

<b>Olho-d'água</b> – o nível da água no final do ano (Ver o significado dos sinais em Carlos Maceno).
<b><u>ROCHA/SOLO</u></b>
<b>Pedra</b> - A existência de umidade sob as pedras e o barulho emitido por uma pedra que João Daniel conhece no momento em que passa um vento, entre a mesma; <b>solo</b> – a temperatura do solo no período chuvoso; <b>Serra</b> – a cor ao nascer do sol (Ver o significado dos sinais nos profetas: Clóvis e João Daniel).
<b><u>SONHO</u></b>
<b>Sonhar</b> com paisagens relacionadas à seca (ver o significado do sinal no profeta Clóvis).

Os elementos gerais classificaram-se em Elementos Atmosféricos, Flora, Fauna, Dias Santos, Datas Específicas, Astros, Fontes d'água, Rocha/solo e Sonhos e com seus respectivos elementos específicos: relâmpago, Angico, Abelha Arapuá, Nossa Senhora da Conceição, 1º de janeiro, Barca de Noé, olho-d'água, pedras e sonhos com paisagens de seca, entre outros. No quadro a seguir, são apresentados, de modo geral, todos os elementos e alguns sinais indicadores utilizados pelos Profetas da Chuva do Seridó na previsão do tempo.

### 3.1.1. *Experiências de inverno do Profeta da Chuva Raimundo*

Raimundo passou a observar a natureza com a finalidade de plantar um roçado. Aos 15 anos já recebia os ensinamentos do profeta Pedro Vicente, que na época residia em Florânia. Queria aprender a prever o tempo e se orientar em sua atividade produtiva (agricultura).

Quando eu tinha meus quinze anos por aí eu já entrosado com esse outro lá [...] "hahahaha" [...] eu era muito matuto mesmo da enxada era pra ver se eu plantava aquele roçado e produzia, sabe... eu queria plantar. Teve anos como os 90 que eu nem ao menos plantei, eu ia lá plantar! E esse ano foi um dos tais também (informação verbal)<sup>11</sup>.

O profeta Raimundo começou a observar as experiências aos 20 anos. Pedro Vicente, inspirador de Raimundo, fazia uso do almanaque de João Ferreira de Lima, de Pernambuco. "Primeiro, eu criado junto de um Profeta [...]

<sup>11</sup> SANTOS, Raimundo Alves dos. **Profeta Raimundo**: entrevista [nov./2012]. Entrevistador: Neusiene Medeiros da Silva. Sítio Parelhas, Acari, 2012. 1 arquivo .mp3 (160 min.).

Pedro Vicente, chamava Pedro Vicente era até uma pessoa do Brejo. Fui criado no município de Florânia, sabe? E eu muito jovem entrosado com ele e ele gostava muito disso e aprendi bastante com ele" (informação verbal)<sup>12</sup>. Contudo, afirma não fazer uso de almanaques na elaboração de suas profecias.

As experiências de seu Raimundo são observadas normalmente entre os meses de agosto a janeiro. Para Raimundo, a experiência com o Sapo Cururu é a mais eficaz. Ele costuma observar no Sítio Parelhas, em Acari (Quadro 2).

<b>QUADRO 2 - EXPERIÊNCIAS DE INVERNO DO PROFETA DA CHUVA RAIMUNDO</b>
<b><i>Sinais bons para inverno</i></b>
- quando chover se os Cururus estiverem correndo nos altos é sinal bom de inverno; - a Caibreira, a Carnaúba, segurarem a carga; - os passarinhos pondo: Rolinha, Galo-de-Campina; - Preá com filhotes novos; - a Mangueira (manga ouro) carregar bem; - Lua cheia de janeiro nascer limpa e entrar dentro de uma barrinha; - ventando muito de nascente nos meses de agosto até novembro; - a Formiga se no período do inverno ela tiver nas baixas e se mudar para os altos; - se o Aruá comprido, em janeiro, tiver enchendo no período seco; - Araçá segurar a carga (flora em setembro); - se não chover em novembro é bom.
<b><i>Sinais indicadores que o ano vai ser bom de inverno</i><sup>13</sup></b>
- os Cururus quando dá as primeiras chuvas se eles reproduzirem e nascerem os Cururus novos é sinal de bom inverno; - observa o dia de Nossa Senhora da Conceição e Santa Luzia. No período de 08 a 12 e 13 a 17, respectivamente, cada dia dos dias santos, conta-se janeiro a maio. Nesses dias observa se tem carregação [relâmpagos, ocorrência de chuva, entre outros sinais]. Por exemplo, se no dia 10 de dezembro, que representa o mês de março do próximo ano, chover ou tiver alguma carregação é sinal que o mês tem inverno e assim sucessivamente para os demais dias. Se a experiência de uma das santas der fraca e a outra boa, mesmo assim, o inverno será bom.
<b><i>Sinais indicadores de ocorrência de chuvas</i></b>
- observa o dia de Nossa Senhora da Conceição e Santa Luzia. No período de 08 a 12 e 13 a 17, respectivamente, cada dia dos dias santos conta-se janeiro a maio. Nesses dias observa se tem carregação [relâmpagos, ocorrência de chuva, entre outros sinais]. Por exemplo, se no dia 10 de dezembro que representa o mês de março do próximo ano, chover ou tiver alguma carregação, é sinal que o mês tem inverno e assim sucessivamente para os demais dias.
<b><i>Sinais indicadores de que está próximo de chover</i></b>
- quando o vento vem do norte (Upanema) e do poente (Cariri) (passam geralmente em novembro).
<b><i>Sinais ruins para inverno</i></b>
- se a Formiga, no período do inverno, ainda continuar nas baixas é sinal ruim para inverno;
<b><i>Sinais indicadores de seca</i></b>
- lua cheia de janeiro nascer por dentro de uma garoa. Se tiver que nascer chovendo que seja uma chuva forte e não "garoa"; - se a lua cheia de janeiro nascer vermelha; - se chover primeiro no RN do que no PI o ano é seco.
<b><i>Sinais indicadores de ocorrência de chuva para o mesmo dia</i></b>
- a Formiga, se no período do inverno, ela tiver nas baixas e se mudar para os altos, pode ser que chova no mesmo dia [...]; - o sol, quando tá no período chuvoso, nascer vermelho; -

<sup>12</sup> SANTOS, R., 2012.

<sup>13</sup> O ano bom de inverno, de um modo geral, está relacionado ao período chuvoso considerado pelos meteorologistas como normal para o Seridó e/ou pouco acima do normal. Os açudes transbordam, há abundância de alimento para os animais e o desenvolvimento satisfatório das culturas agrícolas. Não há perdas na produção por excesso ou falta de água.

mormaço de chuva, quando o calor tem umidade relativa do ar alta é sinal de chuva, o calor tem umidade; - quando aparece a bulandeira no sol ou na lua pode chover naquele dia ou no outro; - céu com nuvens escamadas como uma renda fina.

Os sinais citados pelo profeta indicam, principalmente, previsão de chuva a longo e em curto prazo, podendo prever chuva para meses à frente e/ou no mesmo dia. O maior número dos sinais referidos é positivo para o inverno, sendo os negativos em menor número. Isso vem reforçar a hipótese que o sertanejo sempre busca ver na natureza os sinais que são “bons” para o inverno.

### 3.1.2. Experiências de inverno do Profeta da Chuva Zé Te

Para Zé Te a prática da observação da natureza é um dom que vem desde o nascimento e não um conhecimento que se aprende por qualquer pessoa tem que ter o dom da experiência. Nesse sentido, a fé sertaneja exerce certa influência na vida dos profetas. "porque quando a gente nasce parece que a gente tem um dom, né? Imagino assim... a gente tem um dom" (informação verbal)<sup>14</sup>.

Zé Te foi outro profeta que teve acesso aos almanaques, mais especificamente o de Manuel Luiz (São José do Egito, PE), profeta bastante conhecido na região do Seridó. Muitas pessoas lhe procuram para saber das previsões. Contudo, Zé afirma que os prognósticos não influenciaram em suas previsões. Zé Te observa experiências de elementos atmosféricos da fauna e flora (Quadro 3).

<b>QUADRO 3 - EXPERIÊNCIAS DE INVERNO DO PROFETA DA CHUVA ZÉ TE</b>
<b><i>Sinais indicadores de que está próximo de chover</i></b>
- se tiver ventando do poente (final do ano) chove em 4 dias.
<b><i>Sinais bons para inverno</i></b>
- Ipê, Aroeira, Embiratã, florando muito (o amarelo e o roxo); - ventos vindos do norte e do poente (no final do ano); - se o Bem-te-Vi, periquito fizer ninho até o final do ano; - Formigas criando asas; - Cupim estando gordo <sup>15</sup> ; - Cumaru colocando muitos frutos; - Abelhas aparecendo na região.

<sup>14</sup> MEDEIROS, José Neto de. **Profeta Zé Te**: entrevista [nov./2012]. Entrevistador: Neusiene Medeiros da Silva. São João do Sabugi, 2012. 1 arquivo .mp3 (59 min.).

<sup>15</sup> O cupim se referindo ao cupinzeiro fica gordo quando está cheio de filhotes.

<b><i>Sinais indicadores de inverno cedo</i></b> <sup>16</sup>
- ventos do norte e poente vindo cedo.
<b><i>Sinais indicadores de ocorrência de chuva para o mesmo dia</i></b>
- Tetéu no final do ano quando ele bate asas de manhã e sai cantando fazendo alvorada.
<b><i>Sinais ruins para inverno</i></b>
- se chover no agreste, brejo (Campina Grande) primeiro do que o Seridó; - vento vindo do sul (no final do ano).
<b><i>Sinais indicadores de seca</i></b>
- as Abelhas desaparecerem da região.

Observa ainda a direção e a ocorrência de fenômenos atmosféricos; a floração das espécies vegetais; a reprodução, o desenvolvimento de partes do corpo, o aparecimento, o comportamento de espécies da fauna. Assim como em Raimundo, os sinais permitem prever, principalmente, a ocorrência de chuvas a longo e em curto prazo de tempo. Mais do que saber, aproximadamente, quando começará a chover, o interesse maior estaria na esperança de que as chuvas irão ocorrer e trazer felicidade ao sertanejo.

### 3.1.3. Experiências de inverno do Profeta da Chuva Max Medeiros

Max Medeiros, de 62 anos, passou a observar as experiências de inverno a partir 2004, porque desejava ajudar o próximo. Do conhecimento que tem sobre as experiências de inverno, 70% vem do seu avô. Segundo Max, seu conhecimento sobre as experiências de inverno estariam atreladas a uma “recepção quase ou se não divina”. Esta “recepção” significa receber visões, onde o mesmo vê mentalmente a imagem de um cenário chuvoso.

Aprendi com meu avô, Tertulino Franque Pereira, na cidade de Ouro Branco. Ele era fazendeiro, agricultor e quando chegava o período das minhas férias eu tinha o prazer de passar as minhas férias lá na fazenda, fechado. Ele era meu padrinho de crisma e era meu avô. E tudo isso pode-se dizer até 70% dessas experiências, com relação ao inverno, eu aprendi com ele [...] então no meu conhecimento eu vou até falar aqui uma coisa [...] pode até a pessoa pensar que eu estou misturando religião, mas eu confio muito na bíblia. Tem a história da Barca de Noé. Eu não estava lá pra ver e nem ouvir, nem também tomei conhecimento, mas eu tenho a recepção, eu acho que até divina. Eu não sei se eu posso dizer isso, mas a fé que eu tenho tão grande em Deus... eu tenho uma certa recepção. Sou médium [...] eu tenho a recepção que sempre aquilo vem pra mim com mais facilidade [...] eu recebo isso através do cérebro... eu vejo a chuva

<sup>16</sup> Inverno cedo ocorre quando o período chuvoso inicia antes do período considerado normal para a região do Seridó, que geralmente é concentrado nos meses de fevereiro a maio.

nos meus olhos, assim, eu acordado, sem tá dormindo. Eu sinto o cheiro da maré, isso por volta de... entre 6 horas da noite... até a meia noite eu sinto o cheiro da maré. E isso aí faz com que, tudo, a gente profetize as normas do inverno (informação verbal)<sup>17</sup>.

Sua principal experiência é do Cururu Bandeira, observando o comportamento do anfíbio (Quadro 4).

<b>QUADRO 4 - EXPERIÊNCIAS DE INVERNO DO PROFETA DA CHUVA MAX MEDEIROS</b>
<b><i>Sinais indicadores de que o inverno está próximo de começar</i></b>
- Cururu se aproximando das casas, na lua crescente, é sinal que está próximo da mudança climática (chuva); - se depois de 8 de janeiro as experiências prosseguirem é sinal de inverno.
<b><i>Sinais indicadores de que está próximo de chover</i></b>
- se durante as 12 horas do dia, 8 horas passar nublado e 4 com sol em três dias poderá haver preparação chuvosa (isso acontece na passagem do equinócio, ou antes, das passagens das luas).
<b><i>Sinais indicadores de seca</i></b>
- se o Cururu desovar em água velha o ano é seco; - a passagem do equinócio é em 19 de março se não chover depois do dia 22 o ano é seco e na chegada da primavera em 23 de setembro.
<b><i>Sinais indicadores do início do inverno</i></b>
- se ocorrer as explosões solares só chove depois de março;
<b><i>Sinais bons para inverno</i></b>
- se o Juazeiro, Angico e o Flamboyant, florarem é um sinal bom de inverno; - João-de-Barro se reproduzindo.
<b><i>Sinais indicadores de chuva para o mesmo dia</i></b>
- as Formigas, quando estiverem subindo e descendo, levando seus filhotes para outro lugar; - se as Lagartixas descerem do telhado chove.

Max observa a passagem e chegada de eventos (equinócio, primavera), a continuidade das chuvas, o aparecimento e aproximação do Cururu bandeira em períodos específicos do ano; e a duração dos fenômenos atmosféricos; a ocorrência de fenômenos e duração da luminosidade dos astros; a reprodução e deslocamento/localização dos animais e floração das espécies vegetais. Suas observações estão direcionadas a preverem o início do inverno, à ocorrência de precipitação e à seca.

#### 3.1.4. Experiências de inverno do Profeta da Chuva Antônio Macedo

O profeta Toinho Maceda começou a observar as experiências com 10 anos de idade, escutando os mais velhos, principalmente os tios e o pai. Conta

<sup>17</sup> MEDEIROS, Max. **Profeta Max Medeiros**: entrevista [nov./2012]. Entrevistador: Neusiene Medeiros da Silva. São João do Sabugi, 2012. 1 arquivo .mp3 (78 min.).

que escutava curiosamente os mais velhos falarem sobre as experiências e as guardava na memória. Contudo, só começou a profetizar para os demais sertanejos após seus 30 anos de idade.

Foi também mais com meu pai que tinha a experiência da lua cheia de janeiro. A primeira lua cheia de janeiro quando saía por trás de uma barra ele dizia que o ano era bom. Aí eu achei aquilo interessante, sabe? Eu observava. Eu era meio curioso e quando eu escutava os mais velhos falarem eu gostava de escutar e ficar com aquilo na memória (informação verbal)<sup>18</sup>.

As experiências são importantes para o mesmo (Quadro 5), porque sempre vem acertando os prognósticos. Ao longo do tempo ele vem acompanhando e sempre dá certo. Atualmente, o referido profeta usa as experiências para informar os amigos e a quem o procura.

Pra mim são [importantes]. [...] Eu sempre venho acompanhando e sempre dá certo. É difícil... às vezes nega, porque também não é 100%... é difícil, né? [...] uso... Pra informar pra os amigos, porque todo mundo sempre me procura para saber como eu estou achando que vai ser o ano. Aí eu sempre falo pra eles que vêm me perguntar eu informo [...] quando eu podia trabalhar usava pro meu trabalho no campo [...] quando era experiência pra ano bom eu conservava o gado. Ficava com o gado e não vendia e quando a experiência era fraca eu vendia o gado (informação verbal)<sup>19</sup>.

No passado, quando podia trabalhar, as experiências auxiliavam-no na tomada de decisões, em sua atividade produtiva.

<b>QUADRO 5 - EXPERIÊNCIAS DE INVERNO DO PROFETA DA CHUVA ANTÔNINHO MACEDO</b>
<b><i>Sinais indicadores que o ano vai ser bom de inverno</i></b>
- a primeira lua cheia de janeiro sair por trás de uma barra e amarela (experiência do pai), ele dizia que o ano era bom; - se no dia 19 de janeiro, dia de São Canuto e véspera de São Sebastião, e dia 02 de fevereiro, dia de Nossa Senhora da Luz pintar chuva, é sinal de bom inverno.
<b><i>Sinais bons para inverno</i></b>
- dia de Nossa Senhora da Conceição (08 de dezembro) e Nossa Senhora Aparecida (13 de dezembro) se pintar chuva; - a barra do Natal - se no dia de Natal de manhã cedo aparecer uma barra bonita no nascente, é sinal bom de inverno; - a Carnaúba, Aroeira, Pereiro, Caibreira, Cumaru, Quixaba, quando elas floram e seguram a carga, é sinal bom. Esse ano não choveu [2012] e isso só vale no ano que chove que tem molhado; - Preá parindo é bom sinal de inverno; - as Abelhas de Inxuí de Ramo, quando tem filhos brancos é sinal bom; - relampeando em novembro para o poente (Piauí, Ceará); - no final do ano fazendo calor a

<sup>18</sup> PEREIRA, Antônio Antídio. **Profeta Antônio Macedo**: entrevista [nov./2012]. Entrevistador: Neusiene Medeiros da Silva. Sítio Quixaba, Caicó, 2012. 1 arquivo .mp3 (58 min.).

<sup>19</sup> PEREIRA, 2012.

partir da meia noite até de manhã, é sinal bom de inverno; - capim orvalhado sem chover (final do ano); - se pintar chuva nos três 7 de janeiro: 7, 17 e 27. O tio dele dizia se pintar chuva em 1, só havia recurso, em 2 era bom e nos 3 era ótimo; - passar muito redemoinho no final de ano, é sinal bom; - Aranhas Caranguejeiras quando começam a sair da toca e ir para as casas das pessoas, é sinal bom de inverno.
<b><i>Sinais ruins para inverno</i></b>
- a primeira lua cheia de janeiro nascer vermelha por trás de uma barra (nuvem).
<b><i>Sinais indicadores de seca</i></b>
- as gatas parirem e comerem os gatos.

Considera-se também aspectos como a carregação e a presença de orvalho nas espécies vegetais; reprodução, deslocamento para as residências e comportamento pós-reprodução de alguns animais; ocorrência de precipitação em dias santos; forma de nascimento dos astros, Barra do Natal; ocorrência de pluviosidade; aumento da temperatura; quantidade de ocorrências de redemoinhos em datas e períodos específicos do ano como sinais observados pelo profeta. Em seu relato, cita principalmente sinais que são considerados “bons para o inverno”.

### 3.1.5. *Experiências de inverno do Profeta da Chuva João Daniel*

Assim como Antôninho Macedo, João Daniel começou a se interessar pelas experiências de inverno porque sempre ouvia os mais velhos e o seu pai, em noites longas de conversa, que eram ritmadas dentro das “palavras de Deus”.

Porque eles conversavam, sabe? Quando eu era menino, eu num era da gandaia não, quando eu via dois velhinhos conversando eu... ficava cocorejando e ia pra perto deles, sabe? Para ver o que eles conversavam. Meu pai não sabia ler e tinha outros velhos por ali. Tinha uns que sabiam, mas eles conversavam a noite todinha. Mamãe aqui, acolá ele mandava fazer café. Conversava a noite todinha e não sabia ler, mas era num ritmo que só conversava dentro das palavras de Deus. E hoje o povo vive no estudo e ninguém vê... ninguém vê... um estudo dando falar em Deus. Só fala na vagabundagem, numa bola de futebol e numa televisão, numa novela, essas coisas é, por isso, que o povo diz: - o mundo está desmantelado! O mundo tá do jeito que Deus fez, agora desmantelado é o povo (informação verbal)<sup>20</sup>.

<sup>20</sup> DANIEL FILHO, João. **Profeta João Daniel**: entrevista [nov./2012]. Entrevistador: Neusiene Medeiros da Silva. Macambira III, Lagoa Nova, 2012. 1 arquivo.mp3 (100 min.).

João Daniel começou a divulgar suas experiências tinha 20 anos de idade (Quadro 6). Atualmente, ele afirma que, desde o ano 2000, as experiências não funcionam como antes, devido às mudanças no tempo. Essas mudanças estariam afetando os sinais indicadores dos elementos observados. Contudo, em sua fala percebe-se que o mesmo continua a observá-las.

<b>QUADRO 6 - EXPERIÊNCIAS DE INVERNO DO PROFETA DA CHUVA JOÃO DANIEL</b>
<b><i>Sinais indicadores do início das chuvas</i></b>
- a estrela Dalva está saindo de 03h10min da manhã. Quando a estrela Dalva se mudar do nascente para o Norte, é sinal que vai começar a chover.
<b><i>Sinais bons para inverno</i></b>
- a Aroeira, Barriguda e Pau-Pedra, carregar; - Preá quando ele está com o grão grande, [testículos] é sinal que vai ter inverno; - os Cupins estiverem gordos e com asas compridas; - se no dia de ano o gado amanhecer deitado para o lado do norte (cabeça); - se o feijão-bravo segurar a carga e a vagem for grande.
<b><i>Sinais indicadores que o ano vai ser bom de inverno</i></b>
- experiências dos antigos: nas proximidades do sítio tem uma pedra que quando zoa, o ano é bom de inverno [ele a viu zoar esse ano 1 vez as 05 horas da tarde]. Ela zoa por causa do vento que corre por dentro da pedra.
<b><i>Sinais indicadores de que está próximo de chover</i></b>
- o Formigão (preta) tampar a sua casa, quando ele tampa sua casa é sinal que está próximo de chover.
<b><i>Sinais indicadores de seca</i></b>
- Preá, quando ele está com o grão seco [testículos]; - gata, quando não pare, é sinal de ano seco.
<b><i>Sinais indicadores que o ano vai ser ruim de inverno<sup>21</sup></i></b>
- se no dia de ano o gado amanhecer deitado pro lado do sul (cabeça), estão dizendo [o gado] que o ano não é bom não.
<b><i>Sinais indicadores de ano que chove pouco</i></b>
- se a vagem do Feijão-Bravo for pequena e furada, chover, chove, mas o ano é de pouca chuva.

João observa a floração e frutificação das plantas, o tamanho dos frutos, qualidade das sementes de espécies da flora; o aumento ou diminuição dos órgãos sexuais do Preá, o desenvolvimento de certas partes do corpo dos insetos, o fechamento da entrada do formigueiro e reprodução de espécies da fauna; a direção que o gado acorda em datas específicas do ano; o deslocamento dos astros; a emissão de sons de uma pedra. Os sinais mencionados indicam se haverá inverno ou não, o início e a quantidade das chuvas, e a ocorrência de seca.

<sup>21</sup> Um ano “ruim de inverno” é aquele que chove pouco. É um ano de seca.

### 3.1.6. Experiências de inverno do Profeta da Chuva Carlos Maceno

A seca e a transmissão de conhecimento pelos antigos estimulou o profeta Carlos Maceno a se interessar, pela observação das experiências de inverno. "Porque eu comecei... eles diziam antigamente e eu comecei a observar vendo os que eles diziam [...] e por causa das secas" (informação verbal)<sup>22</sup>. Suas observações estão pautadas essencialmente na “carregação do tempo”, a partir de agosto a fevereiro (Quadro 7).

<b>QUADRO 7 - EXPERIÊNCIAS DE INVERNO DO PROFETA DA CHUVA CARLOS MACENO</b>
<b><i>Sinais bons para inverno</i></b>
- quando caem às primeiras chuvas, já se sabe como vai ser o inverno. Observa as primeiras chuvas: se elas continuarem (chover durante o dia, entrar pela noite até o outro dia) isso é bom sinal; - olho-d'água encher é bom sinal.
<b><i>Sinais indicadores que o ano vai ser bom de inverno</i></b>
- quando o ano é bom... justamente a carregação chama a carregação [...] você vê a barra aqui no poente [...] em setembro, outubro, novembro [...] essas nuvenzinhas pequenas, as vezes é maior a tarde, tá tudo junto aqui no oriente, poente e sul. Aí se forma... aí vai chovendo nesse mundo do Ceará, Piauí... de ver relâmpago e esse ano a gente não tá vendo nada. Certo, outubro é muito bom, mas esse ano não foi, já novembro começou... relampeou no dia 3 de novembro. Isso foi uma noite e as outras nada. É tanto quando... os nossos antepassados ia comprar gado no Piauí. Meu bisavô, trisavô, Zé Batista, ia pesquisando... ia ao Piauí buscar gado e tomando informação onde havia inverno... onde não havia. Quando vinha com a boiada lá já estava em novembro, já estava chovendo no Piauí... o inverno pega no Piauí, em novembro [...] Quando eles vinham de lá pra cá o inverno vinha acompanhando, quando chegava aqui já tinha começo do inverno.
<b><i>Sinais indicadores de seca verde</i><sup>23</sup></b>
- primeiro quando têm essas nuvens que roncam (nuvem Mariana) nas primeiras chuvas o ano nem é seco e nem tem inverno, é uma seca verde. Ela passa geralmente no início das primeiras chuvas.
<b><i>Sinais indicadores de seca</i></b>
- quando o ano é seco o olho-d'água seca.
<b><i>Sinais ruins para inverno</i></b>
- mas se houver a preparação das chuvas e não chover é sinal muito ruim para inverno; - se ventar muito no período do inverno é sinal ruim para chuva.
<b><i>Sinais indicadores de inverno atrapalhado</i><sup>24</sup></b>
- se no início das chuvas a babugem nascer e depois morrer, é sinal de inverno atrapalhado.

Os sinais mostram a condição do inverno se “bom ou atrapalhado” sendo os indicadores de bom inverno os mais citados pelo profeta. Outros sinais são considerados “bons e ruins” para o inverno, mas insuficientes para

<sup>22</sup> ARAÚJO, Carlos Batista de. **Profeta Carlos Mascena**: entrevista [nov./2012]. Entrevistador: Neusiene Medeiros da Silva. Sítio Caridade, Caicó, 2012. 1 arquivo .mp3 (64 min.).

<sup>23</sup> Seca verde ocorre quando não há precipitação suficiente para encher os açudes, desenvolver o pasto para os animais e as culturas agrícolas, mantendo apenas a vegetação do campo com as folhas verdes.

<sup>24</sup> Inverno atrapalhado consiste na má distribuição pluviométrica no espaço e no tempo. Pode chover em alguns lugares e em outros pouco, ou mesmo quase nada.

prognosticá-lo, tornando-se necessária a observação de outros indícios, para se chegar a um consenso.

### 3.1.7. Experiências de inverno do Profeta da Chuva Basto Adônis

O Profeta Basto Adônis passou a observar as experiências (Quadro 8), porque queria saber se o inverno iria ser bom "porque eu quero saber se é bom [...] de inverno" (informação verbal)<sup>25</sup>. Suas previsões são baseadas nos astros, onde faz uso do “*Lunário Perpétuo*” (livro francês traduzido para o português) para elaborar algumas de suas profecias. Tendo profundo conhecimento em astrologia.

<b>QUADRO 8 - EXPERIÊNCIAS DE INVERNO DO PROFETA DA CHUVA BASTO ADÔNIS</b>
<b><i>Sinais indicadores de que está próximo de chover</i></b>
- lua nova - se nos 4 dias da lua nova o vento vier do ocidente denota chuva.
<b><i>Sinais que indicam se o ano vai ser bom ou ruim de inverno</i></b>
- primeiro trovão do ano cair no ciclo de capricórnio. Primeiro trovão do ano dependendo no ciclo que ele cai (signos do zodíaco) o inverno pode ser ruim ou bom. "Ano passado caiu no ciclo de capricórnio, denotava, como eu já disse: inverno, trigo com uma pendência e uma tristeza nos homens [...] se ano passado num fosse isso ia ser um ano bom... pelas experiências"; - o Papa-Sebo pondo cedo é sinal ruim para inverno.
<b><i>Sinais bons para inverno</i></b>
- Pau Pedra, Caibreira, Pau d'Arco, Aroeira, segurarem a carga; - o Preá quando cresce as landras [testículos], é sinal de inverno, "pode plantar no seco"; - encontrar muita resina nas Catingueiras; - se a Estrela Dalva tiver em janeiro no nascente, é sinal bom de inverno; - se nos dias 7, 17 e 27 de fevereiro chover; - Cupim quando enterra o caminho para andar, é sinal bom de inverno; - o vento vir do norte pode comprar garote para engordar; - redemoinhos no final do ano, é bom sinal de inverno.
<b><i>Sinais indicadores de tempestades</i></b>
- se a reis [bovinos] cheirar o chão e olhar o horizonte denota tempestade em qualquer parte do mundo (final do ano).
<b><i>Sinais indicadores de ocorrência de chuva para o mesmo dia</i></b>
- se aparecer dois arco-íris junto à tarde, denota inverno para o mesmo dia.
<b><i>Sinais indicadores de seca</i></b>
- se a Tanajura sair voando no dia seco, é sinal de chuva; - se passar o dia de Nossa senhora da Luz, dia de São José, e chegar até o dia 21 de março e não tiver chovido, é sinal de ano seco; - se tiver chovendo e sair a Tanajura voando, é sinal de seca.

Os sinais citados indicam previsões de chuva para o mesmo dia, ocorrência de tempestade, seca e se o inverno será “bom ou ruim”. Dentre os sinais mencionados aqueles considerados “bons para o inverno” são citados em maior número, em relação aos demais.

<sup>25</sup> ASSIS, Sebastião Manuel de. **Profeta Basto Adônis**: entrevista [nov./2012]. Entrevistador: Neusiene Medeiros da Silva. Sítio Cachoeira, Parelhas, 2012. 1 arquivo .mp3 (54 min.).

### 3.1.8. Experiências de inverno do Profeta da Chuva Clóvis

O Profeta Clóvis observa as experiências desde 2007 (Quadro 9), quando via outras pessoas comentarem sobre as previsões e as experiências; assim resolveu fazer o mesmo, para dizer também o seu prognóstico. As experiências são importantes para ele, porque o auxiliam na organização de suas atividades produtivas. "eu acho importante, porque pelo menos eu fico com aquela fé e me preparo em alguma coisa já [...] me preparo com a semente, ajeitar as terras... a área de plantar, né? Já fico na expectativa" (informação verbal)<sup>26</sup>.

<b>QUADRO 9 - EXPERIÊNCIAS DE INVERNO DO PROFETA DA CHUVA CLÓVIS</b>
<b><i>Sinais bons para inverno</i></b>
- as Catingueiras resinando é bom sinal; - as árvores: a Aroeira (flora de setembro para outubro), o Pau-Pedra (florou em setembro), Pau-d'Arco (ele não tem muita fé nele), Caibreira (novembro) florar e segurar a carga; - se abrir um cupinzeiro e ele tiver com muita lenda branca, essa lenda vai gerar a Formiga [Cupim] é um sinal muito bom para inverno; - quando os Inxuí estão cheios de filhotes, no final do ano, é um bom sinal para inverno; - a Mangueira, se ela florar redondo [dizia o pai], é bom sinal para inverno ; - Preá, Mocó estarem amojados, é sinal de inverno; - quando a constelação das Três Marias está bem "igualada", é sinal que vai ter inverno; - se dia de ano amanhecer limpo, parado; - ventando do poente pode esperar que chove e ventando do sul, também é bom; - final do ano com muito redemoinhos, que faz um funilzinho, é bom de inverno; - outra boa é se os planetas <sup>27</sup> estiverem correndo. Ano passado eles não correram, mas esse ano correram; - relampear a partir de dezembro mais pendido pro lado do sul; - a Jurema produzir as vagens todas completas de semente sem serem chochas, é sinal bom também.
<b><i>Sinais indicadores que o ano vai ser bom de inverno</i></b>
- o Carreiro de Santiago, quando ele está bem manchado (tipo uma nuvem branca cheia de estrelas) o ano é bom de inverno; - a Barca de Noé, quando está cheia o ano (experiência do pai) o ano é bom de inverno; - a Cajaca-de-Couro ou Cacurutá, quando faz ninho com a "boca" (entrada) virada pra baixo, colocando uma proteção, é sinal que ele está esperando muito inverno; - a Abelha Arapuá ao construir sua "casa" a boca (entrada) fica para o nascente, mas quando ele já está esperando inverno, ele muda a boca para baixo; - em 02 de fevereiro, dia de Nossa Senhora dos Navegantes, se relampejar, é sinal de inverno bom; - Pereiro segurando a galinha no período seco, o ano é bom de inverno.
<b><i>Sinais indicadores da quantidade de chuva que cairá nos lugares</i></b>
- se a Catingueira estiver resinando muito em alguns lugares e poucos em outros, isso pode ser que signifique que vai chover mais em alguns lugares do que em outros.
<b><i>Sinais indicadores de que está próximo de chover</i></b>
- se abrir o Cupim a partir de dezembro e tiver muita Formiga de asa [a Formiga nessa frase se refere ao Cupim] está bem pertinho de chover; - se no período seco encontrar rastros do Teju-Açú no mato, é sinal que tá perto de cair as primeiras chuvas, porque ele só sai da toca quando é para chover; - a Rolinha-Branca estiver fazendo ninho antes de chover, pode esperar que brevemente chove; - se tiver fazendo verão e a Tanajura voar, é sinal que está próximo de chover; - já na época do inverno antes do sol sair, quando estiver num verão, cavar um buraco com um palmo pra frente nas "terras de vagem" e se a terra estiver quente, é sinal que está esperando muita chuva. Se tiver fria nem espere que vá chover.

<sup>26</sup> MEDEIROS DOS SANTOS, Clovis. **Profeta Clóvis**: entrevista [nov./2012]. Entrevistador: Neusiene Medeiros da Silva. Sítio Bico da Arara, Acari, 2012. 1 arquivo .mp3 (85 min.).

<sup>27</sup> Pela descrição entende-se que se refere à passagem de meteoros.

<b><i>Sinais indicadores do início das chuvas</i></b>
- o Mocó só vai parir quando estiver chovendo; - em qualquer mês do ano observar o nascer da Lua nova e cheia sair por trás de uma barra, é sinal que choverá em três dias, ou antes, da lua ser respectivamente crescente e minguante; - o juá só cai na época da chuva.
<b><i>Sinais indicadores de ocorrência de chuvas</i></b>
- véspera de Santa Luzia, Dia de Nossa Senhora da Conceição. Do dia de Santa Luzia (13) a 17 de dezembro, cada dia representa um mês dos 5 primeiros meses do próximo ano. Se nesses dias aparecer carregação (dia nublado), é sinal que este mês <b>choverá</b> e se fizer verão, vai ser seco. Outro detalhe é se o dia ficar nublado depois das 12 horas, significa que <b>choverá</b> depois do dia 15 do mês em observação.
<b><i>Sinais indicadores de seca</i></b>
- no ano que caçadores pegam muitos Tamanduás e Pebas, no final do ano, é sinal de seca. Porque, quando é pra chover eles não aparecem; - a Barca de Noé, quando está virada, o ano é seco; - no ano que você acha Enxu verdadeiro dentro do açude, o ano é seco; - sonhar com um barreiro seco com a lama rachada, na entrada do ano; - véspera de Santa Luzia, Dia de Nossa Senhora da Conceição. Do dia de Santa Luzia (13) a 17 de dezembro, cada dia representa um mês dos 5 primeiros meses do próximo ano. Se nesses dias aparecer carregação (dia nublado), é sinal que este mês choverá e se fizer verão vai ser <b>seco</b> . Outro detalhe é se o dia ficar nublado, depois das 12h significa que choverá depois do dia 15 do mês em observação.
<b><i>Sinais indicadores de chuva para o mesmo dia</i></b>
- Tetéu no dia que está fazendo alvorada (cantando) de manhã, chove no mesmo dia; - ao nascer do sol, a serra estiver azulzinha, chove no mesmo dia (aprendeu com o padrinho); - se no período chuvoso levantar uma pedra e ela estiver suada; - a Galinha (no período chuvoso) quando está no terreiro e levantar as asas para cima e ficar esticada no chão, chove no mesmo dia; - a Lagartixa cair do telhado, chove no mesmo dia; - céu amanhecer com nuvens escamadas.
<b><i>Sinais indicadores que o inverno iniciará cedo</i></b>
- quanto mais cedo a constelação das Três Marias se alinhar, o inverno iniciará cedo.
<b><i>Sinais indicadores que geram dúvidas sobre o inverno</i></b>
- se dia de ano amanhecer serenando, o ano é duvidoso.
<b><i>Sinais ruins para inverno</i></b>
- se dia de ano tiver que chover nesse dia que chova grosso, porque se serenar é ruim.
<b><i>Sinais indicadores de verão</i></b>
- quando tá chovendo e a Tanajura voar é sinal que vai fazer verão. Ela voa mais para fazer verão.

Quando questionado se usava as experiências de inverno para organizar seu trabalho no campo, Clóvis afirma que sim, e procura armazenar alimento para os animais que mantém em sua propriedade na comunidade Bico da Arara.

Mais ou menos [...] eu uso assim: pronto eu tenho uma reserva lá... e eu estou achando que o inverno não vai chover logo eu já deixo aquela reserva para o futuro... esperando como ano passado eu deixei [...] tinha gente que dizia: - Clóvis você não vai tirar aquela ração ali não? Vai deixar se perder aquela ração? Eu disse rapaz... eu não estou nem preocupado... eu dizia não estou nem preocupado [...] só que era a reserva que eu estava... mais ou menos sabendo que o ano era duvidoso ai deixei [...] (informação verbal)<sup>28</sup>.

<sup>28</sup> SANTOS, C., 2012.

Os sinais citados pelo profeta Clóvis observados nas experiências de inverno foram: a produção de resina, o comportamento da floração e frutificação, o tamanho dos frutos em espécies da flora; a reprodução, o desenvolvimento de partes do corpo, a forma de construção dos ninhos/casas, o aparecimento e o desaparecimento, a emissão de sons e o comportamento de espécies da fauna; a posição, alinhamento, brilho, visibilidade, forma de nascimento das constelações, estrelas e demais elementos citados na categoria astros; as condições do tempo em datas específicas do ano e em Dias Santos; a direção, ocorrência, quantidade de ocorrência dos fenômenos atmosféricos; a temperatura do solo, umidade presente sob as pedras e sonhos com paisagem de seca. Os sinais que observa indicam se o inverno será “bom”, a quantidade de chuva, o início das chuvas, a seca, a antecipação do inverno e a ocorrência de verão durante o inverno.

#### **4. Observação do tempo**

A necessidade de prever o tempo, especificamente no semiárido nordestino, é de grande interesse entre os sertanejos. A seca é o fenômeno que ocorre periodicamente, causando a instabilidade das atividades agropecuárias; principalmente daqueles que dependem quase exclusivamente dessas atividades para tirar seu sustento e de sua família.

As informações dos boletins meteorológicos, que são divulgados nos meios de comunicação de massa, não fazem muita diferença para uma parcela considerável de sertanejos e profetas do Seridó que vivem no campo. Devido à divulgação de previsões para o “inverno”, que em sua maioria não se concretizam, levam o sertanejo a perder a confiança nas instituições previsoras. Os boletins divulgados são motivos de desconfiança para os sertanejos, os quais preferem acreditar em suas observações e manterem a fé e a esperança em Deus. Essa ausência de credibilidade dos sertanejos não é recente, e autores como Magalhães (1963, p. 102) já colocava a questão em discussão:

[...] na verdade, para os sertanejos, tais experiências valem mais que toda a ciência experimental dos doutores, porque são tradições orais

que vêm de outras eras, legadas por seus maiores homens bem experimentados neste mister. Daí a fé inviscerada que nelas depositam e que lhes mantém o tônus da esperança cheio de vitalidade. Quando alguém, em base científica, se aventura a predizer se o ano futuro é seco ou molhado, o caboclo sertanejo costuma ironizá-lo dizendo que "profecia de doutor não vale para nada: quando diz que vem chuva é seca e quando pensa em seca o que aparece é inverno grande". No entender dos sertanejos, ninguém melhor do que eles conhecem os problemas de sua região porque nela vivem e observam.

O profeta Zé Te afirma que os sertanejos do Seridó sofrem muito em ano de seca. Tudo é mais difícil. Nesse sentido "a água é que dá vida à propriedade rural do semiárido, condição mínima de sua explorabilidade" (MONTENEGRO, 2008, p. 14). E só em pensar que o ano poderá ser seco o sertanejo já sofre antecipadamente. "Porque o pobre sofre muito, não é? já pensa... aqui... não há inverno... fica sofrendo, né? Pensando aquilo... o pobre sofre muito... sofre muito" (informação verbal)<sup>29</sup>.

O Profeta Raimundo, em sua fala, diz que o sertanejo tem interesse em saber sobre o inverno, porque uma única seca em uma sequência ininterrupta de inverno, de 10 anos, desmantelaria seu sistema produtivo, sendo necessário pelo menos mais 10 anos de "bom inverno" para se recuperar dos prejuízos e voltar ao que era antes da seca.

Sabe por quê... porque se chover aqui no Nordeste... se chover 10 anos seguido só uma seca que há que nem houve agora arrasa. Eu assisti um agricultor dando entrevista lá pro Pernambuco que é 15 anos para recuperar. Eu não avalio em 15 não, que achei muito sabe? Mas é uns 10 anos ... [...] (informação verbal)<sup>30</sup>.

Em experiência de vida, seu Raimundo constatou que o interesse sobre o inverno é de importância crucial para o Nordeste, ao contrário de outras regiões do Brasil, que não sofrem periodicamente com o problema das secas. "Numa região semiárida, sujeita a secas periódicas, a preocupação com o tempo futuro constitui, sempre a nota dominante, principalmente entre os agricultores e pecuaristas, cujas lavouras e cujos rebanhos dependem, primordialmente, da água da chuva" (MONTENEGRO, 2008, p. 9).

---

<sup>29</sup> MEDEIROS, J., 2012.

<sup>30</sup> SANTOS, R., 2012.

[...] Aí fui para Goiás, tinha 18 anos e arrumei um companheiro de serviço o homem chamava até... era um Goiano chamava Sianael, quando foi um dia choveu muito e lá no Estado do Goiás chove muito e no outro dia nós ia cedo pro serviço aí eu pensando que era aqui que nem o Nordeste, sabe? Aí eu disse... olhei assim pro tempo e disse: parece que hoje num vai chover! Que aqui se um agricultor disser isso pro outro aí já começa a entrar em detalhe, né? Criatuuuura eu fiquei até envergonhado o homem mudou até de assunto, mudou, fez que num tinha nem escutado. Aí foi que eu vi que a região [...] era muito diferente daqui do Nordeste, demais [...] Mas lá, foi muito... achei muito interessante, sabe? É pro mode isso criatura é porque arrasa uma seca aqui [...] (informação verbal)<sup>31</sup>.

A busca por uma vida melhor num ambiente susceptível à seca faz com que o sertanejo tenha interesse em saber a condição pluviométrica, segundo o Profeta Max Medeiros. A chuva significa felicidade de um futuro melhor e, esta exerce certo domínio sobre a felicidade do sertanejo. “Toda a força da ideia da existência de uma relação entre a chuva e a felicidade está na experiência que prova trazer felicidade, toda chuva que cai no espaço e no tempo certo” (MONTENEGRO, 2008, p. 26).

Todos nós que nascemos para se criar nesse planeta nós procuramos ter... uma vida boa. Boa em qual sentido? Uma vida suficiente, a gente precisa se alimentar, comprar remédio, a gente precisa visitar o amigo e a amiga [...] ter o dia do batizado [...] e tudo isso, como é que você mora no sítio e há uma seca e você vai convidar o seu amigo, a sua amiga. Venha comer uma pamonha, venha comer uma canjica, venha tomar um banho de açude sem ter acontecido, então faz com que a pessoa... fica alguns... até se desespera. Fica num ponto tão fraco que tomam outro destino [...] (informação verbal)<sup>32</sup>.

Nesse sentido, a seca não prejudica apenas a reprodução natural da vida, o sistema produtivo ou as relações sociais, mas toda a existência da mesma é posta em risco nos anos de seca. O sistema produtivo entre os demais profetas é o fator principal que faz o sertanejo se interessar em saber sobre o inverno. Nos trechos das entrevistas a seguir, é visível que a preocupação do sertanejo em saber a previsão do inverno está intimamente ligada às atividades produtivas e a sua sobrevivência:

Eu acho que é mais o homem do campo... o homem do campo se preocupa mais. Quem mora na cidade quase não se preocupa que

---

<sup>31</sup> SANTOS, R., 2012.

<sup>32</sup> MEDEIROS, M., 2012.

haja inverno ou que não haja. Mas que eles, também, são prejudicados, né? Porque tudo vai do campo. Tudo o que eles consomem é... vai do homem do campo (informação verbal)<sup>33</sup>.

É porque quem cria... porque quem cria, aí, por isso, eles devem saber se o ano é bom ou se não é, que o prejuízo grande... hoje no sertanejo num é muito grande? né? (informação verbal)<sup>34</sup>.

Sem inverno nada vai [...] (informação verbal)<sup>35</sup>.

Porque ninguém pode passar sem a água não... se não tiver a chuva para fazer água não tem nem a condição da pessoa sobreviver na zona rural, né? (informação verbal)<sup>36</sup>.

Desse modo, foram identificados vários fatores que influenciam o profeta seridoense a observar as experiências de inverno. A atividade produtiva, baseada na agropecuária - principalmente na criação de bovinos e agricultura de sequeiro é o fator principal (fator núcleo) que impulsiona a observação da natureza, instigado pela seca. Nesse contexto, a seca se caracteriza como um fator causa sobre o fator produtivo. E os demais fatores estão quase sempre relacionados ao do fator produtivo.

A transmissão do conhecimento, o desejo de ajudar o próximo, o domado por Deus, que vem desde o nascimento, a curiosidade, a busca por uma vida melhor e a participação nos espaços sociais, foram os demais fatores que instigam a observação.

A convivência com as pessoas mais velhas da família e da comunidade, onde as conversas sobre o inverno e as experiências são assuntos recorrentes entre os mesmos, exerce forte influência nas crianças que passam a escutá-las. Consequentemente, guardam na memória, estimulando a curiosidade que se concretizará na prática da observação e mais tarde, na divulgação dos prognósticos e profecias.

Até os círculos de conversa dos sertanejos estimulam a prática da observação daqueles que já tiveram o contato com a transmissão do conhecimento, mas nunca tinham observado. Cada um expõe sua previsão, acreditando ser a correta; baseado em argumentos fundamentados em elementos da sua vivência e por notícias que outras pessoas trazem do comportamento dos elementos em outros lugares da região, no período que se

---

<sup>33</sup> PEREIRA, 2012.

<sup>34</sup> DANIEL FILHO, 2012.

<sup>35</sup> ASSIS, 2012.

<sup>36</sup> MEDEIROS, C., 2012.

aproxima as chuvas, sendo as previsões do tempo um dos principais assuntos das feiras livres, dos encontros sociais religiosos, das festas, entre outros.

## **5. Considerações finais**

A seca e o sistema produtivo relacionado à criação animal (o rebanho bovino principalmente) e a agricultura de sequeiro se constituem como a principal preocupação do profeta seridoense, desde os seus antepassados e é o impulsionador da prática da observação das experiências até os dias atuais.

A possibilidade de um ano seco traz medo e ansiedade ao profeta, que identifica na experiência de inverno, uma forma de prevê-la e assim tentar se proteger com os meios disponíveis. Todavia, quando as profecias se revelam negativas, o mesmo persevera na fé em Deus, único ser capaz de mudar tal realidade, na concepção do sertanejo. A experiência representa a esperança de um futuro melhor, com mais abundância, mais vida e felicidade.

O som da chuva caindo no telhado é música para os ouvidos dos sertanejos, o cheiro da terra molhada é perfume para alma e a água correndo nas veredas é como o sangue que corre em suas veias. A água para o sertanejo seridoense é vida, é felicidade.

## REFERÊNCIAS

ACSELRAD, M. Questões sobre o universo simbólico da profecia: juntando a fome com a vontade de viver. In: MARTINS, K. P. H. (org.). **Profetas da Chuva**. Fortaleza: Tempo d'Imagem, 2006.

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R.F.P.; CUNHA, L. V. F. C. da (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa etnobotânica**. 2. ed. Revisada, atualizada e ampliada. Recife: COMUNIGRAF, 2008.

BAILEY, K. **Methods of social research**. New York. The Free Press, 1994.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BEZERRA JR., B. Os porta-vozes da natureza e a prosa do mundo In: MARTINS, K. P. H. (org.). **Profetas da Chuva**. Fortaleza: Tempo d'Imagem, 2006.

BRUNO, F.; MARTINS., K. P. H.. Profetas da natureza: ver e dizer no sertão. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 18, p. 1-12, janeiro/junho, 2008. Disponível em: [seer.ufrgs.br/intexto/article/download/6734/4036](http://seer.ufrgs.br/intexto/article/download/6734/4036). Acesso em: dez. 2011.

DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. 3 ed. São Paulo: Hucitec Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, USP, 2000.

\_\_\_\_\_, A. C.; ARRUDA, R. S.V. (Orgs.). **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil** - Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001. xxx p. (Biodiversidade, 4).

FOLHES, M. T., DONALD, N. Previsões tradicionais de tempo e clima no Ceará: o conhecimento popular a serviço da ciência. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, 19 (2): 19-31, dez. 2007. Disponível em: <<http://www.sumarios.org/resumo/previs%C3%B5es-tradicionais-de-tempo-e-clima-no-cear%C3%A1-o-conhecimento-popular-%C3%A0-servi%C3%A7o-da-ci%C3%Aancia>>. Acesso em: mai. 2011.

GUERRA, P.B. **A civilização da seca**. Fortaleza: DNOCS, 1981.

INOJOSA, A. **Quando flora o Mandacaru**: Meteorologia Popular. Recife: Editores Inojosa. 1980.

MACEDO, M. K. de. **A penúltima versão do Seridó**: espaço e história do regionalismo seridoense. Natal; Campina Grande: EDUFRN; EDUEPB, 2012.

MAGALHÃES, J. Previsões folclóricas das secas e dos invernos do Nordeste Brasileiro. Imprensa Universitária do Ceará. Fortaleza – CE. 1963, pp. 98 a 137. In: **12º Livro das Secas**. Vinght – Rosado (seleção e organização).

Edição especial para o acervo virtual Oswaldo Lamartine de Faria. Disponível em: [http://www.colecaomossoroense.org.br/acervo/12\\_livro\\_das\\_secas.pdf](http://www.colecaomossoroense.org.br/acervo/12_livro_das_secas.pdf). Acesso em: mai. 2011.

MELO, R. A. de. Almanques de cordel: do fascínio da leitura para a feitura da escritura, outro campo de pesquisas. **Revista ieb** n.52, 2011, set./mar., p. 107-122. Pesquisado em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/rieb/n52/n52a06.pdf>. Acesso em: mai. 2012.

MONTENEGRO, A. F. **Ceará e o profeta de chuva**. Fortaleza: Edições UFC, Fortaleza: Banco do Nordeste [distribuidor], 2008.

MORAIS, I. R. D. **Seridó Norte-Rio-Grandense**: uma geografia da resistência. Caicó: [ed. do autor], 2005.

PENNESI, K. Aspectos linguísticos nas previsões de chuva: Funceme e os Profetas da Chuva. In: MARTINS, Karla Patrícia Holanda (org.). **Profetas da Chuva**. Fortaleza: Tempo d'Imagem, 2006.

RIOS, K. S. A natureza entre ciências e profecias. In: MARTINS, K. P. H. (org.). **Profetas da Chuva**. Fortaleza: Tempo d'Imagem, 2006.

TADDEI, R. Oráculos da chuva em tempos modernos: mídia, desenvolvimento econômico e as transformações na identidade social dos Profetas do Sertão In: MARTINS, K. P. H. (org.). **Profetas da Chuva**. Fortaleza: Tempo d'Imagem, 2006.

\_\_\_\_\_, R. Os Profetas da Chuva do sertão como produção midiática. Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Trabalho preparado para a Reunião anual de 2009 da Latin American Studies Association, no Rio de Janeiro, em 11 a 14 de junho de 2009. **Papers**. Disponível em: < <http://lasa.international.pitt.edu/members/congress-papers/lasa2009/files/TaddeiRenzo.pdf> >. Acesso em: mai. 2011.

TUAN, Y. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sertanejos seridoenses que vivem na zona rural dos municípios estudados apresentam uma diversidade de atividades (agricultura, pecuária, pesca), benefícios (aposentadorias, bolsa família), projetos implementados por meio das associações comunitárias para o homem rural e a prestação de serviços no campo e/ou na cidade, que os mantêm economicamente ativos na região. Contudo, as atividades ligadas a terra (pecuária e agricultura) são dependentes do período chuvoso da região (fevereiro a maio) tornando os sertanejos da zona rural dependentes da estação chuvosa para continuar a desenvolverem suas atividades produtivas. Os benefícios sociais têm importante papel para as atividades produtivas deles, transferindo capital para investir na compra de insumos.

Dentre as inúmeras dificuldades listadas pelo grupo dos sertanejos, o clima foi um dos problemas mais citados e causador de prejuízo, da maioria dos entrevistados (seca). A seca e as irregularidades das chuvas assustam o seridoense, que tem na observação das experiências, as respostas sobre as condições meteorológicas do inverno. As experiências têm grande credibilidade entre os sertanejos seridoenses da zona rural, até mais do que as previsões dos meteorologistas, que mesmo considerando os avanços científicos alcançados não conseguiu a plena confiança dos sertanejos.

As experiências mostraram-se bastante disseminadas entre os entrevistados do primeiro grupo. O sertanejo seridoense, ao observar as experiências, não utilizam-nas somente para prever o tempo, mas criando relações com a natureza, as quais também são subjetivas. Estas desempenham o papel maior de alimentar a esperança e a fé por tempos melhores e com abundância.

O “inverno” exerce forte influência nos diversos aspectos da vida do sertanejo seridoense (econômicos, sociais, culturais, psicológicos). Enquanto em outras regiões do país o período chuvoso não é um assunto tão importante entre seus moradores, para o seridoense o “inverno” é um dos principais assuntos do seu cotidiano, que se intensifica nos últimos meses do ano, quando o período chuvoso se aproxima.

A região do Seridó abriga os Profetas da Chuva de grande prestígio nessa sociedade. Os profetas desta região têm características que os destacam dentre os demais sertanejos, pela forma que se dirigem ao ouvinte de suas profecias, nos gestos, na forma de falar e nos saberes sobre as experiências de inverno.

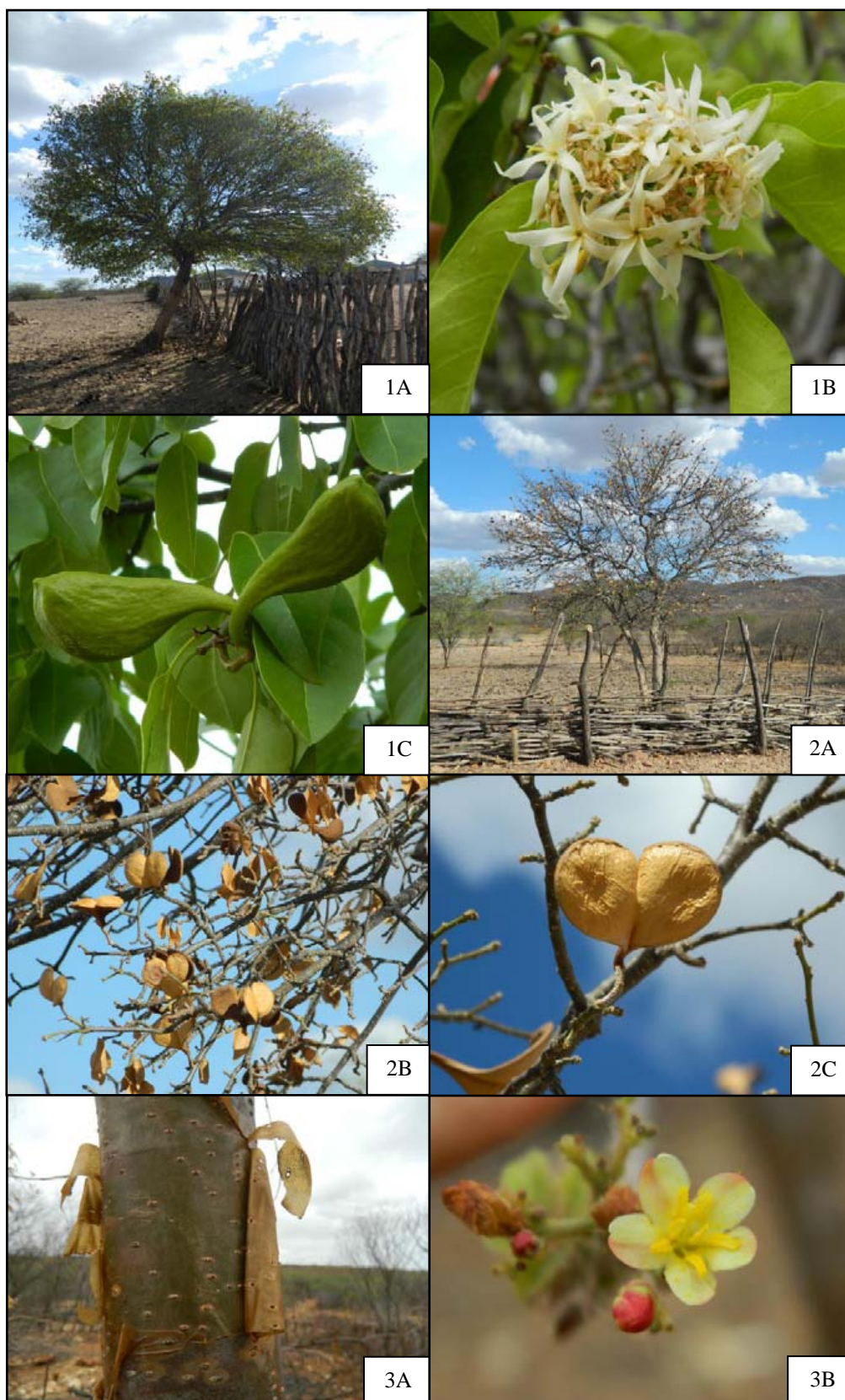
Alguns profetas observam inúmeros elementos da paisagem, outros apenas alguns. A fauna e a flora representam os grupos com o maior número de elementos observados (espécies) entre os profetas. Eles observam os mesmos elementos, contudo, alguns dos sinais e as indicações da previsão podem variar de profeta para profeta, e em alguns casos específicos elas divergem completamente. Mas de modo geral, tais indicações se repetem entre os mesmos. Suas observações estão mais direcionadas a prever o ano de “bom inverno”, do que outros tipos de previsão.

As observações continuam a serem realizadas mesmo com a redução da vulnerabilidade dos sertanejos do Seridó pela diversidade de atividades, os benefícios concedidos pelo governo e os avanços na meteorologia. Diversos fatores contribuem para estimular a prática da observação das experiências no Seridó. As atividades produtivas e a seca constituem-se nas principais causas da observação da natureza. A influência dos mais velhos sobre os jovens, assim como a passagem das fases da vida (idade), a fé, o contexto geográfico, entre outros, estimularam os profetas a observarem as experiências.

Estas são observadas, mas estão correndo o risco de não serem mais repassadas pelo esvaziamento da zona rural, resultado da migração dos jovens que vão em busca de trabalho e estudo na cidade. Permanecem os mais velhos que, no decorrer do tempo e a idade avançada, passam, normalmente, aos cuidados dos filhos.

A previsão do tempo, através das observações empíricas dos profetas sobre a natureza contém fundamentos que podem ser analisados à luz dos métodos da ciência. O consórcio entre as previsões dos profetas e a dos meteorologistas seria de grande proveito na elaboração de prognósticos mais eficazes para a região. E o conhecimento sobre a dinâmica dos elementos bióticos e abióticos que os profetas têm pode fornecer informações importantes, apontando os possíveis efeitos das mudanças climáticas sobre esses elementos e o ecossistema da região.

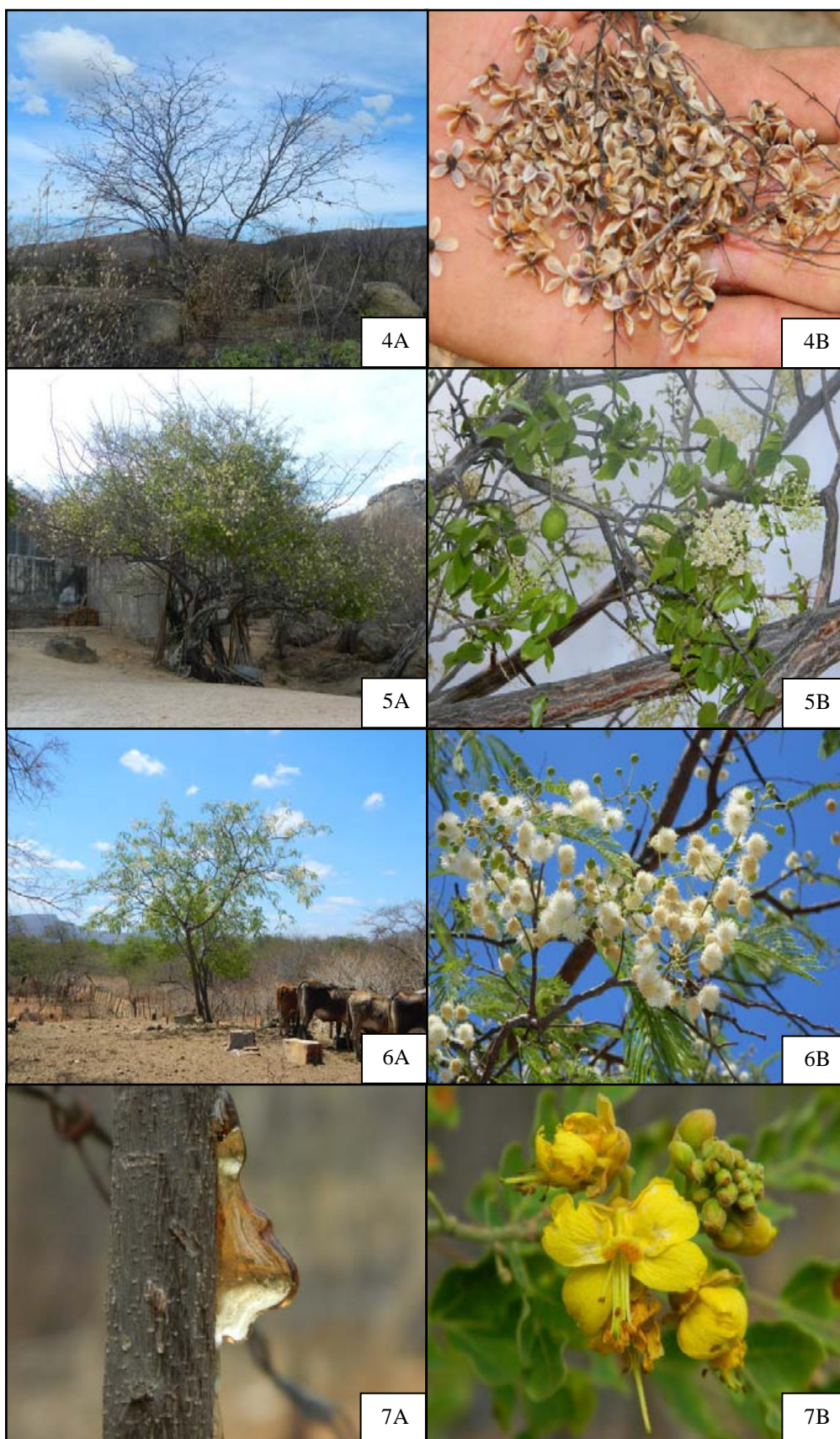
## **APÊNDICES**



**Apêndice A** – Elementos da flora utilizados pelos Profetas da chuva e sertanejos nas experiências de inverno no Seridó Potiguar.

**1A, 1B e 1C** – Pereiro; **2A, 2B e 2C** – Pereiro no período seco segurando os frutos (chamados de galinha ou guiné) após a dispersão das sementes; **3A e 3B** – Pinhão.

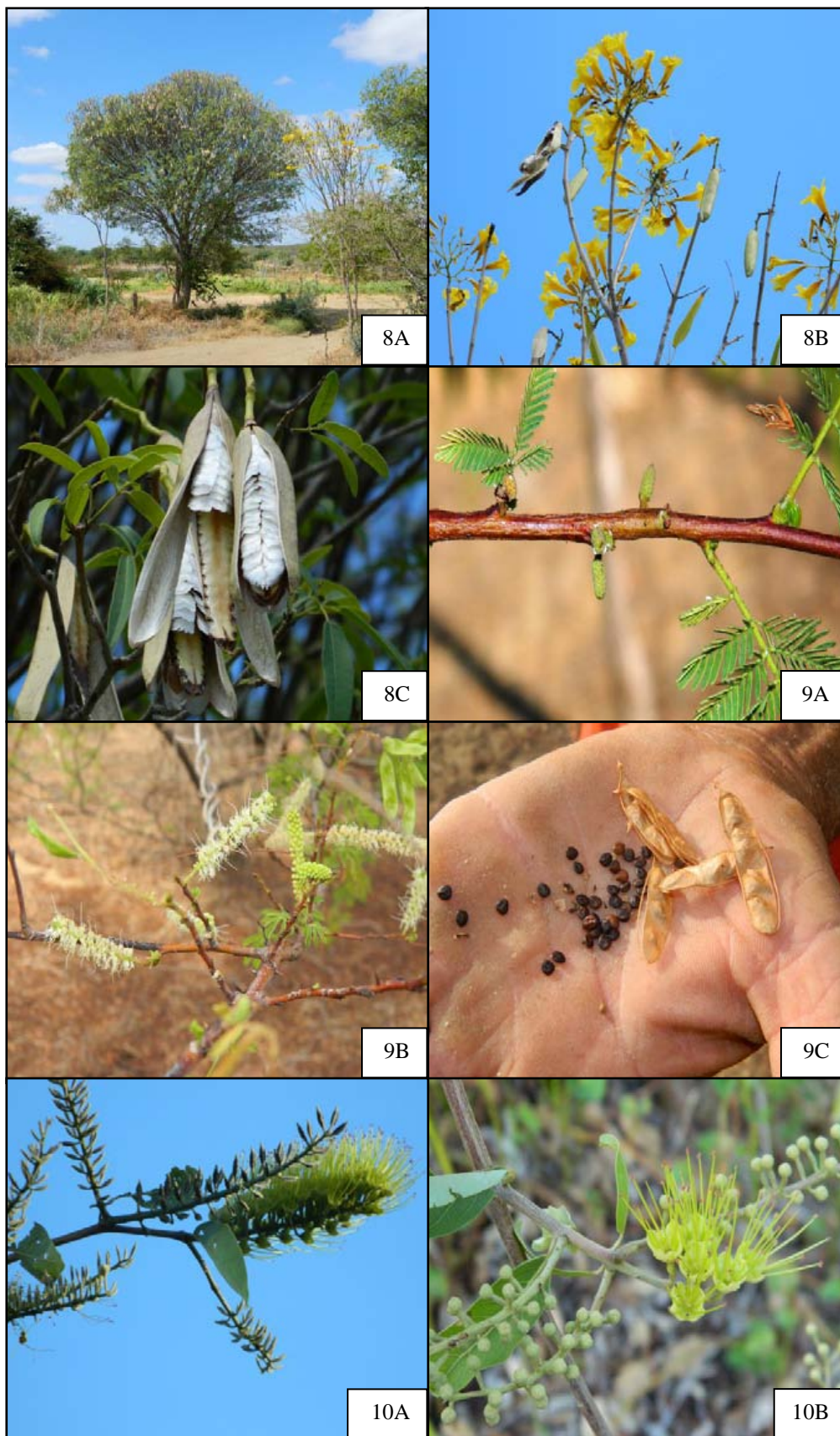
Fonte: Neusiene Medeiros da Silva, 2012.



**Apêndice A** – Elementos da flora utilizados pelos Profetas da chuva e sertanejos nas experiências de inverno no Seridó Potiguar.

**4A e 4B** – Aroeira e sementes; **5A e 5B** – Umbuzeiro; **6A e 6B** – Angico; **7A e 7B** – Respectivamente, a resina e a flor da Catingueira.

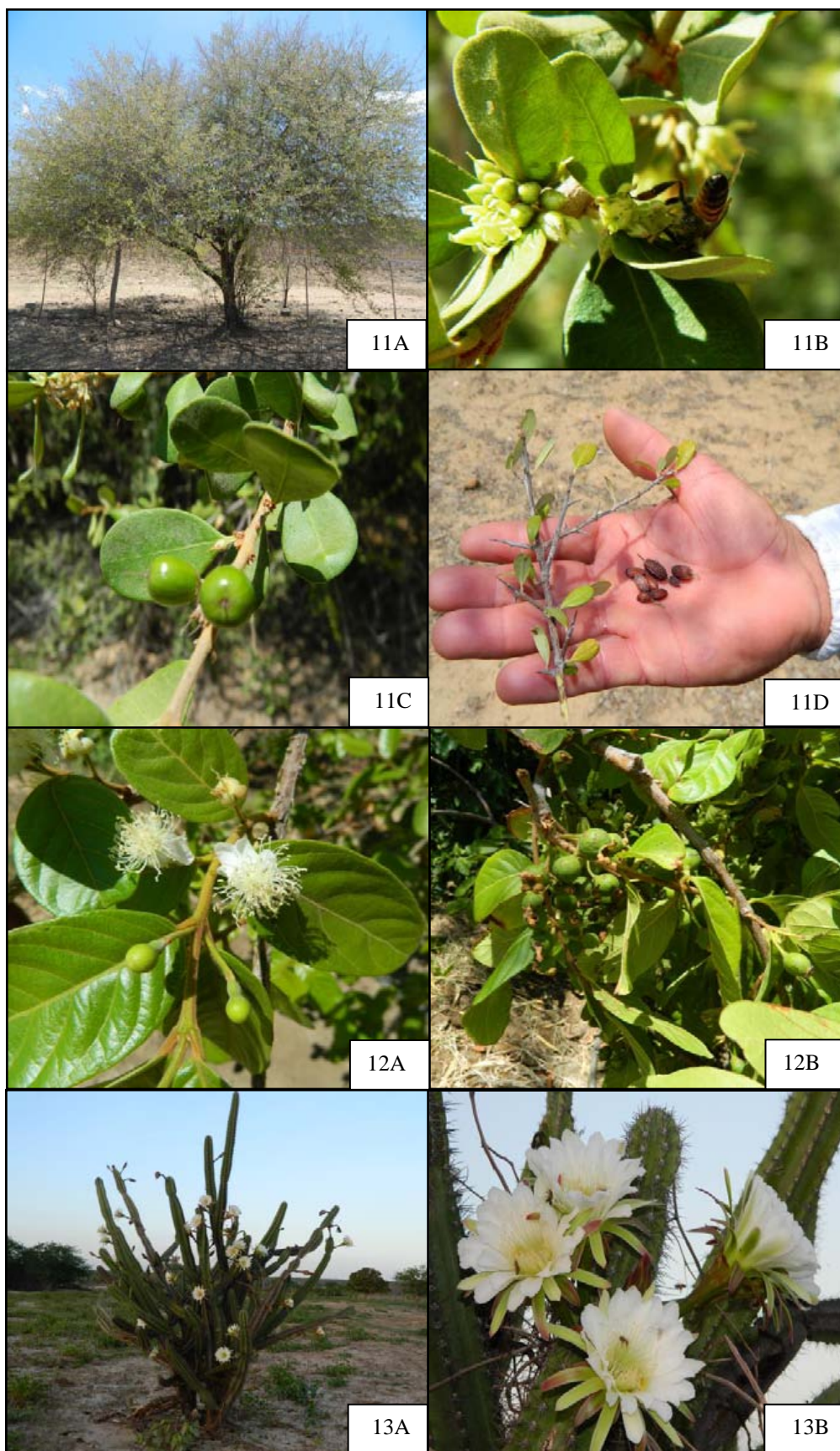
Fonte: Neusiene Medeiros da Silva, 2012.



**Apêndice A** – Elementos da flora utilizados pelos Profetas da Chuva e sertanejos nas experiências de inverno, no Seridó Potiguar.

**8A, 8B e 8C** – Caibreira ou Ipê amarelo; **9A, 9B e 9C** – Jurema; **10A e 10B** - Mofumbo

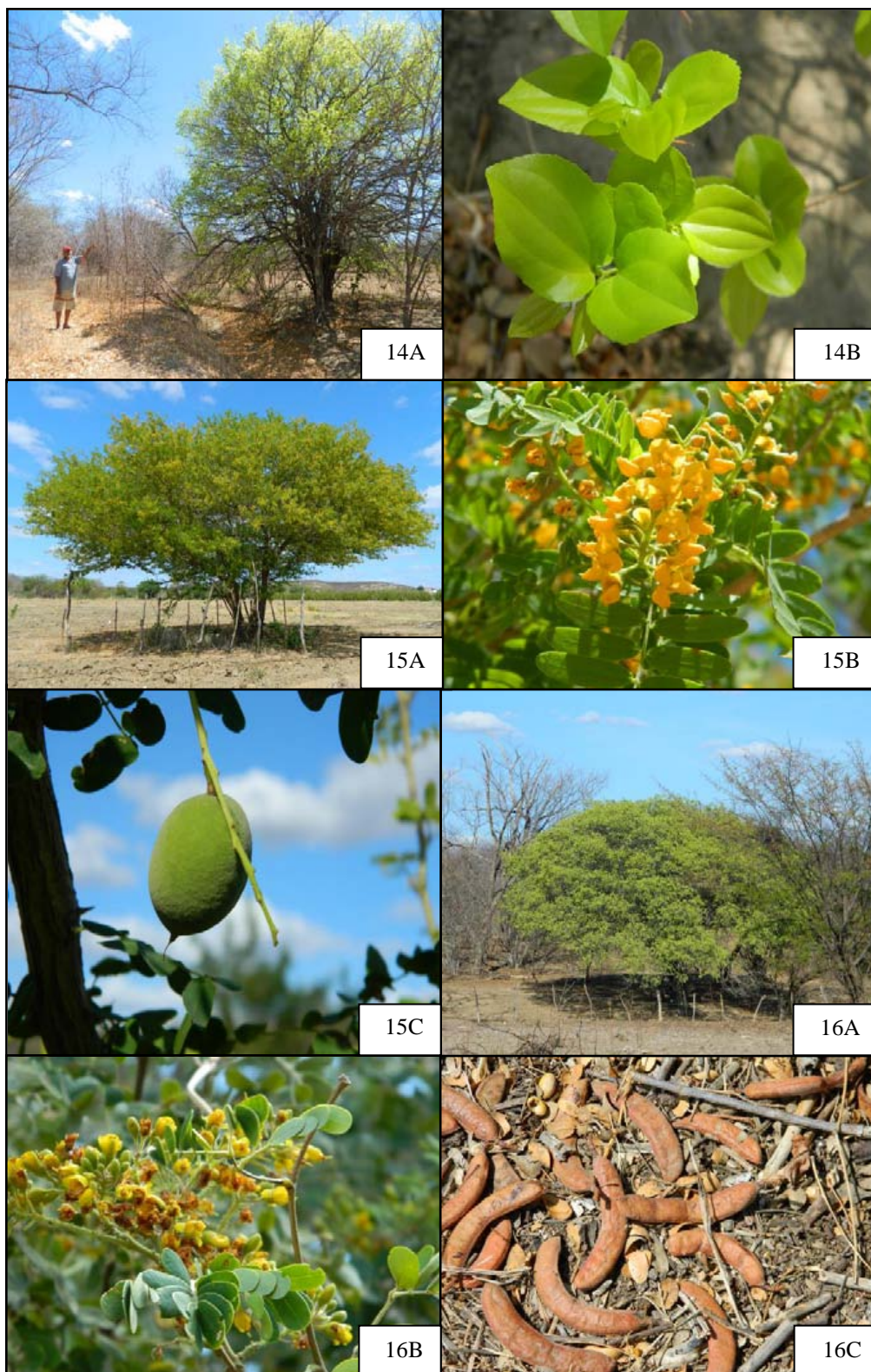
Fonte: Neusiene Medeiros da Silva, 2012.



**Apêndice A** – Elementos da flora utilizados pelos Profetas da Chuva e sertanejos nas experiências de inverno, no Seridó Potiguar.

**11A, 11B, 11C e 11D** – Quixabeira; **12A e 12B** – Araçá; **13A e 13B** – Cardeiro.

Fonte: Neusiene Medeiros da Silva, 2012, 2013.



**Apêndice A** – Elementos da flora observados pelos Profetas da Chuva e sertanejos nas experiências de inverno, no Seridó Potiguar.

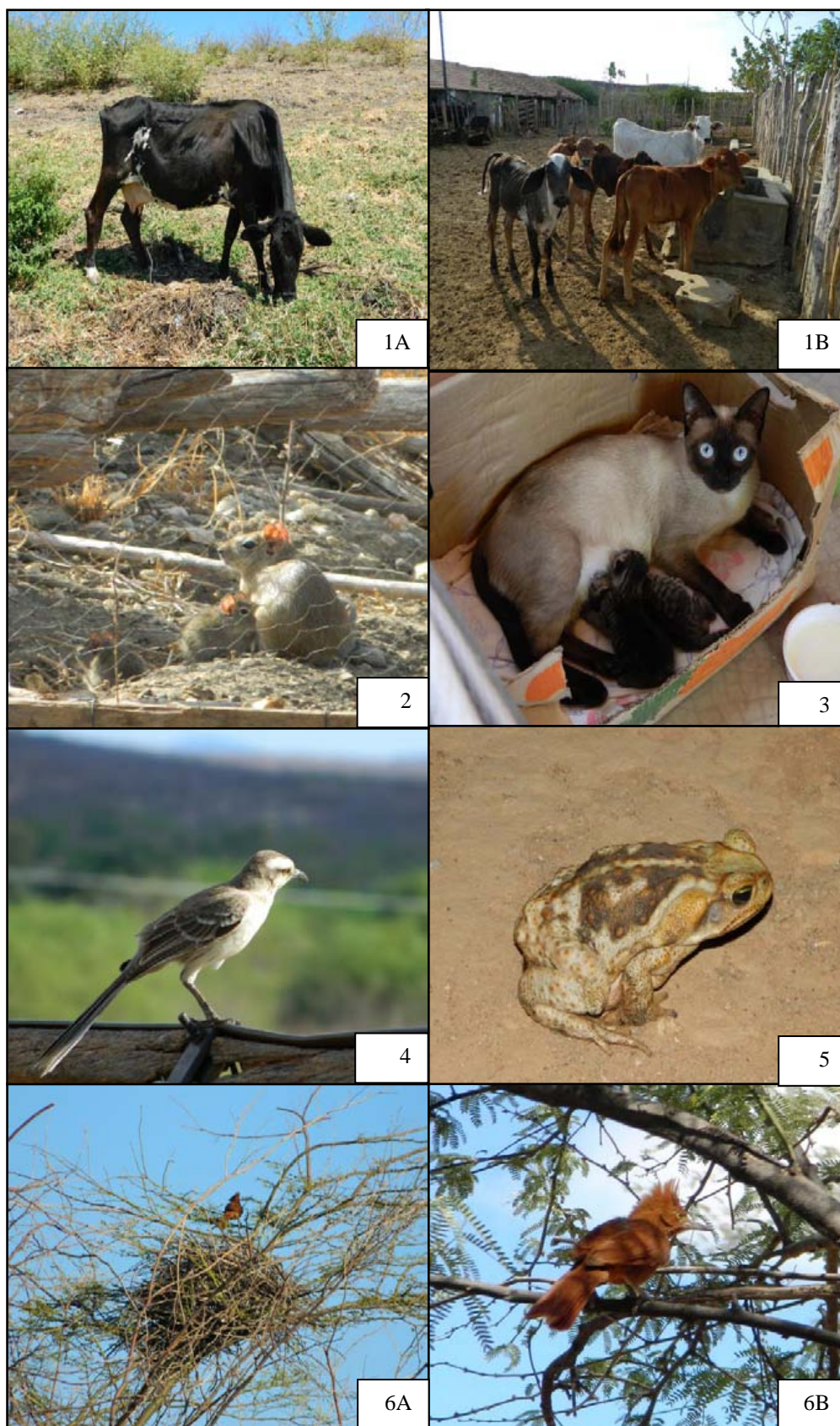
**14A e 14B** – Troca da folhagem do Juazeiro; **15A, 15B e 15C** – Marizeiro (Mari); **16A, 16B e 16C** – Jucá. Fonte: Neusiene Medeiros da Silva, 2012.



**Apêndice A** – Elementos da flora utilizados pelos Profetas da Chuva e sertanejos nas experiências de inverno, no Seridó Potiguar.

**17A e 17B** – Enxerco de Jurema; **18A e 18B** – Feijão-Bravo; **19A e 19B** – Carnaúba.

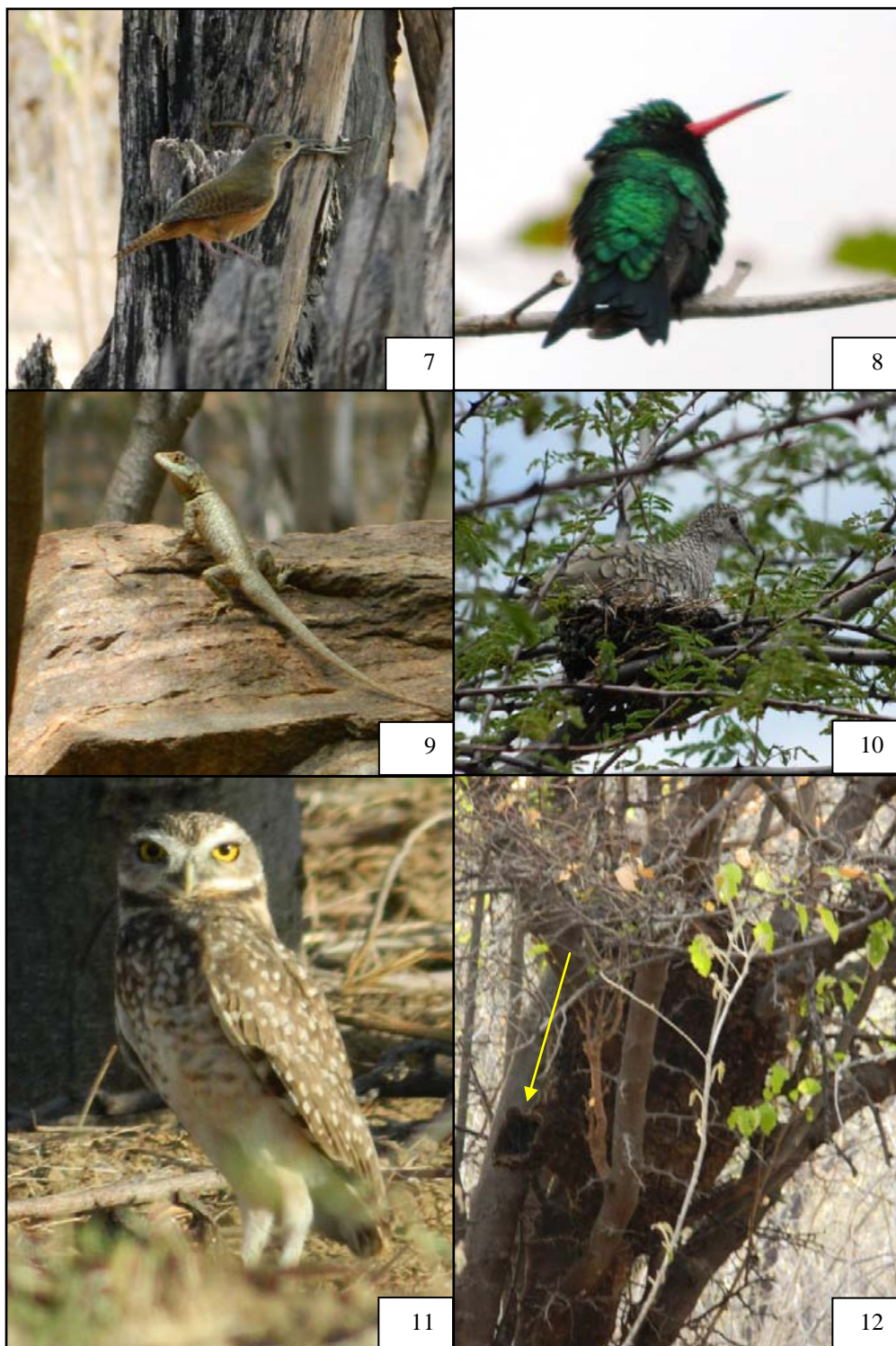
Fonte: Neusiene Medeiros da Silva, 2012, 2013.



**Apêndice B** – Elementos da fauna utilizados pelos Profetas da Chuva e sertanejos nas experiências de inverno, no Seridó Potiguar.

**1A e 1B** – Vaca e bezerros no curral; **2** – Preá com filhotes; **3** – Gato doméstico com filhotes; **4** – Galinha caipira; **5** – Sapo Cururu; **6A e 6B** – Cajaca-de-Couro ou Casaca-de-Couro próximo ao ninho;

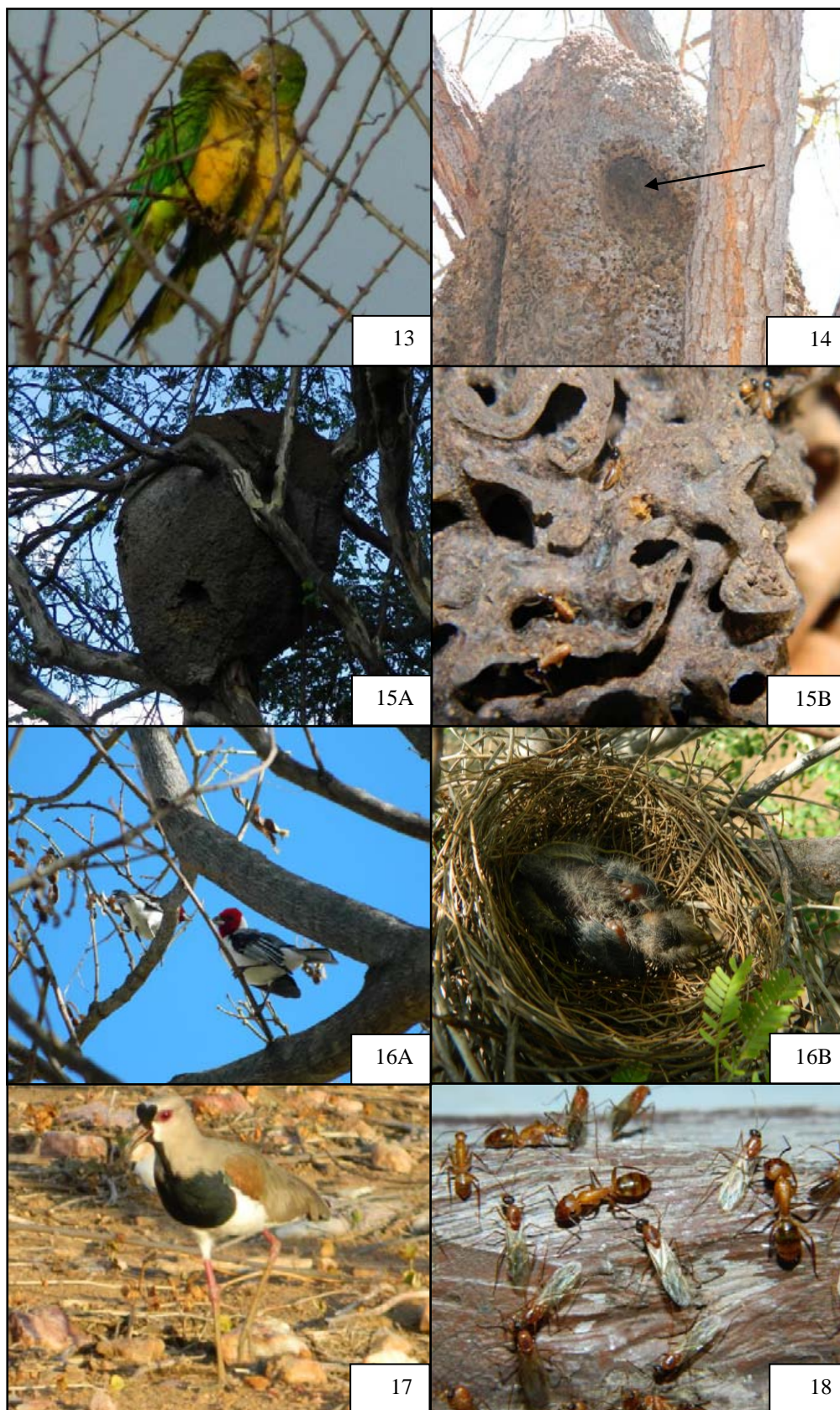
Fonte: Neusiene Medeiros da Silva, 2012.



**Apêndice B** – Elementos da fauna observados pelos Profetas da Chuva e sertanejos nas experiências de inverno, no Seridó Potiguar.

**7** – Rouxinol; **8** – Beija-Flor; **9** – Lagartixa; **10** – Rolinha Cascavilhinha no ninho; **11** – Caboré; **12** – Colmeia de Abelha Arapuá.

Fonte: Neusiene Medeiros da Silva, 2012.



**Apêndice B** – Elementos da fauna observados pelos Profetas da Chuva e sertanejos nas experiências de inverno no Seridó Potiguar.

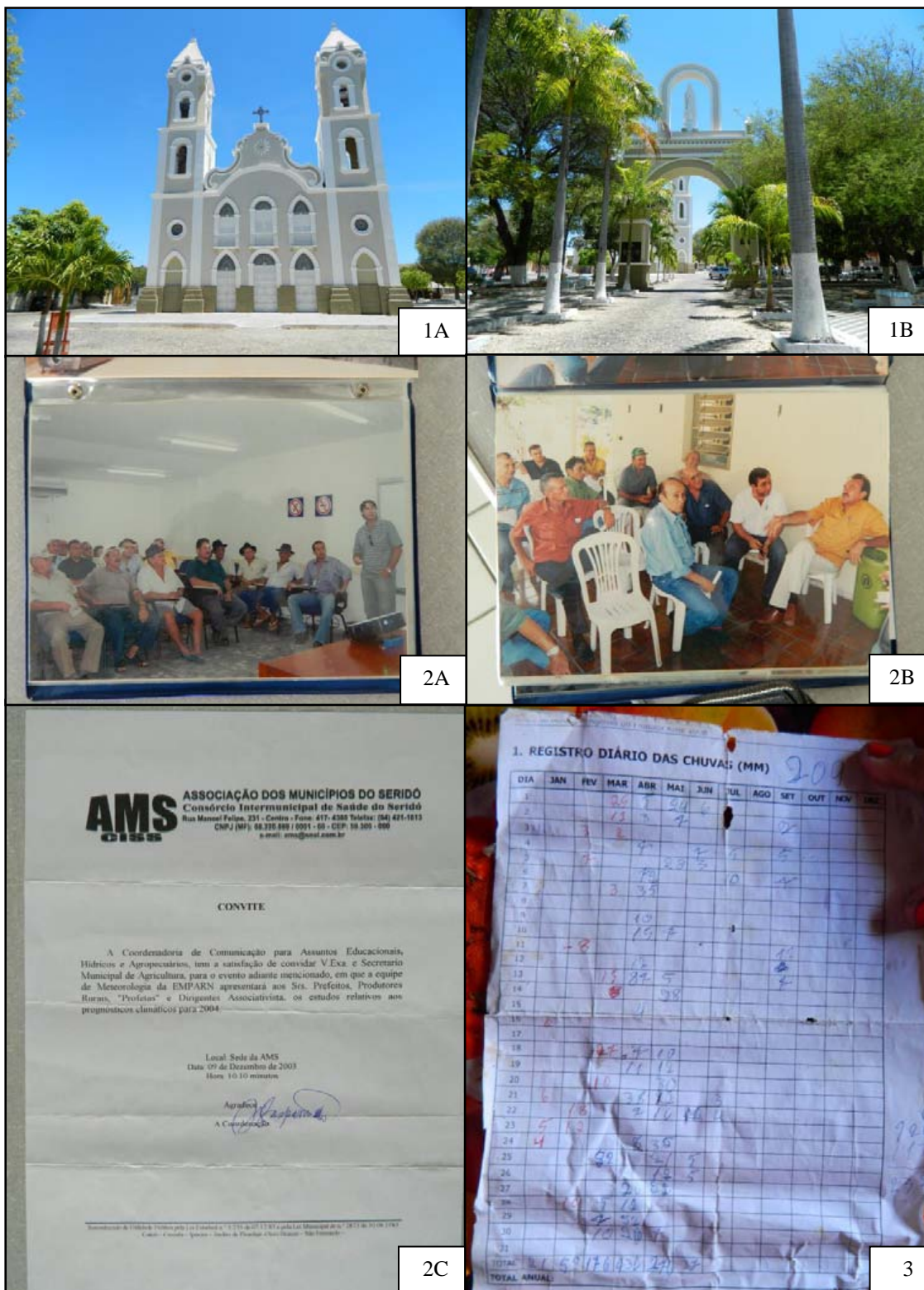
**13** – Casal de Periquitos namorando ao nascer do sol; **14** – Início da construção do ninho de um Periquito no cupinzeiro; **15A** – Cupinzeiro; **15B** – Cupins no interior do cupinzeiro; **16A** – Galo-de-Campina; **16B** – Ninho com filhote de Galo-de-Campina; **17** – Tetéu e **18** – Saraças com e sem asas.

Fonte: Neusiene Medeiros da Silva, 2012, 2013.



**Apêndice C** – Elementos dos dias santos, atmosféricos, fontes/reservatórios e outros observados pelos Profetas da Chuva e sertanejos, nas experiências de inverno no Seridó Potiguar.

**1A e 1B** – Experiência da garrafa com água na fogueira de São João; **2** – Carregação do tempo; **3** – Poços no Rio Sabugi, **4** – Redemoinho; **5** – Açude; **6** – Arco-íris; **7** – Almanaque utilizado pelo Profeta Zé Te para se manter informado das previsões do Profeta Manoel Luís dos Santos. Fonte: Neusiene Medeiros da Silva, 2012.



#### Apêndice D – Fotos do campo.

**1A** – Catedral de Nossa Senhora Sant’Ana em Caicó/RN, **1B** – Arco do Triunfo em Caicó/RN; **2A e 2B** – Fotos da II Reunião de Análise Climática para o Nordeste do Brasil, que foi realizada nos dias 16 e 17 de fevereiro de 2004, em Caicó, para divulgação e discussão da previsão climática para 2004, com a participação da sociedade nos diversos segmentos e a presença de Profetas do Seridó Potiguar, **2C** – Modelo do convite enviado aos participantes do evento, pela Associação dos Municípios do Seridó (Fonte: Acervo da Associação dos Municípios do Seridó); **3** – Ficha de registro diário de chuvas usado pelo Profeta Raimundo do Sítio Parelhas, no município de Acari.

Fonte: Neusiene Medeiros da Silva, 2012.



**Apêndice D** – Fotos do campo.

**4A**– Garrafas PET, em estante, armazenando sementes de plantas nativas e endêmicas da Caatinga, coletadas pelo Profeta Chico Elpídio, **4B** – Sementes de Caibreira, coletadas no ano de 2012, **4C** – No quintal de sua casa, Chico faz o plantio das sementes que coleta em sua propriedade. **5** – Açude seco localizado no Sítio Parelhas em Acari/RN, devido à grande seca de 2012; **6** – Pluviômetro na propriedade do Profeta Carlos Maceno, em Caicó; **7** – Sertanejo do Seridó queimando xique-xique, em meio à caatinga, para alimentar o gado que sofre com a seca; diferente do modo tradicional de realizar essa tarefa, que consiste em queimar o espinho sobre uma coivara e retirando-o com um gancho. Na imagem o sertanejo faz uso de um lança-chamas acoplado a um botijão de gás, utilizando as próprias mãos com uma luva para manejar a cactácea.

Fonte: Neusiene Medeiros da Silva, 2012.

**Apêndice E** – Roteiro de entrevista aplicado aos Profetas do Seridó Potiguar, em novembro de 2012.

## PROFETAS DA CHUVA DO SERIDÓ POTIGUAR

Questionário N° \_\_\_\_\_

Data \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

GPS \_\_\_\_\_ Ponto \_\_\_\_\_

Altitude \_\_\_\_\_ Latitude \_\_\_\_\_ Longitude \_\_\_\_\_

Local da entrevista:      zona urbana ( )      zona rural ( )

### DADOS GERAIS

Nome: \_\_\_\_\_

Filiação Mãe: \_\_\_\_\_

Pai: \_\_\_\_\_

Data de nascimento: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Telefone \_\_\_\_\_

### EXPERIÊNCIAS DE INVERNO

1. Como o senhor nomeia esse conhecimento?
2. Como o senhor aprendeu?
3. Em qual momento da sua vida e o porquê as experiências de inverno passaram a lhe interessar?
4. Por que o termo experiência?
5. Quais são as experiências que observa? (perguntar sobre o período de reprodução dos animais e plantas).
6. Quais são os meses que o senhor costuma observar?
7. As experiências de inverno são importantes para o senhor? Por quê?
8. Qual é a abrangência da previsão: é só para comunidade, município, todo o Seridó ou pode abranger uma área maior?
9. Nos anos em que o senhor tem observado, a “natureza” tem “acertado” mais ou menos? (estimar em porcentagem).

10. Dessas experiências que o senhor falou tem alguma que nunca falhou? Qual?
11. Dessas experiências quais as que “acertam” mais?
12. Quando uma experiência é positiva e outra negativa como o senhor define o seu prognóstico?
13. Quais foram os anos em que as experiências indicavam inverno e choveu? E quais foram os anos que indicavam seca e realmente foi seco?
14. As experiências de inverno tem sofrido alguma mudança nos últimos anos? Quais?
15. Essas mudanças influenciam na observação das experiências?
16. A quantidade de animais e plantas, desde que o senhor mora aqui, está aumentando, diminuindo ou não houve mudança alguma?
17. O fato das plantas e animais servirem para observação das experiências de inverno impede o seu desmatamento? De que forma?
18. O senhor já deixou de observar alguma experiência de inverno, porque o elemento da experiência já não existe?
19. As pessoas ainda acreditam nas experiências de inverno?
20. O que as experiências de inverno estão dizendo para o ano de 2013?
21. O senhor (a) acredita na previsão de chuva que sai no rádio e na televisão realizada pelos meteorologistas? Por quê?
22. O senhor usa essas experiências para organizar o seu trabalho no campo? De que forma?
23. Quando as previsões dão negativo o que faz?
24. As experiências hoje em dia, ainda, estão vogando?
25. O senhor teve ou tem acesso ao Lunário Perpétuo ou almanaques?
26. Em qual lugar o senhor observa as experiências de inverno?
27. Por que o sertanejo se preocupa em saber sobre o inverno?

## **PROFETAS DA CHUVA**

1. Já foi em alguma rádio local, eventos, televisão, entre outros meios divulgar as previsões de chuva? Qual?
2. Quando foi a sua primeira participação nos meios midiáticos?
3. As pessoas lhe chamam de Profeta da Chuva ou outro nome semelhante?
4. O que é ser um Profeta da Chuva?

5. O senhor se considera um Profeta da Chuva?
6. Tem repassado o seu conhecimento para alguém? Quem?
7. O senhor conhece outro Profeta da Chuva? Quem? Onde?
8. Existe a troca de experiências entre o senhor e outros Profetas?
9. As pessoas lhe procuram para saber sobre as previsões? Quem são elas?
10. Quando o senhor (a) começou a falar o que a natureza estava “dizendo” para as outras pessoas?

### **SECAS E INVERNOS**

1. O que significa o ano seco?
2. O que significa um ano de inverno para você?
3. Qual (s) foi a pior seca que o senhor passou?
4. Quais os anos de enchente mais marcante que o senhor passou?
5. É mais difícil passar por uma seca ou por ano de grandes enchentes?
6. Hoje, o clima está o mesmo ou mudou?

### **VIDA PARTICULAR**

1. O senhor sempre morou aqui?
2. Escolaridade
3. Trabalho
4. Religião

**ANEXOS**

Anexo 1 – Questionário aplicado aos 241 sertanejos em comunidades rurais dos municípios de Acari, Lagoa Nova, Parelhas e Caicó, em parceria com a Rede Clima.

REDE CLIMA

Questionário  
Produtores familiares

A DADOS DO QUESTIONÁRIO		Quest. n.º	
1. Data	____/____/____	4. Município	_____ - _____
2. Entrevistador	_____	6. Comunidade	_____
3. A entrevista foi realizada:		7. GPS	_____
1 <input type="checkbox"/> na sede da propriedade		8. Ponto	_____
2 <input type="checkbox"/> dentro da propriedade e fora da sede		9. Altitude	_____
3 <input type="checkbox"/> fora da propriedade		10. Latitude	_____
		11. Longitude	_____

B DADOS GERAIS	
1. Nome:	_____ 2. <input type="checkbox"/> M <input type="checkbox"/> F
3. Naturalidade	_____ 4. Ano de nasc: _____
	Cidade Rural Ano de chegada Município / Localidade UF
5. Resid. anterior	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> _____ - _____
Estatuto fundiário	_____
Motivo da migração	_____
6. Residência atual	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> _____
7. Escolaridade	
1 <input type="checkbox"/> não alfabetizado	4 <input type="checkbox"/> até 8a série (fundam. completo)
2 <input type="checkbox"/> somente lê e escreve	5 <input type="checkbox"/> médio incompleto
3 <input type="checkbox"/> até 4a série (fundam. incompleto)	6 <input type="checkbox"/> médio completo
	7 <input type="checkbox"/> curso técnico
	8 <input type="checkbox"/> superior incompleto
	9 <input type="checkbox"/> superior completo
8. Domicílio	Quantidade Relação de parentesco Frequenta escola Trabalha no estab.
8.1 de 0 a 14	_____
8.2 de 15 a 20	_____
8.3 de 21 a 65	_____
8.4 mais de 65	_____
9. Mão de obra externa	
1 <input type="checkbox"/> nenhuma	
2 <input type="checkbox"/> diaristas ocasionais	
3 <input type="checkbox"/> empregados	
↗ 9.1 n.º	_____
10. Onde estão morando seus filhos? Seu esposo?	
Parentesco*	Destino Ano Motivo
10.1	_____ - _____

REDE CLIMA

Questionário  
Produtores familiares

10.2 \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_

10.3 \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_

10.4 \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_

10.5 \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_

10.6 \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_

10.7 \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_

\*o que o emigrante é do entrevistado

**C ATIVIDADE PRODUTIVA****1. Condição do produtor rural:**

- 1  proprietário
- 2  posseiro
- 3  arrendatário/parceria
- 4  assentado INCRA
- 5  assentado do Estado ou Município
- 6  consessionário de Reserva
- 7  ocupante
- 88  NA
- 99  NS/NR
- outra: \_\_\_\_\_

2. Área total da propriedade \_\_\_\_\_ ha (outra medida: \_\_\_\_\_) 99  NS/NR3. Área de caatinga (reserva) \_\_\_\_\_ ha (outra medida: \_\_\_\_\_) 99  NS/NR**4. Atividade pecuária familiar**

4.1 Caprinos: \_\_\_\_\_ Ovinos: \_\_\_\_\_

4.2 Raça(s):  
caprino \_\_\_\_\_  
ovino \_\_\_\_\_  
bovino \_\_\_\_\_

4.3 Bovinos: \_\_\_\_\_ 4.4 \_\_\_\_\_ gado de corte 4.5 \_\_\_\_\_ gado de leite

Suínos \_\_\_\_\_

Aves \_\_\_\_\_

**4.6 Mercado:** *Pode marcar mais de uma opção, circular a opção principal*

- 1  atravessador
- 2  açougue local
- 3  abatedouro regional
- 4  Venda direta ao consumidor
- 5  Compra direta alimentação escol
- 6  Compra direta PA

**4.7 Regime de criação:**Caprino-ovinos: 1  extensivo 2  semi-intensivo 3  intensivoBovinos: 1  extensivo 2  semi-intensivo 3  intensivoSuínos 1  extensivo 2  semi-intensivo 3  intensivoAves 1  extensivo 2  semi-intensivo 3  intensivo



**8. Recebe algum tipo de assistência técnica?**

- 1  nenhuma  
 2  empresa privada  
 3  sindicato/cooperativa  
 4  empresa pública  
 5  familiares ou amigos  
 6  ONG  
 88  NA  
 99  NS/NR

8.1 nome da instituição: \_\_\_\_\_

**9. Frequência das visitas**

- 1  mensal  
 2  trimestral  
 3  semestral  
 4  anual  
 4  sem regularidade  
 88  NA  
 99  NS/NR

**10. De qual forma a assistência técnica tem contribuído para a produção?**

- 1  sim  
 2  não  
 88  NA  
 99  NS/NR

**10.1 Como?**

- 88  NA  
 99  NS/NR

**11. Faz uso:**

- 1  inseticida  
 2  fungicida  
 3  herbicida  
 4  fertilizante  
 5  produção orgânica

12. Distância da fonte de d'água mais próxima: \_\_\_\_\_ km da propriedade

**13. Fontes de água utilizada na produção agropecuária**

- 1  açude  
 2  barragem  
 3  barreiro  
 4  poço artesiano  
 5  cacimbão  
 6  barragem subterrânea  
 7  molhação  
 8  cisterna de calçadão  
 9  irrigação de sulco  
 10  irrigação por microaspersão  
 11  irrigação de canhão  
 12  irrigação por gotejamento

outros: \_\_\_\_\_

**14. Se faz irrigação:****14.1 Fonte de energia usada?**

- 1  gravidade  
 2  combustive  
 3  elétrica  
 4  solar  
 5  eólica  
 88  NA

**14.2 Custo da energia no custo total da produção?**

- 1  muito alto  
 2  alto  
 3  razoável  
 4  baixo  
 5  nenhum  
 88  NA

**14.3 Custo da água no custo total da produção?**

- 1  muito alto    2  alto    3  razoável    4  baixo    5  nenhum    88  NA

**15. Desde que chegou nesta casa, houveram mudanças nas fontes de água utilizadas ?***Detalhar há quantos anos*

- 1  sim    2  não    88  NA    99  NS/NR

**15.1 detalhes****D ASPECTOS ECONÔMICOS****1. Tem fontes de renda externa à propriedade?**

- 1  sim    2  não    88  NA    99  NS/NR

- 1  pensão ou aposentadoria  
 2  prestação de serviço no campo  
 3  prestação de serviço na cidade  
 4  funcionário do estado ou município  
 5  Seguro Defeso  
 6  Bolsa Família  
 7  Cesta básica (especificar origem)

- 1.7 Se  
 houver mais  
 de uma,  
 assinale qual  
 representa a  
 principal  
 renda  
 externa:**
- 1   
 2   
 3   
 4   
 5   
 6

**2. Se recebe Bolsa Família: permitiu melhoras em sua vida? Em que área?**

- 1  sim, educação    3  sim, bens duráveis    88  NA  
 2  sim, alimentação    4  sim, saúde    99  NS/NR

**3. A renda gerada fora da propriedade é:**

- 1  maior que a gerada dentro    3  igual à gerada dentro    88  NA  
 2  menor que a gerada dentro    4  varia    99  NS/NR

**4. Fontes de financiamento usados nos últimos 5 anos:**

- 1  nenhum    6  outro crédito público  
 2  banco privado    7  fornecedor da matéria-prima  
 3  cooperativa    8  comprador do produto  
 4  crédito informal    9  ONGs  
 5  Pronaf    outro: \_\_\_\_\_

**Detalhes:** \_\_\_\_\_

**5. Quais são as dificuldades em se conseguir financiamento ou empréstimo?**

- |   |  |
|---|--|
| 1 <input type="checkbox"/> nenhuma dificuldade                              | 6 <input type="checkbox"/> falta de pagamento de dívida anterior |
| 2 <input type="checkbox"/> falta de garantia pessoal/titularização da terra | 7 <input type="checkbox"/> medo de contrair dívidas              |
| 3 <input type="checkbox"/> não sabe como acessar/créditos disponíveis       | 8 <input type="checkbox"/> outro: _____                          |
| 4 <input type="checkbox"/> burocracia                                       | 88 <input type="checkbox"/> NA                                   |
| 5 <input type="checkbox"/> falta de AT para elaboração de projeto           | 99 <input type="checkbox"/> NS/NR                                |

**E ASPECTOS SOCIAIS****1. Participa de algum grupo?**

- |   |  |
|---|--|
| 1 <input type="checkbox"/> não                              | 5 <input type="checkbox"/> sindicato/colônia de pescadores |
| 2 <input type="checkbox"/> associação de moradores/mulheres | 6 <input type="checkbox"/> conselho municipal              |
| 3 <input type="checkbox"/> associação de fundo de pasto     | 7 <input type="checkbox"/> movimento social                |
| 4 <input type="checkbox"/> cooperativa                      | 8 <input type="checkbox"/> grupo religioso                 |

Nomes \_\_\_\_\_

**1.1 É liderança em algum desses?**

- |                                |                                |                                |                                   |
|--------------------------------|--------------------------------|--------------------------------|-----------------------------------|
| 1 <input type="checkbox"/> sim | 2 <input type="checkbox"/> não | 88 <input type="checkbox"/> NA | 99 <input type="checkbox"/> NS/NR |
|--------------------------------|--------------------------------|--------------------------------|-----------------------------------|

**2. Equipamentos**

- |   |   |
|---|---|
| 1 <input type="checkbox"/> televisão    | 4 <input type="checkbox"/> rádio        |
| 2 <input type="checkbox"/> geladeira    | 5 <input type="checkbox"/> telefone/cel |
| 3 <input type="checkbox"/> fogão        | 6 <input type="checkbox"/> computador   |
| 7 <input type="checkbox"/> outros _____ |   |

**3. Meios de transporte**

- |   |                                     |
|---|-------------------------------------|
| 1 <input type="checkbox"/> moto         | 4 <input type="checkbox"/> carro    |
| 2 <input type="checkbox"/> barco/canoa  | 5 <input type="checkbox"/> bicideta |
| 3 <input type="checkbox"/> cavalo/jegue | 6 <input type="checkbox"/> coletivo |

**4. Quais as fontes de água para beber e cozinhar?**

- |  |                                    |
|--|------------------------------------|
| 1 <input type="checkbox"/> encanada                                | 5 <input type="checkbox"/> cacimba |
| 2 <input type="checkbox"/> poço                                    | 6 <input type="checkbox"/> rio     |
| 3 <input type="checkbox"/> cisterna para captação de água da chuva | 7 <input type="checkbox"/> açude   |
| 4 <input type="checkbox"/> carro pipa                              | outras: _____                      |

**5. Se tem cisterna para consumo humano:**

5.1 Há quantos anos possui a cisterna? \_\_\_\_ anos \_\_\_\_ meses

**5.1 A cisterna para consumo humano enche?**

- |   |  |  |
|---|--|--|
| 1 <input type="checkbox"/> Totalmente todos os anos | 2 <input type="checkbox"/> Nunca encheu totalmente | 3 <input type="checkbox"/> Totalmente apenas alguns anos |
|---|--|--|

Obs.: \_\_\_\_\_

**5.3 Caso a cisterna não encha todos os anos, o que faz?**

- 1  busca água em outras fontes locais      3  espera caminhão pipa do exército  
2  contrata caminhão pipa      4  consegue caminhão pipa com conhecidos

Outro: \_\_\_\_\_

**F ASPECTOS CLIMÁTICOS****1. Notou alguma mudança na estação chuvosa (inverno)?**

- 1  sim      2  não      88  NA      99  NS/NR

**2. Quais? (deixar o entrevistado responder livremente)**

- 1  chuvas mais fortes      5  mais concentradas no território      88  NA  
2  chuvas mais fracas      6  mais distribuídas no território      99  NS/NR  
3  imprevisibilidade (descontrole)      7  veranicos mais longos  
4  deslocamento (início e/ou fim)      8  veranicos mais curtos

**2.9 detalhes****3. Frequência de anos secos**

- 1  nenhuma      2  aumento      3  redução      99  NS/NR      88  NA

**4. Anos de seca que marcaram a região:** \_\_\_\_\_**5. Anos de chuva que marcaram a região:** \_\_\_\_\_**6. Notou alguma mudança de temperatura?**

- 1  sim      2  não      88  NA      99  NS/NR

- Quais?** 1  mais amena      3  mais dias quentes      5  mais noites frias  
2  mais quente      4  menos dias quentes      6  menos noites frias

**6.7 Notou alguma mudança no período dos meses frios e quentes**

- 1  nenhuma      2  deslocamento      3  imprevisibilidade      88  NA      99  NS/NR

**7. Você já teve prejuízos por causa do clima?**

- 1  sim      2  não      88  NA      99  NS/NR

**De que tipo?**

- 1  perda de animais      4  perda de benfeitorias  
2  perda de lavoura      5  perda pelo fogo  
3  diminuição de produtividade      6  outro: \_\_\_\_\_

8. Estimativa do prejuízo em R\$ \_\_\_\_\_

9. Tipo de evento que provocou o prejuízo

- |  |   |
|--|---|
| 1 <input type="checkbox"/> seca                  | 4 <input type="checkbox"/> vento            |
| 2 <input type="checkbox"/> calor                 | 5 <input type="checkbox"/> inundação do rio |
| 3 <input type="checkbox"/> trovoadas/tempestades | 6 <input type="checkbox"/> pragas/doenças   |

9.8 Ano(s) de prejuízo: \_\_\_\_\_

9.9 Doenças ou pragas: \_\_\_\_\_

10. Já fez modificações em sua produção por causa do clima?

- 1  sim    2  não    88  NA    99  NS/NR

11. Se sim, quais?

- 1  mudou a época do plantio  
2  abandonou alguma cultura  
3  forragem e/ou silagem  
4  diversificou a produção  
5  melhoramento genético

detalhes/outros

12. Se não, por que?

- 1  não é necessário  
2  não deseja  
3  falta de informação  
4  falta de recursos

detalhes/outros

13. Notou mudança na época de florir ou de dar frutos de alguma planta?

- 1  sim    2  não    88  NA    99  NS/NR

Espécies/detalhes

14. Notou mudança nos produtos coletados (alimentação, medicinais, etc)?

- 14.1 qualidade    1  não    2  diminuiu    3  aumentou    88  NA    99  NS/NR  
➤ 14.2 quantidade    1  não    2  diminuiu    3  aumentou    88  NA    99  NS/NR

Espécies/detalhes

**15. Notou mudança nos animais selvagens?**

➤ 15.1 quantidade 1  não 2  diminuiu 3  aumentou 88  NA 99  NS/NR

➤ 15.2 tamanho 1  não 2  diminuiu 3  aumentou 88  NA 99  NS/NR

Espécies/detalhes

**16. Notou mudança nos peixes?**

➤ 16.1 quantidade 1  não 2  diminuiu 3  aumentou 88  NA 99  NS/NR

➤ 16.2 tamanho 1  não 2  diminuiu 3  aumentou 88  NA 99  NS/NR

Espécies/detalhes

**17. Notou mudança na intensidade das vazantes:**

1  nenhuma 2  vazantes maiores 3  vazantes menores 88  NA 99  NS/NR

17.1 Ano(s) de vazante(s) marcante(s) \_\_\_\_\_

**18. Notou mudança na intensidade das cheias:**

1  nenhuma 2  sim, cheias maiores 3  sim, cheias menores 88  NA 99  NS/NR

18.1 Anos de enchentes marcante \_\_\_\_\_

**19. Você acha que o clima (ou tempo) se mantém o mesmo desde quando você está na região?**

1  sim 2  não 88  NA 99  NS/NR

➤ 19.1 Melhorou ou piorou? 1  melhorou 2  piorou 88  NA 99  NS/NR

**➤ 19.2 Se essas mudanças continuarem, que áreas serão mais afetadas?**

1  saúde 4  produção agrícola 99  NS/NR

2  alimentação 5  criação de animais 88  NA

3  escassez de água 6  outros: \_\_\_\_\_

**20. Já ouviu falar em mudanças climáticas?**

1  sim 2  não 88  NA 99  NS/NR

20 bis. Se sim, pode definir o que é?

Espécies/detalhes

21. Já ouviu falar em aquecimento global?

- 1  sim      2  não      88  NA      99  NS/NR

21 bis. Se sim, pode definir o que é?

Espécies/detalhes

22. Se sim, onde?

- |                                      |  |   |
|--------------------------------------|--|---|
| 1 <input type="checkbox"/> televisão | 4 <input type="checkbox"/> revista/jornal    | 7 <input type="checkbox"/> igreja                           |
| 2 <input type="checkbox"/> rádio     | 5 <input type="checkbox"/> amigos/familiares | 8 <input type="checkbox"/> ONGs                             |
| 3 <input type="checkbox"/> internet  | 6 <input type="checkbox"/> agentes do estado | 9 <input type="checkbox"/> associação/cooperativa/sindicato |

**188. O senhor conhece as "experiências de inverno ou previsão de chuvas"?**

1. sim  2. não

*Ir para '197-Conhece alguma pessoa capaz de prever a' se O senhor conhece as "experiências de in = "não"*

**189. Com quem o senhor aprendeu essas experiências?**

**190. O senhor observa alguma experiência de inverno?**

1. sim  2. não

*Ir para '193-As experiências de inverno servem para' se Observa alguma experiência de inverno? = "não"*

**191. Se sim, qual?**

**192. A partir de que mês o senhor começa e termina de observar as suas experiências?**

**193. As experiências de inverno servem para o senhor organizar o seu trabalho no campo?**

1. sim  2. não

**194. Essas experiências são importantes para a sua vida? Se sim, porque elas são importantes?**

1. sim  2. não

**195. O que as experiências de inverno estão dizendo para o próximo ano?**

1. seca  2. inverno  3. outra  
 4. NA  5. NS/NR

**196. Se estão dizendo outra coisa, especifique**

**197. Conhece alguma pessoa capaz de prever a chuva?**

1. sim  2. não

*Ir para '200-Quais estratégias para a redução da vul' se Conhece alguma pessoa capaz de prever a = "não"*

**198. Quem?**

**199. É de onde?**

**200. Quais estratégias para a redução da vulnerabilidade as condições climáticas são adotadas?**

1. diversificação da produção (plântio consorciado)  
 2. transmissão dos conhecimentos entre gerações  
 3. troca de experiências entre agricultores  
 4. observação da natureza para prever chuvas  
 5. adubação verde/compostagem  
 6. plântio de forrageiras nativas  
 7. armazenamento de alimentos ou sementes crioulas  
 8. uso de plantas medicinais  
 9. manutenção da área nativa  
 10. uso de defensivos orgânicos/naturais  
 11. realização independente de pesquisas e experimentos  
 12. outra  
 13. NA  
 14. NS/NR

*Você pode marcar diversas casas.*

**201. Se outras, quais?**

*A questão só é pertinente se Quais estratégias para a redução da vul = "realização independente de pesquisas e experimentos"*

**202. Renda anual aproximada proveniente da agricultura (R\$)**

**203. Que estratégias são adotadas para definir o que será produzido no próximo ano**